



# PERIPILOS

Revista de Investigación sobre Migraciones

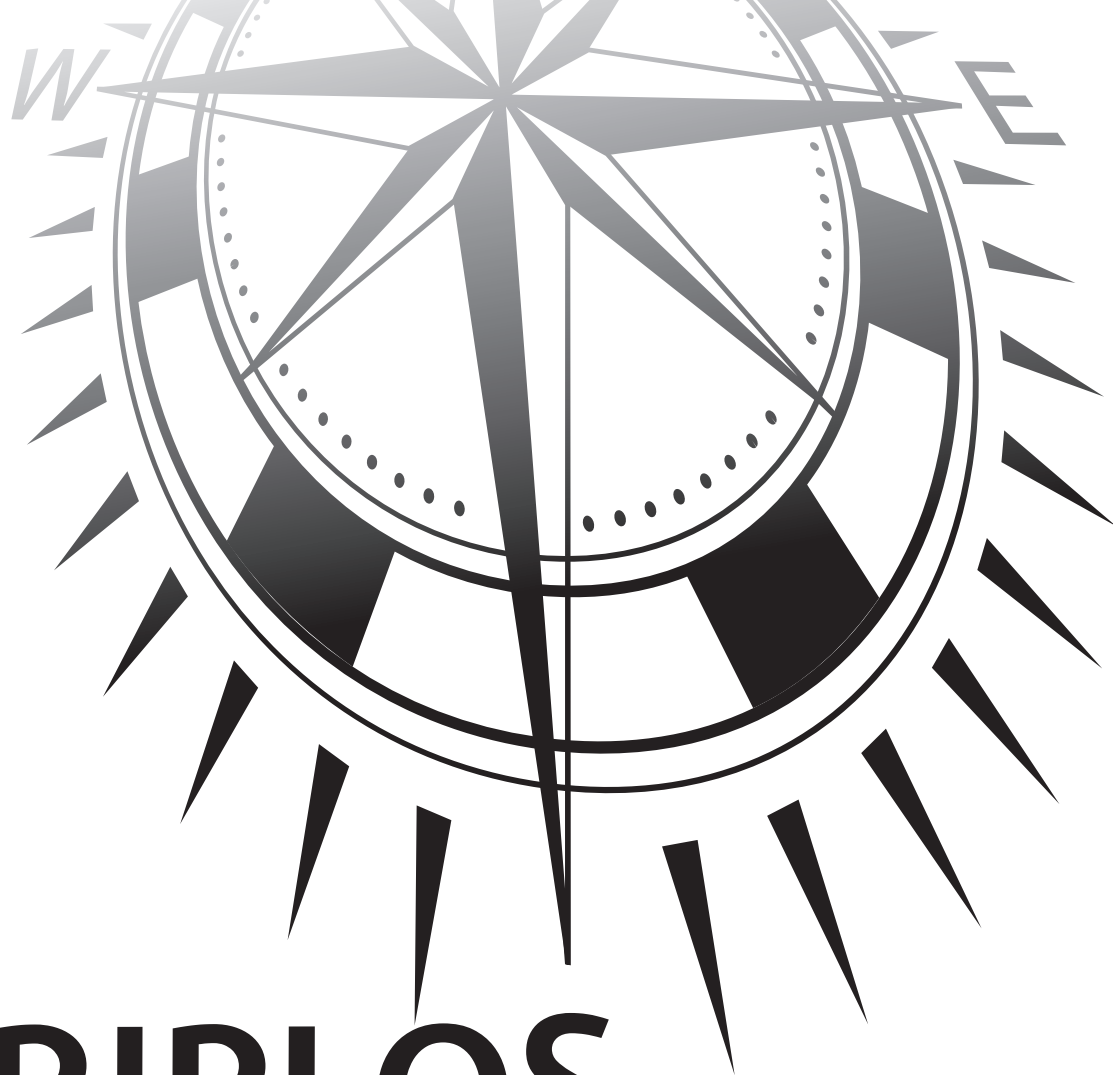
VOLUME 01 - NÚMERO 01 - 2017

## Dossiê: Imigração Haitiana no Brasil: Estado das Artes

GT Migración  
Sur-Sur



CLACSO



# PERIPILOS

Revista de Investigación sobre Migraciones

VOLUME 01 - NÚMERO 01 - 2017

## Dossiê: Imigração Haitiana no Brasil: Estado das Artes

**Organizadores:**

Bela Feldman-Bianco  
Leonardo Cavalcanti

---

## SUMÁRIO

Pág. 03 *Introdução*

---

### PARTE I

**Pág. 07** *A historicidade da (e)migração internacional haitiana. O Brasil como novo espaço migratório*

*Handerson Joseph*

**Pg. 27** *Haitianos no Paraná: Distinção, integração e mobilidade*

*Márcio de Oliveira*

**Pg. 47** *Migrantes haitianos e mercado de trabalho no Distrito Federal. Uma análise sociológica a partir da perspectiva das relações sociais de gênero*

*Delia Dutra*

**Pg. 58** *A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA NA INTEGRAÇÃO DOS/AS HAITIANOS/AS NO BRASIL*

*Lúcia Maria de Assunção Barbosa, Mirelle Amaral de São Bernardo*

**Pg. 69** *Características sociodemográficas e laborais da imigração haitiana no Brasil*

*Leonardo Cavalcanti, Tânia Tonhati*

---

### PARTE II

**Pg. 73** *Política Migratória e Universidade Brasileira: a experiência do atendimento a haitianos e outros migrantes na UFPR*

*Tatyana Scheila Friedrich, Bruna Pupatto Ruano, Elaine Cristina Schmitt, João Arthur Grahl, José Antonio Peres Gediel, Luis Allan Künzle, Marcio de Oliveira, Renata Senna Garrafoli, Tamara Zazéra Rezende*

**Pg. 92** *Haitianos no Rio Grande do Sul: panorama e perfil do fenômeno migratório contemporâneo*

*Roberto Rodolfo Georg Uebel, Aldomar Arnaldo Rückert*

**Pg. 111** *O processo de formação do estereótipo dos imigrantes haitianos em Lajeado, Rio Grande do Sul*

*Fernando Diehl*

**Pg. 118** *Negritude e diferença no caso da imigração haitiana no sul do Brasil*

*Daniel Granada Ferreira*

**Pg. 126** *Uma reflexão sobre motivos que desencadearam o movimento migratório de haitianos ao Brasil*

*Taize Giacomini, Maria de Lourdes Bernartt*

**Pg. 144** *Imigração e trabalho precário: Reflexões acerca da chegada da população haitiana no oeste de Santa Catarina*

*Ana Paula Risson, Márcia Luíza Pit Dal Magro, Maria Luíza de Souza Lajús*

**Pg. 153** *As experiências migratórias a partir da inserção local de migrantes haitianos(as) na cidade de Porto Alegre*

*Larissa Cykman de Paula*

**Pg. 160** *HAITIANOS EVANGÉLICOS: LUGARIDADES E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA EM PORTO VELHO-RO*

*Rosa Martins Costa Pereira*

**Pg. 184** *Inserção escolar: Crianças migrantes do Haiti nas creches e escolas de Sinop MT.*

*Ivone Jesus Alexandre, Anete Abramowicz*

# Imigração Haitiana no Brasil

Bela Feldman-Bianco<sup>1</sup>

Leonardo Cavalcanti<sup>2</sup>

Dina Araujo<sup>3</sup>

Emmanuel Brasil<sup>4</sup>

O presente dossiê intitulado *Imigração Haitiana no Brasil: Estado das Artes* tem como proposta obter um conhecimento mais atualizado das condições, percepções, experiências e práticas cotidianas da imigração haitiana no Brasil. Trata-se de um fluxo migratório de extrema importância para a formulação de políticas migratórias no país. Os diferentes discursos acadêmicos, da mídia e políticos, somados as estatísticas oficiais, atestam que desde o ano de 2010, a imigração haitiana ganhou um protagonismo singular no Brasil.

Dois dados corroboram a importância desse coletivo. Primeiro, a sua presença numérica. Se até o início da presente década pouco mais de duas dezenas de haitianos faziam parte do mercado de trabalho brasileiro, no curto espaço de três anos (entre 2011 e 2013) os haitianos passaram a ser a principal nacionalidade no mercado de trabalho formal no Brasil, superando os portugueses. Segundo, temos a questão política. Trata-se do único coletivo de migrantes amparado pela Resolução Normativa nº 97, de 12 de Janeiro de 2012 do CNIg, que “dispõe sobre a concessão do visto permanente previsto no art. 16 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, a nacionais do Haiti” por razões humanitárias.

Diante da relevância e diferentes impactos desse fluxo migratório, o presente número reúne trabalhos que abordam a imigração haitiana no Brasil a partir de diferentes abordagens teórico-metodológicas. O intuito é obter um amplo e diversificado conhecimento do “estado das artes” das formas de deslocamentos, percepções, experiências e práticas cotidianas dos haitianos no país. Dado a importância de se fomentar o diálogo sobre essa imigração, *PERIPLOS- Revista de Investigación sobre Migraciones* - revista científica do GT CLACSO Migrações Sul - Sul, - inaugura seu primeiro número com a temática dos haitianos no Brasil.

A primeira parte do dossiê contém textos que são parte dos resultados da pesquisa *a imigração haitiana no Brasil- características sociodemográficas e laborais na Região Sul e no Distrito Federal*, realizada durante os meses de março a dezembro de 2015. Joseph Handerson abre esse bloco analisando a *historicidade da emigração internacional haitiana*. No texto o autor descreve, a partir de uma perspectiva sócio-histórica, como o Brasil se transformou em novo espaço (trans)nacional da diáspora haitiana. O texto está organizado em três eixos analíticos e metodológicos: 1) abordagem sucinta da historicidade da mobilidade haitiana no mundo, privilegiando os espaços (trans)nacionais, onde há uma tradição migratória de pessoas de nacionalidade haitiana desde a primeira metade do século XX; 2) a gênese da chegada de haitianos ao Brasil, a partir dos dados etnográficos da sua pesquisa de tese de doutorado; 3) a presença haitiana em Brasília, capital do Brasil, através dos dados da investigação realizada em 2015, pelo Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra).

Na sequência Marcio de Oliveira apresenta um panorama sobre os *haitianos no Paraná*, abordando a presença desses imigrantes na sociedade e no mercado de trabalho

1 Professora-colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e diretora do Centro de Estudos de Migrações Internacionais (CEMI) na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

2 Professor da Universidade de Brasília (UnB) e Coordenador Científico do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra).

3 Mestranda no Programa de Estudos Comparados Sobre as Américas (ECsA/ELA/UnB).

4 Pesquisador do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra).

5 Marco teórico e metodológico da pesquisa disponível em <http://obmigra.mte.gov.br/index.php/publicacoes-obmigra>, acesso em maio de 2017.

paranaense. A análise apresentada é fruto da pesquisa realizada nas cidades de Curitiba e Londrina (estado do Paraná) entre os meses de julho e setembro de 2015. Para isto, foram entrevistados 33 imigrantes haitianos, sendo 24 homens e 9 mulheres, com idade média de 30 anos, entre casados e solteiros, com ou sem filhos. O texto também reflexiona sobre a importância da presença dos imigrantes haitianos no chamado Brasil Meridional (estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul).

O texto escrito por Delia Dutra apresenta uma análise da imigração haitiana no mercado de trabalho brasileiro a partir de uma perspectiva de gênero. A autora apresenta uma análise sociológica da imigração haitiana a partir das relações sociais de gênero no mercado de trabalho do Distrito Federal. O texto está estruturado em dois grandes blocos. No primeiro, há uma breve contextualização da migração haitiana para o Brasil. Na segunda parte do texto, a pesquisadora analisa os impactos do gênero na inserção dos imigrantes no mercado de trabalho.

Lucia Barbosa e Mirelle Amaral abordam a *Importância da Língua na Integração dos/as Haitianos/as no Brasil*, analisando especificamente a relação dos haitianos com a língua de acolhimento. O texto reflete sobre as necessidades linguístico-sócio-culturais dos/as refugiados/as e imigrantes para sua inserção na sociedade de acolhimento e no mercado de trabalho do país de destino.

Para concluir esse primeiro bloco, Leonardo Cavalcanti e Tânia Tonhati, apresentam uma síntese da pesquisa e das principais características da imigração haitiana no Brasil, especificamente na Região Sul e no Distrito Federal. O texto, à guisa de conclusão, apresenta de forma sucinta alguns dados quantitativos e qualitativos que explicam a presença haitiana no Brasil e no mercado de trabalho brasileiro.

A segunda parte de dossiê aborda diferentes temáticas da imigração haitiana no Brasil. De forma geral, esse bloco aglutina tanto textos frutos de pesquisas emergentes (com primeiras incursões no campo), quanto relatos de experiências e trabalhos de pesquisa e de extensão universitária sobre a presença dos haitianos no país.

O primeiro texto desse bloco é um relato sobre os projetos de extensão que a Universidade Federal do Paraná oferece em favor da comunidade haitiana e de outros grupos de migrantes na região. Com o título *“Política Migratória e Universidade Brasileira: a experiência do atendimento a haitianos e outros migrantes na UFPR”* o artigo apresenta o trabalho interdepartamental e interdisciplinar na acolhida dos imigrantes na UFPR. Os autores compartilham a experiência gerada no atendimento aos imigrantes e como a experiência, apesar dos desafios, resulta na integração dos imigrantes na universidade e na sociedade brasileira.

O segundo artigo leva o título *“haitianos no Rio Grande do Sul: panorama e perfil do fenômeno migratório contemporâneo”*. Os autores, Roberto Rodolfo Georg Uebel e Aldomar Arnaldo Rückert examinam o fluxo dos imigrantes haitianos que chegaram a partir de 2010, analisando a distribuição demográfica e geoespacial, além de traçar um perfil demográfico social da imigração haitiana no Rio Grande do Sul.

No artigo seguinte Fernando Diehl apresenta *“O processo de formação do estereótipo dos imigrantes haitianos em Lajeado, Rio Grande do Sul”*. O texto aborda a inserção da população haitiana no município de Lajeado – RS. O autor analisa a estigmatização em relação a este fluxo na região. O texto reflete como os estereótipos estão também baseados num processo de discriminação pautado pelo fator racial da imigração haitiana.

O quarto artigo leva o título de *“negritude e diferença no caso da imigração haitiana no sul do Brasil”*. Daniel Granada Ferreira compartilha seu trabalho etnográfico e suas observações acerca da construção identitária dos imigrantes haitianos no Brasil. O autor observa as práticas sociais dos haitianos e como elas são reforçadas a fim de proporcionar a diferenciação destes indivíduos em relação aos outros, sejam nacionais ou demais *novos* imigrantes da região, o que contribui para percepção de uma identidade por contraste.

Na sequência temos o artigo intitulado *“uma reflexão sobre motivos que desencadearam o movimento migratório de haitianos ao Brasil”*. Taíze Giacomini e Maria de Lourdes Bernart reforçam que o terremoto de 2010, a qual assolou o país caribenho, não constituiu fator - *de expulsão* - único gerador dos recentes fluxos migratórios de haitianos. Elas refletem sobre o conjunto cumulativo de causas que desencadearam a diáspora haitiana a partir de uma perspectiva histórica e contemporânea.

O Sexto Artigo traz uma reflexão sobre “*imigração e trabalho precário: reflexões acerca da chegada da população haitiana no oeste de Santa Catarina*”. Ana Paula Risson, Márcia Luíza Pit Dal Magro e Maria Luíza de Souza Lajús pontuam fatores que motivaram a entrada na região e seus impactos. As autoras abordam as condições de trabalho com as quais os migrantes lidam e verificam a necessidade de uma atenção especial na seara das políticas públicas que se ocupe do trabalhador migrante.

Larissa Cykman de Paula apresenta o sétimo artigo nomeado “*as experiências migratórias a partir da inserção local de migrantes haitianos(as) na cidade de Porto Alegre*”. A autora procura entender como ocorre a inserção dos imigrantes haitianos na comunidade local em Porto Alegre. O texto traz uma reflexão sobre as particularidades dos haitianos, com especial atenção as redes de apoio que se conformam no bojo das redes migratórias.

O oitavo artigo, é de autoria de Rosa Martins Costa Pereira e tem como título: “Haitianos evangélicos: Lugaridades e experiência religiosa em Porto Velho – RO”. O objetivo central do trabalho é compreender os aspectos da experiência religiosa vivenciada pelos imigrantes haitianos a partir de um contexto de lugaridades. Tal contexto foi construído a partir de entrevistas abertas e em profundidade com haitianos e brasileiros que atuam ou atuaram diretamente com estes imigrantes.

Para finalizar a segunda parte deste dossiê, Ivone Jesus Alexandre e Anete Abramowicz observam a chegada dos migrantes haitianos e posteriormente a vinda de suas famílias, incluindo as crianças. O texto intitulado “*inserção escolar: Crianças migrantes do Haiti nas creches e escolas de Sinop MT*” centraliza a análise na inserção das crianças estrangeiras e sua relação com o meio escolar. O texto também aborda o processo de reunião familiar dos haitianos no Brasil.

Assim, a presente publicação permite a socialização de diferentes pesquisas e experiências de atuação junto aos migrantes haitianos, de forma a contribuir para o conhecimento acadêmico, mas sobretudo para a formulação de políticas migratórias. Por último, agradecemos aos órgãos do Ministério do Trabalho: Conselho Nacional de Imigração (CNIg); Coordenação Geral de Imigração (CGIg) e a Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos (FINATEC), o Fundo de Apoio a Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF) e ao CNPq por ter tornado viável essa publicação. Agradecemos também à equipe do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), que sediou durante dois anos o *Cadernos OBMigra*. A partir desta edição, o *Cadernos OBMigra* passa a integrar o GT Migración Sur-Sur, pertencente ao Conselho Latino Americano de Ciências Sociais (CLACSO), com novo título: PERIPLOS– Revista de Investigación sobre Migraciones.

# PARTE I

# A historicidade da (e)migração internacional haitiana. O Brasil como novo espaço migratório

Handerson Joseph<sup>1</sup>

Desde a fundação do Haiti como colônia francesa, a mobilidade e a migração – mesmo tendo sido forçada – estiveram presentes com a vinda dos milhares de escravizados africanos através do comércio transatlântico. Posteriormente, a peculiaridade e o contexto singular da luta pela independência – entre 1793 e 1803 – coincidente com a libertação dos escravizados, teria constituído uma nova cultura de *marronnage*, de mobilidade e de migração<sup>2</sup>. Os principais estudos sobre a história da emigração haitiana, geralmente não dão ênfase aos descendentes dos *affranchis* (ex-escravizados) e aos *mûlatres* (mulatos) considerados como parte da elite e proprietários de terras, que mandavam seus filhos, desde o final do século XVIII, e também, posteriormente, no século XIX, após a Independência do Haiti, para realizar seus estudos na França. Foram inúmeros escritores, advogados e médicos haitianos formados na França<sup>3</sup>.

Nesse sentido, os trabalhos de Rayford Logan, professor afro-americano da Howard University são muito úteis. O autor trata da educação no Haiti dizendo: “*Devido a esta falta do sistema de ensino, os mulatos ricos iam frequentemente à França, onde várias possibilidades estavam às suas disponibilidades*” (LOGAN, 1930, p. 407). A título de ilustração, o *Dictionnaire Historique de la Révolution Haitienne (1789-1804)* apresenta 80 biografias somente de personalidades históricas designadas como mulatos e mostra que somente essa categoria de sujeitos foi beneficiadas com uma formação na França naquela época (MOÏSE, 2003).

Este trabalho considera um novo espaço (trans)nacional da mobilidade haitiana, isto é, o Brasil. Interessa destacar, que um dos primeiros grandes fluxos da chegada de pessoas de nacionalidade haitiana ao Brasil se data em janeiro de 2010, no entanto, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), há registro da presença de haitianos no país, desde a década de 1940<sup>4</sup>, mesmo que seja em menor proporção do que

1 Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com Doutorado Sanduíche pela École Normale Supérieure (ENS) e pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) em Paris. Professor Adjunto da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Coordenador do Programa de Apoio a Migrantes e Refugiados – PAMER pela UNIFAP. [handersonj\\_82@yahoo.es](mailto:handersonj_82@yahoo.es)

2 *Marronnage* vem da palavra espanhola *cimarronada* e refere-se ao fenômeno iniciado no regime colonial quando os africanos e seus descendentes escravizados na Ilha São Domingo fugiam dos trabalhos forçados e das condições dramáticas impostas pelo sistema colonial (HANDERSON, 2010). Os fugitivos eram denominados de *marron*. Até os dias atuais no Haiti se usa a palavra *marron* para os haitianos que estão fugindo em escala regional ou (trans) nacional por alguma situação associada à política, ao jurídico, à feitiçaria do vodu, às brigas entre familiares e amigos. As pessoas costumam dizer: *Entèl nan maron*, fulano está fugindo, ou *Entèl nan kache* (fulano está se escondendo). A palavra *marronnage* está articulada à mobilidade das pessoas, isto é, o deslocamento de um lugar para outro e também associada à categoria de diáspora (HANDERSON, 2015a). Nem sempre as pessoas acusadas de *marron* se consideram como tal, por mais que, de fato, possam estar no *marronnage* pelas razões evidenciadas, entre outras. Se a pessoa está em outro país como República Dominicana, quando volta ao Haiti, para as pessoas que ficaram e não a haviam visto durante o tempo de *marronnage*, ela pode ser chamada de diáspora pelo fato de ter ido residir em outro país por um tempo e depois voltado ao Haiti. No entanto, isso deve ser nuançado, porque, quando as pessoas sabem que o motivo da viagem é para se esconder em outro território, ele estava no *marronnage*, deixando de ser considerado e chamado de diáspora. Assim como o termo “refugiado” possui conotação ambígua e pejorativa, no Haiti, os termos *marronnage* e *marron* também são ambíguos e possuem suas nuances.

3 Boa parte dos mulatos que iam estudar na França quando voltavam à colônia se engajava no processo da Revolução Haitiana, como Vincent Ogé e Jean-Baptiste Chavannes. Ver os trabalhos de Dominique Rogers (2003) e M. Auguste (1995). Segundo Anténor Firmin (1885, p. 112-113), “No Haiti, encontramos mais de vinte mulatos, doutores em medicina da faculdade de Paris”. Jean Casimir (2009) faz um mapeamento e mostra, do século XIX à primeira metade do século XX, mais de 18 intelectuais haitianos com algum cargo político no Haiti, que também estudaram na França, dentre eles, Anténor Firmin (1850-1911), Louis-Joseph Janvier (1855-1911).

4 Segundo os dados do IBGE, há registro, em 1940 de 16 pessoas de nacionalidade haitiana no Brasil, em 1950, 21, em 1960, cresceu para 159, em 1970, 90, em 1980, o número subiu para 127, em 1991, 141 e em 2000, caiu para 15. Já no ano de 2015, os haitianos eram estimados entre 60 a 65 mil no país (Ver HANDERSON, 2015b).



atualmente (HANDERSON, 2015a, HANDERSON, 2015b).

O texto está organizado em três eixos analíticos e metodológicos: 1) o primeiro trata de uma abordagem sucinta da historicidade da mobilidade haitiana no mundo, privilegiando os espaços (trans)nacionais, onde há uma tradição migratória de pessoas de nacionalidade haitiana desde a primeira metade do século XX<sup>5</sup>. Nessa parte, utilizo fontes históricas e a literatura acadêmica sobre as diásporas haitianas no mundo; 2) o segundo mostra a gênese de um dos primeiros grandes fluxos – em janeiro de 2010 – da chegada de haitianos ao Brasil, a partir dos dados etnográficos da minha pesquisa de tese de doutorado<sup>6</sup>; 3) o terceiro privilegia a presença haitiana em Brasília, Capital do Brasil, através dos dados da investigação realizada em 2015, pelo Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra)<sup>7</sup>.

---

## QUATRO GRANDES FLUXOS MIGRATÓRIOS

Do início do século XX até os dias atuais, os processos de mobilidade internacional haitiana podem ser resumidos em quatro grandes fluxos em períodos diferentes. Alguns territórios como a República Dominicana, Estados Unidos, França e algumas ilhas caribenhas (Bahamas, Martinica, Guadalupe) e Guiana Francesa têm uma permanência importante nessas diferentes configurações da (e)migração<sup>8</sup>.

O primeiro grande fluxo de (e)migração de haitianos para o exterior constituiu-se no período no qual as forças armadas americanas ocuparam Haiti (1915-1934) e República Dominicana (1912-1924) simultaneamente. Como desde o final do século XIX e o início do século XX, o crescimento das indústrias americanas de cana-de-açúcar no Caribe, particularmente em Cuba e na República Dominicana produzira uma escassez de mão de obra para trabalhar nas plantações de ambos os países, essa lacuna fora preenchida, em larga medida, pelos camponeses haitianos enquadrados em políticas específicas e temporárias: “de 30.000 a 40.000 haitianos, chamados *braceros*, migravam temporariamente todos os anos para Cuba, entre 1913 e 1931” (WOODING e MOSELEY-WILLIAMS, 2009, p. 36). Em 1928, legalmente foi proibido trazer mais trabalhadores haitianos para as plantações, mas continuaram chegando até 1961 à província de Oriente, em Cuba para trabalhar em plantações de café. Em 1944, eram estimados em mais de 80.000, a maioria deles originária do sul do país.

Na República Dominicana, “os censos afirmam um total de 28.258 haitianos em 1920 contra 52.657 em 1935” (idem, p. 37). O processo migratório em direção a esses dois países caribenhos deve ser compreendido no contexto da conjuntura geopolítica da ocupação americana em ambos os países. Também, por causa da primeira guerra mundial e pelo fato de o Haiti representar, na época, um lugar estratégico para evitar a instalação alemã

---

5 De acordo com os dados do Congresso Mundial Haitiano (CMH) do ano de 2005, em Nova York (incluindo Nova Jersey) os haitianos são estimados em 1 milhão; em Miami, 750.000; em Boston, Chicago e Los Angeles, 150.000; no Canadá, 120.000; na França, 100 mil, incluindo os Departamentos Ultramar, na República Dominicana, 750.000; em Cuba, 400.000 e nos demais países da América Latina, 75.000, além daqueles instalados na África e na Ásia (Cahier nº 1, p. 16. janeiro 2005. Montreal).

6 Esses dados fazem parte da minha tese de doutorado sobre “*Diaspora: As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa*” (2015), defendida no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O trabalho de campo se concentrou, numa primeira etapa, na Tríplice Fronteira e em Manaus; entre janeiro e março de 2012, numa segunda, no Suriname (Paramaribo) e na Guiana Francesa (Cayenne), de março a maio de 2013 e numa terceira, no Haiti (Fonds-des-Nègres e Pemele) em julho desse mesmo ano.

7 A pesquisa do OBMigra foi realizada, entre o mês de março a junho do ano de 2015. Fiz parte da equipe como pesquisador colaborador. Além da realização de 29 entrevistas com 14 haitianas e 23 haitianos – algumas em dupla ou trio – residentes em diferentes localidades do Distrito Federal, em junho do mesmo ano, foi organizado também, um grupo focal na Universidade de Brasília (UNB) com duas haitianas e sete haitianos.

8 Vale salientar que no século XIX, após a independência do Haiti, houve um processo de imigração no país de pessoas de diversas nacionalidades, particularmente os afro-americanos que se mudaram dos Estados Unidos para o Haiti sob o Presidente Jean Pierre Boyer. Entre estes últimos, alguns retornaram à América do Norte devido aos problemas socioculturais com os haitianos. Nesse período, no qual o Haiti era considerado a Pérola das Antilhas, alguns dominicanos cruzavam a fronteira para trabalhar no Haiti, saíam de Dajabón (República Dominicana) para ir a cidade fronteiriça Ouanaminthe, localizada no norte do Haiti.

na região, dada a forte presença econômica que a Alemanha tinha no país caribenho.

Em 1937, a xenofobia dominicana teve sua expressão mais violenta, quando o ditador Rafael Leonidas Trujillo (1930-1961) ordenou aos militares matar milhares de cidadãos haitianos, mas até hoje não se sabe, de fato, quantos foram assassinados, estimando-se entre 6.000 a 30.000. O massacre era claramente racista e anti-haitiano (WOODING e MOSELEY-WILLIAMS, 2009)<sup>9</sup>.

O segundo fluxo de (e)migração haitiana inaugura-se quando os Estados Unidos se tornaram mais familiar no universo haitiano. No plano cultural, no Governo Élie Lescot (1941-1946), o inglês tornou-se obrigatório no sistema educacional do país e cresceram significativamente as igrejas protestantes americanas. Na década de 1950, a elite haitiana mandava seus filhos estudarem nos Estados Unidos e alguns dos agricultores que já haviam residido em Cuba ou na República Dominicana viam os Estados Unidos como uma nova possibilidade para emigrar<sup>10</sup>.

A partir da década de 1960, sob a ditadura de François Duvalier (1957- 1971), foi reconfigurada a emigração haitiana em termos de amplitude, composição e orientação dos fluxos das pessoas oriundas de diferentes camadas sociais, gerações e regiões, como mostra Cédric Audebert nos seus trabalhos.

A autoproclamação de “Presidente vitalício” de François Duvalier em 1964 assustou os intelectuais e a classe média negra (médicos, advogados, professores) que não demoraram para ir ao exílio. Entre 1957 – o ano de ascensão de Duvalier ao poder – e 1963, 6.800 haitianos foram para os Estados Unidos com visto de imigrantes e outros 27.300 com visto temporário. Entre o ano da autoproclamação em 1964 até o ano da sua morte em 1971, os serviços de imigração estadunidense registraram 40.100 imigrantes e 100.000 não-imigrantes oriundos do Haiti (AUDEBERT, 2012, p. 26-27).

Nas décadas de 1960 e 70, a maioria deles era formada por profissionais e intelectuais instalados em Nova York. Depois, a presença haitiana com esse perfil se estendeu para Boston, Chicago, Miami, Montreal e Quebec no Canadá<sup>11</sup> e em países africanos francófonos, particularmente Senegal, Benin e República do Congo. A instalação da ditadura provocou um duplo efeito: 1) o surgimento da repressão política generalizada nos meios urbanos e rurais com a criação da milícia “Voluntários da Segurança Nacional”, conhecida popularmente por *Tontons Macoutes*; 2) a degradação acentuada das condições de existência do conjunto das camadas sociais da população.

No tangente à região caribenha, segundo Ermitte St. Jacques (2011, p. 96): A “migração haitiana para Bahamas iniciou em meados da década de 1940, quando as empresas ligadas à agricultura e as madeireiras começaram o recrutamento para atender a escassez da mão de obra nesses setores de trabalho. Depois de esforços de recrutamentos iniciais, trabalhadores haitianos começaram a migrar por conta própria”. Na década de 1950, os pescadores do norte e noroeste do Haiti alcançavam Bahamas, Grand Turck e Caicos por curtas temporadas em embarcações precárias construídas pelos próprios viajantes.

9 As relações entre os dois países pioraram a partir de 1986, quando o Governo de Joaquín Balaguer assumiu a presidência, autorizando a deportação de todos os haitianos indocumentados, menores de 16 anos e os que tinham mais de 60 anos de idade. Aproximadamente 35.000 foram repatriados, além dos que saíram por conta própria pelo medo de serem deportados. O Governo dominicano foi denunciado várias vezes por organizações internacionais como Americas Watch, ACNUR, Organização Internacional do Trabalho (OIT); por instituições religiosas, associações de migrantes e a própria Organização das Nações Unidas (ONU) por violações dos direitos humanos, particularmente pelas condições precárias de trabalho, de vida e pela problemática da nacionalidade dos descendentes de migrantes haitianos indocumentados nascidos no território dominicano, sem direito à nacionalidade reconhecida pelo Governo, mesmo sendo garantida pela Constituição do país. Sobre discriminação dos haitianos na República Dominicana, particularmente nos *bateys* (plantações de açúcar), ver os trabalhos de Samuel Martínez (2011).

10 Em 1940, os haitianos eram aproximadamente 5.000, particularmente em Nova York (ICART, 1987, p. 37).

11 Desde a década de 1930, alguns estudantes haitianos, particularmente seminaristas e agrônomos iam para Quebec realizar os estudos. Durante a década de 1950 e início de 60, houve mudanças no perfil migratório: eram músicos que levavam os ritmos antilhanos para o local. Na segunda metade da década de 1960, houve um grande êxodo de haitianos para o Canadá, particularmente Quebec, fugindo da ditadura. Segundo Icart (2004, p. 1), “muitos foram convidados para ocupar cargos importantes pela grande expansão dos serviços sociais, de saúde e de educação. [...] Havia mais de duzentos médicos haitianos em Quebec e quase mil professores”. Na década de 1980, um programa especial do Governo de Quebec concedeu o estatuto de imigrante a 4 mil haitianos que já estavam no local. Em 2001, a população de origem haitiana era estimada em 90 mil, constituindo 90% da presença haitiana no Canadá (idem, p. 1).

Nas décadas de 1960 e 70, muitas pessoas originárias do meio rural, da classe baixa, começaram a se instalar nas referidas ilhas caribenhas tornadas espaços migratórios haitianos.

Audebert (2012, p. 49) mostra que “os estrangeiros ocupam 30% dos 28.000 empregos não qualificados da economia bahamiana, particularmente nos setores de turismo, construção civil e agricultura”. Os haitianos são estimados entre 40.000 a 70.000 nas Bahamas, incluindo os supostos indocumentados e os filhos nascidos na ilha que somente aos 18 anos têm o direito de solicitar a nacionalidade bahamiana. Desde 1963, as autoridades do país iniciaram a prática de deportação de haitianos indocumentados. Nas últimas décadas, a média de deportação deles atingiu 6.000 anualmente.

Coincidentemente, no mesmo ano, em 1963, chegaram os primeiros haitianos à Guiana Francesa com Blan Lily – como era apelidado o francês Lucien Ganot, dono de uma usina no Vilarejo de Pernerle no sul do Haiti – para trabalhar nas plantações de bananas no Departamento ultramarino<sup>12</sup>. Tal acontecimento explicaria o porquê, na Guiana, da forte presença de haitianos originários do sul e sudeste do país. Muitos dos já residentes na Guiana aproveitavam para ir à França. Nessa mesma década, alguns já instalados na Martinica e em Guadalupe, foram ao Suriname trabalhar em indústrias de plantações de banana. Posteriormente, o país tornou-se um lugar de trânsito para alcançar a Guiana Francesa (LAËTHIER, 2011b; HANDERSON, 2015a).

No final da década de 1960, na França, segundo Bastide, Morin e Raveau (1974, p. 13), “os haitianos eram estimados em 100 pessoas e, na primeira metade da década de 1970, o número cresceu para 400, entre eles, 70% eram estudantes”. De acordo com os referidos autores, “tanto esses estudantes quanto o restante de profissionais e intelectuais fugidos do regime de François Duvalier, eram originários da burguesia ou da classe média do meio urbano do país de origem” (idem, p. 13). O número aumentou significativamente na década seguinte e, em 1982, os censos do INSEE estipularam além de 5.000 haitianos, alcançando mais de 20.000 na década de 1990 (DELACHET-GUILLON, 1996, p. 66).

O fenômeno do *boat people*<sup>13</sup> teve seu auge nesse segundo fluxo migratório de 1977 a 1981 quando 50.000 a 70.000 haitianos chegaram vivos às costas da Flórida, tendo morrido muitos nesse mesmo período em alto mar. As embarcações naufragaram por problemas técnicos e, em outros casos, os próprios agentes norte-americanos afundaram os barcos, matando milhares de haitianos que tentavam alcançar Miami (STEPICK, 1992). Nesse contexto, insere-se a mobilização de diversos militantes e instituições religiosas, políticas e associativas em prol dos direitos humanos desses sujeitos como o *National Council of Churches* (organização religiosa nos Estados Unidos), o *Black Caucus* (organização representante dos negros americanos no Congresso) e o *Haitian Refugee Center* (Centro de Refugiados Haitianos)<sup>14</sup>.

Um terceiro fluxo de mobilidade haitiana iniciou-se na primeira metade da década de 1990. No contexto do golpe de Estado e da deportação do ex-presidente Jean-Bertrand Aristide, aproximadamente 46.000 *boat people* foram interceptados em alto mar e conduzidos aos campos de detenção de Guantânamo Bay em Cuba. Alguns ficaram presos por mais de um ano. Finalmente, “72% dos 36.596 interrogados pelos Serviços de Imigração (sigla em inglês: INS) nessa base tiveram o pedido de refúgio indeferido e, conseqüentemente, foram conduzidos ao país de origem” (LITTLE, 1997, p. 3).

De acordo com Wooding e Moseley-Williams (2009), mais de 100.000 haitianos deixaram o Haiti na época da deportação do ex-presidente Jean-Bertrand Aristide, no ano de 1991. Alguns se dirigiram para os países vizinhos, cruzaram a fronteira da República Dominicana de ônibus, enquanto outros navegaram para Guantânamo, Cuba e os Estados Unidos. Dos países onde os haitianos solicitaram refúgio (Estados Unidos, República Dominicana,

12 Para mais informações sobre as dinâmicas migratórias haitianas na Guiana Francesa, ver os trabalhos de Piantoni (2009), Lãethier (2011a) e Handerson (2015a).

13 A maioria dos *boat people* saía do norte e noroeste do país em embarcações precárias, improvisadas e construídas pelos próprios navegadores. *Boat people* refere-se aos viajantes haitianos embarcados em direção a Miami ou às Ilhas caribenhas como Bahamas, Grand Turck, incluindo Cuba, dentre outras, para alcançar Miami. Quando Bahamas se tornou independente, em julho de 1973, o Governo do país iniciou uma campanha de expulsão dos haitianos e as políticas migratórias se tornaram cada vez mais restritivas. Nesse período, alguns deixaram o local e aproveitaram para alcançar Miami em embarcações precárias, como *boat people*.

14 Para saber mais sobre os programas americanos associados aos *boat people*, ver o texto de Laurent Dubois (1998).

Guadalupe, Guiana Francesa e Bahamas) na época, alguns negaram-lhes o estatuto de refúgio. Os governos consideravam tratar-se de imigrantes econômicos, à exceção daqueles que conseguiam comprovar sofrerem perseguição por razões políticas, étnicas ou religiosas conforme estabelecido pela Convenção de Genebra.

O quarto registro de fluxo de mobilidade haitiana iniciou-se a partir de 2010. Diante dos diversos tipos de insegurança: pública, política, socioeconômica, alimentícia, educacional, incluindo a área da saúde e do saneamento básico, todas elas em decorrência do quadro empobrecido e precário do Haiti, agravado pela tragédia provocada pelo terremoto de janeiro do referido ano, a mobilidade haitiana ganhou especial significância, volume e crescimento de novos sujeitos e circuitos no espaço migratório internacional.

Em decorrência do terremoto, houve um duplo movimento: algumas pessoas se deslocaram em direção ao meio rural, mesmo aqueles sem nunca terem residido no interior do país. Outros aproximadamente 350.000 (AUDEBERT, 2012) que dispuseram de recursos variados, decidiram partir para o exterior. É nesse contexto, que se situa a chegada de centenas de pessoas de nacionalidade haitiana, em janeiro de 2010, pela fronteira Brasil, Colômbia e Peru, particularmente na Cidade de Tabatinga, no estado do Amazonas e, posteriormente, no mesmo ano, pela fronteira Brasil, Bolívia e Peru, na Cidade de Brasileira, no Acre.

---

## GÊNESE DO GRANDE FLUXO MIGRATÓRIO DE HAITIANOS NO BRASIL

Quando alcancei a Tríplice Fronteira – Brasil, Colômbia e Peru –, em janeiro de 2012, havia aproximadamente dois mil haitianos no local e já eram passados dois anos desde a vinda deles por esse circuito. Na segunda semana de fevereiro de 2010, chegara um primeiro grupo de doze haitianos: quatro mulheres (duas menores de dezesseis e dezessete anos) e oito homens pedindo ajuda. A população local já conhecia o trabalho da Pastoral da Mobilidade Humana em Tabatinga<sup>15</sup> e, quando eles aportaram, após passarem pelo Peru, querendo ser acolhidos, as pessoas disseram: “*Aqui quem acolhe os migrantes e refugiados é Padre Gonzalo*”. Este entrou então em contato com o Alto Comissariado das Nações Unidas (ACNUR) sediado em Brasília, informando a presença de alguns haitianos na cidade pedindo refúgio e recebera orientação para levá-los à Polícia Federal (PF), com o intuito de iniciar os procedimentos burocráticos<sup>16</sup>.

Uma semana depois da chegada desses primeiros, vieram mais 20 após 30 e assim, em maio de 2010, já 150 haitianos moravam em Tabatinga. As mulheres dormiam dentro da Igreja: de noite tiravam os bancos para fora e de dia eles eram recolocados; os homens dormiam no salão da Igreja. Lá os haitianos fizeram entrevistas, receberam o “protocolo” – documento legalizador da situação estrangeira no país –, no qual se mencionava solicitação de refúgio<sup>17</sup>.

Os agentes estatais não esperavam um número tão expressivo, pois a vinda dos primeiros era considerada um caso isolado. Como os haitianos diziam para os agentes da Pastoral que a sua intenção era ir à Guiana Francesa, então, era pouco provável imaginar que, em tão pouco tempo, a região se tornaria uma porta de entrada para a futura instalação de

---

15 Em 2005, foi criada a Pastoral da Mobilidade Humana na Tríplice Fronteira Brasil, Colômbia e Peru, a partir de uma parceria entre três Igrejas fronteiriças localizada cada uma num desses países. No entanto, a Pastoral da Mobilidade Humana no Brasil já havia sido criada anteriormente pelo Conselho Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Até então, antes da chegada dos haitianos, as ações da Pastoral na Tríplice Fronteira eram voltadas à questão dos fluxos migratórios na região entre peruanos, colombianos, brasileiros e pessoas vindas de outros lugares do mundo, particularmente do continente africano. Entre outras ações, fora criada uma casa de acolhida, além dos atendimentos aos carcerários de diferentes nacionalidades.

16 Nos trabalhos de Rosa Vieira (2014, p. 20), Marília Pimentel e Geraldo Cotinguiba (2014, p. 78) aparece o primeiro registro em 14 de março de 2010, dos primeiros haitianos chegados pelo Mato Grosso do Sul (MS), fronteira com Bolívia. Então, a vinda dos haitianos em fevereiro de 2010, pela Tríplice Fronteira Brasil, Colômbia e Peru, particularmente em Tabatinga, é um pouco anterior ao registro de Mato Grosso do Sul.

17 Os primeiros haitianos desembarcados, devido à intenção da maioria de ir à Guiana Francesa, não pediam

uma comunidade haitiana tão expressiva no Brasil, atualmente avaliada entre 60 a 65 mil pessoas. Aproximadamente 7 mil desses passaram pela fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru, pelo Amazonas entre 2010 e 2012; 40 mil pela fronteira entre Brasil, Bolívia e Peru, pelo Acre entre 2010 e 2015, e os demais chegaram pelos aeroportos brasileiros – especialmente Rio de Janeiro, São Paulo, e Brasília – com o visto solicitado na Embaixada do Brasil em Port-au-Prince.

Os dados etnográficos sugerem que a chegada dos primeiros na região da Amazônia aparece ligada à Guiana Francesa, pois boa parte não pretendia ficar no Brasil. De acordo com os meus interlocutores e os coordenadores da Pastoral da Mobilidade Humana em Tabatinga, inicialmente, a Tríplice Fronteira e o Brasil em si eram uma espécie de corredor, uma etapa para chegar ao Departamento ultramarino francês, embora muitos tenham permanecido no Brasil. Posteriormente, a partir de 2012, outros vinham diretamente para o país, alguns com o *visto humanitário* e no quadro da reunião familiar – como categoria burocrática a que os viajantes tiveram de se adaptar também – solicitada à Embaixada brasileira em Port-au-Prince<sup>18</sup>.

A partir dos formulários preenchidos em Manaus e Tabatinga (totalizando 445), coordenados pela Pastoral da Migração, em 2012, verifica-se estarem 63% entre 21 a 33 anos. Quanto a esses últimos, 51% tinham menos de 30 anos; 26% entre 34 a 41 anos e seis por cento entre 42 a 48 anos, mas isso não significa não existirem exceções, como um homem de 47 anos ou uma senhora de 62 anos. No referente ao estado civil, 56% se declaravam casados (incluindo união estável), enquanto 40% diziam ser solteiros.

Os 14% com curso superior estudaram Direito, Enfermagem, Farmácia, Ciências Contábeis, Administração, Ciências Econômicas, Jornalismo, Teologia, Ciências Informáticas, Veterinária, Ciências da Educação/Normal Superior etc. No Ensino Médio, 59% o completaram e no Ensino Fundamental, 27%. Comparativamente à população total de Haiti, esse universo pesquisado tem boa formação educacional. Segundo os Dados do *Institut Haïtien de Statistique et d'Informatique* (2003), o grau de analfabetismo da população com 10 anos ou mais é de 61% em todo o país: os homens representam 63,8% e as mulheres 58,3% no meio urbano, sendo 80,5% contra 47,1% no meio rural. Entretanto, de acordo com a investigação realizada pelo Observatório Migratório Internacional (OBMigra) em Brasília, coordenado por Leonardo Cavalcanti e coautores, houve o aumento da presença de haitianos classificados como *analfabetos*,

No tocante ao grau de instrução dos haitianos com vínculo de trabalho formal no Brasil, ocupam o primeiro lugar aqueles com *Ensino Médio Completo*, que representavam 39,4% do total em 2011, passando para 30,8% em 2012 e 32,5% em 2013. Este segmento manteve crescimento proporcional razoavelmente estável de 2011 para 2012 (295,6%) e para 2013 (273,6%). Cresceu também a presença de indivíduos com *Ensino Fundamental Completo*, de 17,7% do total em 2011 para 20,7% em 2013. Cresceu significativamente a presença daqueles com educação do 6º ao 9º ano incompleto do *Ensino Fundamental*, que eram 8,6% em 2011, passando para 11,7% em 2012 e

---

visto na Embaixada brasileira no Haiti para ingressar no Brasil. Mas, para passar pelo Brasil e ir ao Departamento ultramarino era necessário ter visto brasileiro, e também, para aqueles que desejavam ficar no país, porque, dentre eles, alguns queriam permanecer no Brasil. Foi a partir dessas experiências que começaram os primeiros questionamentos dos agentes do Governo de como poderiam proceder para criar um novo dispositivo legal para receber os haitianos não na condição de refugiados porque CONARE e ACNUR já diziam não serem considerados refugiados, de acordo com o conteúdo da Convenção de Genebra de 1951. Nessa época, (até a presente data), para receber um visto de residência no Brasil, o candidato deveria cumprir certos requisitos: a) ser cônjuge de um cidadão brasileiro ou residente permanente no Brasil; ou b) ser membro imediato (dependente) da família de um cidadão brasileiro ou residente permanente no Brasil. Os haitianos vindos na época não se enquadravam nesses requisitos. Com a Resolução de 97/2012, o Governo simplificou a forma de acesso dos haitianos a um visto permanente no Brasil, e aumentaram significativamente os pedidos na Embaixada brasileira no Haiti. Por conseguinte, o processo de análise da documentação e da entrega dos vistos começou a demorar mais tempo do que antes de 2011 e 2012. Isso, de alguma forma, contribuiu para os novos candidatos optarem por realizar viagens clandestinas até as fronteiras brasileiras, particularmente no norte do país e, conseqüentemente, solicitar o visto permanente brasileiro nos estabelecimentos da Polícia Federal nos municípios fronteiriços e não na Embaixada brasileira no Haiti, pois o processo demora atualmente entre cinco a oito meses para análise e recebimento do visto.

18 “Desde fevereiro de 2010, o protocolo recebido na PF pelos haitianos chegados às fronteiras brasileiras sem visto exigido pelo Governo do país, mencionava a solicitação de refúgio, mas, a partir de maio do mesmo ano, não eram considerados refugiados. A fim de criar um novo dispositivo legal para acolher os haitianos vindos ao Brasil sem os vistos exigidos, o Governo brasileiro, por meio do Conselho Nacional de Imigração – CNIg, promulgou, em 12 de janeiro, a Resolução Normativa nº 97/2012, criando um *visto humanitário* até então não existente na legislação brasileira. Inicialmente, a Resolução permitia duas leituras: a produção de uma possibilidade de legalização dos haitianos no país e, ao mesmo tempo, a restrição da chegada de novos migrantes” (HANDERSON, 2015a, p. 33-34).

15,8% em 2013. Houve, ainda, o aumento da presença de haitianos classificados como *analfabetos*, de 979,1% de 2012 para 2013 (DUTRA, et al, 2015, p. 59)<sup>19</sup>.

Nos dados coletados pela Coordenação da Pastoral da Mobilidade em Tabatinga, os homens representam 84%, as mulheres 16%<sup>20</sup> e os menores de idade 0,4<sup>21</sup>. A partir de março de 2012, diminuiu o ritmo da chegada de haitianos em Tabatinga, mas novas turmas continuam até a presente data, particularmente no estado de Acre em Brasileira<sup>22</sup>. No universo pesquisado, a maioria tinha por procedência o meio rural, incluindo os dez diferentes departamentos da divisão geográfica do Haiti. Além de ter preenchido nos formulários que nasceram no meio rural, também, saíram de lá quando decidiram realizar a viagem. Assim como há alguns que se diziam ter nascidos no meio rural, mas residiam em Port-au-Prince há alguns anos.

A maioria dos meus interlocutores vindos diretamente do Haiti constituiu a multipolaridade da migração entre o oeste e o centro, Port-au-Prince, Croix-des-Bouquets, Léogâne, Ganthier, Fond-Parisien e Gonaïves, e também, entre o sul e o sudeste, Jacmel, Aquin, Les Cayes, Fond-des-nègres e Miragoâne. No entanto, observei um grupo pequeno de Cap-haïtien, do norte. Eram poucos os vindos do norte do país, visto a maior parte da mobilidade dos haitianos do norte ser orientada mais em direção à República Dominicana, Porto Rico, Cuba, Martinica, Guadalupe, Bahamas, Grand Turck, França, Canadá e Estados Unidos, particularmente Miami, Nova York e Nova Jersey. Cabe salientar que os do sul também vão a esses últimos lugares.

No final de 2011, houve um processo de urbanização da mobilidade haitiana para o Brasil: o fato de as pessoas de Port-au-Prince, da Capital do país, e também de Gonaïves e de Croix-des-Bouquets começarem a investir na viagem para esse país. Mas isso não significa que, antes desse período, não havia um pequeno grupo dessas localidades. No início de 2012, entre os meus interlocutores, três de cada seis pessoas eram dessas últimas localidades. Isso chama a atenção para a extensão social do processo de mobilidade

Interessa observar, que inicialmente, a maioria não era da capital, Port-au-Prince, ou das outras Comunas (Leogâne, Carrefour, Delmas etc), onde ocorreu o terremoto em janeiro de 2010. No entanto, independentemente de o terremoto ter sido ou não a razão da vinda de boa parte deles para o Brasil, é evidente que uma tragédia da dimensão como foi, teve impacto na vida das pessoas e pode ter precipitado a decisão de sair e impedido os planos de outros afetados que pensavam migrar e não puderam fazê-lo. Mas, também é importante salientar que a mobilidade é um fenômeno antigo e estrutural entre os haitianos. Ela é constitutiva do mundo social haitiano. É quase impossível encontrar uma casa no Haiti, que não possui algum familiar no exterior.

Os fatores mobilizadores da chegada dessas pessoas ao Brasil são diversos. Ficava claro não serem apenas motivações econômicas, mas também, políticas, educacionais, culturais, estratégias geográficas e sociais, sobretudo. Não pretendo discutir uma por uma, não é o foco do trabalho, mas vale mencionar algumas delas.

Então, quais são os diversos mecanismos que favoreciam aos haitianos virem ao Brasil? Como se constituiu a intenção deles de virem ao país? Do ponto de vista dos interlocutores,

19 Segundo o resultado dos dados do OBMigra baseados no banco de dados do Ministério do Trabalho (MTE) e da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), os haitianos, dentre as populações migrantes no Brasil, são os que mais possuem vínculo formal de trabalho, “houve um crescimento de 525,3% de 2011 para 2012 e de 267,4% para 2013 (DUTRA, et al, 2015, p. 58). Pela primeira vez, na história das populações migrantes no Brasil, os haitianos ultrapassam os portugueses que foram por várias décadas a população migrante no país que possuía mais vínculo formal de trabalho.

20 Essas fontes são: a) os dados coletados pela Coordenação da Pastoral da Mobilidade em Tabatinga pela Irmã Patrícia Licandro; b) os formulários da Pastoral da Migração em Manaus, vinculada à Igreja de São Geraldo, e c) os formulários distribuídos por mim nas reuniões da Associação dos Imigrantes Haitianos no Brasil (AIHB).

21 Na minha tese (HANDERSON, 2015a, p. 47-48), utilizo informações quantitativas e qualitativas que permitem analisar: 1) a circulação de homens, mulheres e menores haitianos que passaram pela fronteira Brasil, Colômbia e Peru, entre o mês de janeiro de 2010 e janeiro de 2012; 2) os dados quanto a sexo, idade, cidade de procedência, estado civil e escolaridade dos sujeitos da pesquisa; 3) a cidade de procedência daqueles chegados à Triplíce Fronteira de janeiro a fevereiro de 2012.

22 Desde meados de 2015, houve uma diminuição significativa em relação à chegada de haitianos pelo Acre. Para saber mais sobre os fatores que impulsionaram essa redução, ver a minha entrevista concedida ao MigraMundo, em 22 de fevereiro de 2016. <http://migramundo.com/2016/02/22/dolar-alto-crise-economica-e-xenofobia-afetam-diaspora-haitiana-no-brasil-afirma-pesquisador/>

são diversas as causas e o *leitmotiv* contribuídores dessa escolha:

- 1) inicialmente, o Brasil representava (e continua representando para alguns) uma porta de entrada para chegar à Guiana Francesa, e também, um “corredor” ou uma etapa para conseguir vistos para outros países como Estados Unidos, Canadá ou França;
- 2) o fato de o Brasil possuir um papel político e econômico importante no cenário mundial atual e, ao mesmo tempo, comandar as tropas da Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH)<sup>23</sup>;
- 3) a posição pública e internacional de abertura e de hospitalidade do Governo brasileiro em relação aos haitianos;
- 4) a difusão entre os haitianos (no Haiti e no exterior) de o Governo brasileiro estar incentivando a migração haitiana no país, tendo interesse na mão de obra haitiana nas construções das obras da Copa do Mundo (mesmo não sendo verídico);
- 5) a propaganda de a imagem do Brasil ser um “paraíso racial”, sem discriminações, particularmente no imaginário daqueles que sofriam tal discriminação na República Dominicana e no Equador<sup>24</sup>;
- 6) circular a informação de, no Brasil, o migrante ganharia moradia e alimentação gratuita (o que não é fato), além da remuneração do trabalho ser bem significativa, variando entre U\$ 2.000 a U\$ 3.000 mensais.

Somando a tudo isso o acontecimento de 12 de janeiro de 2010, o terremoto foi mais um motivo, dentre outros, a impulsionar a mobilidade haitiana para mais um lugar que até então demonstrava, aos olhos internacionais, “estar comprometido” no cenário político, econômico, educacional, da “estabilização” e do “desenvolvimento do Haiti”, do ponto de vista dos representantes dos governos haitiano e brasileiro<sup>25</sup>.

Segundo os meus interlocutores, após o terremoto, mesmo as pessoas não afetadas diretamente por ele já estavam numa crise no Haiti que piorou do ponto de vista social e humanitário. Nas palavras de Gerard, conhecido em Tabatinga: “A miséria aumentou” (*Mizè a ogmante*). Os censos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e do Inter-American Development Bank (CAVALLO; POWELL E BECERRA, 2010, p. 3) mostram que entre 200.000 a 250.000 pessoas morreram devido ao terremoto e aproximadamente 500.000 se deslocaram da Capital Port-au-Prince onde a maioria foi afetada, para ir às

---

23 Além do crescimento econômico de 0,9% em 2012, o país ocupou o ranking da sexta economia mundial em 2013. A iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana (IIRSA), um programa conjunto dos governos dos 12 países da América do Sul que tem como objetivo a modernização da infraestrutura de transporte, energia e telecomunicações, também joga um papel importante na visibilidade internacional do Brasil. Este país nunca foi desconhecido pela população haitiana. Há décadas, o país sempre foi familiar ao universo haitiano, particularmente pelo futebol, pela música, pelo samba, pelas suas novelas e carnavais cariocas transmitidos nas televisões haitianas. Frequentemente, as gerações mais velhas lembram à ida do Pelé ao Haiti em 1978. Há um ditado no país caribenho que diz, “Os haitianos são mais brasileiros do que os próprios brasileiros”, visto mais de 60% da população torcer pela seleção brasileira de futebol. Esse fato pôde ser observado em 18 de agosto de 2004, na ocasião do “Jogo da Paz”, a partida amistosa de futebol realizada no Haiti com um dos objetivos do Governo brasileiro, dentre outros, de ganhar o cenário político internacional, mostrando a sua potência promissora para, conseqüentemente, realizar a Copa do mundo em 2014 no país. Do ponto de vista empírico, nenhum dos meus interlocutores associavam a vinda deles ao Brasil devido à atuação brasileira no comando da MINUSTAH no Haiti, a qual atua, particularmente em Port-au-Prince onde está concentrada a maioria das tropas, e ainda, nem em toda a Capital, mas sim em algumas áreas específicas. Não há dúvida de a atuação brasileira na missão ter tornado o Brasil mais familiar no universo haitiano, através dos diferentes projetos desenvolvidos, além da presença de outras organizações brasileiras como Viva Rio. Contudo, também não há evidências empíricas de o Brasil se tornar um dos circuitos da mobilidade haitiana pela presença das tropas brasileiras no comando da Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH) criada em abril de 2004 (mesmo ano do Jogo da Paz). A MINUSTAH é composta de tropas de cerca de 21 países, incluindo Espanha, Guatemala e os vizinhos brasileiros: Paraguai, Bolívia, Uruguai, Chile e Argentina. Ademais, os dados desta pesquisa evidenciam que a maioria dos vindos para o Brasil não são originários e tampouco saíram de Port-au-Prince quando realizaram a viagem, o local de atuação das tropas brasileiras. Boa parte dos haitianos chegados ao Brasil entre 2010 e 2012 nem residiam no Haiti quando decidiram vir para esse país: eram de procedência da República Dominicana, Equador, Cuba e Chile.

24 Nas palavras de um interlocutor que residia na República Dominicana quando decidiu ir à Tríplice Fronteira Brasil, Colômbia e Peru: “Pode ser intelectual, pode ter dinheiro ou ser bonito, basta ser haitiano, eles (os dominicanos) te tratam como lixo”. A discriminação racial foi o motivo de deixar o país para vir ao Brasil. Ele fala seis línguas e trabalhava no setor do turismo na República Dominicana, ganhando entre U\$ 1.000 a 1.500 mensais. De acordo com ele: “Brasil é um país em desenvolvimento, teria oportunidades de emprego e as pessoas não seriam tão ignorantes quanto os dominicanos”.

25 Em fevereiro de 2012, na ocasião da visita oficial da Presidente Dilma Rousseff a Port-au-Prince no Haiti, ela afirmou: “Como é da natureza dos brasileiros, estamos abertos a receber cidadãos haitianos que optem por buscar oportunidades no Brasil”. Ver [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/02/120131\\_haiti\\_dilma\\_jf.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/02/120131_haiti_dilma_jf.shtml) Acessado em 25 de junho de 2013

regiões do interior do país e outros 300.000 emigraram para outros países<sup>26</sup>.

Quais são e de que modo se constituíram os circuitos da mobilidade haitiana para o Brasil? Estes se referem aos lugares percorridos, vividos e praticados pelas pessoas entre diferentes polos do espaço da mobilidade internacional. Os circuitos da mobilidade devem ser entendidos a partir da circulação dos bens, das pessoas e da informação entre diferentes polos e suas implicações sobre a construção dos espaços sociais.

Do ponto de vista etnográfico, a trajetória dos meus interlocutores, mostra que os primeiros chegados à Tabatinga saíram do Haiti, passavam na República Dominicana com escala em Panamá. Depois, iam ao Equador, à Lima, no Peru, de Lima a Iquitos, de lá para Santa Rosa até a Tríplice Fronteira. Outros deixavam Haiti, faziam escala em Panamá, iam direto para Peru até a Tríplice Fronteira. Há também vários itinerários e circuitos diferentes: alguns saíam de Port-au-Prince diretamente a Lima, no Peru; de lá para Iquitos; depois, para Santa Rosa até a Tríplice Fronteira. Outros passavam por Peru, Bolívia até a fronteira com o estado do Acre. A rota que utilizavam parecia estar relacionada às condições econômicas, ao nível de instrução, às redes sociais e migratórias e ao local de procedência.

#### Mapa 4: As flechas indicam os circuitos da mobilidade haitiana em direção ao Brasil e à Guiana Francesa



Fonte: Elaboração própria a partir do Google Maps.

Interessa observar o conjunto dos espaços percorridos pelas pessoas, para além das fronteiras. Esses espaços da mobilidade compreendem o conjunto dos lugares da vida deles, não como uma sucessão de espaços às fronteiras delimitadas, mas como uma pluralidade de campos, ao mesmo tempo autônomos e articulados, nos quais os papéis desses sujeitos haitianos aparecem de maneira mais eficaz na dinâmica da mobilidade.

26 Esses dados devem ser problematizados, visto não haver consenso entre as agências que produzem os censos no tangente ao número de mortos pelo terremoto, e tampouco, os deslocados para as regiões do interior do país, bem como para o exterior. Mas, de qualquer maneira, eles são importantes na medida em que mostram o quadro de destruição e as pessoas afetadas. <http://www.irinnews.org/fr/report/88202/ha%C3%8Fti-l-%C3%A9migration-pour-fuir-les-catastrophes-et-la-diaspora-pour-faire-marcher-l-%C3%A9conomie> Acessado em 15 de dezembro de 2014



Uma das singularidades da mobilidade haitiana no Brasil é o seu atingir rápido os estados geográficos. Em quatro anos, os haitianos já estão em aproximadamente 15 estados dos 26 existentes, além do Distrito Federal. Geralmente, para os grandes centros do país: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul etc. A difusão espacial da mobilidade haitiana no país merece uma análise aprofundada. A minha hipótese é terem as lógicas das redes de trabalho e os contratos de empresas das diversas regiões brasileiras, influenciado e impulsionado essa difusão.

A opção dos haitianos pelas metrópoles não é uma especificidade haitiana e tampouco acontece somente no Brasil. A mobilidade haitiana nos Estados Unidos, também é mais orientada, notadamente pelos grandes centros Miami, Nova York e Boston. Importa ressaltar a importância das grandes metrópoles na organização do espaço da mobilidade haitiana. Ela se traduz pelos seus papéis preponderantes na instalação de novos migrantes, mas também pela facilidade de trânsito e de circulação em outras cidades menores localizadas na região polarizada pelas metrópoles. Tal como pode ser observado em São Paulo, alguns se deslocaram da capital para trabalhar e residir em Sorocaba. E da mesma forma, no Rio Grande do Sul, alguns ficaram na Capital, em Porto Alegre e outros foram para as cidades vizinhas como Viamão, Gravataí, Canoas, Bento Gonçalves etc. É procurando compreender a mobilidade haitiana orientada para as metrópoles, que se situa a discussão acerca da presença de haitianos em Brasília, no Distrito Federal.

---

## A PRESENÇA DE HAITIANOS NO DISTRITO FEDERAL

Em 2011, aumentou significativamente a presença de pessoas de nacionalidade haitiana no Distrito Federal (DF). Estes estavam em diversos bairros, mas tinham-se concentrado nos lugares como Paranoá e Varjão do Torto<sup>27</sup>. Na ocasião da pesquisa do OBMigra com os haitianos em 2015, em Brasília, alguns já completavam quatro anos no local e outros eram recém-chegados. Viviam em apartamentos, quartos e casas nas quais havia entre duas a três pessoas. Eram poucas as residências nas quais apenas um haitiano vivia. A maioria dividia o local com outros haitianos, pais, irmãos, primos, amigos ou conhecidos, particularmente por razões financeiras, pois preferiam dividir o espaço com outros para diminuir os custos da hospedagem.

A experiência de morar em coletivo expõe os laços de solidariedade e assistência mútua entre esses migrantes. Não eram apenas as refeições preparadas em comum, as próprias despesas acarretadas por essas refeições e, às vezes, os produtos de higiene (sabonete, pasta de dente etc) eram utilizados e pagos em comum, além do orçamento da residência alugada e as despesas de água e luz. A divisão do espaço de moradia levou-os a se submeterem a algumas regras de despesas.

Os dados da pesquisa sugerem que a maioria dos haitianos no DF é homem e possui mais de 30 anos de idade, pois, boa parte dos interlocutores possui entre 30 a 50 anos. A cada 10 haitianos entrevistados na pesquisa, 1 possuía curso superior (in)completo, 2, segundo grau (in)completo, 5, primeiro grau (in)completo e 2 se consideram analfabetos.

Os interlocutores já possuíam alguma rede familiar e ou de amigos no DF quando decidiram realizar a viagem para essa localidade. Antes de realizar a mesma, alguns já residiam em outros estados do Brasil, como Amazonas, Acre, Goiânia, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, saíram desses lugares para ir ao DF a procura de trabalho. A maioria chegou pelos estados do Acre (Brasileia) e Amazonas (Tabatinga), solicitaram o visto na Polícia Federal dos respectivos estados. Entre eles, um grupo chegou pelos aeroportos brasileiros, especialmente pelo Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília, com visto solicitado desde Haiti, na Embaixada Brasileira em Port-au-Prince.

Interessa analisar, – da mesma maneira como foi observado, em relação aos haitianos chegados a Tabatinga – aqueles residentes no DF também não saíram do Haiti pela primeira vez, todos os 37 haitianos entrevistados pelo OBMigra, antes de virem para o

---

<sup>27</sup> Antes do ano de 2011, havia haitianos residentes no DF, mas eram executivos da Embaixada do Haiti em Brasília e alguns estudantes e profissionais.

Brasil, já residiram na República Dominicana ou já estiveram nesse país como turista. É o caso de Cenel e de Exan, entre outros, que moraram, respectivamente, 15 e 20 anos na República Dominicana. Segundo esses interlocutores, “Brezil ouvè” (Brasil está aberto), diferentemente da República Dominicana, onde viviam e que os haitianos em situação indocumentada eram e continuam sendo deportados diariamente<sup>28</sup>. Nas suas narrativas, aparece muito caso de racismo vivenciado por eles nesse último país.

Desde 2010, as políticas migratórias de abertura do Governo brasileiro em relação às pessoas de nacionalidade haitiana, muito contribuíram para os viajantes tomar a decisão de vir para o Brasil. Segundo Wesley,

*O Canadá também estava aberto, no entanto teria que estar com os requisitos, visto, tudo, entendeu? Mas aqui, não precisava disso, quando você chega, eles dão todos os documentos provisórios, entendeu? E depois você entra e começa a trabalhar, mas no Canadá precisava ter os documentos, chegando lá você tem que ter um documento para trabalhar que é diferente do Brasil, você chega, eles dão um documento mesmo que seja provisório, você consegue trabalhar, entendeu? Mas no Canadá, precisava ter o visto, precisava ter também um familiar que mora lá, é fácil também, mas não tanto como o Brasil fez. Muita gente veio aqui porque nós haitianos, eu tenho que dizer isso, nós temos sede de viajar, nós temos essa sede de sair do nosso país. Quando a gente escuta “viajar”, pode ser para Guiana, pode ser para Santo Domingo, o haitiano vai. Pode ter a casa, vai vendê-la, vai vender a vaca dele, vai vender tudo que possui como se fosse uma pessoa que nunca mais vai voltar para o país, tudo isso só para viajar, ele não quer saber o que vai encontrar na frente (Junho de 2015, Brasília).*

O leitmotiv que os levaram a virem para o Brasil, também está ilustrado na trajetória de Joceline, de 52 anos. Ela reside no Paranoá com um de seus filhos, chamado Wesley. Tentou vir para o Brasil uma primeira vez, havia juntado dinheiro, mas foi deportada no Equador. A segunda vez vendeu sua casa no Haiti para novamente, investir na viagem. Durante o grupo focal, quando perguntada sobre o motivo de vir para o Brasil, Joceline diz, “Para mim tem duas razões, por causa do terremoto e porque o haitiano gosta de viajar” (Junho de 2015, Brasília). Logo em seguida, Wesley, filho de Joceline solicitou a palavra e disse,

*É sobre isso que eu iria falar, Brasil abriu a porta por causa do terremoto, mas o haitiano não viaja por causa do terremoto. O haitiano tem um mito na cabeça dele, o mito é: se viajar vai ter uma vida melhor, entendeu? Pode fazer esse teste, posso te mandar no Haiti, você pode passar a sua vida inteira procurando uma pessoa que não quer viajar, você não vai achar. Todo mundo quer viajar (Junho de 2015, Brasília).*

Wesley também acrescentou:

*Tem gente no Haiti que não vai viajar, tem alguns que eu conheço que não vão viajar. Viajar para o haitiano, não é porque ele tem uma loucura para viajar, mas está procurando uma vida melhor para si e para os familiares, ele tem uma necessidade. Tem um monte de coisas que o governo não oferece para ele e acho que todo haitiano que chegou aqui (no Brasil), mesmo que o país não seja do jeito que estava esperando, acho que ele não pode se arrepender de ter viajado para cá. Não acho que o haitiano tenha uma loucura para viajar, acho que ele está mais a procura de uma vida melhor, da mesma forma que o brasileiro também viaja, ele vai para um país melhor a procura de*

28 Como foi possível observar na primeira parte do texto, a República Dominicana é um dos primeiros países junto com Cuba onde se iniciou a emigração haitiana no início do século XIX. No entanto, há nesse país uma forte discriminação racial contra os haitianos residentes em território dominicano. Isso se evidencia nas crises diplomáticas desses dois países ao longo da história política de ambos. Somando a sucessão de atos de violação de direitos humanos dos haitianos nesse país, em 2013, o Tribunal Constitucional negou a nacionalidade e a documentação de identidade aos filhos de haitianos nascidos na República Dominicana. Esta pesquisa sugere que a quantidade expressiva de haitianos chegados à região Amazônica que residiam na República Dominicana quando decidiram realizar a viagem está associada a esses acontecimentos, pois muito contribuíram para que os haitianos na República Dominicana seguissem a viagem para países como Equador, Chile, especialmente Brasil. Para mais detalhes, ver [http://www.el-nacional.com/mundo/Republica-Dominica-nacionalidad-descendientes-haitianos\\_0\\_286171544.html](http://www.el-nacional.com/mundo/Republica-Dominica-nacionalidad-descendientes-haitianos_0_286171544.html) Acessado em 14 de abril de 2014.

A mobilidade, do ponto de vista de alguns desses interlocutores, era percebida como um modo de vida, um modo de ser e de estar no/com o mundo. Os espaços vividos, percorridos, habitados, eram marcados por essas pessoas em movimento, pelo conjunto de bens, de ideias, de valores, de línguas, de costumes, de competências e de artefatos que eles mobilizavam na circulação. Estes possuíam papéis e documentos de mais de um país para facilitar os deslocamentos, constituindo o poder-circular.

Assim, dizer que a mobilidade é constitutiva de boa parte da vida dos haitianos no Brasil, não significa afirmar que todos os haitianos estavam ou estão em mobilidade. Como mostra Wesley, há aqueles que não podiam ou não estavam em mobilidade por diversos fatores, doenças, a falta de recursos (econômicos, familiares, físicos, psicológicos etc), não pertenciam às redes sociais de mobilidades etc. A mobilidade de alguns permite a imobilidade dos outros e vice-versa. Assim como não se pode pensar nos que viajam sem pensar nos que ficam, também não se pode pensar a mobilidade sem a imobilidade. Esta questão sociológica havia sido levantada por Georg Simmel (1908) em relação às pessoas migrantes. Ele discutia os efeitos sociais das migrações nas relações entre grupos móveis e grupos fixos.

As expressões haitianas, *chèche lavi miyò* (tentar uma vida melhor), *chèche lavi lòt bò dlo* (tentar a vida além do mar), *chèche lavi aletranje* (tentar a vida no exterior) expressam muito bem as questões enunciadas por Wesley e Roger. Como explicitado por eles, essa mobilidade e busca por uma vida melhor não se resume apenas à pessoa que viaja, mas também aos familiares que ficam. *Chèche lavi miyò, lòt bò dlo, aletranje* é a busca de uma melhor condição de vida, um melhor salário para garantir à família, um melhor nível de educação, sobretudo, uma moradia digna que se concretiza através da construção de uma casa no Haiti, chamada por alguns de *kay dyaspora* (casa diáspora)<sup>29</sup>. As palavras de Joceline, Wesley e Roger permitem entender a maneira pela qual se articula a decisão de partir e a organização da viagem, no que tange aos recursos mobilizados, os sonhos, sobretudo, as obrigações e os deveres para com aqueles que ficaram, filhos, irmãos, pais, amigos etc.

Joceline era comerciante no Haiti, comprava roupas (calça jeans, sutiã, camisa) em grande quantidade e vendia no mercado de Croix-des-Bossales em Port-au-Prince. Em 2006, Joceline decidiu ir à República Dominicana, morou durante quatro anos em Santo Domingo, onde também atuava no setor do comércio. Estando no país vizinho, a ideia dela era mandar buscar o filho Wesley para cursar medicina, mas, segundo ela, era difícil conseguir um bom emprego para poder juntar dinheiro e concretizar esse sonho. Em 2010, decidiu seguir para Equador, permaneceu dez meses no local, trabalhando num restaurante. Estando no Equador, uma amiga lhe informou que os haitianos estavam indo para o Brasil e que a vida era melhor lá, por isso, decidiu seguir para Tabatinga. De lá, foi a Manaus, ficou dez meses. Em Manaus, uma colega conhecida no local, que já estava em Brasília lhe informou que no DF, o salário era maior. Por conta disso e do calor, que também não agradava Joceline no Amazonas, rumou a Brasília em 2012, ficou os primeiros meses na casa dessa amiga no Varjão. Depois de um ano mandou buscar seu filho Wesley que atualmente mora com ela.

As redes de familiares, de solidariedade e a circulação de informações dos itinerários entre os viajantes são importantes, permitindo às pessoas criar o seu trajeto e o circuito da mobilidade. Essas trajetórias mostram a complexidade dessas novas figuras de migrantes e em que medida as narrativas dessas pessoas são importantes na análise. A experiência de Joceline e de seu filho Wesley também mostra a importância das redes familiares na dinâmica da mobilidade. Segundo Wesley:

*Olha, minha mãe já estava aqui, a razão é a minha mãe. O que eu vou falar não é por nada, o motivo era a minha mãe, não tive uma ideia do Brasil, para mim eu não sabia que o Brasil estava no mapa, sabia que existia apenas no futebol, colocando o Brasil na minha cabeça para viajar, não, minha mãe me deu a ideia, “ok”, eu vim, mas não tinha*

29 Na minha tese de Doutorado em Antropologia Social, desenvolvi conceitualmente a noção de “casa diáspora”. Para uma discussão mais aprofundada sobre o assunto, ver o capítulo 4 da tese, sobre “Casa diáspora, diáspora da casa” (HANDERSON, 2015a, p. 270-339) e o meu artigo sobre “*Diaspora*. Sentidos sociais e mobilidades haitianas” (HANDERSON, 2015c)

*esse pensamento (Junho de 2015, Brasília).*

Nem todos que chegaram ao Brasil, contaram com as redes familiares, como evidenciado por Roger,

*Quando eu cheguei aqui não tinha ninguém, estava na República Dominicana, sabe, lá tem muita dificuldade, o haitiano não pode trabalhar em qualquer lugar, apenas o pior trabalho que ele consegue arrumar, quando eu comecei a trabalhar, juntei um dinheiro e fui para o Haiti, emprestei mais dinheiro e peguei um avião até o Equador, quando cheguei lá peguei o ônibus até o Peru e de lá entrei pelo Acre. Foi desse jeito que eu vim, mas eu não tinha família aqui (Roger, junho de 2015, Brasília).*

A experiência de Joceline, Wesley e Roger permite refletir sobre a economia da viagem. No que se refere às lógicas do financiamento, visto que alguns fizeram empréstimo e contaram com remessas dos parentes e amigos residentes em outros lugares para realizá-la, tal como Joceline enviou dinheiro para financiar a viagem de Wesley. Ela vendeu também, sua casa no Haiti para financiar a sua própria viagem para o Brasil.

Dentre os interlocutores, alguns deixaram para trás empregos (como agentes de turismo, comerciantes, professores, enfermeiros). Outros saíram do trabalho, pegaram o dinheiro guardado no banco ou emprestado por amigos e parentes, entre outras variações e investiram na viagem, com a esperança de encontrar melhores empregos e salários no Brasil.

Como foi destacado por Massey, Alarcón, Durand e González (1987), a migração suscita um processo social que se constrói, a partir das experiências individuais e, que contribui, por sua vez, a reproduzir às condições de movimento para os futuros viajantes. A dinâmica coletiva das lógicas de mobilidade merece uma atenção. Para além das sociais, há várias lógicas familiares no mundo social das mobilidades. Uma série de estratégias é utilizada em algumas famílias, para decidir quem viaja e a ordem dos candidatos à viagem. Uns são escolhidos antes do que outros para viajar. Esse processo não é uma construção mecânica e unidimensional. Para tomar tal decisão, uma variedade de questões é levada em conta pelos que financiam a viagem.

Nesse sentido, concordo com Karen Richman quando a autora afirma que,

*A estratégia de longo prazo de uma família para sua segurança coletiva diferencia aqueles que irão migrar daqueles que irão permanecer [...] Um filho ou filha visto como generoso e obediente pode-se esperar que fique para trás, mesmo que essas qualidades pareçam definir o migrante ideal, enquanto que outro seja percebido como incerto, possa ser aquele no qual se investe para partir. Depois de que os migrantes começam a construir sua “garantia” em casa, eles necessitam de outros que estão dispostos a permanecer (no Haiti) para manter seus investimentos e cuidar das crianças que ficaram para trás até que elas possam migrar também (RICHMAN, 2005, p. 71-72).*

Um conjunto de corpo social é mobilizado para tomar a decisão de quem deve partir. Por exemplo, o grau de parentesco do candidato, os recursos individuais, sociais e intelectuais possuídos, a conduta, a honestidade, o caráter deste, dentre outros, e o fato do indivíduo, quando chegara *aletranje* (no exterior), se teria condições de ajudar os que ficam. Às vezes, “mandar buscar” (*voye chèche*) algum membro da família é uma forma de diminuir a ajuda econômica (de parte daquele que manda buscar) aos que ficam e para que o recém-chegado se responsabilize pela manutenção de alguns familiares que estão no Haiti. Há um processo de capitalização das experiências do candidato à viagem. O seu estatuto social exerce um papel importante na escolha de quem viaja e quando. Baseando-se nesses aspectos, dentre outros, a observação das lógicas sociais e familiares da mobilidade toma todo seu sentido.

Os interlocutores no DF manifestam o desejo de “mandar buscar” alguns membros da família (pais, filhos, irmãos, esposa e esposo) que ficou no Haiti ou na República Dominicana. Nas palavras de Frantz, “*É muito bom quando a família está por perto, estou sofrendo muito, quando estou pensando no meu filho no Haiti, não o conheço ainda, a*

*criança nasceu e eu já tinha saído, pensei muito e é muita tristeza”* (Junho de 2015, Brasília). Os dados sugerem que há uma preocupação maior entre aqueles que deixaram filhos para trás para enviar remessas ao Haiti ou na República Dominicana, onde também possuem familiares. Segundo Cenel, *“Eu deixei meu filho no Haiti, quando eu estava vindo minha irmã me ajudou, me deram dinheiro e é por isso que tenho que lembrar sempre deles, se eu ganho R\$ 1.000,00, pode ser R\$ 200 ou R\$ 300,00, tenho que mandar todo mês”* (Junho de 2015, Brasília).

No Haiti, as pessoas costumam dizer ser quase impossível encontrar uma *kay* (casa) ou uma família haitiana que não tenha algum membro *aletranje, lòt bò dlo*, isto é, no exterior. Para os que ficam, “ter familiares” (*gen fanmi*)<sup>30</sup> *aletranje* é sinônimo de um dia poder-viajar (*mwen ka vwayaje*) ou poder-partir (*mwen ka pati*). Mas, possuir familiares na diáspora não garante a mobilidade dos que ficam. Isso exige disposições internas (capacidade da pessoa mobilizar as redes) e disposições externas (recursos dispostos ao indivíduo). São duas dimensões essenciais do *capital social* dos candidatos à viagem, mas não são as únicas.

Há uma relação estreita entre as pessoas que partem e as que ficam. Isso incide especialmente nas relações diferenciais entre os maridos que viajam e as mulheres que ficam e vice-versa; entre pais e filhos, tios e sobrinhos. A mobilidade molda as relações internas da família num contexto de circulação. Desde cedo as crianças convivem com a mobilidade dos seus colegas da escola ou dos seus bairros, partindo ou viajando. A mobilidade é constitutiva do cotidiano haitiano.

Como está ilustrado na experiência de Cenel, entre outros interlocutores, as famílias estão presentes desde a organização e os preparativos da viagem até, posteriormente, os envios de remessas e objetos por aquele que foi. A viagem envolve vários agentes próximos, mas fisicamente distantes. O sucesso da viagem depende de várias redes de “contribuintes” que colaboram material, física ou ainda espiritualmente. Tais participações passam a constituir o solo emocional, psicológico e psíquico do viajante. A viagem reforça, reorganiza as redes sociais e familiares. Se, de um lado, o viajante se beneficia de vários apoios materiais, emocionais e espirituais, do outro, tais apoios tornam-se uma pressão social sem precedente.

A ele, é negado imperativamente o fracasso financeiro da empreitada. O envio de dinheiro aos amigos e familiares desempenha subjetivamente algumas funções: manter financeiramente a família; mostrar que o processo de mobilidade está sendo um sucesso; renovar as proteções espirituais que possibilitam um revigoramento emocional e psicológico. Mas, para legitimar o sucesso, deve “mandar buscar” outro familiar como foi observado nas trajetórias de alguns dos interlocutores.

Ficar muito tempo sem mandar nada, passa a ser sinônimo de desonra e de fracasso individual e coletivo (família). Nessa mesma linha de raciocínio, Richman mostra que antes de os migrantes pensarem nos investimentos pessoais no Haiti, construção de casas ou abrir negócios, eles devem dar-se conta de algumas obrigações mais urgentes. Segundo ela,

Antes que os migrantes possam “garantir” a eles mesmos por meio de investimentos na terra natal, entretanto, eles têm que satisfazer obrigações mais urgentes lá. Os migrantes são cobrados a pagar a educação (taxas, uniformes, materiais escolares) de crianças que eles deixaram para trás sob o cuidado de outros e, muitas vezes, a escolarização de seus consanguíneos também – irmãos, sobrinhas e sobrinhos. Como resultado das remessas dos migrantes para a educação, quase todas as crianças em idade escolar de Hamlet frequentam as escolas, que estão se proliferando na área. A educação é um meio de preparar (ou produzir) um parente para a migração futura, e o financiamento de suas passagens é, ainda, outra responsabilidade dos migrantes (RICHMAN, 2005, p. 76).

Tais constatações de Richman estão em sintonia com as palavras dos interlocutores. De acordo com Wesley,

30 De acordo com Louis Herns Marcelin, “a palavra em créole haitiano que designa, parentesco e família, ambos os conceitos analíticos, é *fanmi*. Com variações do rural ao urbano, entre as classes, entre Haiti e a diáspora, *fanmi* é o principal referência que define o universo e a identidade das pessoas. Por extensão, também ela se refere a vários níveis de proximidade e familiaridade – na prática com a capacidade para englobar determinadas formas de relacionalidade social como vizinho, conhecido, amigo, comunidade ou até mesmo, a humanidade comum” (MARCELIN, 2012, p. 257).

*Quando recebe o salário aqui, já sabe que tem que pensar na família. Temos que pagar o aluguel, água, luz e também enviar remessas, quase não sobra para Western Union, porque depois de pagar todas as contas, não sobra quase nada. Você liga para a pessoa (no Haiti) e fala que tem apenas isso. Anteontem eu quis enviar U\$ 100 para o Haiti, gastei quase R\$ 400,00, imagina 100 poucos dólares, são R\$ 3.42 por um dólar americano (Junho de 2015, Brasília).*

Interessa destacar que, boa parte dos salários desses migrantes vem do setor formal do mercado de trabalho. Os empregos que forneciam um nicho no mercado de trabalho para as mulheres haitianas e têm tido um crescimento permanente eram: empregadas domésticas, babás, funcionárias de restaurantes, particularmente como cozinheiras. Para os homens, o setor da construção civil (ajudante de pedreiro e pedreiro), mas havia aqueles obtidos em restaurantes como garçons ou entregadores de encomendas. O setor com melhores salários mensais era a construção civil, aproximadamente R\$ 1. 200 a R\$ 1. 500 reais. De acordo com Wesley,

*Desde no trajeto (da viagem), falaram (os haitianos) que rola muito dinheiro na construção (pedreiro). A maioria dos haitianos sabe disso, construção aqui dá mais dinheiro, sabemos isso desde o caminho e quando chegamos vimos que era isso mesmo, um haitiano que trabalha como ajudante ganha R\$ 1.500,00, mas quando trabalha em empresas, você ganha um salário mínimo e algum benefício, na construção tem mais benefícios e mais dinheiro (Junho de 2015, Brasília).*

Numa perspectiva comparada, James Ferguson (2003) mostra que muitos empresários dominicanos do setor da construção civil em extensão na República Dominicana recorreram à mão de obra haitiana por ser considerada barata. Os dados oficiais revelam que os haitianos representam mais de um quarto da força de trabalho nesse setor. Nas ilhas Bahamas, por exemplo, eles estão “super-representados em três principais setores: serviços à pessoa (por exemplo, babá, jardinagem, cozinheira); à construção civil: à agricultura, totalizando 60% contra 15% do resto da população ativa” (AUDEBERT, 2012, p. 49). De acordo com Ermitte St. Jacques, “a estigmatização dos haitianos nas Bahamas está baseada na situação de pobreza caracterizada pelo emprego servil e habitações precárias” (2011, p. 98). O mesmo autor explica: “O trabalho servil que os haitianos realizam na agricultura, jardinagem, construção, hotelaria e restaurantes é comumente referido como ‘o trabalho dos haitianos’” (idem, p. 98).

Os trabalhos encontrados por esses migrantes quando chegaram ao Brasil não necessariamente eram nos setores nos quais foram formados profissionalmente ou naqueles já trabalharam no Haiti ou nos países onde residiam antes de vir para o Brasil. Alguns eram enfermeiros no Haiti, por sua vez, quando chegaram ao Brasil, trabalhavam como cozinheiros ou no setor doméstico. Como sugere a experiência dos interlocutores, a situação do trabalho se inscreve na lógica de mudança de *status social*. Na origem da sua experiência de mobilidade, há uma decadência socio-profissional resultante das relações sociais. Essa decadência existe pelo fato de realizar um trabalho menos valorizado do que aquele desenvolvido, anteriormente, no lugar de procedência. Além do mais, é uma decadência, visto o setor do trabalho ocupado (o doméstico e a construção), tanto no Haiti quanto no Brasil, ser desvalorizado material e simbolicamente (HANDERSON e JOSEPH, 2015b).

Por mais que boa parte dos haitianos no DF pensa ficar no Brasil. Mas, por conta da decadência de status social e pelo baixo salário, há de se ponderar que alguns se frustraram quando aqui chegaram, porque esperavam encontrar melhores salários no Brasil, tal fato contribui na decisão de alguns retornarem ao Haiti ou seguirem a viagem, como é o caso de Gilbert, “*Não posso jogar fora o meu país, entendeu? Vim para cá para passar um tempo e pedir visto para um país melhor do que o Brasil*” (Junho de 2015, Brasília).

Essa ideia de retorno está ainda mais presente nos planos daqueles que deixaram bens materiais no Haiti, estes afirmam que tinham uma vida econômica razoável no país, como explicitado por Eltius,

*Por exemplo, tem muitos haitianos que vieram para cá, entendeu? Quando chegaram se arrependeram e voltaram para o Haiti e do jeito que o Wesley falou, o haitiano tem um mito na cabeça dele, tem que viajar para ser rico, para ter dinheiro. Mas tem gente que vende tudo para viajar. Por exemplo, encontrei um haitiano que falou que possuía 3 caminhonetes e alugava elas para fazer transporte público. Ganhava por semana 20.000 gourdes (moeda do Haiti) de aluguel de cada caminhonete. Colocou na cabeça que aqui no Brasil ia ser melhor, então, ele vendeu duas das caminhonetes para financiar a própria viagem. E agora está ganhando R\$ 767,00 por mês. Quando chegou aqui e viu que o salário era esse, ele chorou muito, mas ele tinha falado que iria ficar apenas três meses aqui (no Brasil) e depois iria embora (Junho de 2015, Brasília).*

Wesley mostra como o investimento para a realização da viagem e as expectativas criadas pelos viajantes estão articuladas com a propaganda que os *raketè* (agenciadores das viagens no Haiti e na República Dominicana) faziam do mundo social brasileiro,

*Tem alguns que vieram porque foram enganados por raketè que moram em Santo Domingo e que foram para o Haiti, eles falaram da seguinte forma: “Gente, tem uma viagem para o Brasil, vocês vão ser ricos”. No meu caso, no momento que eu estava vindo para cá, tinha um haitiano que estava dizendo que no Brasil você ganha por volta U\$ 3.500,00 por mês, muitos falaram isso e muitos foram enganados, quando ouviram “U\$ 3.000,00 - U\$ 4.000,00 por mês no Brasil”, eles decidiram vir (Wesley, Junho de 2015, Brasília).*

Alguns dos viajantes gastaram muito dinheiro para realizar a viagem. Esses recursos financeiros mobilizados para a realização da mesma mostram que os haitianos aqui chegados não estão entre os mais pobres do/no Haiti, tal explica Wesley,

*Tem um haitiano que gastou U\$ 9.000,00, ele fez uma primeira tentativa e mandaram ele de volta, uma segunda e mandaram de volta de novo, fez uma outra e chegou a gastar U\$ 9.000,00. No Haiti, com U\$ 9.000,00 você não é qualquer pessoa, quer dizer, você poderia fazer um bom uso desse dinheiro (Junho de 2015, Brasília).*

Como já foi observado, entre aqueles que tinham uma vida econômica superior daquela vivenciada no Brasil, alguns desses optam por voltar ao Haiti ou seguir a viagem para outros países, como França e Guiana Francesa, Estados Unidos, Canadá, são os países designados *peyi blan* no mundo social haitiano<sup>31</sup>.

Aqueles que optam por permanecer no Brasil, esses têm preferência pelo setor do trabalho formal do que o informal, mas trabalham entre 9 a 10 horas diariamente, 6 dias por semana, fazendo hora extra. Para estes, o setor do trabalho formal os dá mais segurança e garantia do que os empregadores cumprirão com o contrato, pagando pelo serviço. Além disso, segundo estes, o setor formal garante quando são demitidos ou sofrem algum acidente no trabalho que poderão ser amparados pelas leis trabalhistas brasileiras.

No entanto, interessa observar, que os dados de 2013 do *Institut Haïtien de Statistique et d’Informatique*, mostram ser o desemprego no Haiti avaliado em 35%. Dos 2.9 milhões de pessoas da população ativa, somente no setor informal há 1.9 milhão, ou seja, 64,5% desenvolvendo alguma atividade remunerada<sup>32</sup>. Já as condições econômicas do país caribenho são descritas como as “piores do mundo”. Com o terremoto de janeiro de 2010, agravou mais ainda a economia do país. Esse quadro socioeconômico também é um (não o único) dos fatores do estímulo da emigração e da mobilidade.

As palavras de Wesley iluminam essa preferência dos migrantes pelo setor formal do trabalho,

31 “*Peyi blan* é uma categoria prática possuidora de várias significações e sentidos. Em alguns casos, pode ser entendida também como *peyi etranje* (país estrangeiro), *peyi lòt bò dlo* (país além do mar). São expressas e utilizadas entre os haitianos (aqueles residentes no Haiti e no exterior) para reportar-se aos países estrangeiros industrializados e desenvolvidos economicamente, na sua grande maioria compostos por uma população branca significativa, mas não necessariamente. Além disso, principalmente, nos quais podem ganhar em *lajan diaspora*, dólar americano e euro” (HANDERSON, 2015a, p. 374).

32 <http://lenouvelliste.com/lenouvelliste/article/124222/Le-chomage-evalue-en-chiffres.html> Acessado em 15 de agosto de 2014.

*Quando a pessoa pega a sua carteira de trabalho, ela assina e faz o desconto, ela tem um valor para te dar por mês, você trabalha durante 10 dias e vai receber pelos dias trabalhados, pode ser 20 dias ou 6 meses você vai receber os dias trabalhados com os descontos, mas quando trabalha sem a carteira assinada, acho que não é uma vantagem, entendeu? Porque às vezes o cara foge, às vezes fica te devendo e se você se machucar no trabalho ninguém é responsável, porque o estado não sabe se você está trabalhando, os caras perceberam que nós não gostamos muito, não é fácil também, tem um grupo de haitianos que veio aqui e já que são pedreiros, querem que a carteira seja assinada para ganhar R\$ 1.200,00, são obrigados a trabalhar como gato, entendeu? A empresa assina a carteira, mas não é uma que o estado reconhece, é terceirizado, está prestando serviço a outra empresa, muitos fogem e conheço muita gente que sofreu esse golpe até agora não acharam ninguém para dar baixa na carteira, entendeu? Quando eu vou para uma empresa normal, viram que sua carteira está vazia, não vão assinar como especialista mas como ajudante, se eu for trabalhar como informal vou ficar de dois a três meses depois vou embora, então vou numa empresa normal, entendeu? Tem tanta gente que fala mal do trabalho informal que ninguém se interessa mais (Junho de 2015, Brasília).*

Além dessa visão crítica de os interlocutores em relação ao setor informal, alguns demonstram também, ter conhecimento de algumas leis trabalhistas brasileiras, tal como Eltius,

*Tem uma outra coisa ainda, o trabalho informal não é fácil também porque tem uma lei muito severa, o cara que pega um estrangeiro para um trabalho informal tem que pagar uma multa de mais de R\$ 25.000,00, é por isso que as empresas não querem pegar ninguém para trabalhar sem assinar a carteira, não é porque o serviço é ruim mas é porque a lei exige (Junho de 2015, Brasília).*

Segundo Abdemalek Sayad (1998), a condição do ser migrante coloca o indivíduo numa situação de aceitar o trabalho mais penoso e menos remunerado. Mas, a experiência haitiana mostra ser mais complexa essa situação, visto os haitianos reclamarem do salário e deixarem seus empregos para buscarem outros por causa de baixos salários, da precariedade e dos maus tratos nos locais de trabalho. Isto desmistifica a ideia de os migrantes serem passivos quanto aos baixos salários, ou reféns em trabalhos menos qualificados e precários.

Com o dinheiro ganho no trabalho, além de enviar remessas para a manutenção dos que ficam, alguns juntam dinheiro para adquirir bens materiais no Brasil, tal como Cenel que comprou uma casa no DF. Segundo ele, “a casa fica longe de Brasília”, mas é um investimento de um imóvel. Do ponto de vista dos viajantes, a aquisição de um imóvel, tanto no Haiti quanto no Brasil, possui um valor social e moral, ela é uma maneira de mostrar o sucesso da viagem, tal como a “casa diáspora” construída no Haiti pelos haitianos residentes no exterior.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, procurei, na primeira parte, situar a (e)migração haitiana no tempo e espaço, considerando a sua dimensão histórica e os diferentes espaços (trans)nacionais por onde os haitianos circulam e residem. Na segunda, examinei algumas questões da mobilidade haitiana no Brasil, particularmente na Tríplice Fronteira Brasil, Colômbia e Peru. Na terceira, privilegiei as dinâmicas da mobilidade haitiana em Brasília, no Distrito Federal. Nas três partes do texto, evidenciei do ponto de vista histórico e dos próprios haitianos residentes no Brasil, a maneira como a mobilidade se revela constitutiva do mundo social haitiano e dos horizontes de possibilidade dos haitianos. Mostrei como a mobilidade dos que partem contribui à imobilidade dos que ficam e vice-versa, particularmente quando aqueles em mobilidade enviam remessas para a manutenção dos que ficam ou quando



quem fica financiado a viagem dos que partem.

As configurações das mobilidades haitianas num plano global, à cuja geografia, o Brasil se integrou com mais intensidade recentemente, permite criticar etnograficamente as teorias migratórias que sustentavam a unilateralidade dos fluxos migratórios entre os “polos do sul” (países pobres) em direção aos “polos do norte” (países ricos, desenvolvidos) ou as relações binárias instauradas, inicialmente, entre os países colonizados e os seus antigos colonizadores.

A mobilidade haitiana permite refletir sobre diferentes formas migratórias. A sua dinâmica coloca em questão a problemática atual da globalização das migrações internacionais e a relação do Estado-nação com o território, tanto a nível nacional como supranacional. A mobilidade pesquisada tem múltiplas formas, dependendo da experiência de cada sujeito: 1ª – os saídos das zonas rurais do Haiti pela primeira vez; 2ª – aqueles já deslocados dentro do próprio país; 3ª – outros emigrados já fora do território nacional, vindos à Tríplice Fronteira Brasil, Colômbia e Peru ou Brasil, Bolívia e Peru. Quando decidiram realizar a viagem, residiam principalmente na República Dominicana, Chile ou Equador. Um grupo significativo não saiu do Haiti pela primeira vez.

Além dos países mencionados, alguns dos meus interlocutores já tinham residido na Guiana Francesa, nos Estados Unidos, nas Bahamas, em Guadalupe, em Grand Turck, Curaçao, entre outros. A especificidade do trabalho mostra que, em algumas ocasiões, tinham sido deportados, devido à falta de visto de residência permanente nesses locais. A meu ver, essa configuração das mobilidades internacionais haitianas, as partidas e saídas realizadas não do lugar de origem, mas sim, de um espaço internacional, modifica a abordagem dos campos migratórios que fundamentava e privilegiava o conhecimento dos fluxos de partidas desde o local de origem.

Diversos recursos espaciais são acionados e negociados para constituir o espaço da mobilidade haitiana. Tanto os lugares de chegadas quanto os de partida são múltiplos e diversos, caracterizando a noção de “multipolaridade da migração”, tal como formulada por Emmanuel Ma Mung (1992), através dos seus trabalhos com os chineses na França. Através dessa multipolaridade se estabelece a “interpolaridade das relações”. Como explicado por Ma Mung (idem, p. 187), “essas relações físicas (migração de pessoas), financeiras, comerciais, industriais se desenham e se apoiam sobre as redes de solidariedade familiares e comunitárias, de interesses econômicos e frequentemente políticos convergentes”.

---

## REFERÊNCIAS

**AUDEBERT, Cédric.** *La diaspora haïtienne: Territoires migratoires et réseaux transnationaux.* Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2012.

BASTIDE, Roger; MORIN, Françoise e RAVEAU, François. *Les Haïtiens en France.* Paris: Ed. Mouton – la Haye, 1974.

CASIMIR, Jean. *Haïti et ses elites.* L’interminable dialogue de sourds. Ed. De l’Université d’État d’Haïti (Coll. Haïti Poche), 2009.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antônio Tadeu de; TONHATI, Tânia (Orgs.). *A inserção dos*

- imigrantes no Mercado de trabalho brasileiro*. Brasília: Cadernos do Observatório das Migrações Internacionais, 2014.
- CAVALLO, Eduardo A.; POWELL, Andrew e BECERRA, Oscar. *Estimating the Direct Economic Damage of the Earthquake in Haiti*. Inter-American Development Bank, IDB Working Paper Series nº IDB-WP-163, 2010.
- DELACHET-GUILLON, Claude. *La communauté haïtienne en Ile-de-France*. Paris: L'Harmattan, 1996.
- DUBOIS, Laurent. Les réfugiés haïtiens et la politique d'immigration aux États-Unis. *Hommes et Migrations*, nº 1213, mai-juin, p. 47-59, 1998.
- FERGUSON, James. *Migration in the Caribbean: Haiti, the Dominican Republic and Beyond*. London: Minority rights group international, 2003.
- FIRMIN, Anténor. *De l'égalité des races humaines*. Anthropologie positive. Édition présentée par Jean Métellus. Québec: Mémoire d'encrier, 2005 [1885].
- HANDERSON, Joseph. *Vodu no Haiti – Candomblé no Brasil: identidades culturais e sistemas religiosos como concepções de mundo afro-latino-americano*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Diaspora*. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015a.
- HANDERSON, Joseph e JOSEPH, Rose-Myrle. “As relações de gênero, de classe e de raça: mulheres migrantes haitianas na França e no Brasil”. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, V. 9, N. 2, p. 1-33, 2015b.
- \_\_\_\_\_. *Diaspora*. Sentidos sociais e mobilidades haitianas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 43, p. 51-78, jan./jun. 2015c <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832015000100003>
- ICART, Jean-Claude. *Négriers d'eux-mêmes*. Essai sur les boat people haïtiens en Floride. Montréal: Éditions du CIDIHCA, 1987.
- \_\_\_\_\_. La communauté haïtienne de Montréal. *Haiti Tribune* do 18 de nov ao 01 de dez 2004, nº 10. [on line] <http://www.cidihca.com/haititribunemtl/HT10-PAGE4.pdf> Acessado em 24 de outubro de 2013.
- Institut Haïtien de Statistique et d'Informatique (IHSI). Enquête sur les conditions de vie en Haïti. Port-au-Prince: ECVH, 2003.
- \_\_\_\_\_. Enquête sur l'emploi et l'économie informelle (EEEI), (Phase 1), juillet, 2010.
- JACQUES, Ermitte St. Between Periphery and Center in the haitian Diaspora. In: JACKSON, Regine O. *Geographies of the Haitian Diaspora*. New York: Routledge, p. 91-110, 2011.
- LAËTHIER, Maud. *Être migrant et haïtien en Guyane*. Paris: Éditions du comité des travaux historiques et scientifiques, 2011a.
- \_\_\_\_\_. Le Surinam, passages vers la Guyane. D'un pays à l'autre dans la circulation migratoire des Haïtiens », *Cahiers de l'Urmis* [En ligne], 13 | 2011b, mis en ligne le 12 octobre 2011. Acessado em 21 de novembro de 2013. URL : <http://urmis.revues.org/951>
- LITTLE, Cherry. *Haitians deserve benefits Nicaraguans and Cubans got through legislation*. Declaração escrita não publicada apresentada à comissão do Senado sobre Imigração, no dia 17 de dezembro de 1997, em Washington D. C., 1997.
- LOGAN, Rayford W. Education in Haiti. *The Journal of Negro History*, v. 15, n.4, p. 401-460, 1930.
- Ma MUNG, Emmanuel. Dispositif économique et ressources spatiales: éléments d'une économie de diaspora. *Revue européenne des Migrations Internationales*, v. 8, n. 3, p. 175-193, 1992.
- MARCELIN, Louis HERNIS. Blood symbolism and the political habitus of violence in Haiti. In:

*American Anthropologist*, v. 114, n. 2., p. 253-266, 2012.

MARTÍNEZ, Samuel. The onion of oppression: haitians in the Dominican Republic. In: JACKSON, Regine O. *Geographies of the Haitian Diaspora*. New York: Routledge, p. 51-70, 2011.

MASSEY, Douglas S; ALARCÓN, Rafael; DURAND, Jorge e GONZÁLEZ, Humberto. *Return to Aztlan. The Social Process of International Migration from Western Mexico*. Berkeley: University of California Press, 1987.

MOÏSE, Claude (dir.). *Dictionnaire historique de la Révolution haïtienne (1789-1804)*. Montréal, CIDIHCA (Coll. Du Bicentenaire), 2003.

Organização Internacional para as Migrações (OIM). *Perfil Migratório do Brasil 2009*. Geneva: Organização Internacional para as migrações, 2010.

PIANTONI, Frédéric. *L'enjeu migratoire en Guyane française*. Matoury, Guyane: Ibis Rouge Editions, 2009.

PIMENTEL, Marília e COTINGUIBA, Geraldo Castro. Wout, raketè, fwontyè, anpil mizè: reflexões sobre os limites da alteridade em relação à imigração haitiana para o Brasil. *Universitas Relações Internacionais*, Brasília, v. 12, n. 1, p. 73 – 86, 2014.

RICHMAN, Karen. *Migration and Vodou*. Florida: University Press of Florida, 2005.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.

SILVA, Sidney Antonio da. “Aqui começa o Brasil”: Haitianos na Tríplice Fronteira e Manaus. In: SILVA, Sidney Antonio da (Orgs.). *Migrações na Pan-Amazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais*. São Paulo: Hucitec Editora, p. 300 – 321, 2012.

SIMMEL, George. Traduction française en 1999. *Sociologie. Études sur les formes de la socialisation*, Paris, PUF, 1908.

STEPICK, Alex. The refugees nobody wants: Haitians in Miami. In: GRENIER, Guillermo e STEPICK, Alex (dir.). *Miami Now! Immigration, Ethnicity and Social Change*. Gainesville: University Press of Florida, p. 57-80, 1992.

VIEIRA, Rosa. *Itinerâncias e governo: a mobilidade haitiana no Brasil*. Dissertação (mestrado) – IFCS/UFRJ/Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro, 2014.

WOODING, Bridget e MOSELEY-WILLIAMS, Richard. *Nécessaires mais indésirables. Les immigrants haïtiens et leurs descendants en République Dominicaine*. Port-au-Prince: Éditions de l'Université d'État d'Haïti, 2009.

# Haitianos no Paraná: Distinção, integração e mobilidade

Márcio de Oliveira<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

A imigração haitiana é sem dúvida a principal novidade desse início de século XXI no Brasil. Em 2010, havia 69.015 trabalhadores estrangeiros no país. Em 2014, esse número já era de 155.982, um aumento de 226%. Os imigrantes haitianos no Brasil, que eram apenas 815 em 2011, passaram para 30.484 em 2014, um aumento de 256%, bem acima do grupo que surge em segundo lugar, os colombianos, cujo aumento foi de 61% para o mesmo período, segundo dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)<sup>2</sup>. No ano de 2014, do total de 33.557 admissões no mercado de trabalho brasileiro, 17.577 eram de haitianos, de longe o grupo mais importante, bem à frente do grupo de senegaleses que apareciam em segundo lugar, com apenas 2.830 admissões, segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED)<sup>3</sup>. Em termos proporcionais, a República do Haiti aparecia ainda como o principal país em termos de Carteiras de Trabalho emitidas para estrangeiros entre 2010 e 2014, com 26% do total, sendo que apenas no ano de 2014, esse número foi ainda maior: 37% do total. O estado do Paraná conheceu, proporcionalmente, crescimento no número de trabalhadores estrangeiros ainda maior do que aquele observado no país como um todo. Em 2010 havia 3.660 trabalhadores estrangeiros no estado. Em 2014, esse número havia saltado para 9.731, um aumento de 265,8%. Em 2011, havia no Paraná apenas 6 haitianos com vínculo formal de trabalho. Em 2012, eram 778 em 2012, 3.221 em 2013, alcançando 6.647 em 2014, um aumento de mais de 1.774 vezes em apenas 4 anos!<sup>4</sup>

A presença de haitianos despertou o interesse de bom número de pesquisadores. Em suas pesquisas, esses pesquisadores passaram a examinar de perto tanto a origem desse fluxo migratório quanto as condições de vida e trabalho encontradas no Brasil, além de estudos sobre temas diversos como, por exemplo, a história do Haiti e sua relação com as potências coloniais (França e EUA), ou ainda sobre aspectos específicos da cultura haitiana, tais como as questões linguística e religiosa (VALLER FILHO, 2007; RODRIGUES, 2008; ROSA, 2010; CONTIGUIBA e PIMENTEL, 2012; 2015; CAISSE, 2012; COSTA, 2012; CAFFEU e CUTTI, 2012; LOQUIDOR, 2013; ZEFERINO, 2014; CASTRO e FERNANDES, 2014; PERES, 2015).

Esses trabalhos, embora comprovem a consolidação do campo de estudos, não o esgotam. Os dados relativos aos custos do trajeto migratório ao Brasil e o perfil socioeconômico dos migrantes residentes em diversas cidades brasileiras, segundo pesquisa coordenada por Peres (2015), indicam preliminarmente que estamos diante de grupo específico e distinto do padrão corrente da sociedade haitiana<sup>5</sup>. De maneira geral, apresentam grau de escolaridade e renda maior do que a média do cidadão haitiano. Contudo, não há ainda estudo específico que tenha examinado o quão distinto é esse grupo. Não há tão pouco estudo que tenha buscado relacionar as características socioeconômicas dos imigrantes haitianos ao conjunto de suas práticas sociais, tais como suas atividades de integração

1 Professor Titular de Sociologia da Universidade Federal do Paraná (Brasil). A pesquisa de campo contou com a participação dos pesquisadores Bruna Singh, Douglas Marques e Tamara Zazéra Resende.

2 Os dados estão disponíveis em [www.rais.gov.br](http://www.rais.gov.br)

3 Os dados estão disponíveis em [www.trabalho.gov.br/delegacias/pr/cadastro-geral-de-empregados-e-desempregados-caged](http://www.trabalho.gov.br/delegacias/pr/cadastro-geral-de-empregados-e-desempregados-caged)

4 Dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), Cadastro Anual de Empregado e Desempregado e Carteira de Trabalho em CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; TONHATI, T.; DUTRA, D. (orgs.) *A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro*. Relatório Anual 2015. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho e Previdência Social/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, Disponível em <http://acesso.mte.gov.br/obmigra/>

5 Analisamos abaixo os dados colhidos pela pesquisa nacional coordenada por Peres (2015).

(formas de organização social, lazer, práticas culturais e religiosas, etc.), ou ainda suas expectativas, seja em relação à sociedade brasileira em geral, seja em relação ao desejo de permanecer definitivamente no Brasil. O trabalho aqui apresentado tenta suprir essa lacuna, utilizando como referencial teórico, a teoria da ação proposta por Pierre Bourdieu (1930-2002). Segundo Bourdieu (1979; 2000), estruturas sociais e *habitus* (as disposições de classe) influenciam as estratégias dos atores, sejam eles migrantes ou não. É de se supor assim que tanto as práticas sociais e culturais quanto a capacidade de integração desse imigrante haitiano residindo hoje no Brasil devem revelar aspectos dessas estruturas e desses *habitus* de classe. Através da análise de um grupo de haitianos residindo no estado do Paraná, relacionamos *habitus*, estruturas e estratégias. Concretamente, procuramos identificar características econômicas e culturais distintivas, relacionando-as em seguida às práticas integradoras e às perspectivas futuras a partir de uma série de dados colhidos em entrevistas.

As análises apresentadas aqui dizem respeito à pesquisa realizada nas cidades de Curitiba e Londrina (estado do Paraná) entre os meses de julho e setembro de 2015. Foram entrevistados 33 imigrantes haitianos, sendo 24 homens e 9 mulheres, com idade média de 30 anos, entre casados e solteiros, com ou sem filhos<sup>6</sup>, como apresentado abaixo (quadro 1).

**Quadro 1 – Haitianos entrevistados por sexo e estado civil.**

Sexo	Nº	Estado Civil				Média de Idade
		Casado	Solteiro	Separado	com filhos*	
H	24	5	18	1	10	32,4
M	9	7	2	-	8	29,3
<b>TOTAL</b>	<b>33</b>	<b>12</b>	<b>20</b>	<b>1</b>	<b>18</b>	<b>30,8</b>

Fonte: Pesquisa de campo

\*Quatro homens solteiros declararam ter filhos que ficaram no Haiti

## HAITIANOS NO PARANÁ: RAÍZES

A importância atual de imigrantes no chamado *Brasil Meridional* (estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) parece resgatar o papel que essa região desempenhou na história da imigração para o Brasil<sup>7</sup>, como se pode ver no quadro abaixo.

**Quadro 2 - População Estrangeira No Brasil Meridional (BM), 1900-1920**

Ano/Estado	1900	1920
<b>São Paulo</b>		
<b>População total</b>	2.282.279	4.592.188
<b>Pop estrangeira</b>	529.187	833.709
<b>Pop estrangeira/Pop total (%)</b>	<b>23,18</b>	<b>18,15</b>
<b>Pop estrangeira SP /Pop estrangeira Brasil (%)</b>	41,37	52,42

6 Segundo dados da RAIS (2014), há no Paraná 6.647 trabalhadores haitianos com vínculo formal, sendo 5.298 homens e 1.349 mulheres. 5650 deles (85%) tem idade variando entre 20 e 40 anos.

7 Em 1913, o Brasil está dividido em cinco 'brasis', a saber: Brasil Setentrional, Brasil Norte-Oriental, Brasil Central, Brasil Oriental e Brasil Meridional. O estado de São Paulo fazia parte então do Brasil Meridional. Esta divisão durou até 1942, quando os antigos 'brasis' foram transformados em 7 regiões. Mas em 1970, nova mudança para as atuais 5 regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Em relação a 1913, duas grandes diferenças: a passagem do estado de São Paulo do então Brasil Meridional para a atual Região Sudeste e a passagem do estado da Bahia que estava no Brasil Oriental para a atual Região Nordeste.

Ano/Estado	1900	1920
<b>Paraná</b>		
População total	327.136	685.711
Pop estrangeira	45.134	63.110
Pop estrangeira/Pop total (%)	<b>13,79</b>	<b>9,20</b>
Pop estrangeira Pr /Pop estrangeira Brasil(%)	3,52	3,97
<b>Santa Catarina</b>		
População total	320.289	668.743
Pop estrangeira	32.146	32.138
Pop estrangeira/Pop total (%)	<b>10,03</b>	<b>4,80</b>
Pop estrangeira SC /Pop estrangeira Brasil (%)	2,51	2,02
<b>Rio Grande do Sul</b>		
População total	1.149.070	2.182.713
Pop estrangeira	140.854	154.623
Pop estrangeira/Pop total (%)	<b>12,25</b>	<b>7,08</b>
Pop estrangeira RS /Pop estrangeira Brasil (%)	11,01	9,72
Pop estrangeira Brasil Meridional	747.321	1.083.580
Pop estrangeira total	1.279.063	1.590.378
Pop estrangeira BM/Pop estrangeira Brasil (%)	<b>58,41</b>	<b>70,13</b>
Brasil (pop total)	17.318.556	30.635.605
Pop estrangeira Brasil/Pop total Brasil (%)	<b>7,38</b>	<b>5,19</b>

Fonte: Realizado pelo autor a partir de dados do IBGE (1900-1920).

O quadro histórico acima mostra que a população de estrangeiros em cada um dos estados da região sul era maior do que 10% da população total em 1900. Esse percentual decaiu em 1920 devido, entre outros fatores, a naturalização forçada prevista em lei<sup>8</sup>. Em que pese isso, a proporção de estrangeiros no Brasil Meridional cresceu nas duas primeiras décadas do século XX. Era de pouco mais de 50% do total em 1900, mas ultrapassou 70% em 1920, em uma região cuja superfície é de aproximadamente 800.000 km<sup>2</sup>, ou seja, menos de 10% do território nacional. Em resumo, em 1920, 7 em cada 10 estrangeiros – cálculo que excluía filhos e netos de imigrantes e de estrangeiros naturalizados – residia em algum estado do sul do Brasil, o que permite afirmar que a imigração no Brasil foi um fenômeno bem mais regional do que se imagina.

A imigração atual, tal como a imigração histórica, não se encontra dispersa em território nacional de forma homogênea. Em 2011, 1.459.433 estrangeiros residiam no Brasil. O estado de São Paulo abrigava praticamente a metade deles, com 749.932 estrangeiros ou 51,32% desse total. O estado do Rio de Janeiro aparecia em segundo lugar, com 302.317 (20,71%) enquanto que o estado do Paraná, com 74.470 estrangeiros, surgia na terceira posição em números absolutos, com 5,1% desse total. Em sentido inverso, apenas 135.572 estrangeiros, ou 9,28%, residiam nas regiões norte e nordeste do Brasil. Ontem como hoje, a maior parte dos imigrantes concentra-se nos estados das regiões sudeste e sul, ou seja, no Brasil Meridional de outrora acrescido dos estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo. Tendo em vista esses dados, seria possível comparar os atuais fluxos migratórios

8 Com efeito, a partir de 1902, o Decreto nº 904 (12/11/1902), regulamentou a naturalização dos estrangeiros. Em seu artigo primeiro, considerou brasileiros todos os nascidos no Brasil mesmo que de pais estrangeiros e, no seu artigo quarto, todos aqueles que não haviam declarado, até 24 de agosto de 1891, o “ânimo de conservar a nacionalidade de origem [...]”. Assim dispondo, esse decreto findou por naturalizar à revelia e diminuiu o número de estrangeiros no país. Ver Lotti (2001: 487-489).

ou o perfil dos atuais migrantes àqueles do passado?

Historicamente, a imigração que se dirigiu ao estado de São Paulo situa-se no interior da “crise do Brasil rural”, cujo ápice foi a substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre nas fazendas de café (MARTINS, 1973). Não obstante esse fato, ela não se limitou aos espaços rurais. Bertanha (1999), Biondi (2010) e Hall (2010) afirmam que o movimento operário brasileiro que se desenvolveu na cidade de São Paulo nas duas primeiras décadas do século XX foi claramente um produto da imigração italiana. Por outro lado, a imigração alemã, polonesa e mesmo parte da imigração italiana que se dirigiu para os outros estados do sul do Brasil não manteve relações diretas com a crise do café ou com o fim da escravidão. Italianos, alemães, espanhóis, poloneses ou ucranianos que se estabeleceram no sul do Brasil foram atraídos pela oferta de terras e pela esperança de tornarem-se proprietários rurais. Ao final dos anos 1930, os imigrantes atraídos, pelos diversos mecanismos oficiais, aqueles camponeses europeus preferencialmente católicos, ditos “brancos, camponeses e resignados”, haviam contribuído na transformação da estrutura econômica, social e fundiária desses estados, além de terem literalmente criado novos povoados urbanos ou migrado para suas capitais, como foi o caso do Paraná.

O presidente do Paraná entre 1875 e 1877, Lamenha Lins (1845-1881), estabeleceu como política de incentivo à imigração o apoio financeiro a cada imigrante, além de ter conduzido o processo de organização de diversas colônias agrícolas, nos arredores da cidade de Curitiba. Tendo por lastro experiências pouco exitosas de instalação de imigrantes em regiões distantes das áreas mais povoadas, seu objetivo foi aproximar a nova comunidade de imigrantes e sua produção dos centros consumidores, com o claro objetivo de estancar a crise alimentícia de então. Assim fazendo, conseguiu direcionar ao estado pequena parte dos grandes fluxos migratórios na virada dos séculos XIX ao XX. Até o ano de 1911, aproximadamente 83 mil imigrantes europeus adentram ao estado, instalando-se em colônias mantidas tanto pelo governo federal quanto pelo governo local, fenômeno similar ao ocorrido nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

A concentração atual de estrangeiros nas regiões sul e sudeste não apresenta paralelo algum com aquela imigração histórica. Se os fatores de expulsão, hoje como ontem, continuam a explicar a saída de cidadãos de seus próprios países, a escolha do Brasil como destino migratório pouca ou nenhuma relação guarda com os fatores históricos. O Brasil não é mais um país despovoado, não padece de crise alimentícia, nem é necessariamente atrativo para imigrantes. Além disso, não há hoje nenhum tipo de estímulo (estadual ou federal) aos imigrantes. Porém, se a realidade brasileira e sua política migratória modificaram-se radicalmente em um século, o mesmo não pode ser dito do projeto que anima os imigrantes. Os haitianos entrevistados declararam de forma unânime que a emigração tem origem na situação social e econômica do Haiti assim como a imigração histórica foi provocada por fatores internos aos países europeus e asiáticos. Num e noutro caso, são os fatores de expulsão que explicam a partida.

O Haiti apresenta, ainda, um fator socioeconômico e cultural estrutural: a representação bastante disseminada no seio de sua sociedade, sobre os impasses do país em relação a seu futuro. “*O Haiti é um país que anda para trás! Eu diria que todos os jovens haitianos querem sair do Haiti*” (Entrevistado nº 27, Mulher, 28 anos, Ensino Médio completo, 1,5 anos no Brasil, cuidadora). “*Não há perspectiva no Haiti. Queria ganhar muito dinheiro*” (Entrevistado nº 26, Homem, 32 anos, Ensino Médio completo, 6 meses no Brasil, eletricitista). Além das questões cultural e econômica que se misturam, problemas de segurança pública e a instabilidade política foram também evocados como razões de partida. A destituição do presidente do Haiti, a coordenação brasileira da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH)<sup>9</sup>, o “visto humanitário” concedido pelo governo brasileiro (sobre o qual retornamos abaixo), a rota latino-americana que se abriu nos últimos anos (a possibilidade de migrar para Argentina ou Chile a partir do Brasil), todos esses fatores se somaram à restrição das possibilidades de emigração para a França, EUA e Canadá, fatos que também foram evocados como outras causas de partida, especialmente para o Brasil.

<sup>9</sup> A MINUSTAH foi criada por Resolução do Conselho de Segurança da ONU, em fevereiro 2004, para restabelecer a segurança e normalidade institucional do país após sucessivos episódios de turbulência política e violência, que culminaram com a partida do então presidente, Jean Bertrand Aristide, para o exílio (Ministério da defesa, disponível em <http://www.defesa.gov.br/relacoes-internacionais/missoes-de-paz/o-brasil-na-minustah-haiti>. Acesso em 27/02/2016)

Resumidamente, a falta de trabalho e/ou de perspectivas futuras é a principal causa da partida. Contudo, a possibilidade de continuar estudando ou mesmo matricular-se em algum curso superior no Brasil foi declarada em diversas oportunidades, revelando, aqui também, o alto capital escolar dos entrevistados. “*Eu morava na República Dominicana há seis anos. Eu estudava [...] Eu saí porque achei que eu ia conseguir estudar, que ia ser melhor.*” (Entrevistada nº 19, Mulher, Ensino Médio incompleto, 7 meses no Brasil, faxineira). “*Eu decidi mudar porque quero outra experiência. Queria fazer um mestrado em comunicação, tudo isso.*” (Entrevistado nº 12, Homem, 27 anos, Ensino Superior completo, 1 ano e 7 meses no Brasil, garçom). De maneira geral, portanto, os entrevistados afirmaram que no Haiti há escolas, públicas ou particulares, até o Ensino Médio, mas não há garantia de bons empregos e salários condizentes para os mais escolarizados.

O impacto do terremoto<sup>10</sup> foi importante, por vezes decisivo na decisão de migrar, mas não necessariamente o principal fator, inclusive porque ele não atingiu o país como um todo nem com a mesma intensidade. “*Lembro bem do terremoto, mas não foi a causa da migração*” (Entrevistado nº 29, Homem, 22 anos, Ensino Médio completo, 2 anos no Brasil, promotor de vendas). “*Para mim não porque venho de Gonaíves e lá o problema principal são as enchentes*” (Entrevistado nº 7, Homem, 26 anos, Ensino Médio completo, 1 ano e 2 meses no Brasil, lixador). De fato, todos os haitianos entrevistados que vieram da cidade de Gonaíves, de maneira unânime, fizeram referências às enchentes que tradicionalmente assolavam a cidade, como principal razão de partida<sup>11</sup>.

A busca de trabalho e de melhores condições de vida está na origem das migrações e, em 100% dos entrevistados, é a principal razão evocada. Partir parece uma questão de tempo e de oportunidade, embora seja também uma decisão que amadurece ou que surge, como foi o caso do Brasil. Cabe entender, assim, como essa razão principal combina-se com outras, pontuais e individualmente importantes, como o incentivo de algum familiar somado à existência de recursos próprios ou familiares, o que as transforma no fator decisivo da escolha do momento da migração. “*Foi meu irmão que falou para eu vir para o Brasil. [Ele] morava nos Estados Unidos. [...] mandou dinheiro para eu vir.*” (Entrevistado nº 18, Homem, 30 anos, Ensino Médio incompleto, 1 ano 4 meses no Brasil, diarista em marmoraria). “*Era a minha vez, minha irmã mora na França, já tinha saído. Queria ir para lá, mas não deu.*” (Entrevistado nº 27, Mulher, 28 anos, Ensino Médio completo, 1,5 anos no Brasil, cuidadora).

Os dados colhidos nas entrevistas confirmam que migrar é, efetivamente, um elemento estrutural na sociedade haitiana. Trata-se, porém, de prática social que se atualiza e/ou se intensifica ao sabor de acontecimentos circunstanciais. Segundo Handerson (2015), diversos são os termos em língua *créole* para descrever todos os tipos de migrantes e suas atitudes correntes, tais como migrar para enviar recursos ao país, migrar, mas não (conseguir) enviar, migrar par retornar, etc. Em nenhum caso entrevistado, porém, o Brasil foi apresentado como o primeiro destino de migração. Por ordem de prioridade, os haitianos pensam em migrar para os Estados Unidos, para o Canadá ou para a França. A possibilidade de migrar para o Brasil surgia apenas após as frustradas tentativas de migrar para esses países. Como então surgiu o destino Brasil? “*Ouvi falar do Brasil através de amigos na República Dominicana.*” (Entrevistado nº 23, Homem, 35 anos, Ensino Fundamental completo, 1,5 anos no Brasil, pedreiro diarista). “*Eu nunca tinha pensado em vir para o Brasil, mas meu objetivo era estudar em um país de economia forte, como o Brasil, os Estados Unidos ou o Canadá.*” (Entrevistado nº 11, Homem, 29 anos, formado em direito, 2 anos no Brasil, garçom)<sup>12</sup>. “*Porque o país dava visto e abriu suas fronteiras, permitindo o trabalho legal. Um país que dá visto de trabalho deve ser um país rico.*” (Entrevistado nº 29, Homem, 22 anos, Ensino Médio Completo, 2 anos no Brasil, promotor de vendas). “*Antes de migrar, sabia do acordo do Haiti com o Brasil, sabia que poderia ter visto, que os haitianos migram sem problemas.*” (Entrevistado nº 33, Homem, 39 anos, Ensino Médio completo, 1 ano e 3 meses no Brasil, vendedor). “*Ouvi falar de várias pessoas que o Brasil era um bom país para conseguir emprego e trabalhar.*” (Entrevistado nº 5, Homem, 47 anos,

10 O terremoto não modificou a posição dos EUA e da França, que não recusaram o status de refugiados demandado pelos haitianos, ao contrário do Brasil. De certa forma, portanto, o terremoto colocou o Brasil na rota das migrações haitianas. Ver ainda Godoy (2011), Thomaz (2013), Pinto (2014) e Zeferino (2014).

11 Como mostramos abaixo, a variedade de razões para a migração explica-se também pelo perfil socioeconômico dos entrevistados, em especial pelo alto grau de escolaridade.

12 Esse entrevistado segue o curso de Pedagogia na Universidade Federal do Paraná, recebendo ainda uma *bolsa-permanência* no valor de R\$ 400,00/mês.



Ensino Médio incompleto, 1 ano e 3 meses no Brasil, pedreiro). As respostas revelaram a importância, no projeto migratório, da educação e da riqueza presumidas do Brasil, que se somaram às condições legais oferecidas. Migrar para o Brasil parece assim ter sido uma oportunidade surgida de forma imprevista, mas que atingiu, sobretudo, indivíduos que já possuíam médio ou elevado capital cultural e/ou educacional, certo conhecimento migracional (próprio ou familiar). Esses indivíduos pensavam a migração como projeto pessoal de ascensão econômica, fato que confirma suas características de distinção social.

O incentivo legal criado pelo governo brasileiro não produziu o fluxo migratório haitiano para o Brasil, mas foi decisivo para seu crescimento, como mostram os dados apresentados na introdução desse livro. Em janeiro de 2012, através da Resolução nº 97, o Conselho Nacional de Imigração (CNIg) criou o chamado “visto humanitário”, cujo objetivo foi admitir a entrada de imigrantes haitianos no Brasil. Permitindo-lhes trabalhar legalmente, alegou-se então que o país não poderia “dar as costas” ao Haiti<sup>13</sup>. As razões dos imigrantes oscilaram entre o pouco conhecimento e a crença na potencialidade do país, passando pelo imprevisível jogo amistoso que a seleção brasileira de futebol disputou em Port-au-Prince, em agosto de 2004<sup>14</sup>. Tudo isso encontrou terreno fértil no estrutural desejo de progresso individual, via emigração.

A escolha de Curitiba como destino migratório ocorreu uma vez no Brasil e foi motivada pela presença de amigos ou parentes trabalhando na cidade. “*Tinha amigos que já estavam aqui, falavam que tinha emprego.*” (Entrevistado nº 25, Mulher, 36 anos, Ensino Fundamental completo, 2 anos no Brasil, cozinheira). “*Amigos disseram para ir para Curitiba.*” (Entrevistado nº 31, Homem, 39 anos, Ensino Fundamental incompleto, 1,6 anos no Brasil, empacotador). “*Havia vários membros da minha família aqui no Brasil, Curitiba. Todos falavam bem do Brasil.*” (Entrevistado nº 28, Homem, 30 anos, Ensino Médio incompleto, 2 anos e 2 meses no Brasil, desempregado).

Em alguns casos, a escolha de Curitiba foi motivada pela presença de padres ou outros representantes da Pastoral do Imigrante nas cidades de Rio Branco (AC) ou Manaus (AM), portas de entrada de muitos migrantes. Com efeito, através de contatos com outras pastorais das regiões sudeste e sul, esses representantes incentivaram a migração para o sudeste e sul do Brasil, onde, segundo eles, havia maior oferta de postos de trabalho e também onde havia sedes da pastoral do migrante às quais eles poderiam se dirigir em busca de acolhimento e ajudas diversas<sup>15</sup>. No caso de Curitiba, enfim, pesou o quase inexistente desemprego na cidade à época, impulsionado pelas obras relacionadas à Copa do Mundo e ao nível de atividades da economia local<sup>16</sup>.

Concluindo, seja na migração histórica, seja na atual, são os fatores locais de atração que direcionam o fluxo: no passado, a oferta de terras e trabalho; no presente, a crença na oferta de postos de trabalho bem remunerados e a possibilidade de estudos. O sucesso do projeto migratório, contudo, parece ser o resultado de um concurso de circunstâncias nos quais os tipos de capitais já adquiridos têm forte impacto, como veremos mais tarde.

---

## HABILIDADES LINGUÍSTICAS E GRAU DE ESCOLARIDADE: A DISTINÇÃO

13 A validade inicial dessa resolução foi de 2 anos, mas o visto foi prorrogado por mais 12 meses ainda em 2013. A validade expirou em outubro de 2015 e o visto foi novamente renovado por mais 12 meses.

14 Esse jogo ficou conhecido como o “jogo da paz” porque deveria marcar uma grande campanha pelo desarmamento no país.

15 A Pastoral do Migrante em Curitiba, conforme verificado na pesquisa de campo, recebe diariamente em torno de duas dezenas de haitianos em busca de emprego. Concentra a maior parte de oferta de postos de trabalho, não apenas do Paraná, mas também de várias cidades de Santa Catarina. Além disso, presta serviços de assistência jurídica e atua como fiador na locação de imóveis. Conta ainda com último fator de atração de imigrantes haitianos: é coordenada por um padre haitiano.

16 Segundo dados da PNAD (continua/IBGE), no ano de 2014, a taxa de desemprego na cidade girou em torno de 3,5% enquanto que a média nacional era de 6,2%. Ao final de 2015, a taxa havia subido para 6,5% enquanto que a média nacional estava em 8,9%. A Região Metropolitana de Curitiba apresentava taxas levemente inferiores, com 3,1% em 2014 e 6,1% em 12/2015. Note-se ainda que, segundo dados do IBGE para 2013, Curitiba era a 5ª cidade mais rica do Brasil em termos absolutos e a 11ª em renda per capita.

---

No clássico “A Distinção”, Pierre Bourdieu (1930-2002) afirmou:

Contra a ideologia carismática segundo a qual os gostos, em matéria de cultura legítima, são considerados um dom da natureza, a observação científica mostra que as necessidades culturais são o produto da educação: a pesquisa estabelece que todas as práticas culturais (frequência dos museus, concertos, exposições, leituras, etc.) e as preferências em matéria de literatura, pintura ou música, estão estreitamente associadas ao nível de instrução (avaliado pelo diploma escolar ou pelo número de anos de estudo) e, secundariamente, à origem social<sup>1</sup>. (BOURDIEU, 2006, p.9).

Se, como afirmou o sociólogo francês, as preferências culturais estão associadas “ao nível de instrução e à origem social”, poder-se-ia deduzir que as práticas sociais dos imigrantes haitianos no Brasil mantém correspondência com o capital escolar adquirido antes de migrar e com o perfil socioeconômico de cada um deles.<sup>17</sup> Vejamos.

---

## HABILIDADES LINGUÍSTICAS

A língua corrente da grande maioria da população haitiana é o *créole* (BENTOLILA, 1981; CAISSE, 2012). A totalidade da população haitiana fala *créole* enquanto que apenas os escolarizados apresentam algum grau (pequeno ou elevado) de conhecimento da língua francesa. Dados de 1981 revelam que somente de 15 a 20% da população falava o francês, o que correspondia aos indicadores de escolarização básica ou elementar, apesar do esforço realizado pela Reforma Besnard<sup>18</sup>.

O aprendizado do francês é função da permanência nos bancos escolares. Contudo, o grau de escolaridade não reflete necessariamente o grau de conhecimento da língua francesa, por duas razões. Primeiro porque a língua corrente utilizada no seio das famílias ou nas conversas informais continua sendo o *créole*. Em função da organização do sistema de ensino, falar uma segunda língua, no caso o francês, é prova quase incontestada de escolarização formal. Segundo, porque ter sido alfabetizado em francês e/ou cursado algumas séries do Ensino Médio não significa necessariamente dominá-lo. Isso depende, sobretudo, da necessidade profissional ou do interesse em realizar estudos superiores, seja no Haiti, seja em algum outro país francófono. Em resumo, embora as informações públicas no Haiti, país oficialmente bilíngue, estejam sempre escritas nas duas línguas, ao final dos ciclos escolares, o uso do francês diminui ou acaba totalmente.

O domínio do francês é tanto uma oportunidade de ascensão quanto uma forma de distinção social: abre as portas do universo escrito e da escolarização superior. De toda a imprensa haitiana, apenas dois jornais são editados em *créole*. Nas universidades, os conteúdos são dispensados em francês, assim como nas universidades francesas, que acolhem estudantes haitianos. O uso da língua francesa tornou-se mesmo um claro sinal de distinção social: “*Em nossa família, nós, os irmãos, falávamos em francês em casa para nos distinguir, em nosso bairro, mesmo que todos [no bairro] soubessem que nossa família tinha elevado grau de escolarização. Mas é melhor falar bem créole do que falar mal francês.*” (Entrevistado nº 22, Homem, 26 anos, universitário, 10 meses no Brasil, garçom). Em resumo, falar francês distingue. É o elemento que indica ascensão social e, na maior parte dos casos, econômica.

Por outro lado, o conhecimento da língua espanhola é consequência do percurso migratório: todos os que falam espanhol, além de francês e *créole*, haviam migrado para a República Dominicana (8 dentre os 10 casos observados). Enfim, o conhecimento do inglês parece igualmente funcionar como forma de distinção, como elemento de

---

<sup>17</sup> É o que Bourdieu (2000: 256) chama de “Teoria da prática ou, mais exatamente, do modo de geração das práticas.”

<sup>18</sup> Desde a Reforma Besnard, 1975-1977, o *créole* tornou oficialmente, ao lado do francês, língua de aprendizagem nos 5 primeiros anos. Contudo, 10 anos após sua implantação, 90% dos professores não compreendiam o crioulo escrito. Além disso, nas escolas, faltavam material didático de apoio, livros, etc.

empregabilidade e, eis a hipótese, como capital de mobilidade. Todos os que declaram falar inglês pretendiam inicialmente migrar para os Estados Unidos ou para o Canadá.

No universo pesquisado, afora as línguas francesa, espanhola e inglesa, excluindo desse cômputo a língua portuguesa, não houve menção a nenhuma outra língua estrangeira falada ou compreendida (Quadro 3).

**Quadro 3 – Haitianos segundo a Habilidade Linguística.**

Língua/ Sexo	Apenas o Créole	Cr e Fr	Cr e Esp	Cr, Fr e Esp	Cr, Fr e Ingl*	Cr, Fr, Esp e Ingl	TOTAL
H	1	9	1	7	2	4	24
M	-	6	-	3	-	-	09
<b>TOTAL</b>	<b>1</b>	<b>15</b>	<b>1</b>	<b>10</b>	<b>2</b>	<b>4</b>	<b>33</b>

Fonte: Pesquisa de campo

\*Desses dois casos, um declarou ainda conhecer um pouco de latim.

Em síntese, considerando que i) 60% da população haitiana é iletrada, ii) apenas 20% das crianças em idade escolar estão efetivamente matriculadas e, iii) o ensino público atende apenas a 20% da população, o grupo pesquisado (apenas um dos entrevistados não dominava outra língua além do *créole*), pode ser considerado um grupo oriundo dos estratos mais elevados da sociedade haitiana e detentor de elevado capital escolar.

#### Escolaridade

O grau de escolaridade explica inteiramente o conhecimento, ainda que parcial, da língua francesa e, por vezes, o conhecimento da língua inglesa também. O caso do espanhol, como dito, é fruto de migrações anteriores. Contudo, em termos de capital escolar *stricto sensu*, encontramos grande variedade no universo pesquisado, conforme mostrado abaixo (Quadro 4).

**Quadro 4 – Haitianos, segundo grau de escolaridade**

Grau Escol/ Iletrado	Ensino Funda comp/ incom*	Ensino Médio Incom	Ensino Médio Compl	Ensino Médio comp + Form. Técnica	Ensino Sup. Incompl	Ensino Sup. Compl	Total
H	3	4	7	3**	2	4	24
M	-	3	4	1	-	1	09
<b>Total</b>	<b>3</b>	<b>7</b>	<b>11</b>	<b>4</b>	<b>2</b>	<b>5</b>	<b>33***</b>

Fonte: Pesquisa de campo

\*Desses três casos, dois declararam ter cursado integralmente o Ensino Fundamental.

\*\*Fizeram curso técnico no Brasil.

\*\*\* Quatro de nossos entrevistados estavam cursando o curso de português oferecido pela UFPR.

No grupo pesquisado, 22 entrevistados afirmaram ter pelo menos o Ensino Médio completo. Cinco deles concluíram o ensino superior. “100% dos haitianos que vivem em Curitiba e região são classe média”. (Entrevistado nº 22, Homem, 26 anos, universitário, 10 meses no Brasil, garçom). A afirmação parece confirmar os dados escolares e a habilidade linguística. Soa condizente também com o custo do deslocamento até o Brasil: cerca de US\$ 2 mil.

A falta de empregos no Haiti foi a resposta geral, com algumas nuances. Não há empregos no Haiti e quando há, não são bem pagos. Localmente, para sobreviver, os haitianos se valem das estratégias clássicas: pequenos trabalhos sazonais, serviços diversos, venda de artigos em lugares públicos, ajuda de parentes, etc. O tipo e nível da atividade econômica

no Haiti faz com que o projeto migratório seja considerado sempre uma possibilidade necessária. Como a grande maioria de nossos entrevistados iniciou e/ou concluiu o ciclo médio, a mais importante razão que os levaram a não prosseguir os estudos após essa fase está na falta de empregos condizentes à formação. Migrar parece ter se tornado assim uma opção que se consolida ano a ano quanto maior é o grau de escolaridade. A escolarização é um incentivo à migração e não o contrário, o que explica a perfil socioeconômico do universo pesquisado. Três haitianos, hoje regularmente matriculados nos cursos de Matemática, Administração e Direito da Universidade Federal do Paraná (UFPR), confirmaram isso. A entrada em uma universidade pública e a possibilidade eventual de obtenção de uma bolsa – em qualquer das modalidades previstas, bolsa-trabalho, bolsa-permanência, etc. – é real. Um haitiano empregado que receba ainda R\$ 400,00 por mês como bolsista não apenas se beneficia individualmente, mas envia uma mensagem extremamente positiva à comunidade: é possível estudar gratuitamente no Brasil e mesmo ser pago por isso!

Além dos cursos universitários, três outros entrevistados afirmaram ter feito cursos técnicos de curta duração no Brasil oferecidos pelo “Sistema S”, a saber: curso de porteiro (o que resultou em sua contratação como porteiro de um edifício residencial), curso de vendedor de imóveis (trabalhando como autônomo) e curso de garçom (o que também resultou em contratação, mas não em diferença salarial). Em cada um desses casos, saliente-se tanto a obtenção da informação quanto a efetiva realização dos cursos são práticas sociais que correspondem ao perfil socioeconômico elevado do universo pesquisado.

## MERCADO DE TRABALHO

Comparando o perfil socioeconômico do grupo pesquisado com os dados nacionais colhidos por Peres (2015), observamos grande semelhança: 82,5% dos efetivamente pesquisados declaram 8 ou mais anos de estudo contra 87,8% em nosso universo. Isso demonstra que o universo pesquisado é coerente com o conjunto dos haitianos hoje residentes no Brasil. Demonstra ainda que, efetivamente, trata-se de grupo distinto socialmente falando. Contudo, em termos de mercado de trabalho, esse elevado capital cultural tende a não se materializar.

### Quadro 5 – Haitianos empregados e desempregados

	Empregado*	Desempregado atualmente já tendo trabalhado regularmente	Total
Homem	20	4	24
Mulher	07	1	09
<b>Total</b>	<b>28</b>	<b>5</b>	<b>33</b>

Fonte: Pesquisa de campo

\*No conjunto dos empregados, cinco afirmaram que estão realizando serviços temporários de forma autônoma ou em arranjos trabalhistas não declarados.

O número de haitianos atualmente desempregados foi proporcionalmente importante: cinco (15%) em um grupo de 33 indivíduos. Esse número é ainda mais elevado na pesquisa de Peres (2015): 29,7%. Todos os haitianos empregados e registrados ganham em torno de R\$ 1.000,00 líquido (R\$ 980,00 a R\$ 1.100,00), exatamente os mesmos valores da média nacional<sup>19</sup>. Há, porém, salários que variam de R\$ 700,00 por mês (portanto, inferior ao

<sup>19</sup> Segundo dados do CAGED (2014), a média salarial dos estrangeiros no Brasil era, em 2014, de R\$ 1001,00 por mês.

mínimo regional, no caso dos diaristas sem registro legal em carteira de trabalho), até os casos da indústria onde foram declarados salários entre R\$ 1,7 mil e R\$ 2,5 mil, incluindo aí as horas-extra.

Em relação aos tipos de trabalho do grupo pesquisado por ramo de atividade, temos a situação seguinte (Quadro 6).

**Quadro 6 – Haitianos empregados por ramo de atividade**

Ramo de ativid.	Garçons de restaurantes	Indústria e Constr. Civil	Comércio e vendas	Serviços em geral	Total
Homem	4	8	3	6	21
Mulher	-	1	-	6	07
Total	4	9	3	12	28*
Total (%)	12,12	27,27	9,09	36,36	

Fonte: Pesquisa de campo

\*Do total de 33 entrevistados, excluímos os 6 que estavam desempregados no momento da entrevista.

Em relação aos principais ramos de atividades, Peres (2015) apresenta o quadro seguinte.

**Quadro 7 – Haitianos captados em pesquisa segundo o ramo de atividade no Brasil**

Ramo de atividade	N	%
Indústria	24	8,6
Comércio	45	16,1
Prestação de serviços	57	20,4
Construção Civil	49	17,6
Limpeza Pública	3	1,1
Estudante	14	5,0
Desempregado	83	29,7
Não sabe/ não respondeu	4	1,4
Total	279	100

Fonte: PERES, 2015.

Assim como na pesquisa nacional, o setor de serviços (somado ao setor de limpeza pública) surge em primeiro lugar, com 21,5% na pesquisa nacional, e também em primeiro na pesquisa paranaense, com 48,48% do total de entrevistados. Em seguida, os setores da indústria e construção civil somados: 26,2% na pesquisa nacional contra 27,27% no grupo paranaense pesquisado. Nem a pesquisa nacional nem a pesquisa paranaense encontraram trabalhadores ocupando funções superiores. Segundo dados da RAIS para o ano de 2014, contudo, 0,57% dos trabalhadores com carteira registrada no Paraná (38 entre 6.647) encontravam-se distribuídos nas classificações de “dirigentes e gerentes” (11), “professores de ciências e intelectuais” (1) e “técnicos e professores de ensino médio” (26). Os trabalhadores de “apoio administrativo” somaram 6,1% (409 em 6.647) do total. Em resumo, não há correspondência entre as práticas sociais – obtenção de emprego qualificado – e o capital escolar e cultural adquirido antes da migração. Como explicar isso? O funcionamento do setor de restauração apresenta uma possível resposta ao aparente paradoxo.

Nos restaurantes de Curitiba, regra geral, os homens são garçons enquanto que as mulheres trabalham, de forma quase invisível, nas cozinhas. O trabalho de garçom é apreciado quando os patrões descobrem as habilidades linguísticas, além da pontualidade e rapidez no exercício da função<sup>20</sup>. No setor da restauração, o domínio das línguas

<sup>20</sup> A pontualidade e a competência do trabalhador haitiano foram alguns dos elogios mais comuns comentados pelos empregadores durante o trabalho de campo.

francesa e/ou espanhola é um importante diferencial na qualidade do serviço prestado, e isso foi ainda mais importante durante a Copa do Mundo de Futebol de 2014. O salário fixo nesse ramo - mínimo regional da categoria - é de R\$ 1.070,33. Contudo, a partir do acordo assinado pelo sindicato da categoria no ano de 2015, os estabelecimentos ficaram desobrigados de acrescentar o percentual de 10% sobre o valor da fatura, como taxa de serviço. Conforme constatado *in loco*, alguns estabelecimentos continuaram a incluir a taxa de serviço na conta (os clientes sendo então obrigados a pagá-la), outros não. Nesse último caso, fica a critério dos clientes adicionar a taxa à fatura final. A partir dessa realidade, uma das situações encontradas foi a seguinte: “*Me chamam quando o cliente fala espanhol ou francês, ficam nervosos, mas nunca me deixam fechar a conta nem levar a máquina [para pagamento com cartão]*” (Entrevistado nº 32, Homem, 27 anos, Ensino Superior incompleto, 3 anos no Brasil, garçom). O resultado disso é que mesmo tendo atendido o cliente, o trabalhador haitiano não recebia a taxa de serviço. Em outro restaurante, o garçom nunca podia atender os clientes da parte interna (coberta), onde as contas são maiores. Nos dois casos, oscila-se entre uma forma de exploração evidente – direcionar a taxa de serviço a outro garçom – e outra forma velada, direcionar o trabalhador para o atendimento de clientes das áreas externas, onde normalmente consomem menos. Por situações como essa, em que a competência profissional conta, mas não é formal e/ou contratualmente reconhecida, o capital escolar dos imigrantes haitianos não tem se traduzido em vantagens salariais, à exceção da própria manutenção do emprego.

O perfil socioeconômico e o capital escolar dos imigrantes haitianos podem estar servindo ainda a outra finalidade. Analisando os dados do CAGED, a pesquisa realizada pelo Observatório das Migrações (Universidade de Brasília)<sup>21</sup> indica que durante o ano de 2014 e primeiro semestre de 2015, “todas as Unidades da Federação apresentaram balanços positivos na admissão de imigrantes no trabalho formal em 2014, com destaque para os Estados do Sul do país” (CAVALCANTI, 2015: 142). Segundo observações durante o trabalho de campo realizado, nota-se que há menos oferta de postos de trabalho em Curitiba e região em favor de outras localidades do Paraná. Enquanto que no ano de 2014, a cidade Curitiba registrava 1.835 admissões para apenas 908 demissões, no primeiro semestre de 2015 a situação se inverteu: foram 519 admissões para 908 demissões. As ofertas de postos de trabalho diminuíram na capital e região, mas continuam ainda importantes no interior do estado, no ramo de abates de frangos e em algumas indústrias exportadoras, exatamente como mostram os dados gerais da RAIS22. Já segundo os dados do CAGED, as cidades como Cascavel no interior do Paraná contabilizam 316 admissões para 195 demissões no primeiro semestre de 2015. Isso pode estar relacionado às indústrias exportadoras (frango, móveis, etc.) que têm lucrado com a depreciação cambial. A crise econômica tem afetado desigualmente os estados brasileiros, com vantagens nítidas para os setores exportadores. Tem afetado menos os trabalhadores estrangeiros em relação aos nacionais, o que pode estar demonstrando que a qualidade (em termos de capital cultural e escolar) desse grupo contribua para manutenção de seus empregos.

---

## INTEGRAÇÃO SOCIAL E PERSPECTIVAS FUTURAS

As imagens negativas sobre o Haiti e também sobre os próprios haitianos, veiculadas pelos meios de comunicação, em especial pela imprensa escrita (TÉLÉMAQUE, 2012)<sup>23</sup>, são efetivamente um freio à integração social mais ampla. A inexistência de imagens positivas reduz os haitianos à condição única de “imigrantes pobres”, egressos de país mais pobre ainda. O incômodo com as imagens negativas produz dois comportamentos. De um lado, a vontade de mostrar outra realidade. De outro, a vontade de partir. No intuito de compreender as perspectivas futuras, foram analisados os elementos que revelam os processos de integração e as perspectivas futuras.

Dos 33 entrevistados, nove afirmaram que pretendem voltar, nenhum deles, contudo,

---

21 A esse respeito, ver dados do Observatório das Migrações Internacionais em [www.acesso.mte.gov.br/obmigra/home.htm](http://www.acesso.mte.gov.br/obmigra/home.htm)

22 Dados apresentados na primeira parte desse documento.

23 A esse respeito, ver igualmente, nas referências, Resenha da Imprensa Haitiana no Brasil.

tendo agendado uma data para tanto. A razão disso encontra-se na relação entre o preço da passagem e o salário recebido.

*Quero ir embora com minha mulher, mas como comprar a passagem ganhando R\$ 1.000,00 por mês? Estou preso no Brasil. O Brasil dá prá entrar e não dá prá sair. (Entrevistado nº 23, Homem, 35 anos, Ensino Médio completo, 1,5, anos no Brasil, diarista em obra pública).*

Sair, contudo, não significa necessariamente retornar ao Haiti. Migrar para o Chile surgiu como perspectiva em dois casos e três outros entrevistados afirmaram que o retorno ao Haiti seria apenas uma ponte para a migração futura rumo aos Estados Unidos. Os dados de Peres (2015) apresentam realidade semelhante, como se pode ver no quadro abaixo, onde encontramos 84,61% das respostas de mesmo tipo.

#### **Quadro 8 - Migrantes Haitianos Captados em pesquisa de campo segundo lugar para onde pretendem se mudar**

Lugar para onde pretende se mudar	N
Estados Unidos	22
Brasil	6
França	5
Canadá	4
Chile	1
Inglaterra	1
<b>Total de casos válidos</b>	<b>39</b>

Fonte: PERES, 2015.

No total de casos válidos acima, mais da metade (22 ou 56,4%) pretendem migrar para os EUA, confirmando esse país como o destino historicamente preferido dos haitianos. Migrar, como dito, apresenta-se como elemento estrutural na sociedade haitiana.

Não obstante as dificuldades e a depreciação cambial, 24 entrevistados do grupo pesquisado (72,7%) afirmaram que permanecerão no Brasil contra 15,38% na pesquisa de Peres (2015). Permanecer não significa, contudo, dizer que estão satisfeitos com o momento atual do país. Dos 33 entrevistados, ninguém convidaria ou estimularia qualquer haitiano a migrar para o Brasil. As exceções de praxe dizem respeito ao desejo de alguns em trazer filhos e/ou cônjuge. Não obstante esse tipo de avaliação, relatos esperançosos em relação à vida atual e futura foram comuns.

*Saí do Haiti e vim para o Brasil para buscar melhores condições de vida. É a primeira vez que saio do Haiti. (Entrevistado nº 2, Mulher, 28 anos, Ensino Médio incompleto, 3 anos no Brasil, doméstica).*

*Não [quero voltar]. Quero fazer família, construir tudo e ficar aqui no Brasil com meus direitos se tudo der certo. (Entrevistado nº 4, Homem, 34 anos, Ensino Médio completo, 5 anos no Brasil, porteiro).*

*Quando tiver dinheiro, volto ao Haiti apenas para visitar. Gosto muito do Brasil e do povo brasileiro. Fui muito bem acolhido. (Entrevistado nº 16, Homem, 30 anos, Ensino Fundamental incompleto, 4 anos no Brasil, desempregado.)*

*Eu não penso em mudar agora. Não vou. Eu gosto de Londrina. Gosto daqui. (Entrevistado nº 18, Homem, 30 anos Ensino Médio incompleto, 7 meses no Brasil, diarista).*

*Eu vim para estudar. Voltar para o Haiti não é uma opção. Vou trazer minha família para morar em Curitiba. (Entrevistado nº 32, Homem, 27 anos, Ensino Superior incompleto, 3 anos no Brasil, garçom).*

As afirmações acima traduzem a ambiguidade em experimentar uma situação difícil, mas que, comparativamente, ainda é percebida como melhor. Assim, as perspectivas futuras são positivas.

As atividades de lazer são fortes indicadores do grau de integração e de interação com membros da sociedade brasileira. Apenas dois entrevistados, ambos residentes em

Londrina, afirmaram que tem (frequentam a casa e jogam futebol com) amigos brasileiros. No geral, ter amigos brasileiros, fazer passeios ou coisas do tipo, é bastante incomum. “No Brasil não dá para fazer amigos.” (Entrevistado nº 5, Homem, 47 anos, Ensino Médio incompleto, 1 ano e 3 meses no Brasil, pedreiro). Os contatos resumem-se ao local de trabalho, embora sejam vistos como simpáticos. De forma geral, o grau de integração social é baixo e as atividades de lazer muito limitadas. O mais importante local de integração e de sociabilidade é um só: os cultos religiosos. Os dados de Peres (2015) confirmam isso, como apresentado no quadro abaixo.

**Quadro 9 - Migrantes Haitianos captados em pesquisa de campo segundo atividades exercidas aos finais de semana**

O QUE VOCÊ FAZ NOS FINAIS DE SEMANA?	N	%
Vai à Igreja	106	38,0
Fica em casa	104	37,3
Visita compatriotas	26	9,3
Passeia no Shopping	10	3,6
Passeia com a família	8	2,9
Vai ao cinema	2	0,7
Trabalha todos os dias	2	0,7
Outros	18	6,5
Não sabe/ não respondeu	3	1,1
<b>Total</b>	<b>279</b>	<b>100</b>

FONTE: PERES, 2015.

Em resumo, o grau de integração dos haitianos à sociedade brasileira é baixo. Em termos gerais, é uma aspiração que se situa ainda a meio caminho entre o desejo de ficar e à adaptação às novas práticas cotidianas, bastante mediadas pela frequência aos cultos religiosos. A relação com a comida brasileira, o tipo de música (haitiana e/ou brasileira) salva no celular, os amigos brasileiros e mesmo a sensação de ser um pouco brasileiro foram algumas das questões investigadas. De maneira geral, nos celulares, há muita música haitiana. Escutar músicas haitianas é visto, sobretudo, como ato de proximidade à cultura haitiana e aos familiares. Os dados colhidos aproximam-se da tese de Portes *et al.* (2008), segundo a qual a integração é obra da segunda geração.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Os haitianos gostam do excesso, dos carros grandes, dos celulares de US\$ 1.000,00. A aparência e o status tem grande papel na sociedade haitiana.* (Entrevistado nº 27, Mulher, 28 anos, Ensino Médio completo, 1,5 anos no Brasil, cuidadora).

*Em nossa família, nós, os irmãos, falávamos em francês em casa para nos distinguir [...]*  
<sup>24</sup>. (Entrevistado nº 22, Homem, 26 anos, universitário, 10 meses no Brasil, garçom).

Tem-se aqui o exemplo clássico de *habitus*, tal como descrito por Bourdieu (2000). Trata-se de uma disposição que explica regularidades sociais. Os haitianos “*gostam do excesso, dos carros grandes*”. Praticam a distinção. Por isso, mesmo não sendo necessário o uso da língua francesa no ambiente doméstico, onde não há razão para distinguir-se, a língua é usada por tratar-se de um *habitus*, ou seja, de uma disposição que explica as regularidades

<sup>24</sup> Tem-se aqui o exemplo clássico de *habitus*, ou seja, uma disposição que explica regularidades sociais. Assim, mesmo não sendo necessário o uso da língua francesa no processo distintivo, ela é usada por tratar-se de um *habitus*, ou seja, uma disposição que explica as regularidades sociais. O interessante é pensar assim que, uma vez emigrado, o indivíduo continuará a seguir suas disposições e a se distinguir.



e práticas sociais. Emigrado, o indivíduo continuará a seguir suas disposições e a se distinguir. Como no novo país, os códigos de distinção não apresentam diferença em relação ao ambiente original, não apenas o uso da língua francesa surgiu mais rapidamente – muitos entrevistados apreciando exprimir-se em francês – mas também passou a existir a sensação de proximidade social e cultural que, muito provavelmente, facilitará os processos de integração.

Por outro lado, deve-se refinar a análise incorporando características próprias a um país histórica e culturalmente acostumado à emigração. “*Mesmo os ricos pensam em partir. Mentalité d'évadé, qui ne se contente pas de la réalité nationale ou de son territoire. Muitos tem dupla nacionalidade.*”<sup>25</sup> (Entrevistado nº 29, Homem, 22 anos, Ensino Médio Completo, 2 anos no Brasil, promotor de vendas). “*Minha irmã tinha emigrado para a França fazia alguns anos. [...] Como somos só nós duas, não quis deixar minha mãe sozinha. Agora há uma prima. Mas, mesmo com tristeza, minha mãe incentivou a partir.*” (Entrevistado nº 27, Mulher, 28 anos, Ensino Médio completo, 1,5 anos no Brasil, cuidadora.) Mesmo admitindo que a “mentalidade de evadido” seja corrente no seio da sociedade haitiana, apenas alguns parecem efetivamente saber como realizar essa “mentalidade”, ou seja, sabem como migrar. Aos capitais social e cultural, deve-se pensar assim num tipo **capital de mobilidade** (KULAITIS & OLIVEIRA, 2015) – pessoal ou familiar – igualmente adquirido socialmente. Os códigos distintivos facilitam à integração. Mas, caso isso não seja suficiente ou caso o indivíduo não se sinta confortável no novo país, ele pode continuar migrando. Daí a importância da dupla nacionalidade e/ou a experiência de uma migração anterior, própria ou compartilhada por um membro próximo da família, como o caso acima relatado do Entrevistado nº 27.

Na pesquisa realizada, investigamos as preferências religiosas. As filiações religiosas declaradas refletiram o mundo de crenças mais largamente aceito – catolicismo e protestantismo. Mais interessante ainda foi verificar que o voduísmo – religião legal no Haiti – não foi declarado, porque “incompreendido” fora dos círculos sociais haitianos, embora, segundo depoimentos, tratar-se de prática cultural inerente à cultura do país. Aqui, uma vez mais, a disposição adquirida funciona como possibilidade de escolha daquilo que vai ser declinado ao pesquisador e aquilo que é escrupulosamente omitido.

De maneira geral, os processos migratórios e de integração mostraram clara relação com os capitais e as disposições (*habitus*), tal como apontado por Bourdieu. Talvez seja o caso ainda de pensar na pluralidade das formas sociohistóricas do ator e da ação e nas variações individuais das disposições, como propõe Lahire (2001; 2004; 2005), para explicarmos à aparente idiosincrasia de certos percursos migratórios.

As consequências dessa migração para o Brasil são ainda difíceis de se prever. Com base na situação atual, dois cenários apresentam-se. No primeiro deles, com a volta do crescimento econômico, os trabalhadores haitianos com elevado capital cultural vão se qualificar rapidamente, lograr melhores postos de trabalho e melhores salários; eles investirão em percursos educacionais, tanto para si quanto para seus filhos, tenderão a permanecer e se integrar definitivamente, ampliando a diversidade social brasileira. O segundo cenário indica uma retomada mais lenta e instável do crescimento econômico. Se isso se confirmar, os trabalhadores mais qualificados tenderão a partir, seja para países vizinhos, seja para os países centrais, o que de fato ocorreu nos anos de 2015 e no atual de 2016, para o Chile, por exemplo<sup>26</sup>. Nesse caso, apenas os últimos haitianos que chegaram, que já demonstram menor capital cultural do que aqueles da primeira leva (anos 2011-2014), permanecerão, não por vontade própria, mas por falta de condições de retorno. Seus percursos educacionais serão mais limitados, o que os aproximará dos estratos mais baixos da sociedade brasileira, reforçando estigmas preexistentes.

Nota-se enfim uma tendência a migração interna no Brasil, das grandes para as pequenas e médias cidades dos estados do sul do Brasil, onde os serviços (aluguel, transporte, saúde, escola, etc.) são mais acessíveis e baratos. Nesses outros Brasis menos violentos e difíceis do que aqueles das grandes cidades, esses migrantes internos começam a descobrir inúmeras vantagens em viver no interior e em pequenas cidades. Caso a oferta de postos

25 Em francês no original (Tradução livre: “Mentalidade de fugitivo, que não se contenta com a realidade nacional”).

26 Descobrimos recentemente que um de nossos entrevistados, então empregado em um açougue em Curitiba, encontra-se hoje no Chile. Segundo conversas mantidas com seus ex-colegas brasileiros, ele está contente com o novo país e com o melhor salário.

de trabalho volte a aumentar, o fluxo migratório haitiano retomará muito provavelmente para essas novas localidades, com benefícios tanto para os atores econômicos, quanto para as sociedades interioranas em geral, que se tornarão mais diversas. A volta do crescimento econômico beneficiará, é de se supor, os trabalhadores mais produtivos e mais qualificados. Como boa parte dos Haitianos no Brasil tem esse perfil, serão beneficiados. Isso, é claro, enquanto as condições jurídico-legais de acolhimento se mantiverem. Mas essa discussão fica para outro momento.

---

## REFERÊNCIAS

- ACHILLE, Théodore E. *Les Haïtiens et la double nationalité*. Montréal: Editions du Marais, 2007.
- ALBA, Richard e NEE, Victor. Rethinking assimilation theory for a new Era of immigration. *International Migration Review*, v. 31, p. 826-74, 1997.
- ANGLADE, Georges. *Espace et liberté en Haïti*. Montréal: ERCE, 1982.
- AVILA, Fernando. B. de. *L'immigration au Brésil*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1956.
- AUDERBERT, Cédric. *La diaspora haïtienne: Territoires migratoires et réseaux transnationaux*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2012.
- BAENINGER, Rosana (Org.). *Imigração boliviana no Brasil*. Campinas: Nepo/Unicamp, 2012.
- BASTIDE, Roger; MORIN, Françoise e RAVEAU, François. *Les Haïtiens em France*. Paris: Ed. Mouton – la Haye, 1974.
- BENTOLILA, Alain, GANI, Léon. Langues et problèmes d'éducation en Haïti. *Langages*, v. XV, n. 61, p. 117-127, 1981.
- BLANC-CHALEARD, Marie-Claude. *Histoire de l'immigration*. Paris: La Découverte. Col Repères, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *A Distinção. Crítica social do julgamento*. São Paulo: EdUSP/ZOUK, 2006.
- \_\_\_\_\_. Espaço social e gênese das classes. In: BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 133-161, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Esquisse d'une théorie de la pratique. Précédé de Trois Études d'Éthnologie Kabyle*. Genebra: Librairie Droz, 1972.
- \_\_\_\_\_. La Maison ou le monde renversé. In: BOURDIEU, Pierre. *Le sens pratique*. Paris: Éditions de Minuits, p. 441 – 459, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Le sens pratique*. Paris : Les Éditions Minuit, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Les Héritiers. Les étudiants et la culture*. Paris: Les Éditions Minuit, 1964.
- \_\_\_\_\_. L'illusion biographique. *Actes de la recherche en sciences sociales*. v. 62-63, p. 69-72.
- \_\_\_\_\_. *Raisons pratiques. Sur la théorie de l'action*. Paris: Éditions du Seuil, 1994.
- \_\_\_\_\_. *A produção da crença. Contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. São Paulo: Zouk, 2002.
- BRAUM, Pedro. *Rat pa kaka: Política, desenvolvimento e violência no coração de Porto príncipe*. Tese de Programa de Pós-Graduação e Antropologia Social (MN), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.
- BRITO, Angela X. de. *Habitus de migrante: um conceito que visa captar o cotidiano dos atores*

- em mobilidade espacial. *Sociedade e Estado*, v. 25, n. 3, p. 431-464, 2010.
- BULAMAH, Rodrigo C. *O cultivo dos comuns: parentesco e práticas sociais em Milot, Haiti*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 2013.
- CAFFEU, Ana P. e CUTTI, Dirceu. Só viajar! Haitianos em São Paulo: Um primeiro e vago olhar. *Travessia. Revista do Migrante*, v. XXV, n. 70, p.107-114, 2012.
- CAISSE, Peter T. A vitalidade linguística dos crioulos do Haiti e da Luisiana: Campinas, SP, 2012.
- CÂMARA, Irene P. de L. (1998). *Em nome da democracia: a OEA e a crise haitiana – 1991-1994*. Brasília: Instituto rio Branco; Fundação Alexandre de Gusmão; Centro de Estudos Estratégicos, 1998.
- CARVALHO, José A. M. de e SALA, Gabriela A. A presença de imigrantes de países do Cone Sul no Brasil: medidas e reflexões. *Revista Brasileira de Estudos de População*. v. 25, n.2, p. 287-304, 2008.
- CASAGRANDE, Melissa M. e GEDIEL, José A. P. A migração haitiana recente para o Brasil: bases teóricas e instrumentos político-jurídicos. *Moções. Revista de Relações Internacionais da UFGD*, v. 4, n. 8, p. 97-110, 2015.
- CASTRO, Maria da C. G de e FERNANDES, Duval (coord). Projeto Estudos sobre a migração haitiano ao Brasil e diálogo bilateral, 2014. Disponível em: <http://www.migrante.org.br/index.php/migracao-haitiana2/252-projeto-estudos-sobre-a-migracao-haitiana-ao-brasil-e-dialogo-bilateral>. Acesso em: 20/07/2015.
- CHAPOULIE, Jean-Michel. *La tradition sociologique de Chicago, 1892-1961*, 2001.
- CHIARELLO, Leonir Mario (org.). *Las políticas públicas sobre migraciones y la sociedad civil en América Latina: Los casos de Argentina, Brasil, Colombia y México*. Nova York: Scalabrini International Migration Network, 2011.
- COGO, Denise. Haitianos no Brasil: Comunicação e interação em redes migratórias transnacionais. *Chasqui – Revista Latinoamericana de Comunicación*, n. 125, p. 23-32, 2014.
- COLLARES, Ana C. M, NORONHA, Cláudia L. A de e VILELA, Elaine M. Migrações e trabalho no Brasil. Fronteiras étnico-raciais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 30, n. 87, p. 19-43, 2015.
- CONTIGUIBA, Geraldo C. & PIMENTEL, Maria L. Deslocamento populacional contemporâneo, língua e história: uma contribuição para os estudos sobre a imigração haitiana para o Brasil. In FERNANDEZ, Vanessa P. R. & GATTAZ, André. *Imigração e imigrantes. Uma coletânea interdisciplinar*. Salvador: Editora Pontocom, p. 181-20, 2015.
- \_\_\_\_\_. Apontamentos sobre o processo de inserção social dos haitianos em Porto Velho. *Travessia. Revista do Migrante*, v. XXV, n. 70, p.99-106, 2012.
- COSTA, Gelmino A. Haitianos em Manaus: Dois anos de imigração - e agora!. *Travessia. Revista do Migrante*, v. XXV, n. 70, p.91-97, 2012.
- COSTA-LASCAUX, Jacqueline. (1996). L'immigration, de l'exil à l'exclusion. In PAUGAN, Serge. *L'exclusion. L'état de savoirs*. Paris: Ed de la Découverte, pp. 158-171.
- DeGRAFF, Michel. *Kreyòl Ayisyen, or Haitian Creole ('Creole French')*. Disponível em <http://web.mit.edu/linguistics/people/faculty/degraff/degraff2007hc-ccs.pdf>.
- Acesso em: 09/02/ 2013.
- DERRIDA, Jacques *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.
- DE WIND, Josh e PORTES, Alejandro. A Cross-Atlantic Dialogue: The Progress of Research and Theory in the Study of International Migration. *International Migration Review*. V. 38, n. 3, p. 828-851, 2004.

- DOSSE, François. *Le pari biographique. Écrire une vie*. Paris : La Découverte, 2005.
- DOYTCHEVA, Milena. *Le Multiculturalisme*. Paris: La Découverte, 2ª ed, 2011.
- FAINSTAT, TYLER, NOAL, Débora da S. e VÉLAN, Jean-François. (2014). Nem refugiados, nem migrantes: a chegada dos Haitianos à cidade de Tabatinga (Amazonas). *Dados – Revista de Ciências Sociais*, v. 57, n. 4, p. 1007-1041, 2014.
- FERRO, Marc (org.). *O livro negro do colonialismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, pp.
- FRANGUIADAKIS, Spyros. Le réseau Tibérius Claudius à Lyon : l'obligé de l'étranger et le militantisme désincarné, In J. Ion (éd.), *L'engagement au pluriel*, Saint-Etienne, PUSE, pp. 48-66, 2001.
- FRÉTIgnÉ, Cédric. *Sociologie de l'exclusion*. Paris: L'Harmattan, 1999.
- GABEIRA, Fernando. *A parte brasileira da diáspora haitiana*. Disponível em:  
<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,a-parte-brasileira-da-diaspora-haitiana,707339,0.htm>. Acesso em: 26/09/2012.
- GREEN, Nancy. O Tempo e o Estudo da Assimilação. *Revista Antropológicas*. Dossiê Imigração, n. 25, p. 23-48, 2008.
- GREEN, Nancy e WEIL, François. *Citoyenneté et émigration. Les politiques du départ*. Paris : Ed EHESS, 2006.
- HANDERSON, Joseph. *Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guina Francesa*. Tese de Doutorado. Programa de Antropologia Social (Museu Nacional). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.
- HEINE, Jorge Heine et VERLIN. Modes de gouvernement en Haïti après le séisme de 2010. *Cahiers d'Amérique Latine*, n. 75, p. 15-23, 2014.
- IDOETA, Paula Adamo. *Controle migratório de haitianos no Brasil gera debate*. São Paulo, Brasil, Disponível em: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/01/120111\\_haitianos\\_imig\\_pai.shtm](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/01/120111_haitianos_imig_pai.shtm) Acesso em: 04/08/2015.
- IOTTI, Luíza H. (org.) *Imigração e colonização. Legislação de 1747-1915*. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado; Caxias do Sul: EDUSC, 2001.
- KOIFMAN, Fábio. *Imigrante ideal. O Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- KULAITIS, Fernando e OLIVEIRA, Márcio de. Imigrantes brasileiros no Québec: entre Integração e Mobilidade. *Sociologias*, v. 17, n. 39, p. 248-275, 2015.
- LAHIRE, Bernard. *La culture des individus. Dissonances culturelles et distinction de soi*. Paris: La Découverte, 2004.
- \_\_\_\_\_. *L'homme au pluriel. Les ressorts de l'action*. Paris: Armand Colin/Nathan, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Portraits sociologiques, dispositions et variations individuelles*. Paris: Armand Colin, 2005.
- LEITE, Ilka B. *Negros no sul do Brasil*. Ilha de Santa Catarina: Letras contemporâneas, 1996.
- LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional*. São Paulo: UNESP, 2001.
- LOMBART, Marie, KEVIN, Pierrat e REDON, Marie. Port-au-Prince : un « projectorat » haïtien ou l'urbanisme de projets humanitaires en question. *Cahiers d'Amérique Latine*, n. 75, p. 96-123., 2014.
- LOUIDOR, Wooldy E. (2013). Uma história paradoxal. In. Haiti por si: a reconquista da independência roubada. Adriana Santiago (Org.). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.
- MACAGNO, Lorenzo. *O dilema multicultural*. Curitiba: Ed da UFPR, 2014.

- MAGUIRE, Robert. Priorities, Alignment & Leadership: Improving United States' Aid Effectiveness in Haiti. *Cahiers d'Amérique Latine*, n. 75, p. 59-78, 2014.
- MARTINIELLO, Marco, REA, Andrea, TIMMERMAN, Christiane e WETS, Johan (Eds.). *Nouvelles migrations et nouveaux migrants en Belgique – Nieuwe Migraties en Nieuwe Migranten in België*. Gent: Academia Press, 2010.
- MARTINS, José R. Vieira. *A diáspora haitiana: da utopia à realidade*. Foz de Iguaçu: Gráfica Grapel, 2014.
- MASSEY, Douglas S. et al. Theories of international migration: a review and appraisal. *Population and Development Review*, v. 19, n. 3, p. 431-466, 1993.
- MATOS, Cristina. Migrações: decisões individuais e estruturas sociais. *SOCIUS Working Papers*, ISEG, n. 5, 1993.
- MAZZELA, Sylvie. *Sociologie des Migrations*. Paris: PUF. Coll. Que sais-je?, 2014.
- MÉTRAUX, Jean-Claude. *La migration comme métaphore*. Paris: La Dispute, 2011.
- MICELI, Sérgio. Biographie et cooptation. Etat actuel des sources pour l'histoire sociale et politique des élites au Brésil. In *Cahiers du Brésil Contemporain*. Numéro organisé par Mônica R Schpun. Paris: MSH, n° 47/48, p. 9-19, 2002.
- MINCHOLA, Lui A. B e REDIN, Giuliana. Proteção dos refugiados na declaração de Cartagena de 1984: Uma análise a partir do caso dos Haitianos no Brasil. *Revista de Estudos Internacionais*, v. 4, n. 1, p. 4-30, 2013.
- MORAES, Pedro R. B. de e SOUZA, Marcilene G. Invisibilidade, preconceito e violência racial em Curitiba. *Revista de Sociologia e Política*. Curitiba: n° 13, nov., p. 7-16, 1999.
- NOIRIEL, Gerard. *État, nation et immigration*. Paris : Ed Belin (Collec. Folio histoire), 2001.
- OLIVEIRA, Márcio de. A cidade de Curitiba e os imigrantes alemães durante a Primeira Guerra Mundial, uma análise da imprensa local. *Cadernos CERU*, v.23, n. 2, p.175-202, 2012.
- \_\_\_\_\_. De la Double colonisation au préjugé : Polonais dans le sud du Brésil. *Migrations Société*. v. 21, n. 123-124, p. 289-304, 2009.
- \_\_\_\_\_. A inesperada descoberta de Otávio Ianni sobre preconceito contra descendentes de imigrantes poloneses em Curitiba. *Revista Sociedade e Estado*, v. 30, n. 3, p. 799-817, 2015.
- PEDONE, Cláudia. *Cadenas y redes migratorias: propuesta metodológica para el análisis diacrónico-temporal de los procesos migratorios*. UNED – *Empiria: Revista de Metodología de Ciencias Sociales*. n. 19, p. 101-132, 2010.
- PEIXOTO, João. As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro- sociológicas. *SOCIUS Working Papers*, ISEG, n. 11, 2004.
- PERAZZO, Priscila F. *Prisioneiros da Guerra. Os « Súditos do Eixo » nos campos de concentração brasileiros (1940-1945)*. São Paulo: Humanistas/Imprensa Oficial do Estado, 2009.
- PERES, Roberta (coord.). *De norte a sul: imigração haitiana no Brasil. Diagnóstico de Pesquisa de Campo*. Campinas: NEPPO/UNICAMP, 2015.
- PINTO, Sônia R. *A Migração de Haitianos para o Brasil e Os Usos da Razão Humanitária*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Antropologia. Instituto Universitário de Lisboa, 2014.
- PIRES, Rui P. *Migrações e Integração. Teoria e aplicações à sociedade portuguesa*. Lisboa: Celta Editora, 2003.
- PONTIEUX, Sohie. *Le Capital Social*. Paris : La Découverte. Coll. Répères, 2006.
- PORTES, Alejandro. Modes of structural incorporation and present theories of labor immigration. In KRITZ, Mary M. t al. (Ed.). *Global Trends in Migration - Theory and Research on*

*International Population Movements*. New York: Center for Migration Studies, p. 279-297, 1981.

\_\_\_\_\_. Economic sociology and the sociology of immigration: a conceptual overview. In PORTES, Alejandro (Ed.). *The Economic Sociology of Immigration. Essays on Networks, Ethnicity and Entrepreneurship*. New York: Russel Sage Foundation, p. 1-41, 1995.

PORTES, Alejandro e József BÖRÖCZ. Contemporary immigration: theoretical perspectives on its determinants and modes of incorporation. *International Migration Review*, v. 28, n. 3, p. 606-630, 1989.

PORTES, Alejandro e RUMBAUT, Rubén G. *Legacies: the story of immigrant second generation*. Berkeley: University of California Press/Russel Sage Foundation, 2001.

PORTES, Alejandro *et al.* Filhos de imigrantes nos EUA hoje. *Tempo Social*. v. 20, p.13-50, 2008.

RAMOS, Jair de S. *O Ponto da Mistura: Raça, Imigração e Nação em um Debate da Década de 20*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado. Museu Nacional/UFRJ, 1994.

RAVENSTEIN, Ernest G. The laws of migration. *Journal of the Royal Statistical Society*, v. 52, part II, p. 241-301, 1889.

REA, Andrea e TRIPIER, Marise. *Sociologie de l'immigration*. Paris: La Découverte, 2003.

ROSA, Renata de M. Subjetividade e subversão do racismo: um estudo de caso sobre os haitianos na República dominicana. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana/REMHU*, Brasília, v. XVIII, n. 34, p. 99-112, 2010.

Resenha de Imprensa Haitianos no Brasil, 2010-2013. Disponível em <http://www.migrante.org.br/images/arquivos/resenha-de-imprensa-2013.pdf>. Acesso em: 10/08/2015.

RODRIGUES, Luiz C. B. *Francês, crioulo e vodu: a relação entre língua e religião no Haiti*. Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

RODRIGUES, Viviane M. Migrantes haitianos no Brasil: mitos e contradições. Disponível em: [http://actcientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT9/GT9\\_MozineRodriguezV.pdf](http://actcientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT9/GT9_MozineRodriguezV.pdf). Acesso em: 5/03/2015.

RYGIEL, Philippe. *Le temps des migrations blanches. Migrer en occident (1840-1940)*. Paris: Aux lieux d' être, 2007.

SÁ, Patrícia R. C. de. As redes sociais de haitianos em Belo Horizonte: análise dos laços relacionais no encaminhamento e ascensão dos migrantes no mercado de trabalho. *Cadernos Observatórios das Migrações*, v. 1, n. 3, p. 99-127, 2015.

SHAMSIE, Yasmine. La construction d'un parc industriel dans l'arrière-pays rural d'Haïti. Quelques observations sur le partenariat État-société et les capacités de l'État. *Cahiers d'Amérique Latine*, n. 75, p. 79-96, 2014.

SAYAD, Abdelmalek. *L'immigration ou les paradoxes de l'alterité. L'illusion du provisoire*. Paris : Ed Raisons d' Agir, v. 1, 2006.

SEYFERTH, G. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. Rio de Janeiro: *Mana*, (3/1), p. 95-131, 1997.

SILVA, Sidney A. da. Aqui começa o Brasil: Haitianos na Tríplice Fronteira e Manaus. In SILVA, Sidney A. da (Org.). *Migrações na PanAmazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais*. São Paulo: Hucitec

Editora, p. 300 – 321, 2012.

\_\_\_\_\_. Brazil, a new Eldorado for Immigrants?: The Case of Haitians and the Brazilian Immigration Policy. *Urbanities*, v. 3, n. 2, p. 3 – 18, 2013.

SOARES, Weber. Análise de redes e os fundamentos teóricos da migração internacional. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, v. 21, n. 1, p.101-116, 2004.

- TAKEUCHI, Márcia Y. *O perigo amarelo. Imagens do mito, realidade do preconceito (1920-1945)*. São Paulo: Humanistas/FAPESP, 2008.
- TÉLÉMAQUE, Jenny. *Imigração haitiana na mídia brasileira: entre fatos e representações*. Monografia de Conclusão de Curso. Faculdade de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.
- THERME, Pierre. Haïti 2003-2012 : les mouvements de contestation populaire face aux logiques de l'aide Une « interpellation plébéienne » ?  
*Cahiers d'Amérique Latine*, n. 75, p. 125-146, 2014.
- THOMAZ, Diana. Migração haitiana para o Brasil pós-terremoto: indefinição normativa e implicações políticas. *Primeiros Estudos - Revista de Graduação em Ciências Sociais*, 4, p. 131-143, 2013.
- TODD, Emmanuel. *Le destin des immigrés. Assimilation et ségrégation dans les démocraties occidentales*. Paris : Ed du Seuil, 1994.
- TOURAINÉ, Alain. *Pourrions-nous vivre ensemble? Égaux et différents*. Paris: Fayard, 1997.
- TURNER, Terence. Anthropology and Multiculturalism: What is anthropology that multiculturalists should be mindful of it? *Cultural Anthropology*. v. 8, n. 4, p. 411-429, 1993.
- VALLER FILHO, Wladimir. O Brasil e a crise haitiana: a cooperação técnica como instrumento de solidariedade e de ação diplomática. Brasília: FUNAG, 2007.
- VERLIN, Jan. Haïti, État failli, État (à)reconstruire. *Cahiers d'Amérique Latine*, n. 75, p. 25-40, 2014.
- VIEIRA, Rosa. *Itinerâncias e governo: a mobilidade haitiana no Brasil*. Dissertação de Mestrado, IFCS. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.
- WENDER, Catherine W. de. *La question migratoire au XXIe siècle*. Paris: SciencesPo Les Presses. 2ª ed, 2013.
- ZEFERINO, Marco A. P. *Os Haitianos à luz do Direito Internacional dos Direitos Humanos e da Soberania Estatal: deslocados ou refugiados ambientais?* Dissertação de Mestrado, Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), 2014.

# Migrantes haitianos e mercado de trabalho no Distrito Federal.

## Uma análise sociológica a partir da perspectiva das relações sociais de gênero

Delia Dutra<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

A migração pode ser entendida como um permanente vir-a-ser do indivíduo moderno. Um movimento que está sempre acontecendo, pois, o migrante não sabe até quando, para onde ou como ficará (DUTRA, 2013a, p. 35). Essa procura por uma outra forma de ser e estar no mundo, que se evidencia ao longo de todo o processo de migração, vai adquirindo matizes tão dinâmicas que desafiam o trabalho de *pensar* sobre as migrações, notadamente quando isso se faz tendo como base para a reflexão as perspectivas dos próprios atores sociais envolvidos, os migrantes.

Ao longo das suas trajetórias de vida, os indivíduos vão configurando um espaço próprio, singular, que lhes outorga diferentes posições na estrutura social. Tais trajetórias são afetadas por diversos fatores, individuais e estruturais, dando como resultado uma variedade de formas de ação social<sup>2</sup>, dentre das quais a *migração* – seja para além das fronteiras do Estado-nação ou dentro delas<sup>3</sup>.

Os fluxos migratórios entre países existem desde muito antes da etapa que atualmente vivemos de globalização. Séculos atrás os fluxos internacionais de migração já geravam redes que agiam como pontes entre sociedades de origem, de trânsito e de destino (SASSEN, 2010, p.166).

Apesar de que tais redes apresentassem claras diferenças com as atuais, em termos de conteúdo e de modos de comunicação, elas existiam em quanto fato social. (...) autores dedicados à imigração têm apontado que atualmente se conservam muitos elementos do passado, como a migração em cadeia e a reunificação familiar (SASSEN, 2010, p.166).

Levando em conta o foco na dimensão trabalho para esta análise, tal como se explicita no título, é pertinente lembrar que, da mesma forma que no passado, as redes se iniciam pela existência de um país receptor onde existe a procura por determinados perfis de trabalhadores. A questão é que essa procura por mão-de-obra num determinado país pode desaparecer sem que, necessariamente, desapareça a rede de migrantes<sup>4</sup>. Isso porque, de

1 Pós-doutoranda (PNPD/CAPES) em Estudos Comparados sobre as Américas, CEPPAC/Universidade de Brasília. Pesquisadora do OBMigra (Observatório das Migrações Internacionais) e do LAEMI (CEPPAC/UnB).

2 Quando falamos de ‘ação social’, neste caso específico as ações dos migrantes e dos significados por eles dados a sua condição, estamos conceitualmente na linha proposta por Weber (1944). Isto é, uma ação social onde o sentido dado pelo sujeito está fazendo referência a outros: “passamos a maior parte das nossas vidas na presença imediata dos outros, por isso que, segundo Goffman, os nossos atos estão sempre socialmente situados o que trará consequências sobre a nossa compreensão e significação daquilo que vivenciamos” (Dutra, 2011, p. 135).

3 Migração internacional ou migração interna, são categorias que entendemos como necessárias em termos analíticos, mas é preciso ter em mente que todo e qualquer ato migratório demanda uma mudança de tempo-espaço e, conseqüentemente, uma mudança no próprio ator social envolvido em quanto sujeito que vivencia identidades múltiplas e situacionais (Rivera, 1996) e que carrega sempre a marca do ser de fora (Schutz, 2003 [1944]), a marca de não-ser por não pertencer (SIMMEL, 1983).

4 O mesmo pode acontecer com políticas migratórias específicas e de caráter temporário, ou não permanente. Seria o caso do “visto humanitário” atualmente vigente que o Brasil outorga a cidadãos haitianos.



fato, o retorno nem sempre é viável ou interessa, inclusive por ter se instalado uma cultura de migração que continua estimulando migrações independentemente das mudanças que possam ter acontecido no contexto social, econômico e político dos países de origem e destino.

No intuito de avançar numa compreensão sociológica do que definimos como sendo objeto desse capítulo: caracterizar a inserção de um grupo de migrantes haitianos no mercado de trabalho do Distrito Federal desde uma perspectiva de gênero, organizamos o texto apresentando duas seções principais, para além da introdução e da conclusão. *Primeira*, uma breve contextualização sobre a migração haitiana para o Brasil; *segunda*, levantamos algumas reflexões pontuais sobre gênero e migração, com foco nas especificidades dessa pesquisa em particular. Para isso, apresentamos o perfil dos migrantes entrevistados separados em dois grupos, mulheres e homens migrantes, para caracterizá-los a partir das seguintes variáveis: idade, ano de chegada ao país, estado civil e situação familiar, escolaridade e situação de moradia. Com base nisso, analisamos a inserção no mercado de trabalho dos e das migrantes identificando principalmente três tendências que ocorrem dentre o grupo de mulheres e homens migrantes: a divisão sexual do trabalho, a segregação ocupacional e a discriminação retributiva.

---

## AMÉRICA LATINA E CARIBE: O BRASIL E A MIGRAÇÃO HAITIANA

Passados já mais de 30 anos do que se convencionou chamar de “década perdida” na América Latina – anos 80 no século XX –, no entanto, cidadãos deste continente continuam à procura do seu lugar no mundo, de um espaço onde simplesmente outra vida seja possível.

A migração laboral no século XXI se destaca como um dos assuntos principais na agenda política de muitos países sejam esses países de origem, trânsito ou de destino de migrantes (OIT *apud* DUTRA, 2013b). Três fatores se identificam como essenciais para explicar esse fenômeno: *primeiro*, as mudanças demográficas e as necessidades do mercado de trabalho em muitos países industrializados; *segundo*, a pressão da população, o desemprego e as crises internacionais que atualmente afetam tanto os denominados países industrializados quanto os menos ‘desenvolvidos’; *terceiro*, a formação de redes entre países baseadas na família, cultura e história (*Idem*).

Historicamente o Brasil ofereceu, e continua a fazê-lo, melhores condições de trabalho para profissionais e migrantes qualificados da região da América Latina. Mas, foi a partir da década de 1990 que o país emergiu com mais força como sendo uma opção já não só para migrantes qualificados de países do Cone Sul, mais para aqueles com níveis de escolarização mais baixo (SALA, 2008), sejam eles do Cone Sul como de outros países do continente latino-americano e/ou do Caribe. Com base nos Censos Demográficos de 2000 e 2010, Oliveira (2015) sustenta na sua análise que “muito embora as pessoas sem instrução ou com ensino fundamental incompleto também tenham predominado nos fluxos nos anos 1990 (34,9%), chama atenção o expressivo aumento desse contingente na década seguinte (42,7%) (...)” (OLIVEIRA, 2015, p. 64)<sup>5</sup>.

Consequentemente, no início dos anos 2010 o lugar do Brasil como país de destino de migração regional se fortaleceu. Oliveira (2015) também analisa com base nos registros do Conselho Nacional de Imigração (CNIg) e da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e explica que a partir desse momento, “(...) o movimento de atração de estrangeiros inclusive se intensificou. Isso levou o IBGE a considerar em suas hipóteses para as projeções populacionais que o país até 2035 experimentaria saldo migratório ligeiramente positivo” (OLIVEIRA, 2015, p. 49).

Nesse cenário brasileiro, a imigração haitiana começa a crescer sistematicamente a partir do ano 2011 chegando em 2013 a se constituir como a primeira nacionalidade no

---

<sup>5</sup> 57% das mulheres entrevistadas declaram ter atingido uma escolaridade equivalente ao ensino fundamental incompleto, fato que ocorre com 30% dos homens entrevistados.

mercado de trabalho formal no Brasil, segundo dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), e em 2014, como a nacionalidade que teve mais admissões durante o ano (CAVALCANTI et al, 2015, p. 107).

---

## GÊNERO E MIGRAÇÃO: ESPECIFICIDADES DA PESQUISA

As reflexões aqui apresentadas tomam como base a interpretação dada à experiência migratória por um grupo de migrantes haitianos e haitianas residentes no Distrito Federal, Brasil. Durante a pesquisa de campo foram realizadas entrevistas semiestruturadas<sup>6</sup> entre o mês de março e junho de 2015 com 14 mulheres e 23 homens migrantes, assim como um grupo focal no dia 6 de Junho de 2015.

Realizamos a análise desde uma perspectiva das relações sociais de gênero com base no conteúdo das entrevistas feitas junto aos migrantes. Isso porque concordamos com Harding (1996) que as diferenças de gênero constituem uma forma chave para que os seres humanos se reconheçam como tais. Além do mais, junto com Roca e Girona (2009), defendemos que adotar uma perspectiva de gênero na análise das migrações supõe compreender por um lado, a significação da construção social da feminilidade, da masculinidade e a desigualdade que se produzem entre os sexos e, por outro, o papel que jogam tais construções na decisão das mulheres e dos homens de migrar assim como o status que a sociedade de acolhida lhes outorga.

Nessa linha de pensamento, poderíamos acrescentar à análise outras categorias como a proposta por Piscitelli (2008, p.266) de “localização, para aludir à posição estrutural das nacionalidades que estão interagindo”. Entretanto, essa (a localização) está já demarcada no próprio recorte da pesquisa que refere a migrantes haitianos – homens e mulheres – residentes no Distrito Federal. Ou seja, não se trata de imigrantes de diversas nacionalidades, mas de homens e mulheres haitianos à procura de espaços no mercado de trabalho, i.e., à procura de tornar viável a vida.

Significa dizer que, o ponto de partida epistêmico encontra-se no entendimento da pertinência da análise da experiência migratória desde uma perspectiva de gênero, porque quando buscamos compreender como homens e mulheres migrantes haitianos residentes no Distrito Federal buscam se incorporar ao mercado de trabalho, nos deparamos com depoimentos que tornam nosso olhar mais atento para as singularidades: “*não quero mudar de emprego, tenho medo de acabar como empregada doméstica*” (Joceline, 52 anos, trabalha em restaurante); “*eu também sou costureiro [... mas,] aqui só mulher tem trabalho de costura*” (Jacques, 44 anos, trabalha na construção civil).

Desenvolver nossa análise com base na perspectiva dos próprios atores sociais envolvidos significa entender que, os significados dados pelos migrantes consultados durante a pesquisa não só referem ao presente vivido, o aqui e agora em Brasília. A interpretação que os migrantes fazem das suas vivências no presente, faz referência há um tempo passado que configura e, por sua vez, é configurado pelo presente e pelo futuro projetado.

Isso tudo faz com que os migrantes ‘moldem’ espaços próprios de vida. Espaços produzidos onde aparecem marcas-traços das condições de serem mulheres, homens, trabalhadores que carregam culturas de origem, histórias de vida, que dizem respeito não só a países, regiões e rotas percorridas (Haiti, República Dominicana, Equador, Venezuela, Acre, São Paulo, Paraná, Santa Catarina...), mas, a núcleos familiares, a práticas cotidianas de ser e estar no mundo. Histórias de vida carregando marcas que se estampam nos próprios corpos racializados e generizados, que falam ou ‘gritam’ através da cor da pele, do sotaque, do penteado, das cores da roupa, das formas de expressar a religiosidade. Porque isso é o que lhes torna únicos, singulares, com características que os diferenciam, mas que também lhes são comuns uns aos outros, eles e nós, em definitivo pessoas querendo *viver com* e já não mais *viver sem*.

---

6 Foram realizadas no total 45 entrevistas semiestruturadas envolvendo tanto homens e mulheres migrantes haitianos, quanto atores intermediários. Para mais detalhes sobre o processo de pesquisa de campo, consultar o capítulo metodológico. Os nomes que são citados ao longo do texto são fictícios para dessa forma preservar a identidade dos e das migrantes que contribuíram com nossa pesquisa.

---

## PERFIL DOS MIGRANTES

Para apresentarmos o perfil dos migrantes entrevistados, 37 no total, fazemos uma primeira divisão por sexo – mulheres (14) e homens (23) – e, em cada grupo, apresentamos a seguintes variáveis: sexo, idade, ano de chegada ao país, estado civil e situação familiar, escolaridade e situação de moradia. Todas essas variáveis nos permitem definir um contexto social a partir do qual passamos a analisar a inserção no mercado de trabalho dos e das migrantes, foco principal da pesquisa.

---

### MULHERES HAITIANAS NO DF

Foram 14 as mulheres migrantes (38%<sup>7</sup> do total dos entrevistados) que contribuíram com a pesquisa, com **idades** compreendidas entre os 33 e 52 anos. Todas chegaram à cidade de Brasília entre os anos 2011 e 2015.

No que tange ao **estado civil**:

- 43% casadas e com filhos no Haiti,
- 14 % casadas com filhos no Brasil (morando junto),
- 7% casada com filho e marido na República Dominicana,
- 14% viúvas,
- 7% separada,
- 7% solteira.

Dados que nos permitem apontar para o fato que 64% são mães-migrantes e trabalhadoras. Quanto ao nível de **escolaridade** atingido no país de origem, observamos baixos níveis de educação no âmbito formal, segundo elas próprias declararam:

- 57% ensino fundamental incompleto,
- 21% ensino fundamental completo
- 14% formação terciária (2 enfermagem)
- 7% curso técnico (cozinha).

Ao serem indagadas sobre a possibilidade de estudarem no Brasil, 36% declararam assistir a aulas de português e somente houve um caso de uma migrante ter feito um curso de corte e costura.

A condição de **moradia** é outra das variáveis levada em conta para compreender as condições de vida desses migrantes que se deslocam à procura de trabalho no DF. A totalidade das entrevistadas mora de aluguel. Dessas, observemos que:

- 57% aluga com outros integrantes da família de origem,
- 14% mora sozinha,
- 21% divide moradia alugada com outros/as migrantes haitianos/as.

Teve somente o caso de uma migrante, trabalhadora doméstica, que mora no próprio local de trabalho, porém, também ela contava com o prejuízo financeiro de pagamento de aluguel, já que lhe era descontado do salário R\$400 de aluguel, ficando, dessa forma, R\$900 de renda líquida mensal (salário nominal R\$ 1300).

---

<sup>7</sup> A partir desse momento, ao longo do texto, os dados quantificados serão maiormente expressados em porcentagem para viabilizar a comparação entre variáveis no marco de uma análise qualitativa.

---

## HOMENS HAITIANOS NO DF

A presente pesquisa entrevistou 23 homens migrantes com idades entre os 18 e os 53 anos, que chegaram ao Brasil entre 2010 e 2014. Podemos identificar através da variável **idade** que o universo de análise dessa pesquisa qualitativa confere com os dados quantitativos publicados pelo Observatório das Migrações Internacionais (CAVALCANTI et al, 2015). Observamos que, a partir do ano 2011 vem se consolidando, ano a ano, um predomínio dos homens sobre as mulheres, assim como uma alta concentração na faixa etária entre os 20 e os 39 anos, do coletivo haitiano inserido no mercado de trabalho formal no Brasil (DUTRA, 2015a).

No que respeita ao **estado civil** dos homens, aparecem diferenças claras se comparados às mulheres, assim como, há também coerência se levarmos em conta a variável idade antes descrita:

- 44% solteiros sem filhos
- 12% solteiros com filhos
- 22% casados com família no Brasil
- 22% casados com família no Haiti

Observemos que: (1) no grupo das mulheres não há nenhuma solteira com filhos. Os homens que se declararam solteiros com filhos, esses últimos foram deixados com a mãe da criança no Haiti, para quem enviam remessas sempre que possível e nenhum deles planeja retornar; (2) a porcentagem dos homens que se declaram solteiros (57%) é bem maior do que a de mulheres solteiras (7%), e isso pode ser explicado pela diferença na faixa etária do grupo dos homens se comparado ao das mulheres.

Entretanto, cabe destacar a importância atribuída ao casamento por parte de um dos jovens entrevistados, Walner, de 18 anos e solteiro, quando manifestou ser um dos seus principais projetos de vida casar com uma brasileira, ter filhos, estudar na universidade e ganhar muito dinheiro.

Quanto à **escolaridade** dos homens entrevistados, declararam:

- 30% ensino fundamental incompleto,
- 26% ensino fundamental completo,
- 17% ensino médio incompleto,
- 4% ensino médio completo,
- 4% sem estudos.

Quando indagados sobre as possibilidades de realizar estudos no Brasil, obtivemos as seguintes respostas:

- 35% estão fazendo aulas de português,
- 4% (1 migrante) está cursando o ensino médio,
- 4% está no supletivo,
- 4% fez curso Pronatec,
- 4% fez curso técnico.

Da mesma forma que o grupo de mulheres, os homens entrevistados moram de aluguel, fato que dificulta mais ainda as chances de mobilidade social desse coletivo de migrantes, sendo que parte importante da renda familiar fica comprometida com o aluguel. Sobre as condições de **moradia** para além do aluguel, quando indagados sobre com quem dividiam a casa, observamos que a situação dos homens é muito semelhante à do grupo das mulheres:

- 61% aluga com outros integrantes da família de origem,
- 17% mora sozinho,
- 22% divide moradia alugada com outros/as migrantes haitianos/as.

Em momento algum, seja se tratando de homens quanto de mulheres, foram identificados

casos de dividir a moradia com brasileiros ou migrantes de outras nacionalidades.

Tanto no grupo dos homens quanto das mulheres, todos encontram-se em situação regular de documentação no Brasil. Isso habilita a todos a possuírem a carteira de trabalho e o CPF. Nesse sentido, após ter caracterizado o grupo de migrantes estudado estamos em condições de iniciar nossa análise da situação laboral dos migrantes entrevistados no Distrito Federal.

---

## SITUAÇÕES LABORAIS DOS HOMENS E DAS MULHERES MIGRANTES

Trabalho, desemprego, condições de precariedade, falta de reconhecimento, necessidade de capacitação, discriminação retributiva, segregação ocupacional, vulnerabilidade, são algumas das vivências que caracterizam a situação de homens e mulheres de determinadas origens sociais em todas as partes do mundo e que, para alguns – tal o caso dos migrantes haitianos consultados, representa o motor que os impulsiona a se embarcar no projeto de migração internacional.

Para avançar especificamente na análise dos migrantes objeto dessa pesquisa, podemos acrescentar outros fatores como: eventos extremos climáticos (terremoto), a expansão da rede de contatos das migrantes, a necessidade de aumentar e diversificar a renda da família, uma cultura de migração, já que “quanto mais habitual se torna a migração numa determinada comunidade [de origem e de destino], mais mudam os valores e as percepções culturais, de tal maneira que aumenta a probabilidade de futuras migrações” (SÁNCHEZ BARRICARTE, 2010, p.54).

Tais elementos condicionam a qualidade de vida desses homens e mulheres e suas famílias, limitando seriamente qualquer chance de mobilidade social e reproduzindo modelos de vida em sociedades altamente estratificadas. Assume-se, então, que a existência de discriminação para com a mulher e o homem trabalhador migrante, induz fenômenos como o da segregação ocupacional e a discriminação retributiva. Observemos, seguidamente, qual a situação de trabalho que os migrantes entrevistados se encontram no momento que foram consultados.

---

## A SITUAÇÃO DE TRABALHO DE MULHERES E HOMENS HAITIANOS MIGRANTES NO DF

Das 14 migrantes entrevistadas:

- 64% estão empregadas, porém:

1 está cumprindo aviso prévio

2 estão em período de experiência, mas, já foram avisadas que não ficarão no trabalho

- 36% desempregadas, porém:

3 são vendedoras por conta própria

Do total de 23 homens migrantes entrevistados:

- 70% empregados

- 30% desempregados

O quadro 1 apresenta uma síntese das principais atividades desempenhadas pelas mulheres e os homens migrantes no Brasil ou antes da chegada ao país, i.e., no Haiti e/ou na República Dominicana, país que quase a totalidade dos entrevistados declararam ter morado de forma permanente ou temporária antes da migração para o Brasil.

**Quadro 1 – Trabalhos realizados no Brasil, no Haiti e República Dominicana**

Brasil		Haiti - República Dominicana	
Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
Limpeza Restaurante	Construção Civil	Costureira	Agricultura
Construção Civil (limpeza)	Supermercado	Limpeza	Construção Civil
Trabalho doméstico	Aeroporto	Manicure	Costureiro
Vendedora conta própria	Restaurante Hotel	Vendedora conta própria	Vendedor por conta própria
Faxineira	Depósito loja	Cozinheira restaurante	Segurança
Diarista		Enfermeira	Proprietário escola informática
Costureira		Fábrica joias	Jardineiro
Limpeza em Escola		Recepcionista restaurante	Fábrica móveis
Atendente em Lanchonete			Não trabalhava
Cozinheira em Restaurante			

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa

As categorias ocupacionais registradas neste quadro foram denominadas com base em termos utilizados pelos próprios migrantes. Apresentá-las de forma gráfica no quadro, permite-nos avançar na problematização sobre de que forma o processo migratório pode afetar o percurso laboral dos migrantes.

Nessa linha, observamos que as diversas ocupações ao serem separadas em função da variável sexo – tanto antes quanto depois da migração para o Brasil, nos permitem sustentar que identificamos:

1. uma identidade profissional feminina e masculina que o próprio mercado de trabalho lhes atribui e que não se trata de um fenômeno isolado que acontece no Brasil com os trabalhadores e trabalhadoras migrantes. Trata-se de um fenômeno conhecido como *divisão internacional e sexual do trabalho* (HIRATA, 2009; HIRATA E KERGOAT, 2007) onde haveria profissões culturalmente consideradas como tarefas típicas de serem desempenhadas pelas mulheres (associadas originariamente ao denominado espaço reprodutivo, o doméstico, o cuidado, etc.) e outras típicas aos homens (associadas à condição masculina e, portanto, ao denominado espaço produtivo). Portanto, a divisão sexual do trabalho é um conceito que faz referência a formas de inserção diferenciada de homens e mulheres na divisão do trabalho existente, ou trabalho 'disponível' para esse perfil de migrante, tanto nos espaços de reprodução quanto nos de produção social.
2. o fenômeno da *segregação ocupacional* tanto para os homens quanto para as mulheres migrantes. No total dos homens haitianos que estão empregados, 75% trabalham na construção civil e o 25% restante no setor de serviços (aeroporto, supermercado, restaurante e hotel). Em nenhum dos casos, eles trabalham no setor de limpeza, e como mencionamos antes um dos migrantes que trabalhava como costureiro no Haiti e aqui desempenha atividade laboral na construção civil. Ele manifestou sua frustração por não conseguir exercer sua profissão de origem. Já no caso do grupo de mulheres haitianas, somente 21% trabalha na construção civil, e na área de limpeza; a mesma porcentagem trabalha também na limpeza em restaurante, e 14% no setor de serviços domésticos.

Em pesquisa desenvolvida junto a mulheres migrantes trabalhadoras na Espanha, Parella (2005) faz uma análise sobre o lugar de vulnerabilidade que ocupam as mulheres migrantes na sociedade receptora, produto da exploração e discriminação no mercado de trabalho. A autora define a vulnerabilidade como a brecha existente entre padrões de vida de um coletivo com relação a outro – por exemplo, o das mulheres migrantes e o das mulheres

autóctones. O entrecruzamento das condições de classe, gênero e étnica, condena ao coletivo de mulheres migrantes trabalhadoras a uma situação de vulnerabilidade social acentuada pela concentração delas no mercado de trabalho informal e, conseqüentemente, pelo acesso desigual a recursos materiais e à documentação que lhes permita desempenhar seus trabalhos em situação regular.

No cenário analisado na nossa pesquisa, podemos por analogia também trazer essas reflexões para a situação dos homens migrantes, sem desconhecer o fenômeno da divisão sexual do trabalho antes mencionado, assim como as especificidades da segregação masculina. A segregação ocupacional nos permite compreender o quanto os/as trabalhadores/as migrantes podem sofrer pela falta de estima social associada à tarefa desempenhada. No caso particular das mulheres haitianas entrevistadas poucas trabalham no setor de serviços domésticos, algumas já o fizeram no momento da chegada à cidade, mais, no presente conseguiram mudar de emprego, tal o caso de: Yolande, 38 anos, hoje na construção civil e Joceline, 52 anos, hoje lava louça num restaurante. Essa última, quando consultada sobre a vontade de mudar de emprego diz que não pretende fazê-lo por medo a acabar como empregada doméstica<sup>8</sup>.

Associado aos fenômenos de divisão sexual do trabalho e segregação ocupacional, identificamos através dessa pesquisa a existência de *discriminação retributiva* tanto para o grupo de mulheres quanto o dos homens haitianos. Todos os entrevistados recebem um salário mínimo ou pouco mais. O caso de maior renda foi antes mencionado, o da Marie, 46 anos, casada com dois filhos no Haiti. Ela trabalhava no momento da pesquisa como trabalhadora doméstica e morava no local de trabalho. Tinha um salário de R\$1.300, porém, recebia 900 já que lhe era descontado R\$400 para o aluguel.

Significa dizer que, segundo declaram os entrevistados, todos recebem um salário mínimo chegando ao máximo a R\$1.000, no caso de Patrick, casado, 52 anos, que trabalha na construção civil, mas declara ter problemas para se sustentar já que paga R\$600 de aluguel e deve enviar dinheiro todo mês para as filhas que ficaram no Haiti.

Com exceção do Vanel (48 anos, casado com esposa e 4 filhos no Haiti) e da Emmanuelle (43 anos, viúva e sem filhos), todos declararam receber igual salário aos colegas brasileiros que desempenham a mesma tarefa. No caso do Vanel, desempregado no momento da entrevista, ele trabalhava na construção civil. Ele recebia R\$829 mensais, sendo que os colegas brasileiros em igual função recebiam R\$1.000. Não soube explicar o motivo dessa diferença. Emmanuelle, que cumpria aviso prévio no momento da entrevista, trabalhava em restaurante preparando saladas; ela declarou receber salário menor do que as colegas brasileiras, mas, também não soube explicar o motivo.

Com base nessas reflexões, cabe reforçar a ideia de que as condições muito precárias de trabalho e a situação de vulnerabilidade em que muitos dos trabalhadores migrantes se encontram trazem implicações não somente para a vida deles como, notadamente, para o núcleo familiar do qual são responsáveis, gerando mudanças na estrutura social, com repercussões na comunidade local de origem e de destino. Identificamos uma situação de *discriminação retributiva* – pela impossibilidade de receberem salários acima do salário mínimo, seja que se trate de homens e de mulheres – que, associada à segregação ocupacional e à discriminação por gênero produto da divisão internacional e sexual do trabalho, resultam numa situação de total vulnerabilidade da população de trabalhadores migrantes e de possibilidades praticamente inexistentes de mobilidade social na sociedade brasileira.

Apesar disso, as condições de vida no país de origem mostram-se tão desfavoráveis que quando consultados sobre o que eles e elas projetam para os próximos anos, 74% dos homens declaram querer ficar no Brasil, porém, somente 36% das mulheres tem a mesma intenção.

Identificamos nas mulheres que deixaram filhos no Haiti muita angústia para melhorar as condições de emprego no Brasil para dar melhores chances de vida para os filhos e tentar a reunião familiar. É o caso da Marianne, 33 anos, desempregada, casada mora com marido e deixou dois filhos no Haiti, para quem enviam dinheiro todo mês mesmo ficando eles sem nada aqui: “*eles [filhos] não tem como aguentar sem comer*”. Marianne sonha com mudar

8 Em publicação recente de pesquisadores das migrações haitianas no Brasil e na França, Handerson e Joseph (2015) analisam a frustração de algumas migrantes haitianas ao precisar se inserir no mercado de trabalho francês no setor de serviços domésticos.

de cidade dentro do Brasil para poder arrumar emprego, porém ressalta *‘que não seja no setor de serviços domésticos’*. Ela quer trazer os filhos, mas, *“a vida no Brasil está difícil. Tem haitiano que consegue viver melhor aqui”*, mas para ela e o marido tem sido difícil.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe, nessa instância, apontar para três elementos que nos interessam nessa dinâmica migratória: a emergência do Brasil como país de destino dos fluxos migratórios regionais, a crescente migração de haitianos para o Brasil e as contribuições da análise de gênero para se aprofundar no estudo desse fenômeno.

Buscando avançar numa compreensão sociológica do que definimos como sendo objeto desse capítulo, caracterizar a inserção de um grupo de migrantes haitianos no mercado de trabalho do Distrito Federal desde uma perspectiva de gênero, foram levantadas algumas reflexões sobre gênero e migração com foco nessa pesquisa em particular. Para isso, apresentamos o perfil dos migrantes entrevistados e analisamos a inserção no mercado de trabalho dos e das migrantes identificando principalmente três tendências que ocorrem dentre o grupo de mulheres e homens migrantes: a divisão sexual do trabalho, a segregação ocupacional e a discriminação retributiva.

Entendemos que trata-se de situações que se sobrepõem e, no marco do processo migratório, reforçam o ciclo de desvantagens cumulativas, iniciado já desde a sociedade de origem, deixando os migrantes numa situação de praticamente inexistentes possibilidades de mobilidade social que lhes permitisse diminuir o impacto cotidiano das três tendências antes mencionadas. Tendências que reforçam sentimentos nos migrantes que vão além da falta de mobilidade social e que dizem respeito a sofrer um não reconhecimento do seu trabalho duro cotidiano no país de destino.

Desta forma, vai se formando uma ordem social onde a distribuição da “honra social” ou prestígio social (Weber, 1969, p. 58) esvazia algumas profissões, como é o caso antes mencionado de rejeição de algumas migrantes para voltar a assumir um emprego no setor de serviços domésticos. No cotidiano do trabalho, não somente os migrantes lutam por sobreviver e por levar adiante seus sonhos e projetos, eles também sofrem pela falta de estima social. Parece ser que, para Thelor, migrante de 31 anos, em Brasília se torna muito difícil mudar o emprego que atualmente possui num restaurante para retomar sua profissão de origem no setor de serviços informáticos. Seus planos agora passam por juntar dinheiro para abrir uma lanchonete no bairro onde atualmente mora para, depois sim, num futuro voltar para o Haiti e voltar a abrir seu próprio negócio de serviços informáticos que perdeu com o terremoto ocorrido em 2010.

Nesse sentido, entendemos que a experiência de migração internacional, independentemente das necessidades básicas mais urgentes que os e as migrantes de forma geral devam atender, leva incluído finalmente a possibilidade de mudar de vida. Uma mudança que os migrantes estão cientes que poderá ser atingida na medida que uma melhoria no nível de renda aconteça. Fato diretamente vinculado tanto às possibilidades ocupacionais que eles possam encontrar na sociedade de acolhida, assim como ao acesso a opções de moradia e às possibilidades de qualificação técnica profissional de acordo com as demandas do mercado de trabalho no Brasil.

A retomada de uma profissão inicialmente desenvolvida no país de origem como é o caso do Thelor, assim como também a possibilidade de explorar outras e novas ocupações através da migração internacional, estão diretamente condicionadas às possibilidades de educação formal e/ou de atualização tecnológica em setores de atividades que registram crescimento no país receptor.

As ações até o momento desenvolvidas no Brasil para qualificar os imigrantes haitianos referem basicamente ao ensino do idioma português por parte de algumas organizações do terceiro setor e a abertura de vagas em algumas poucas universidades brasileiras destinadas à qualificação de imigrantes haitianos.

Além do mais, na medida em que a renda dos migrantes não fique tão comprometida com a moradia (aluguel), na medida em que eles possam ser também incluídos em



programas habitacionais junto à população local, e que diversos cursos de capacitação sejam oferecidos de forma a estimular a capacidade da população imigrante se adaptar e aproveitar às necessidades do mercado de trabalho no Brasil, estar-se-á investindo numa população imigrante, residente regularmente no Brasil, predominantemente jovem e disposta a trabalhar e projetar sua vida no país.

O Brasil para os imigrantes haitianos até pode não ser o país que muito deles escolhessem como primeira opção de migração, porém, o Brasil vem sendo uma porta que se abre para uma migração regular, com possibilidades de acesso à documentação necessária para procurar o emprego e para trazer suas famílias. O desafio é dar conta de não tão somente sobreviver, mas de se projetar e se realizar tanto no âmbito laboral quanto familiar e cultural. Poder viver em quanto haitianos imigrantes no Brasil, a sua cultura e suas crenças, numa interação com a diversidade da cultura local e de outras culturas imigrantes.

---

## REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, L.; ALMEIDA, S.; OLIVEIRA, T.; TONHATI, T.; DUTRA, D. Os imigrantes haitianos: perfil e características da principal nacionalidade no mercado de trabalho brasileiro. In: CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; TONHATI, T.; DUTRA, D. (orgs.) *A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro*. Relatório Anual 2015. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho e Previdência Social/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, 2015, p.105-124.

DUTRA, Delia. Os migrantes no mercado de trabalho formal: perfil geral na série 2010-2014, a partir dos dados da RAIS. In: CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; TONHATI, T.; DUTRA, D. (orgs.) *A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro*. Relatório Anual 2015. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho e Emprego/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, 2015a, p. 59-76.

DUTRA, Delia; ALMEIDA, Sandro de; TONHATI, Tania; PALERMO, Gabrielle. Os estrangeiros no mercado formal de trabalho brasileiro: Perfil geral na série 2011, 2012 e 2013. *Cadernos OBMigra*, v.1, n.2, 2015b, p. 74-135.

DUTRA, Delia. *Migração internacional e trabalho doméstico. Mulheres peruanas em Brasília*. Brasília: CSEM; Sorocaba, São Paulo: OJM, 2013a.

DUTRA, Delia. Mulheres do *sul* também migram para o *sul*, paraguaias no Brasil. *Anuario Americanista Europeo*, n.11, p. 93-108, 2013b.

DUTRA, Delia. Mulheres, migrantes, trabalhadoras: a segregação no mercado de trabalho. *Rev. Inter. Mob. Hum., REMHU*, n.40, p. 177-193, 2013c.

DUTRA, Delia. Experiências e significados de ser migrante. Mulheres residentes em Aracaju e Caxias do Sul. In: DUTRA, D.; MARINUCCI, R.; SANTIN, T. *Vidas em trânsito. Mudanças no percurso migratório de migrantes urbanos*. CSEM: Brasília, 2011, p. 128-143.

HANDERSON, Joseph; JOSEPH, Rose-Myrlie. As relações de gênero, de classe e de raça: mulheres migrantes haitianas na França e no Brasil. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, v.9, n.2, 2015, p.1-33.

HIRATA, Helena. A Precarização e a Divisão Internacional e Sexual do Trabalho. *Sociologias*. Porto Alegre, No21, p. 24-41, jan/jun 2009.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. *Cadernos de Pesquisa*. v 37, No 132, p. 595-609, set/dez 2007.

MORAES FILHO, Evaristo de (org.). *Georg Simmel: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

OLIVEIRA, Antônio Tadeu de. O perfil geral dos imigrantes no Brasil a partir dos censos demográficos 2000 e 2010. *Cadernos OBMigra*, v.1, n.2, 2015, p.48-73. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/obmigra/article/view/14895/10661>.

PARELLA RUBIO, Sònia. Segregación laboral y “vulnerabilidad social” de la mujer inmigrante a partir de la interacción entre clase social, género y etnia. In FLAQUER, Lluís; SOLÉ, Carlota (Eds.). *El uso de las políticas sociales por las mujeres inmigrantes*. Madrid: Instituto de la Mujer. Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales, 2005, p.97-136.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, v.11, n.2, jul/dez. 2008, p.263-274.

QUIJANO, Aníbal. El laberinto de América Latina: ¿Hay otras salidas? *Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales*, enero-abril, 2004, p.75-97.

RIVERA, Silvia C. Desafíos para una democracia étnica y de género en los albores del tercer milenio. In: RIVERA, S.C. *Bircholas. Trabajo de mujeres: explotación capitalista y opresión colonial entre las migrantes aymaras de La Paz y El Alto*. La Paz, Bolivia: Mama Huaco, 1996, p.01-69.

ROCA i GIRONA, Jordi. Reproducir la reproducción: mujeres migrantes y economía informal. In: TÉLLEZ INFANTES, A.; MARTÍNEZ GUIRAO, J.E. (eds.). *Economía informal y perspectiva de género en contextos de trabajo*. Barcelona: Icaria, 2009. p.153-168.

SALA, Gabriela Adriana. Perfil educativo y laboral de los nuevos y viejos migrantes regionales censados en Argentina y Brasil. *Migraciones Internacionales*, v.4, n.4, julio-diciembre, 2008, p. 73-106.

SÁNCHEZ BARRICARTE, Jesús Javier. *Socioeconomía de las Migraciones en un Mundo Globalizado*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2010.

SASSEN, Saskia. La conformación de los movimientos migratorios internacionales. In SASSEN, S. *Una sociología de la globalización*. Buenos Aires: Katz, 2010.

SCHUTZ, Alfred. *L'Étranger*. Paris: Allia, 2003 [1944].

SIMMEL, Georg. O estrangeiro. In : MORAIS FILHO, Evaristo de (org.). Georg Simmel: *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983, p. 182-188.

WEBER, Max. Classe, Status, Partido. In : Bertelli, A. ; PALMEIRA, M. ; Velho, O. (orgs.). *Estrutura de Classes e Estratificação Social*. Rio de Janeiro : Zahar, 1969, p. 57-75.

WEBER, Max. *Economia y Sociedad*. México : Fondo de Cultura Económica, 1944 [1922], Vol. I.

# A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA NA INTEGRAÇÃO DOS/AS HAITIANOS/AS NO BRASIL

Lúcia Maria de Assunção Barbosa<sup>1</sup>

Mirelle Amaral de São Bernardo<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

Estudos de diferentes áreas têm mostrado que o aprendizado da língua e da cultura do país de acolhimento favorece a inclusão social e profissional dos imigrantes e das imigrantes. Esse conhecimento propicia maior igualdade de oportunidades para todos, facilita o exercício da cidadania e potencializa qualificações enriquecedoras para quem chega e quem acolhe.

Este breve estudo traz dados de entrevistas realizadas pelo Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), com a intenção de analisar a relação dos haitianos com a *língua de acolhimento*<sup>3</sup>. Nesse sentido, partimos dos pressupostos defendidos por FREIRE, (1970, 1977, 1980) e por PENNYCOOK (2001) da importância da aquisição da língua-alvo para a integração e transformação social.

Ainda, de acordo com Freire (1980), o ser humano não pode participar ativamente da história, da sociedade e a transformação da realidade, se não é auxiliado a tomar consciência da realidade, a “pronunciar o mundo” e a perceber sua própria capacidade para transformá-lo. Ninguém luta contra as forças que não compreende, e a realidade não pode ser modificada senão quando se descobre que é modificável e que isso é possível de ser realizado. O mesmo autor ressalta que para efetivar a prática de uma educação que visa a autonomia, uma das tarefas mais importantes é possibilitar condições para que os educandos possam “assumir-se” (2000a, p. 46). Isso envolve assumir a condição sócio-histórica, a condição de ser pensante, comunicante, transformador, criador, sonhador, que ama e sente raiva (FREIRE, 2000a).

Conforme Pennycook, e acreditando que o ensino de língua de acolhimento prevê a compreensão das relações de poder, se o ensino de línguas “continuar a trivializar-se, recusando-se a explorar aspectos políticos e culturais da aprendizagem (...), ele estará mais vinculado à acomodação do que a qualquer noção de acesso ao poder” (PENNYCOOK, 1998, p. 27). Portanto, como professores(as) e/ou pesquisadores(as), temos que estar conscientes das “conexões entre o nosso trabalho e as questões mais amplas de desigualdade social”, rompendo “com os modos de investigação que sejam associiais, apolíticos e a-históricos” (p. 42-43).

Desse modo, faz-se necessário que o acesso ao aprendizado da língua de acolhimento seja facilitado ao/à imigrante e que este se dê de forma holística e crítica, em um ambiente de acolhimento e hospitalidade. Para isso é imprescindível indagarmos quais são as necessidades linguístico-sócio-culturais dos/as refugiados/as e imigrantes para sua inserção na sociedade de acolhimento? Essa pergunta é um dos aspectos motivadores

1 Professora de Português para estrangeiros na Universidade Federal de Brasília e coordenadora do Núcleo de ensino e pesquisa em português para estrangeiros (NEPPE).

2 Professora de Português/Inglês do Instituto Federal Goiano

3 Conceito que será explicitado mais à frente.

para escrever este texto.

Na próxima seção, apresentaremos alguns pressupostos teóricos que darão suporte às análises e reflexões. Focalizaremos algumas características da Pedagogia Crítica e, posteriormente, exploraremos aspectos básicos da Linguística Aplicada Crítica, uma frente da Linguística Aplicada que, segundo Pennycook (2001, p. 6), “é a maneira de explorar língua em um contexto social que vai além de meras correlações entre linguagem e sociedade, estabelecendo questões mais críticas sobre acesso, poder, disparidade, desejo, diferença e resistência”<sup>4</sup>.

---

## PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

No contexto do ensino de línguas, podemos considerar que a Pedagogia Crítica (doravante PC) fornece bases consideráveis para o desenvolvimento da consciência cultural crítica, pois inclui a compreensão do processo de ensinar a produção e a reprodução dialética e dialógica do conhecimento. Além disso, refere-se a esse processo como negociação e produção de sentido entre professores/as e alunos/as.

Sob o viés desta teoria, os/as professores/as assumem o papel de promotor(a) do intelecto, do conhecimento a fim de formar cidadãos críticos para atuarem na sociedade. Os/as professores/as o fazem abrindo os olhos de quem aprende para a compreensão, a reflexão e, conseqüentemente, a transformação das injustiças na sociedade. Sob essa perspectiva, ensinar no espírito da PC não se limita a ajudar os/as alunos/as a adquirirem capacidade de pensamento crítico, mas também fazê-los/las compreender seu poder de construção da sociedade, para, em seguida, tomarem medidas para resistir à injustiça e à hegemonia. Não se trata de uma questão de discutir ou de trocar pensamentos críticos na sala de aula, mas de aplicar o pensamento crítico no cotidiano como um hábito de vida adquirido.

Paulo Freire propõe a pedagogia da autonomia, na medida em que seus ideais estão fundados “na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando” (FREIRE, 2000a, p. 11). A temática da autonomia ganha em Paulo Freire um sentido sócio-político-pedagógico: autonomia é a condição sócio-histórica de um povo ou pessoa que tenha se libertado, se emancipado, das opressões que restringem ou anulam sua liberdade de determinação e de transformação. Conquistar a própria autonomia implica, para Freire, libertação das estruturas opressoras. “A libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela” (FREIRE, 1983, p.32). Não há libertação que se faça com homens e mulheres passivos, é necessária conscientização e intervenção no mundo. A autonomia, além da liberdade de pensar por si, além da capacidade de guiar-se por princípios que concordem com a própria razão, envolve a capacidade de realizar, o que exige consciência e atitude.

De acordo com Freire (1982), o ser humano, ao contrário dos animais, possui existência. “O domínio da existência é o domínio do trabalho, da cultura, da história, dos valores - domínio em que os seres humanos experimentam a dialética entre determinação e liberdade” (FREIRE, 1982, p. 66). É no domínio da existência que os homens e mulheres se fazem autônomos/as.

Para Freire, a construção da autonomia passa pela conscientização, ele propõe a conscientização como um esforço de “conhecimento crítico dos obstáculos” (FREIRE, 2000a, p.60) que impedem a transformação do mundo, que impedem a superação das condições de heteronomia. O homem é o único ser vivo que consegue tomar distância do mundo, objetificá-lo, admirá-lo, para promover uma aproximação maior, para conhecê-lo. No entanto, essa aproximação espontânea que o ser humano faz do mundo ainda não é uma posição crítica sobre ele, é uma posição ingênua, é tomada de consciência, mas não é conscientização. A conscientização nos possibilita entender que não há situações determinadas, tudo pode ser modificado, transformado, melhorado. É papel da educação

---

4 Texto original: “a way of exploring language in social contexts that goes beyond mere correlations between language and society and instead raises more critical questions to do with access, power, disparity, desire, difference, and resistance”.

motivar os grupos populares para que percebam criticamente a violência e a injustiça de sua situação concreta e que também percebam que essa situação, ainda que difícil, pode ser mudada.

No que concerne ao ensino de línguas para a cidadania intercultural, cabe ressaltar sua importância nesse contexto, pois ele possibilita aos/às aprendentes sentirem-se confiantes em suas próprias identidades, engajando-se como cidadãos/ãs em suas casas e comunidades. Além disso, permitir que pessoas de diferentes origens vivam juntas em qualquer sociedade. Da mesma forma, para ensinar uma língua estrangeira criticamente, de modo a transgredir as fronteiras hegemônicas e disciplinares de uma educação meramente técnica, é necessário extrapolar “as meras correlações entre linguagem e sociedade, estabelecendo questões mais críticas sobre acesso, poder, disparidade, desejo, diferença e resistência”<sup>5</sup> (PENNYCOOK, 2001, p. 6), sugerindo o uso da língua como prática social.

Guilherme (2002), afirma ser o ensino de línguas interdisciplinar por natureza e transfere aos cursos de formação de professores de línguas a responsabilidade de preparar educadores/as e cidadãos/ãs críticos/as para um mundo intercultural. Por conseguinte, ensinar/aprender uma língua/cultura estrangeira implica ter uma visão ideológica do mundo além das nossas fronteiras culturais, que reflete a maneira como percebemos a nós mesmos dentro da nossa própria cultura e nossa posição em relação ao outro.

Ao ensinar, de acordo com os pressupostos da pedagogia da autonomia, devemos respeitar os saberes socialmente construídos pelos/as aprendentes na prática comunitária. Discutir os problemas por eles/as vividos, estabelecer uma intimidade entre os saberes e a experiência social que eles/as têm como indivíduos, discutir as implicações políticas e ideológicas, e a ética de classe relacionada a descasos.

Da mesma forma, é fundamental considerar as experiências trazidas pelos/as aprendentes, pois suas experiências vividas em seu país de origem (ou em outros países), na sociedade de acolhimento, nas ruas, praças, no trabalho e nas salas de aula são cheias de significação. Neste contexto, a questão da identidade cultural não pode ser desprezada.

A barreira linguística é um dos desafios principais enfrentados por imigrantes no que se refere à adaptação a uma sociedade de acolhimento. Ao nos referirmos à língua nesta pesquisa, aludimos ao construto língua-cultura, entendido como um processo que envolve não só o conhecimento linguístico estrutural de uma língua, mas também suas variantes sociais e os elementos culturais intrínsecos ao pensamento humano, transformados pela língua e transmitidos por meio dela.

A experiência como imigrante não é homogênea, no entanto ela pode estar ligada à condição de perda, perseguição e trauma. A consciência dessa condição e do significado da relação entre professor/a e aluno/a traz uma forte motivação para a busca por mudança e por encontrar uma metodologia de ensino apropriada que atenda às necessidades dos/as imigrantes e que corrobore o desafio do reestabelecimento dessas pessoas.

Em se tratando do ensino de português como língua de acolhimento, principalmente no que se refere a um curso para um público tão específico como os participantes deste estudo, é fundamental que esse ensino ofereça a capacitação linguística necessária ao desenvolvimento da Competência Comunicativa dos/as aprendentes – e, conseqüentemente, das subcompetências que a compõem, incluindo a intercultural. Isso implica não somente desenvolver a habilidade linguística, mas expandir o conhecimento cultural e a capacidade de interação intercultural, propiciando ao aprendente uma sensibilidade cultural, ou ainda uma *Consciência Cultural Crítica*, conceito proposto por Byram (1997) no modelo de Competência Intercultural, descrito pelo autor como ‘habilidade de avaliar criticamente com base em critérios explícitos, perspectivas, práticas e produtos na sua própria cultura e na cultura do outro’. Tal competência possibilita a conscientização das diferenças culturais e o modo como essas diferenças interferem na interação e na comunicação, facilitando a integração dessas pessoas à sociedade que as acolhe. Byram (2008) compara o conceito central da consciência cultural crítica ao conceito de Gagel (2000, *apud* BYRAM, 2008, p. 164) de Consciência Política:

---

<sup>5</sup> Texto original: “mere correlations between language and society and instead raises more critical questions to do with access, power, disparity, desire, difference, and resistance”.

A pré-condição para o engajamento democrático é quando o cidadão se torna consciente da relação entre destino individual e processos e estruturas sociais. (...) A pessoa politicamente consciente e informada não deve ser um objeto passivo de política, mas como sujeito deve participar da política (GAGEL *apud* BYRAM, 2008, p. 164, *tradução nossa*).<sup>6</sup>

Para os imigrantes, a apropriação da língua do país de acolhimento não é meramente um fim em si, mas um meio de integração: “aprendizagem é uma necessidade ditada pelos imperativos da vida em meio exolingual” (HERVÉ, 2009, p. 38). As urgências do cotidiano em termos de trabalho, transporte, consumo, saúde e relações interpessoais trazem uma orientação pragmática ao processo de aprendizagem da língua de acolhimento. Quando nos referimos à língua-alvo como língua de acolhimento, ultrapassamos a noção de língua estrangeira ou de segunda língua. Para o público adulto, recém-imerso numa realidade linguístico-cultural não vivenciada antes, o uso da língua estará ligado a saber agir, saber fazer e a novas tarefas linguístico-comunicativas que devem ser realizadas nessa língua, bem como com a possibilidade de tornar-se cidadã(o) desse novo contexto, de forma cultural e politicamente consciente, participando como sujeito dessa sociedade. Grosso (2010) explica a escolha pelo conceito língua de acolhimento, definindo a relação entre a língua e o contexto a que ela se aplica:

Orientada para a ação, a língua de acolhimento tem um saber fazer que contribui para uma interação real, a vida cotidiana, as condições de vida, as convenções sociais e outras que só podem ser compreendidas numa relação bidirecional” (GROSSO, 2010, p.71).

A autora defende ainda que “ao se operacionalizar a língua de acolhimento em conteúdos de ensino-aprendizagem, o seu âmbito ultrapassa largamente o domínio profissional”, no entanto, esse nível é de extrema importância para a integração do indivíduo à nova sociedade. Apesar disso, as necessidades comunicativas estão ligadas a tarefas e a situações que divergem da cultura de origem e que perpassam por diversos setores da vida, como a educação, trabalho, saúde, moradia, relações pessoais.

Além dessas características explicitadas pela autora, o conceito de língua de acolhimento, ao nosso entender, refere-se também ao aspecto emocional e subjetivo da língua e à relação conflituosa que se apresenta no contato inicial do imigrante com a sociedade de acolhimento, a julgar pela situação de vulnerabilidade que essas pessoas enfrentam ao chegarem a um país estrangeiro, com intenção de permanecer (ou não) nesse lugar. Nesse contexto, o papel do professor traduz-se também como um amenizador do conflito inicial entre aprendente e língua, permitindo que o/a mesmo/a comece a vê-la como um recurso de mediação entre ele/a e a sociedade que o/a recebe, bem como, percebê-la como aliada no processo de adaptação e de pertencimento ao novo ambiente, que não é o seu lugar, sua casa. Ainda assim, a língua pode ser usada como elemento de luta e transgressão.

Sob essa ótica, um trabalho, em sala de aula, com temas que sejam próximos à realidade em que vivem os/as aprendentes pode facilitar a aquisição dessa nova língua, pois aproxima o grupo dessa língua e o incentiva a produzir textos em geral e as narrativas pessoais, que contem sua própria história. Por esse motivo, é importante que o material a ser utilizado com esses grupos, em específico, evidencie unidades que sejam tematizadas de acordo com a realidade que eles vão enfrentar ou já enfrentam no seu cotidiano no país estrangeiro.

Dessa maneira, o aprendizado da língua se dará mais pelo processo de aquisição, que por aprendizagem consciente, conforme diferencia Krashen (1987). Segundo o autor, a **aquisição** é um processo de assimilação **natural, intuitivo, subconsciente, fruto de interação** em situações reais de convívio humano em que o aprendiz participa como sujeito ativo, desenvolvendo habilidades práticas e habilidades funcionais sobre a língua. Esse processo tem semelhança com a assimilação da língua materna pelas crianças. Essa assimilação se dá pela interação da criança com as pessoas que a cercam, como família e comunidade. A criança desenvolve a familiaridade com a fonética da língua e sua estrutura,

6 Texto original: “The pre-condition for democratic *engagement* is that the citizen becomes aware of the relationship between individual destiny and social processes and structures. (...) The political aware and informed person should not be a passive object of politics, but as a subject should participate in politics”.

adquire também vocabulário e capacidade de entendimento oral, a fim de compreender e ser compreendida em diversas situações, possibilitando assim uma comunicação criativa. Um curso que tenha como base a aquisição pode reforçar e incentivar o ato comunicativo, levando o aprendiz a desenvolver-se na língua e a adquirir autoconfiança ao usá-la.

Ao contrário da aquisição, a **aprendizagem** é um processo **consciente, com atividades** baseadas no **ensino tradicional/gramatical** da língua, focadas, em geral, no aprender *sobre* a língua. Com **esforço intelectual** e a **capacidade dedutiva e lógica**, tenta-se aprender o **funcionamento** da língua e espera-se que através da **língua escrita** o aprendente entenda e desenvolva a capacidade de falar a nova língua, o que muitas vezes não ocorre.

Almeida Filho (2002, p. 12) nos diz que “a nova língua para se desestrangeirizar vai ser aprendida para e na comunicação sem se restringir apenas ao domínio de suas formas e do seu funcionamento enquanto sistema”. Para que se encontre sentido no que se está aprendendo, é preciso que o aprendizado seja tomado em conjunto e em relação a outras coisas. Portanto, é importante que o aprendiz se envolva em situações reais de interação e de comunicação efetiva na nova língua, o que pode ser facilitado por meio do ensino baseado em temas. No que tange à distinção entre aquisição e aprendizagem, o autor, assim como Krashen, acredita que a aprendizagem é um processo consciente, é o saber a respeito de uma nova língua, é o conhecimento formal gramatical do sistema linguístico. Para ele, este conhecimento por si só nem sempre garante a aquisição.

Segundo Widdowson (1991), a língua deve ser ensinada para a comunicação. No caso dos/as alunos/as desse curso isso é ainda mais que preferível, é necessário. O objetivo principal desses/as alunos/as é poderem comunicar-se através da língua portuguesa para que consigam inserir-se no contexto social e que possam encontrar no Brasil sua nova casa, bem como, vivenciar um sentimento de acolhimento e, concomitantemente, um sentimento de pertencimento a esse novo lugar, uma vez que essas pessoas dificilmente voltarão à sua terra natal.

Levando em consideração que a aquisição da língua traz consigo o conhecimento da cultura que ela representa, da maneira com que os falantes dessa língua enxergam as situações do cotidiano, do como fazer, como agir, como solucionar os problemas do dia-a-dia, essa proposta objetiva ir além da simples aceitação desses fatores socioculturais por parte do/as alunos/as. É desejável que hajam trocas de experiências entre a língua-cultura que se adquire e aquela que já lhe é de pertencimento, com o objetivo de fomentar a relação estreita entre a língua, o modo de pensar e a construção das identidades de um grupo social.

Dessa forma, o(a) professor(a) precisa estar ciente de que a sala de aula – enquanto espaço intercultural - pode ser um ambiente autêntico onde relações autênticas são experienciadas. Nesse contexto, a comunicação deve se dar pelo princípio da solidariedade e da verossimilhança aliada à aprendizagem da língua como elemento capaz de auxiliar o sujeito na transformação social e pessoal (FREIRE, 1970).

---

## ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA DE ACOLHIMENTO PARA IMIGRANTES HAITIANOS/AS

Os dados foram coletados por meio de entrevistas a um grupo focal e foram, em princípio, selecionados e categorizados para uma posterior análise. Os nomes foram substituídos para manter sigilo sobre a identidade dos/as participantes.

Dentre as principais reflexões advindas dessa experiência está o fato de o ensino de português como língua de acolhimento: ser uma abordagem mais próxima da realidade e das necessidades dos(as) alunos(as); desencadear discussões socialmente relevantes, colaborando com a resignificação dos discursos e práticas hegemônicas vigentes; e permitir que os(as) alunos(as) se desenvolvam melhor linguístico e comunicativamente.

Durante as entrevistas, percebemos que a maioria ainda apresenta um nível

baixo de proficiência linguístico-cultural em língua portuguesa. Parte dos/as participantes fala além de francês e crioulo – espanhol – por ter morado na República Dominicana antes de virem para o Brasil.

Essa é a realidade dos entrevistados Roger, Denold, José e Cenel quando citam as línguas que falam:

**Roger:** Inglês, algumas palavras. Falo espanhol, francês, crioulo, e um pouco de português.

Para Denold, José e Cenel, o falar espanhol facilita a compreensão do português:

**E-** Vocês falam espanhol não falam?

**Denold-** Fala.

**José-** Fala um pouquinho espanhol, não muito...

**E-** E o espanhol ajuda com o português?

**Denold-** Ajuda.

**E-** E como é que você sente a questão da língua, do idioma? Você acha que... Você morou muito tempo na República Dominicana, né.

**Cenel -** É

**E-** Certamente você fala o espanhol bem.

**Cenel -** Sim.

**E-** Você acha que isso facilita, que isso, saber o espanhol, te ajudou...

**Cenel -** Sim, ajudou.

**E-** A falar português?

**Cenel -** O espanhol me ajudou a aprender a falar português, porque muita coisa não tem diferença.

No que se refere a falantes de espanhol, a aquisição do português enseja didáticas diferenciadas, pois são duas línguas tipologicamente próximas que possuem estruturas e grupos de palavras muito parecidas. Esse fator da proximidade facilita a comunicação entre os falantes dessas línguas. No entanto, os mesmos aspectos facilitadores – pela proximidade tipológica – podem culminar na “fossilização” que Ferreira (2002, 142) define como “(...) o nível de estacionário da interlíngua, no qual o aprendiz deixa de progredir em direção à língua-alvo e não distingue entre os dois sistemas linguísticos (...)”.

Os/as haitianos/as ainda contam com pouco acesso a oportunidades de estudarem formalmente a Língua Portuguesa. Entre os que estão participando de aulas de português para estrangeiros, a maioria frequenta as aulas oferecidas por voluntários, uma vez por semana, em locais próximos de onde moram. Os dados aqui apresentados não nos permitem aferir se no curso frequentado por eles há materiais ou abordagens que considerem o fato de que dentre eles hajam alguns que são também falantes de espanhol.

No que tange à dificuldade enfrentada para aprenderem o idioma, os depoimentos dos os/as participantes trazem indicações importantes, como evidenciamos nos trechos a seguir:

**Roger:** Aqui não, eu não estou, se eu for lá pegar o curso eu não, o curso de português, eu irei só, eu quero estudar, mas eu, **ainda não dá pra estudar.**

**Raoul:** **Não é bem um professor**, mas eu to aprendendo. Si no tem outra coisa de fazer.

**E:** E o idioma de vocês? Facilita ou dificulta?

**Anna:** Que?

**E:** A língua? Dificulta arrumar emprego?



**Anna e Berta:** liii muito! (risos) Antes é mui mui mui difficile

**E:** Como que vocês conseguiram falar português... enfim oque fizeram...

**Anna:** Com jornal

**Berta:** Estudar Varjão

**Anna:** É depois estudar Varjão...

No depoimento de Roger, é possível perceber que, embora deseje estudar, a urgência imposta pela necessidade do trabalho constitui impedimento. A situação de Raoul contrapõe-se a de Roger, pois, ao expressar que o curso de português - ainda que não seja dado por um voluntário que não é professor - preenche o tempo que, em princípio, deveria ser dedicado possivelmente a um trabalho.

Não falar a nova língua torna a jornada pela busca do emprego mais árdua. Além disso, dificulta o crescimento profissional dos/as haitianos/as, impedindo que façam cursos profissionalizantes, que cresçam nas empresas onde trabalham ou encontrem outras oportunidades de melhores empregos. Por outro lado, saber um pouco mais do idioma pode facilitar a conseguir trabalho. Essas constatações ficam evidenciadas nas falas de José, Denold e Wesley:

**E:** Mas você pretende fazer algum curso, algo assim?

**José:** Sim.

**Denold:** Ele sempre fala, curso, mas tava na cabeça que **não vai entender nada** que o professor fala (risos).

**José:** Tem que aprende um pouquinho e depois que falar mais eu vai fazer o curso...

**Denold:** Eu também, pronatec tá oferecendo muito curso

**E:** Mas você acha que o fato de você saber outras línguas, ajudou a encontrar esse emprego?

**Wesley:** Na verdade não, porque...eu achei esse emprego porque ela percebeu que eu falo um pouco melhor português, mas não porque eu falo outra língua. Se for por outra língua, eu acho que eu ia trabalhar em outro lugar, no aeroporto. Porque eu deixei currículo, mas nunca chamou, né? **Mas estou trabalhando porque eu falo um pouco, né, melhor português**, mas se eu não falo português eu não ia conseguir.

No caso de Wesley, depreendemos que falar “um pouco melhor português” foi o fator que fez a diferença para obter o emprego, caso contrário, não seria bem sucedido nessa busca.

Do mesmo modo, o conhecimento de outras línguas também constitui um diferencial importante para ter acesso a melhores empregos e salários. Essa é a constatação de Thelor que, em lugar de dar entrevistas, preferiu e ter suas respostas compiladas em forma de um relato do entrevistador:

**Thelor:** Quanto à língua, o entrevistado afirma que o conhecimento o ajuda muito. Recebe um adicional no salário por saber falar inglês, por exemplo. Acha que aprender o português é fundamental, mas o conhecimento que dispõe do inglês e do espanhol o ajuda sobremaneira, tanto no trato com os clientes, como com a equipe de trabalho.

Embora reconheça que o aprendizado do português seja um fator importante, destaca o fato de ser valorizado em seu emprego pelo conhecimento que possui de inglês e de espanhol.

Na visão de Roger, falar outras línguas pode ser uma vantagem para os imigrantes a ter um emprego melhor. No entanto, não sabe como se beneficiar desse diferencial.

**E:** Você fala várias línguas, você acha que isso ajuda, no emprego, para arrumar emprego? (14:40)

**Roger:** Sim, sim, eu acho, tem um amigo que me fala que tem um hotel aqui que precisa de estrangeiro que fala muita língua, mas eu não sei aonde ir que precisa da gente, que eu acho para trabalhar. (15:03)

Este depoimento de Roger dá indicações de que se há um problema para acessar eventuais oportunidades de trabalho, pois elas não são facilmente identificadas, conforme explicitado nesta passagem: “mas eu não sei aonde ir que precisa da gente, que eu acho para trabalhar”. Evidentemente esta percepção de Roger indica falhas nos mecanismos de divulgação de postos de trabalho e nas orientações de como acessá-los.

Outro aspecto concernente à relação entre proficiência da língua no País de acolhimento e melhores oportunidades de trabalho está explicitado no relato de **Thelor:**

No Haiti, fez curso superior na área de tecnologia da comunicação. Um mês após chegar ao Brasil, Trabalhou em dois restaurantes. No primeiro, localizado no Pier 21, trabalhou por 5 meses lavando louça. Depois disso, trabalhou como garçom em um restaurante de cozinha internacional no Terraço Shopping. Trabalha agora como garçom no restaurante Mercado 153, no Brasília Shopping. Mas continua fazendo extra às sextas, sábados e domingos no Hotel Mercure.

A partir dessa narrativa do percurso de Thelor, é possível inferir que a baixa proficiência na língua do país de acolhimento faz com que a pessoa execute tarefas que estão, em alguns casos, abaixo do seu nível de formação acadêmica. Além disso, dificulta o crescimento profissional e a possibilidade de conseguir empregos e salários melhores. Embora Thelor possua curso superior, trabalha, desde à sua chegada ao Brasil, como garçom.

A integração de imigrantes à sociedade de acolhimento é um outro aspecto influenciado pela falta de proficiência na língua do país. Em geral, os/as brasileiros/as não falam outros idiomas e, talvez por isso, sentem-se inseguros/as em tentar se comunicar com estrangeiros/as. Os/as haitinos/as, embora sejam falantes de mais de um idioma, não se sentem totalmente integrados/as à sociedade na qual vivem agora e, presumidamente por essa razão, costumam manter suas relações sociais limitadas aos/às conterrâneos/as ou aos/às brasileiros/as com os/as quais convivem no ambiente de trabalho.

Nas horas vagas, alguns vão à igreja. Essa constatação fica demonstrada nos depoimentos a seguir:

**E:** Vocês sentem que as pessoas integram vocês na comunidade? As pessoas conversam com vocês ajudam?

**Anna:** No, no tem ninguém pra conversar...

**E:** Não tem relações com outras pessoas que não vocês?

**Anna:** No. Se eu não tem nada pra fazer eu vou na igreja.

**E:** E agora? Você sente que você é um pouco brasileira já?

**Anna:** Brasileira um pouquinho... rs

**Berta:** Um pouquinho...

**E:** Você já se sente um pouco brasileira, ou mais haitiana, como é? Se sente parte dos dois países?

**Marianne:** No, haitiana sempre.

**E:** Quais os aspectos de suas vidas que melhoraram/pioraram em relação a sua situação antes de emigrar? Se sente integrado?

**Marie:** Aqui é difícil encontrar trabalho, e me sinto sozinha, queria estar junto do meu marido, não me sinto integrada aqui, não tenho dinheiro e me sinto estrangeira.

Anna, Marie, Berta e Marianne dizem expressamente não se sentirem acolhidas. Suas respostas curtas desdobram-se em um misto de solidão e decepção. Anna e Berta arriscam

dizer que se sentem “um pouquinho” brasileiras. No entanto, o uso do diminutivo expressa a medida exata do sentimento de estrangeiridade. Estrangeiridade que, por sua vez, desdobra-se na constatação do não-acolhimento expresso no desabafo de Marie: “(...) e me sinto sozinha... não me sinto integrada (...) e me sinto estrangeira. ”. Ao expressarem essa percepção, indicam-nos a relação estreita entre ser ou não estrangeiro em um espaço que (não) acolhe.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A breve análise aqui empreendida por nós dá-nos indicações do papel que a língua de acolhimento possui para uma integração linguístico-cultural e laboral de diferentes públicos imigrantes. Neste caso específico, tratamos de haitianos(as) com diferentes perfis profissionais e percursos linguísticos.

Do ponto de vista do reconhecimento do papel da língua nesse processo, entendemos que há um longo caminho a ser percorrido, com paradas obrigatórias no estabelecimento urgente de políticas públicas, nas parcerias urgentes com o mundo do trabalho, na formação de professores, na elaboração de um sistema de avaliação que não seja excludente e na produção de materiais didáticos que atendam as especificidades desse ensino-aprendizagem ainda pouco reconhecido no meio acadêmico.

Das experiências aqui relatadas emergem sobretudo a dinamicidade e a complexidade que estão imbricadas no processo de inserção e de instalação dessas pessoas na sociedade brasileira que se pretende (ou se vê) acolhedora. Contudo, essa é, a nosso ver, uma outra longa história a ser (re)visitada.

---

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. *Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.
- Byram, M. (1997) *Teaching and Assessing Intercultural Communicative Competence*. Clevedon: Multilingual Matters.
- \_\_\_\_\_. (2008) *From Foreign Language Education to Education for Intercultural Citizenship*. Clevedon: Multilingual Matters.
- FERREIRA, I. A.. Português/Espanhol - Fronteiras Linguísticas que devem Ser Delimitadas. In: Maria Jandyra Cavalcanti Cunha, Percília Santos. (Org.). *Tópicos em Português Língua Estrangeira*. Brasília: Editora UNB, 2002, v. 1, p. 11-215.
- Freire, P. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. Trad. Kátia de Mello e Silva. 3ª ed. São Paulo: Editora Moraes, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000a.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000b.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GROSSO, M. J. R. (2010). *Língua de acolhimento, língua de integração*. Horizontes de Linguística Aplicada, v. 9, n.2, p. 61-77.
- Guillerme, M. (2000). Intercultural Competence, in: MICHAEL, B. (Ed.) *Encyclopedia of Language Teaching and Learning*. London: Rutledge, pp. 298-299.
- \_\_\_\_\_. (2002) *Critical Citizens for an Intercultural World: Foreign Language Education as Cultural Politics*. Clevedon / Buffalo: Multilingual Matters.
- PENNYCOOK, A. A lingüística aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I; CAVALCANTI, M. C. (org.). *Lingüística aplicada e transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 23-49.
- \_\_\_\_\_. *Critical Applied Linguistics: a critical introduction*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.
- Krashen, Stephen D. *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. Prentice-Hall International, 1987.
- WIDDOWSON, H. G. *O ensino de línguas para a comunicação*. Trad. José Carlos P. de Almeida Filho. Campinas: Pontes, 1991. p.41-68.

# Características sociodemográficas e laborais da imigração haitiana no Brasil

Leonardo Cavalcanti<sup>1</sup>

Tânia Tonhati<sup>2</sup>

O presente artigo tem como objetivo apresentar os principais resultados encontrados na pesquisa intitulada: *A imigração haitiana no Brasil - características sociodemográficas e laborais na Região Sul e no Distrito Federal*, realizada durante os meses de março a dezembro de 2015<sup>3</sup>. Esse grupo de imigrantes possui uma importância singular no atual contexto da imigração no país. Além de ser a principal nacionalidade no mercado de trabalho formal no Brasil, é o único coletivo de imigrantes que tem uma Resolução especial do Conselho Nacional de Imigração (CNIg) que permite a concessão de visto por razões humanitárias.

Nos primeiros anos da presente década, foram emitidos 48.361 vistos para haitianos e 51.124 autorizações de residência pelo CNIg, com um crescimento constante desse fluxo migratório durante a primeira metade da atual década. No entanto, esses dados, não permitem afirmar que todos os imigrantes com vistos emitidos nas repartições consulares entraram no país. Da mesma forma, os imigrantes que tiveram as autorizações de residência via CNIg podem ter retornado ao lugar de origem ou reemigrado para outro país. Além disso, nem todas estas pessoas estão entre a População por Idade Ativa (PIA). Portanto, pode haver decisões familiares em que um membro da família provê os recursos econômicos e os outros integrantes se dedicam a outras atividades. Para ter uma maior precisão da situação desses imigrantes no mercado trabalho seria necessária uma chave primária que possa fazer o *linkage* entre as bases da Polícia Federal e os registros administrativos dos ministérios para fazer os cruzamentos necessários. Por último, é importante considerar o fator da informalidade. Em um país em que os nacionais possuem uma alta taxa de trabalho informal, há uma grande possibilidade que os imigrantes também exerçam esse tipo de atividade. Em síntese, devido às próprias características do fenômeno migratório e as razões apresentadas anteriormente, não é possível fazer uma relação direta entre os vistos emitidos e as autorizações do CNIg com a situação dos imigrantes no país e a sua empregabilidade.

No entanto, uma parte considerável desses imigrantes estão no mercado de trabalho formal. Os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)<sup>4</sup>, observa-se o crescimento com taxas positivas do coletivo haitiano na primeira metade da presente década, passando de 815 pessoas no mercado de trabalho formal em 2011 a 30.484 em 2014, com taxas de crescimento anual de: 107,44% (2014/13); 255,98% (2013/12) e 406,50% (2012/11). Trata-se do coletivo cujo crescimento desponta sobre o dos demais e mantém o primeiro lugar, em termos de variação (%), nos três últimos períodos comparados. Levando em conta as quantidades consolidadas (homens e mulheres) de imigrantes para cada ano, os haitianos passam a ocupar a primeira posição no mercado de trabalho formal pela primeira vez no ano de 2013 e se mantém nessa posição até a atualidade.

Os haitianos estão empregados, principalmente, nas seguintes atividades econômicas:

1 Professor da Universidade de Brasília e coordenador científico do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra).

2 Doutoranda da Universidade de Londres, Goldsmiths College, pesquisadora e coordenadora executiva do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra).

3 Marco teórico e metodológico da pesquisa disponível em <http://obmigra.mte.gov.br/index.php/publicacoes-obmigra>, acesso em maio de 2017.

4 A RAIS não capta algumas formas de trabalho, como: trabalho doméstico, autônomos, freelancers, donos de empresas, entre outras.

construção de edifícios; abate de aves, frigorífico – abate de suínos, restaurantes e similares e limpeza em prédios e em domicílios. A maioria das mulheres está empregada no abate de aves, restaurantes e similares e limpeza em prédios e em domicílios. Os homens na construção de edifícios, abate de aves e frigorífico – abate de suínos.

Na região sul, o final da cadeia produtiva do agronegócio, especificamente a atividade econômica de abate de aves é o setor da economia que mais emprega haitianos. Já no Distrito Federal a principal atividade econômica é a construção de edifícios.

O estudo sociohistórico da pesquisa, observou que a chamada “cultura de migração”<sup>5</sup> é uma marca do Haiti. Como bem observado no capítulo VI, do início do século XX até os dias atuais, a migração internacional haitiana teve como principais países e regiões de destino os seguintes: República Dominicana, Estados Unidos, França e ilhas caribenhas (Bahamas, Martinica, Guadalupe) e Guiana Francesa. Corroborando os estudos clássicos dessa migração, os entrevistados da pesquisa ratificam que o Brasil não pertence à ordem de prioridade da diáspora haitiana. A possibilidade de migrar para o Brasil surge apenas como alternativa aos destinos clássicos da emigração haitiana.

A pesquisa constatou que o fluxo haitiano para o Brasil tem origem nos primeiros anos da presente década. Tanto o material coletado nas entrevistas e nos grupos focais, quanto a pesquisa documental a fontes bibliográficas, constata que marco histórico do atual fluxo da imigração haitiana no Brasil é o período pós-terremoto no Haiti de 12 de janeiro de 2010 e as subsequentes crises humanitárias que se desdobraram, como por exemplo, no mesmo ano o surto de cólera, que matou mais de 8.000 pessoas. E, ainda, em 2012, os furacões, Issac e Sandy, que atingiram o país, vindo a destruir a produção agrícola, principal fonte de recursos econômicos da população. Esses eventos no Haiti, somado aos seguintes fatores são decisivos para determinar o direcionamento desse fluxo migratório para o território brasileiro:

- 1) O Brasil representava (e continua representando para alguns) uma porta de entrada para chegar à Guiana Francesa, e também, um “corredor” ou uma etapa para conseguir vistos para outros países como Estados Unidos, Canadá ou França;
- 2) O lugar destacado do país no cenário internacional com a realização de grandes eventos (Olimpíadas e Mundial de Futebol) e, ao mesmo tempo, o fato de comandar as tropas da Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH);
- 3) O contexto de pleno emprego e a valorização do real em relação ao dólar no início da presente década;
- 4) Posição pública e internacional de abertura e de hospitalidade do Governo brasileiro em relação aos haitianos.
- 5) A ideia do Brasil como um “paraíso racial”, sem discriminações, particularmente no imaginário daqueles que sofriam tal discriminação na República Dominicana e no Equador;
- 6) A informação de que o migrante ganharia Brasil moradia e alimentação gratuita (o que não é fato), além da remuneração do trabalho ser bem significativa, variando entre U\$ 2.000 a U\$ 3.000 dólares mensais.

Como o estudo revelou, na sua maioria, os haitianos no Brasil procedem de Gonaïves e da capital do país, Porto Príncipe. Ainda que é um fluxo diversificado em relação às cidades de origem, essas duas cidades podem ser consideradas como principais pontos partida da emigração haitiana para o Brasil.

Os imigrantes que não conseguiram o visto por razões humanitárias, utilizam diferente itinerários e rotas migratórias para chegar ao país. Como por exemplo, a rota via Tabatinga que saía do Haiti, passava pela República Dominicana com escala no Panamá, com destino a Quito. Chegando ao Equador começava a parte terrestre que passava por Lima, Iquitós, Santa Rosa até a Tríplice Fronteira. Outra rota era saindo do Haiti, com escala no Panamá, direto para o Peru e de lá até a Tríplice Fronteira. Além de outros itinerários, como por exemplo, passando Peru-Bolívia até a fronteira com o Estado do Acre. Todas as rotas

<sup>5</sup> Para mais detalhes sobre o conceito “Cultura de Emigração”, consultar Kalir, B (2005).

estavam estritamente relacionadas às condições econômicas, ao nível de instrução, às redes sociais e migratórias e ao local de procedência.

Em relação aos lugares de destino, São Paulo é a cidade que mais emprega haitianos em termos absolutos, e o Paraná é o estado que teve, depois Santa Catarina, o maior incremento relativo da admissão dos haitianos no mercado de trabalho brasileiro (CAVALCANTI, OLIVEIRA e TONHATI, 2015). Como observado no artigo de Marcio de Oliveira nesse mesmo dossiê e seguindo a mesma tendência da imigração histórica no país, que foi concentrada no sul e sudeste, os imigrantes haitianos na atualidade não se encontram dispersos em todo o território nacional. O coletivo está concentrado no chamado Brasil Meridional (Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). Assim, a presença desses imigrantes parece resgatar o papel que essa região desempenhou na história da imigração para o Brasil, ainda que com diferenças significativas entre a imigração europeia nos séculos XIX e XX e a atual chegada dos haitianos.

No que tange à variável sexo, tanto no mercado de trabalho quanto nos registros da Polícia Federal, predominam os imigrantes do sexo masculino. Vale a pena salientar que essa predominância dos homens sobre as mulheres está relacionada com as demandas e características do mercado de trabalho formal brasileiro.

No tocante à faixa etária, observou-se que a imigração haitiana no Brasil é marcada, eminentemente, por pessoas em idade produtiva. Para a sociedade de destino, essa composição etária é muito benéfica, pois a idade que o Estado mais gasta e investe no cidadão é no período da infância e na terceira idade. Assim sendo, o Brasil está recebendo uma mão de obra já formada e que pode contribuir de forma decisiva para o crescimento do país (CAVALCANTI, OLIVEIRA e TONHATI, 2015).

A atividade econômica que mais empregou haitianos entre os anos de 2011 e 2014 foi a construção de edifícios, seguida por Abate de Aves e em terceiro lugar Frigorífico - Abate de Suínos. Assim o setor da construção civil e o final da cadeia produtiva do agronegócio, foram os principais responsáveis pela contratação dos haitianos no mercado formal de trabalho.

A pesquisa revelou que as condições e ocupações dos haitianos dependem da região no Brasil e do vínculo (formal e informal). No Paraná, os nichos de mercado é o final da cadeia produtiva do agronegócio. No Distrito Federal, construção e limpeza. Assim os haitianos não tem uma atividade ou um nicho de trabalho específico que seja característico de todas as regiões do país. Pelo contrário, a inserção responde as demandas e características das regiões e localidades.

O estudo constatou diferentes dificuldades enfrentadas pelos imigrantes no mercado de trabalho. Os trabalhadores que estão no mercado informal relatam condições de precariedade, falta de reconhecimento, necessidade de capacitação, discriminação retributiva e vulnerabilidade. Além de vários relatos de falta de informação sobre capacitação. Outra dificuldade relatada com frequência é o tema da revalidação de diplomas, o que faz com que, por exemplo, pessoas com nível superior estivessem sofrendo inconsistência de status, ou seja, realizando um trabalho aquém da sua formação.

Os haitianos tem um nível de formação médio e alto. Além de um importante capital linguístico de origem com o domínio, em alguns casos, de línguas como o francês e o espanhol, além do crioulo. Mas esse capital não é valorizado como um diferencial para ocupar melhores postos de trabalho no Brasil. Os setores hoteleiro e de restauração são uma exceção, pois nesses contextos o domínio das línguas francesa e/ou espanhola mostra-se como um importante diferencial na qualidade do serviço prestado. Segundo o relato dos imigrantes, essa realidade ganhou importância durante a Copa do Mundo de Futebol de 2014.

Um elemento chave no relato dos imigrantes é a dificuldade de uma inserção laboral que permitam uma mobilidade social ascendente em relação à posição na sociedade de origem, em termos econômicos e simbólicos. Em geral, os imigrantes entrevistados partem de uma posição média na sociedade de origem, mas perdem essa posição social no momento de chegada ao Brasil devido a uma série de fatores da condição migratória (domínio do idioma, discriminação, revalidação de diplomas, redes sociais, etc).

Ainda que a pesquisa foi realizada antes do aprofundamento da atual recessão, o presente estudo, especialmente os dados coletados na parte qualitativa da pesquisa, sinalizam que os imigrantes estão sentindo a crise econômica, caracterizada pela retração da economia

brasileira e pelo maior “encolhimento” do PIB desde 1990 (IBGE, 2016), e que tem impactos diretos na população migrante, geralmente mais vulnerável em épocas de crise, que se cristaliza na precariedade do trabalho e na perda do poder aquisitivo.

A atual recessão econômica no Brasil certamente afetará o cenário migratório, especialmente dos chamados novos fluxos, surgidos no início da presente década, como é o caso da chegada e inserção dos haitianos. No entanto, a atual crise não implica que, necessariamente, o mercado de trabalho deixará de absorver imigrantes. É preciso levar em conta outros fatores, como por exemplo, a desvalorização cambial. As empresas que se situam no final da cadeia produtiva do agronegócio – aquelas que estão empregando imigrantes na região sul – podem ter as exportações ampliadas com perda de poder do Real frente ao Dólar, e assim a demanda por trabalhadores imigrantes nesse setor específico continuar no país. Outro elemento a ser considerado é que o desemprego não é homogêneo em todas as regiões. A região sul, marcada pela presença dos haitianos, é o espaço geográfico que tem as menores taxas de desemprego no país (IBGE, 2016).

Além disso, o Brasil tem a singularidade de ter aproximadamente 27% do seu território nacional como área de fronteira com dez países da América do Sul. Por um motivo ou outro os fluxos migratórios continuarão através dessa extensa fronteira, seja com entradas ou saídas. Por isso é fundamental uma política de gestão de fluxos plenamente harmonizada e dialogada com os países da região.

Em suma, o presente estudo contribuiu com as diversas pesquisas sobre os haitianos no país, possibilitando um denso conhecimento sobre os principais dados sociodemográficos desses imigrantes no Brasil e sobre as principais características da inserção laboral dos haitianos no mercado de trabalho na Região Sul e no Distrito Federal. No entanto, é imprescindível continuar avançando com as pesquisas, tanto quantitativas, quanto qualitativas sobre os haitianos para conhecer a mobilidade geográfica do coletivo e as diversas formas de mobilidade ascendente e descendente no mercado de trabalho, além dos principais desafios no processo de integração na sociedade brasileira. Da mesma forma, é igualmente imperativo o desenvolvimento de estudos que analisem as respostas dos imigrantes frente ao atual contexto de crise econômica.

---

## REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Leonardo.; OLIVEIRA, A.Tadeu.; TONHATI, Tânia.; DUTRA, Delia. *A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. Relatório Anual 2015*. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho e Previdência Social/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, 2015.

IBGE, 2016. Contas Nacionais Trimestrais. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/pib/defaultcnt.shtm>>. Acesso em maio de 2016.

KALIR, B (2005). “The Development of a Migratory Disposition: Explaining a “New Emigration””. *International Migration*, vol. 43, núm. 4. pp. 167-196



# **PARTE II**

# Política Migratória e Universidade Brasileira: a experiência do atendimento a haitianos e outros migrantes na UFPR

Tatyana Scheila Friedrich<sup>1</sup>

Bruna Pupatto Ruano<sup>2</sup>

Elaine Cristina Schmitt<sup>3</sup>

João Arthur Grahl<sup>4</sup>

José Antonio Peres Gediél<sup>5</sup>

Luis Allan Künzle<sup>6</sup>

Marcio de Oliveira<sup>7</sup>

Renata Senna Garrafoli<sup>8</sup>

Tamara Zazéra Rezende<sup>9</sup>

## INTRODUÇÃO

O presente artigo relata a experiência de um programa da Universidade Federal do Paraná, desenvolvido desde o final de 2013, a partir de ações e projetos de extensão realizados conjuntamente por diversos cursos e direcionados ao atendimento de demandas de migrantes e refugiados, residentes na cidade de Curitiba e região metropolitana.

Trata-se do Programa Política Migratória e Universidade Brasileira, composto de seis projetos. Quatro deles iniciaram como ações e hoje são projetos de extensão registrados na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura: o Projeto de Extensão Português Brasileiro para Migração Humanitária, desenvolvido no âmbito do curso de Letras e seu Centro de Línguas e Interculturalidade (Celin); o Projeto de Extensão Migrações, Refúgio e Hospitalidade, do curso de Direito; o Projeto de Extensão Desenvolvimento de Cursos de Capacitação em Informática para Imigrantes, do curso de Informática; o Projeto de Extensão Migração e Processos de Subjetivação: Psicanálise e Política na Rede de Atendimento aos Migrantes, desenvolvido no Departamento de Psicologia. Além deles, há no Programa uma atuação efetiva de duas outras frentes: a Oficina de História do Brasil para Haitianos, que corresponde a um dos projetos desenvolvidos pelo PET-História da UFPR, e a participação do Grupo de Pesquisa Migrações Internacionais e Multiculturalismo, registrado no CNPQ e a cargo do Departamento de Sociologia. Todas essas iniciativas fazem parte formalmente do Programa de Extensão.

1 Professora Associada de Direito Internacional Privado da UFPR

2 Doutoranda em Estudos Linguísticos pela UFPR, professora de Português como Língua Estrangeira no Centro de Línguas e Interculturalidades na mesma instituição.

3 Professora do Departamento de Psicologia da UFPR

4 Professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (DELEM) da UFPR

5 Professor Titular de Direito Civil da UFPR

6 Professor do Departamento de Informática da UFPR

7 Professor Titular de Sociologia da UFPR

8 Professora do Departamento de História da UFPR e coordenadora do do PET-História

9 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPR

A metodologia empregada nesse artigo é a descritiva uma vez que apresenta precisamente uma prática que vem sendo realizada dia a dia, a partir de um relato contextualizado, com objetividade e aporte teórico, e com vistas a contribuir de forma relevante para a área de atuação. Também se utiliza a metodologia analítica pois, além do relato, traz-se considerações significativas decorrentes da reflexão individual e coletiva de seus autores.

Cada projeto que compõe o Programa apresenta objetivos, metodologias e marcos teóricos próprios mas todos se concentram na preocupação com uma população vulnerável que são os migrantes e refugiados, buscando não somente atender suas demandas imediatas mas também sensibilizá-los reciprocamente para as suas necessidades e buscas de soluções comuns, projetando-as na perspectiva de efetivação dos direitos humanos, dos direitos fundamentais da cidadania e da inclusão social.

---

## OBJETIVOS DA EXPERIÊNCIA

O foco principal do Programa de Extensão é o atendimento do migrante e do refugiado diante da complexa conjuntura em que se encontram, com dificuldades internas e individuais por estarem distanciados de suas origens e dificuldades sociais, ligadas às complexidades em relação à comunicação e compreensão do país, dos direitos e deveres, do funcionamento do mercado de trabalho, além do enfrentamento diário da pobreza e da discriminação.

Assim, o programa promove atividades para a superação da barreira linguística, com formulação de métodos de estudo do português brasileiro como língua de acolhimento, facilitando a inserção de refugiados e migrantes na sociedade brasileira como um todo; realiza o apoio, assessoria e orientação jurídica, na perspectiva de promoção e defesa dos direitos da cidadania e direitos humanos, promovendo também seminários, cursos e atuações concretas; desenvolve atividades de extensão na área da informática com vistas à inclusão digital, facilitando a inserção no mercado de trabalho; além de oferecer atendimento psicológico aos seus destinatários.

Todas essas ações práticas não são dissociadas de outros objetivos, voltados tanto para o interior da Universidade como para a sociedade, tais como: estimular aperfeiçoamentos curriculares e a produção acadêmica que tenham como tema as migrações, o refúgio e a apatridia, e que resultem na divulgação de formulações que reforcem a cultura da hospitalidade e da solidariedade recíprocas, afastando-se da compreensão de que as migrações são um fim em si mesmo; reconhecer na migração um tema gerador de conhecimento, que permita identificar as lacunas na produção científica e nas políticas públicas e legislativas brasileiras; aproveitar a transitoriedade dos estudantes e dos destinatários das ações de extensão para formular modelos de ensino e de intervenção que exijam a flexibilidade, a agilidade e a permanente transformação das ações da Universidade; elaborar documentos e assessorar a execução de políticas migratórias voltadas ao ingresso de refugiados e migrantes na UFPR e em outras instituições de ensino superior e de ensino fundamental e médio; elaborar documentos e assessorar as atividades de revalidação de diplomas estrangeiros de refugiados e migrantes; além de promover eventos e outras atividades que qualifique os refugiados e migrantes para o exercício dos direitos da cidadania na sociedade brasileira.

Assim, o Programa se empenha para contribuir para a formulação de política migratória, que altere a atual política institucional do Estado brasileiro, ao reconhecer que o fenômeno do refúgio e da migração tem, atualmente, um perfil diferenciado e requer um debate público aprofundado, que acolha os pressupostos da proteção integral dos migrantes e refugiados e se inscreva na perspectiva filosófica da alteridade, hospitalidade e dos direitos humanos. Também se pretende fomentar uma cultura institucional que crie um ambiente propício a prevenir a constituição de uma mentalidade excludente e discriminatória na universidade, na sociedade e demais órgãos públicos, em relação aos migrantes e refugiados, sem descuidar de tratamento específico que a multiplicidade das migrações, seus fluxos e tempos exigem, evitando um tratamento homogêneo e padronizado das políticas propostas.

---

## METODOLOGIA EMPREGADA

Em relação à metodologia, as atividades de extensão requerem, necessariamente, a participação que permita o diálogo atento e permanente entre a comunidade universitária e a comunidade destinatária das ações. “A extensão como diálogo” encontrou na “pesquisa participativa” um elemento de concretização para permitir esse diálogo entre sujeitos, ocupando lugares distintos na sociedade e dotados de conhecimento de natureza diversa. O reconhecimento do outro como sujeito da fala e detentor de conhecimentos e habilidades específicas exige um esforço metodológico para romper a tradição cientificista da modernidade, que coloca o conhecimento científico a serviço do poder, ou melhor, da dominação da natureza, da sociedade ou do outro. Reconduzir as práticas extensionistas da universidade ao lugar de onde decorrem questões e problemas não reconhecidos ou pouco estudados pela academia resulta em um reconhecimento da imperfeição de um saber que se fecha em si mesmo, a partir de pressupostos teóricos abstratos e sem o compromisso com a vida social. A interdisciplinaridade em seu aspecto positivo facilita esse retorno a um conhecimento em permanente questionamento sobre suas deficiências, nas respectivas áreas específicas enclausuradas em seus pressupostos teóricos. Por outro lado, há que se tomar cuidado para que a universidade, em suas ações extensionistas, não abandone o conhecimento já acumulado, nem desconheça esses pressupostos que devem ser testados pelas práticas.

O Programa realiza ações em concreto, mas também tem um trabalho intelectual intenso então a metodologia é plural, para fazer uma melhor abordagem dessas duas frentes de atuação. As atividades de extensão têm uma abordagem interativa, dialógica e bidirecional, com aplicação de metodologias participativas. Para a realização dos trabalhos de pesquisa são utilizados os métodos indutivos, a partir da observação de casos particulares, e dedutivo, pela aplicação particular de leis gerais, assim como o método dialético, através do qual são elaboradas conclusões com base na contradição de teses. Os métodos de procedimento utilizados são o histórico, com o relato de fatos e teorias acerca do assunto, bem como o comparativo, examinando-se as semelhanças ou oposições das normas das ordens legais e dos atos governamentais dos países envolvidos no objeto do estudo (Brasil, Haiti e Síria, por exemplo.). A forma base da pesquisa é a bibliográfica, através da leitura e análise de Leis, Tratados Internacionais, Textos e Doutrina especializada.

---

## O SURGIMENTO DA EXPERIÊNCIA

O PBMIH (Português Brasileiro para Migração Humanitária), criado em outubro de 2013 pelos Professores Emerson Pereti, João Arthur Grahl e Bruna Ruano, foi o primeiro projeto do atual programa Política Migratória e Universidade Brasileira. O seu objetivo era inicialmente ministrar aulas de português aos migrantes haitianos residentes em Curitiba mas logo nos primeiros encontros surgiram problemas que extrapolavam as expectativas quanto às necessidades dos alunos: questões para além do âmbito linguístico. Por exemplo: um professor em uma aula cujo tema era trabalho e direitos trabalhistas perguntou aos estudantes quem tinha um holerite de salário para ser analisado com o grupo. Entre os professores voluntários havia um que estudava Direito paralelamente ao projeto e durante a atividade, ficou evidente a falta de pagamento de horas extras a que o aluno estava sendo submetido em seu emprego. A partir desse fato, constatou-se que outros alunos também sofriam o mesmo problema. Em outra turma, ainda seguindo a mesma temática, os professores propuseram aos alunos uma atividade de construção de currículo no laboratório de informática, e com muita surpresa, perceberam que vários migrantes haitianos não tinham letramento digital. Nesses casos, além da barreira linguística, enfrentava-se algo externo à competência linguística. Como exemplo pode ser citado o fato de que alguns não possuíam endereço eletrônico, não tinham familiaridade com o teclado do computador, não sabiam manipular o mouse, entre outros. Em outro grupo de ensino de português, certos professores ministrantes apontaram que alguns alunos haitianos estavam extremamente abalados psicologicamente devido à sua situação

e utilizavam o ambiente de sala de aula para expor seus problemas. Assim eram relatados casos de racismo, xenofobia, ausência da família, adaptação a uma nova cultura e país, gerando em algumas situações, quadros depressivos. Os professores de português não sabiam exatamente como agir nessas horas.

A partir dessas constatações diversas, os coordenadores do projeto PBMIH perceberam que, por um lado, não havia competência específica para resolver essas demandas interdisciplinares mas, por outro, elas não poderiam ser ignoradas, uma vez que se manifestavam no ambiente de ensino e conseqüentemente influenciavam o processo de ensino-aprendizagem do português brasileiro.

Havia a opção de abstrair esses problemas e focalizar somente no que diz respeito à língua. Porém, buscou-se caminhos dentro da universidade para se trabalhar em conjunto com outros departamentos em torno de uma mesma causa: um acolhimento mais abrangente dos migrantes.

Em janeiro de 2014, foi marcada uma reunião com os professores da área de Direito da UFPR: José Antonio Gediel e Vera Karam para propor uma parceria com o envolvimento de estudantes deste curso. Dessa forma seria possível encaminhar os alunos migrantes do curso de português que manifestassem alguma questão legal para que fossem auxiliados por professores e estudantes da área. Já no início do semestre letivo de 2014 estabeleceu-se a parceria pois a demanda de Letras encontrou no Direito um terreno já preparado para a questão. Em setembro de 2013, o Reitor da UFPR, Prof. Zaki Ackel Sobrinho, havia firmado termo de parceria com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados – ACNUR-BRASIL, no qual se estipularam ações da Universidade, que deveriam atingir o ensino, a pesquisa, a extensão e o desenvolvimento institucional, no âmbito da instalação da cátedra Sérgio Vieira de Mello. Os próprios professores José Antonio Peres Gediel e Vera Karam de Chueiri haviam sido designados como coordenadores e, na seqüência, houve a adesão da Professora Tatyana Scheila Friedrich.

No mesmo período, o professor do departamento de informática da UFPR Luis Allan foi contatado pelos coordenadores do PBMIH para participar com aulas de computação para os estudantes haitianos. Ele começou um projeto com seus alunos do PET-informática utilizando dois laboratórios do curso de letras antes das aulas de português. Naquele momento, ao fim do primeiro semestre de 2014, trabalhava-se com três departamentos distintos da UFPR em torno do mesmo tema. No início do segundo semestre deste mesmo ano, o departamento de psicologia, sob a coordenação da professora Elaine Schmitt, e o PET de História, com a supervisão da professora Renata Senna Garraffoni aderiram à proposta nesse mesmo modelo: professores e alunos trabalhando em conjunto com o foco nos migrantes haitianos. Surge então, em 2015, de comum acordo o Programa de Extensão e Pesquisa Política Migratória e Universidade Brasileira –PMUB/UFPR, agregando todas as iniciativas.

---

## O DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

O Programa de Extensão Política Migratória e Universidade Brasileira –PMUB/UFPR, como visto, é composto de vários Projetos de Extensão e ações localizadas, cujas atividades se desenvolvem em múltiplos cursos e setores da UFPR, todas com o objetivo de promover ações extensionistas que aproximem docentes, estudantes e técnicos administrativos da Universidade com indivíduos ou grupos que se encontram na condição de migrantes e refugiados. Embora haja um fio condutor comum para todos os projetos, cada um apresenta suas peculiaridades, metodologias e conclusões próprias, a seguir analisadas.

## PROJETO DO CURSO DE LETRAS: “PORTUGUÊS BRASILEIRO PARA MIGRAÇÃO HUMANITÁRIA” (PBMIH)

O Projeto “Português Brasileiro para Migração Humanitária”, como visto, foi organizado em 2013 pelo Curso de Letras e o Centro de Línguas e Interculturalidade (Celin) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). A iniciativa atualmente consiste na criação de um programa de ensino, pesquisa e extensão de Português Brasileiro como língua de acolhimento<sup>10</sup> voltado a migrantes na condição de refugiados e/ou em situação de vulnerabilidade social<sup>11</sup>.

Para que fosse construída uma ação de ensino adequada à situação do migrante haitiano, houve uma reunião primeiramente com a Associação dos Haitianos de Curitiba, já que na época essa era a comunidade mais expressiva na capital paranaense. Laurette Bernardin, presidente da Associação, organizava uma reunião quinzenal na ONG Casa Latinoamericana (Casla). Esse encontro foi muito importante, pois conseguiu aliar as necessidades dos alunos com as possibilidades da Universidade, sendo que a publicidade seria feita pela Associação, o que foi vital para a construção do projeto de ensino.

Desde o início trabalhou-se com a perspectiva de testar novas metodologias para este público, já que o ensino de português para migrantes e refugiados é uma área recente no país. As aulas são ministradas por professores atuantes no CELIN (Centro de Línguas e Interculturalidade da UFPR) juntamente com alunos do curso de Letras, tanto da graduação, como da pós-graduação. Essa parceria é muito importante devido à experiência de mais de vinte anos no ensino de português como língua estrangeira deste Centro.

Na tabela a seguir são mostradas as modificações trazidas pelo PBMIH em três anos de atuação. Ao início tinha-se como base o Programa de Português como Língua Estrangeira (PLE) do Celin e assim que se percebeu as especificidades do público atendido pelo projeto, ajustou-se a prática às particularidades dessas demandas como se segue, criando uma dinâmica própria:

	<b>PLE Celin</b>	<b>PBMIH</b>
<b>Nivelamento</b>	O aluno deve fazer um teste de nivelamento e uma entrevista (nas datas e horários estipulados previamente – uma semana antes do início de cada módulo) <sup>1</sup>	O aluno preenche uma ficha de inscrição no projeto, escreve um pequeno texto em português e passa por uma entrevista (não existe datas específicas, acontece semanalmente durante todo o ano letivo)
<b>Entrada</b>	Há um período pré-determinado para matrículas, o aluno pode ser intercambista (gratuito), ou estudante da comunidade externa à UFPR (curso pago, salvo contemplados com bolsa)	O aluno pode entrar no projeto em qualquer momento, o único pré-requisito é ter vaga (20 alunos por turma), o curso é gratuito.
<b>Carga Horária</b>	Cursos regulares: 15h semanais (um módulo a cada 2 meses); Curso intercambistas: 4h semanais (um módulo por semestre);	3 horas por semana aos sábados (um módulo por semestre)

<sup>10</sup> Língua de acolhimento: expressão que se associa ao contexto migratório. Sendo geralmente um público adulto, aprende português não como língua veicular de outras disciplinas, mas por diferentes necessidades contextuais, ligadas muitas vezes à resolução de questões de sobrevivência urgentes, em que a língua de acolhimento tem de ser o elo de interação afetivo (bidirecional) como primeira forma de integração (na imersão linguística) para uma plena cidadania democrática (Grosso (2010 :68) *apud* BARBOSA; RUANO (2016:324)).

<sup>11</sup> Para mais informações sobre o histórico do projeto, consultar Ruano, Grahl, Peretti (2016:291).

<b>Materiais</b>	Livro didático desenvolvido pelo Celin-UFPR <sup>2</sup>	Os professores e estagiários desenvolvem o material semanalmente, não há apostila.
<b>Temática</b>	As aulas seguem uma linearidade, com um conhecimento dependendo do outro durante o módulo (Cursos Regulares: uma unidade temática a cada duas semanas. Intercambistas: um tema por mês)	Temas selecionados com base nas necessidades imediatas dos alunos que podem ser trabalhados por duas semanas. Cada aula é uma tarefa comunicativa fechada. Os encontros não seguem uma linearidade, mas um modelo espiral centrífugo. <sup>3</sup>
<b>Avaliação</b>	Acontece duas vezes dentro do mesmo módulo. Ao total os alunos desenvolvem duas avaliações escritas e duas entrevistas orais. Para seguirem para o próximo nível precisam ter média 70 e 80% de frequência	A avaliação acontece apenas uma vez no módulo (final do semestre) e serve para verificar o nível do aluno, não há reprovação, mas fazemos uma prova como um documento de auto-avaliação para reorganização nos níveis
<b>Formação de Professores/ estagiários</b>	Uma vez por ano há um curso de formação. Os novos estagiários devem atualmente lecionar no PBMIH. Para sua formação existe uma reunião semanal e todos devem participar ao longo do ano de grupos de trabalhos temáticos	Há encontros de formação continuada semanalmente: oferta de disciplinas optativas na graduação de Letras e um grupo de pesquisa supervisionado por uma professora da Pós Graduação
<b>Perfil dos alunos</b>	A maior parte dos alunos são intercambistas. Também atende a comunidade externa de perfil bastante variado. <sup>4</sup>	Todos são refugiados ou portadores de visto humanitário;
<b>Perfil das turmas no que diz respeito à língua materna dos alunos<sup>5</sup></b>	Turmas heterogêneas <sup>6</sup>	Turmas homogêneas, no caso dos haitianos (todos falam créole); e heterogêneas no caso das turmas de acolhimento <sup>7</sup>
<b>Base teórica</b>	Português como língua estrangeira (PLE) <sup>8</sup>	Português como língua de acolhimento <sup>9</sup>
<b>Metodologia de trabalho</b>	As aulas seguem o modelo tradicional de aulas com um professor que prepara e ministra.	“As aulas são preparadas e ministradas por equipes compostas por um ou dois coordenadores (...) e um grupo de estagiários.” <sup>10</sup>

Atualmente, o PLE-CELIN e o PBMIH trabalham em conjunto. No início o PLE deste Centro era a referência de prática para todo o processo de ensino. Hoje, verifica-se que há uma via de mão dupla entre os dois programas em que ambos recontextualizam suas práticas, preservando e respeitando suas especificidades, colaborando um com o outro.

## DADOS E PERFIL DOS ALUNOS PBMIH

De acordo com os dados levantados por Ruano e Cursino (2015), o projeto PBMIH atendeu de novembro de 2013 até dezembro de 2015, 842 alunos haitianos. No presente momento (primeiro semestre de 2016) 150 estudantes estão frequentando as aulas do PBMIH. Desta forma, desde sua criação até agora (junho 2016) já passaram pelas aulas de português ofertadas pela UFPR um total de 992 migrantes haitianos.

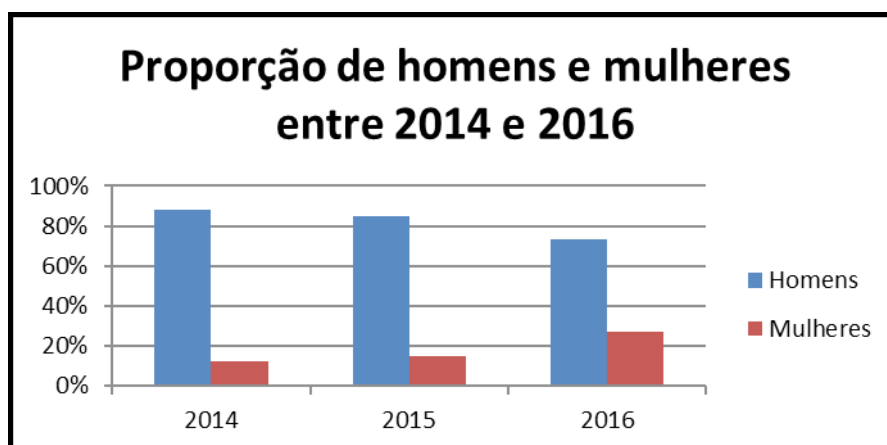


Alunos presentes em uma das turmas atendidas pelo projeto

Crédito imagem: Brunno Covello

No que concerne o perfil dos alunos atendidos pelo projeto em 2015, 85% são do sexo masculino e 59% possuem entre 26 e 35 anos. Entre os estudantes do PBMIH 62% estão no Brasil há um ou dois anos e 33% chegaram ao país há menos de um ano.

Um aspecto que nos chama atenção positivamente neste perfil é o aumento do público feminino no decorrer desses três anos, como mostra o gráfico abaixo:



Fonte: PBMIH-UFPR



Em 2016 há 27% de alunas em contraste com 2014, quando apenas 12% do público do projeto era composto por mulheres. Percebeu-se em sala de aula que esse aumento se deve em parte devido ao fato que alguns alunos estão trazendo suas famílias. Essa nova realidade proporciona também uma mudança na prática didática quanto à escolha dos temas: discussão de igualdade de gênero, o papel da mulher na sociedade; além disso, acredita-se que os professores do projeto devem incentivar e dar espaço à voz feminina nas dinâmicas de classe, posicionando-se e não mantendo uma pretensa neutralidade, mas privilegiando uma educação crítica. Isso advém do fato de que grande parte dos estagiários relatavam continuamente a supressão da voz feminina pelos seus colegas homens. Esse é um exemplo de nosso papel enquanto educadores em uma universidade cujo objetivo é de reformular as práticas durante o processo de ensino/aprendizagem sem se basear somente em aspectos estritamente linguísticos, mas tentando adaptar-se às demandas que emergem em sala. O programa de ensino, diferentemente de cursos regulares, é somente um ponto de partida, mas não de chegada.

---

## OBSTÁCULOS E DESAFIOS

Além dos desafios encontrados ao longo do processo de ensino, como os mencionados acima, surgiu uma questão importante de ordem institucional: como fidelizar os coordenadores e professores do projeto. Inicialmente todos eram voluntários, mas para haver uma estabilidade e um avanço, havia a consciência desde o princípio que grande parte dos esforços dos coordenadores deveria ser no sentido de captar recursos para o pagamento de bolsas prevendo a institucionalização e sustentabilidade do PBMIH. Conseguiu-se algum orçamento de agências de fomento e do Ministério Público do Trabalho para o pagamento de determinadas bolsas, mas que não têm uma garantia de continuidade, pois dependem da situação política e econômica do país.

Sabia-se também desde o princípio que o ideal seria que o poder público assumisse essa frente do ensino de português para migrantes e refugiados como política de estado e está se tentando trabalhar nesse sentido. Atualmente há uma parceria com a SEED, Secretaria de Educação de Estado do Paraná, para um curso de formação ofertado pelo PBMIH/Celin-UFPR a professores do estado, tanto da educação básica quanto de jovens e adultos (EJA). Acredita-se que esta prática deve ser ampliada com o intuito de criar centros multiplicadores com profissionais formados para essa área de atuação específica.

Foram confeccionados também materiais didáticos que estão sendo distribuídos gratuitamente para outras instituições que trabalham com este público, como forma de democratizar o conhecimento gerado dentro do projeto em uma universidade pública.

Para concluir, é necessário lembrar que o projeto Português Brasileiro para Migração Humanitária teve um início, e enquanto houver migrantes, pretende-se dar continuidade a essa prática, uma vez constatado que o mesmo se tornou tão importante para esses refugiados quanto para a comunidade acadêmica de Letras/UFPR como um todo.

---

## PROJETO DO CURSO DE DIREITO: PROJETO DE EXTENSÃO REFÚGIO, MIGRAÇÕES E HOSPITALIDADE

O Projeto de Extensão Refúgio, Migrações e Hospitalidade tem por finalidade prestar assistência jurídica a refugiados e migrantes, na perspectiva da defesa e promoção dos direitos fundamentais e humanos, permitindo o aprofundamento e a qualificação dos estudantes de direito em matéria de direito dos migrantes, além do desenvolvimento institucional de uma cultura da hospitalidade, de valorização da diversidade cultural e do pluralismo jurídico inclusivo.

A hospitalidade é o valor central do Projeto, configurando, inclusive, em seu nome. Jacques Derrida (DERRIDA, 1996) e Leonardo Boff (BOFF, 2005) são pensadores essenciais, que estão na base de todo trabalho prático e teórico realizado. A alteridade é o valor ético que perpassa toda atividade, com inspiração em Levinas. (LEVINAS, 2009). Hannah Arendt (ARENDR, 2000) e Giorgio Agambem (AGAMBEM, 2002) são marcos teóricos para a compreensão da relação que envolve o ser humano e o Estado, nas mediações entre nacionalidade e poder.

Com essa base filosófica e axiológica, o Projeto também atua além do atendimento pessoal das demandas, buscando: estudar, divulgar, informar e aprofundar o debate em torno das migrações e refúgio, no âmbito da UFPR; Orientar e assessorar refugiados e migrantes, criando uma rede de defesa de direitos que integrem as ações da Universidade; Formular pedidos administrativos, petições, pareceres, minutas de instrumentos normativos (leis, resoluções, portarias, etc.) e outros documentos jurídicos pertinentes; Atuar de forma efetiva em espaços de formulação de políticas públicas para o público-alvo. Espera-se contribuir para afastar a ideia originária que liga o estrangeiro a um conceito negativo, "*lo straniero come non cittadino, il non cittadino come homo non dignus*" (PALCHETTI et al, 20012, p.28).

Inicialmente, em 2014, os atendimentos aos haitianos ocorriam aos sábados e aos sírios em dia de semana, sempre durante as aulas de Português ofertadas pelo PBMIH. Vários alunos de Direito, voluntários, e professores se dirigiam às salas próximas às salas de aula de língua, onde passavam a tarde recebendo os migrantes que eram liberados aos poucos das aulas pelos professores do PBMIH, para esse fim. Com a consolidação do projeto, uma sala de aula foi disponibilizada na sede do curso de Direito, na Praça Santos Andrade, distante três quadras da Reitoria, onde fica o curso de Letras. Nessa sala, há toda a estrutura para que vários atendimentos sejam feitos ao mesmo tempo, com espaço para reuniões. Atualmente também são atendidos migrantes de outras nacionalidades e que não fazem o curso de Português. Duas vezes por semestre os alunos e os professores de Direito vão até o local das aulas de Português para atender, em forma de plantão, aqueles que não podem se dirigir até a sala de atendimento jurídico, nos dias de semana.

Em relação aos haitianos, o público que tem se apresentado é composto por homens, em sua maioria, que vieram sozinhos e que agora trabalham basicamente no setor da construção civil. As mulheres vieram juntamente com parte da família, e muitas relatam que gostariam de trazer outros membros da família, sobretudo os outros filhos que ficaram no Haiti. Em geral elas realizam trabalhos de asseio e conservação, em residências ou como empregadas terceirizadas de empresas. A grande maioria dos haitianos atendidos em 2014, 2015 e início de 2016 apresentam o visto humanitário ou o protocolo de pedido de refúgio, que se transformará naquele visto. Muitos dizem que pretendem voltar para o Haiti um dia, mas não sem antes estudar e se qualificar no Brasil. Os atendimentos têm demonstrado que a maior parte da demanda concentra-se na questão da educação, ingresso na educação formal e reconhecimento dos estudos já realizados no Haiti (primeiro grau, segundo grau e ensino superior completo e incompleto), além da busca pela oportunidade de trabalhar na área de sua formação ou de encontrar trabalhos melhores. Muitos também vêm em busca de seus direitos trabalhistas, desrespeitados por seus empregadores. A reunião familiar também é uma demanda importante. Recentemente, sobretudo a partir de 2016, tem-se percebido que muitos haitianos pretendem sair do Brasil para tentar outras oportunidades, principalmente onde o câmbio monetário se lhes mostra mais favorável, e novas demandas têm surgido como informações e pedidos de auxílio para obtenção de visto de entrada em outros países, problemas comerciais com agências de viagens que tiram vantagem da vulnerabilidade em que se encontram, dentre outros.

O Projeto realiza semanalmente encontros de pesquisa científica, de modo a criar uma formação especializada no tema da circulação de pessoas. Nesse caso, a metodologia utilizada é da pesquisa aplicada, levando em consideração a pesquisa interdisciplinar, que ultrapassa os conhecimentos específicos da área jurídica, a fim de encontrar um ponto de contato na defesa da cidadania e dos direitos humanos, como imperativo das ciências e da atuação da Universidade.

A regulamentação nacional e internacional já foi abordada, a abordagem conceitual do tema das migrações, além do estudo pormenorizado das obras: "Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade", em 2014; "Origens do Totalitarismo",

"A Condição Humana" e "We Refugees" de Hannah Arendt, em 2015. Em 2016 foram estudados e debatidos cinco textos dos que compõem o volume III da Coleção Direito Internacional Multifacetado: "Direitos Humanos, Guerra e Paz". Os grupos de estudos e os debates servem como base para a compreensão e a qualificação dos estudantes em espaços da sociedade e para defesa dos direitos junto aos órgãos públicos, onde efetivamente se verifica a vulnerabilidade jurídica dos migrantes.

Vários professores e vários alunos já publicaram artigos e capítulos de livros decorrentes dessa atividade de investigação organizada pelo Projeto, destacando-se a publicação do livro Refúgio e Hospitalidade, lançado em abril de 2016, em parceria com o ACNUR. Nessa obra, organizada pelo Professor José Antonio Peres Gediél e por Gabriel Godoy (ACNUR), há artigos de vários doutrinadores, além de professores e participantes dos variados projetos que compõem o Programa.

---

## **PROJETO DO PET - COMPUTAÇÃO: PROJETO DE EXTENSÃO DE- SENVOLVIMENTO DE CURSOS DE CAPACITAÇÃO EM INFORMÁ- TICA PARA IMIGRANTES**

A oferta de cursos de capacitação em informática para imigrantes, por integrantes do Programa de Educação Tutorial em Computação (PET Computação) da UFPR, teve início em 2014, a partir de uma demanda feita pelos próprios imigrantes aos coordenadores do projeto "Português Brasileiro para Migração Humanitária", como narrado acima. Nesse momento estava em curso um grande fluxo de imigrantes haitianos ao Brasil e a maior parte deles obtinha colocações no mercado de trabalho em funções de pouca exigência de qualificação e de baixa remuneração. Nesse sentido, a solicitação destes imigrantes por cursos de capacitação em informática visava superar algumas dificuldades importantes para sua integração no país. Em primeiro lugar, uma inserção no mercado de trabalho em funções de melhor qualificação, o que possibilitaria melhor remuneração e melhores condições de trabalho. Além disso, havia também muitos imigrantes que já detinham conhecimentos em informática, adquiridos em cursos e formações realizados em seu país de origem, mas que não possuíam nenhum documento ou certificação que permitisse comprovar isso. Outros, ao contrário, nunca tiveram acesso a um computador em seu país de origem. Em segundo lugar e não menos importante, os cursos de capacitação permitiriam a muitos imigrantes dominar ferramentas que facilitassem a manutenção do contato com seus familiares e amigos que permaneceram nos seus países de origem.

Inicialmente foi necessário efetuar diversas adequações na forma como usualmente são estruturados os cursos de capacitação ofertados pelo PET Computação. A partir de um levantamento inicial junto aos imigrantes que participavam dos cursos de português, foi possível identificar uma demanda de quase uma centena de interessados, que somente poderia ser atendida, em sua totalidade, se os cursos fossem oferecidos nos laboratórios do Departamento de Informática da UFPR, no Centro Politécnico. Entretanto, as condições de trabalho e de vida desses imigrantes, em Curitiba, não permitiam que essa opção fosse escolhida, pois a maior parte deles trabalha de segunda-feira a sexta-feira o dia todo, assim como nos sábados pela manhã. Além disso, os custos e o tempo envolvidos no uso do transporte coletivo eram uma restrição imperativa. Decidiu-se então que esses cursos seriam oferecidos nos sábados à tarde e no Campus da Reitoria da UFPR, local e período de realização das aulas de português. Esta escolha nos impôs duas fortes restrições no formato dos cursos. A primeira se refere ao uso de apenas dois laboratórios de informática disponíveis, limitados a quinze máquinas cada um. A segunda restrição a uma janela de trabalho de apenas 90 minutos, entre 13h30 e 15h00. Outras características importantes do grupo de interessados estavam relacionadas à grande heterogeneidade tanto no que se refere ao domínio da língua portuguesa e ao domínio de conhecimentos básicos de informática.

Considerado este contexto, o projeto foi definido com as seguintes características:

- somente podem se inscrever os estudantes que estiverem regularmente matriculados nos cursos de língua portuguesa, a partir do nível “Básico dois”;
- cursos semestrais, com aproximadamente 12 aulas;
- duas turmas oferecidas a cada semestre, com 15 alunos cada;
- uma turma de nível básico, cujo conteúdo compreende uma iniciação ao uso do computador;
- uma turma de nível intermediário, cujo conteúdo visa o domínio inicial em edição de texto, planilha eletrônica e de acesso à internet;
- uma etapa de nivelamento com todos os inscritos, para compor ambas as turmas.

A etapa de nivelamento consiste em apresentar, para cada candidato, um conjunto de atividades, com nível crescente de dificuldade. A partir dos resultados são estabelecidas as turmas e as listas de espera para os candidatos que não conseguiram uma das 30 vagas.

---

## METODOLOGIA

A organização do conteúdo de cada curso é realizada em função do número de aulas que serão efetivamente ministradas a cada semestre. Esse número é dependente dos feriados e da realização de provas nacionais ou concurso vestibular, situações em que é vedado o acesso aos laboratórios. O curso de nível básico compreende aulas de apresentação das unidades e periféricos que compõem um computador, uso básico da interface do sistema operacional (arquivos, pastas e execução de programas), digitação e acesso básico à internet. O curso de nível intermediário é focado nos aplicativos de escritório, como editor de texto, planilha, e-mail, acesso web e uso de redes sociais.

A estrutura utilizada para cada aula consiste em um “professor”, responsável por apresentar o conteúdo da aula e dois ou três “monitores” que acompanham os alunos na realização dos exercícios. Essa estrutura sofreu diversas mudanças desde o início do projeto. Mesmo com a etapa de nivelamento, cada turma, seja do básico ou do intermediário, é composta por alunos com grande disparidade no domínio das ferramentas computacionais. A metodologia tradicional, inicialmente adotada, que consistia em repassar um determinado conteúdo, propor exercícios relacionados a esse conteúdo e aguardar sua execução por todos os alunos para continuar com a apresentação de novos conteúdos, mostrou-se inadequada, uma vez que os alunos demandam de períodos de tempo muito díspares para resolver os exercícios propostos. A metodologia com melhores resultados, atualmente em uso, consiste em apresentar inicialmente todo o conteúdo da aula e disponibilizar para os alunos um extenso rol de exercícios, de complexidade crescente. Isto permite que aqueles que possuem maior domínio de conteúdo possam avançar de forma autônoma, ocupando todo o tempo de aula disponível, enquanto os monitores acompanham os alunos com maior dificuldade.

---

## EQUIPE DE TRABALHO

A proposta de realização dos cursos foi inicialmente apresentada a alunas e alunos integrantes do PET Computação da UFPR, que é composto por alunos dos bacharelados em Ciência da Computação e em Informática Biomédica. Já no início do projeto, em 2014, buscou-se ampliar o número de participantes, de forma a possibilitar que essa participação ocorresse quinzenalmente, no que se refere às atividades de docência ou monitoria nos sábados à tarde. Novos alunos incorporaram-se ao projeto, a partir de um convite distribuído aos alunos dos cursos de graduação vinculados ao Departamento de Informática da UFPR. Já no segundo semestre de 2015, o grupo foi procurado por estudantes vinculados aos grupos PET da área de informática da UTFPR (PETECO

- Engenharia da Computação e PET-CoCE - Computando Culturas com Equidade) interessados em colaborar com o projeto.

É importante ressaltar que, num projeto dessa natureza, em que os alunos atuam como voluntários, é inevitável que haja rotatividade entre os participantes, uma vez que há alunos que iniciam atividades de estágio, de intercâmbio, em outros projetos ou concluem sua graduação. Desde o início, colaboraram efetivamente com o projeto os seguintes estudantes: Alan Gonzalez Meger Zangrandi, Ana Beatriz Oliveira Villela Silva, Ana Paula Lemos da Rocha, André Luis da Silva Machado, Caroline Quadros Cordeiro, Cassiano Yudi Nishiguchi, Clarissa Dreischerf Pereira, Daniel Dutra Rufasto, Dérick Assunção de Sá, Félix Yowtang Liu, Francine Machado Resende, Gabrielly Simette, Gabriel Olescki, Gustavo Hornig de Meira, Ingra Cocharski, João Denis Rodrigues Cabral, Jonatan Otávio Korello, Luiza Maria Wille Culau, Maria Augusta Alves Souza, Matheus Lima de Andrade, Nicole Martinelli Brum, Tomás Abril e William Preillepper.

Essa equipe garante, a cada sábado de aulas, para cada turma, um professor e pelo menos dois monitores. A discussão do processo pedagógico, da preparação dos materiais, da montagem das turmas, da preparação das aulas e da avaliação dos resultados é realizada em reuniões periódicas, todas as quartas-feiras pela manhã, na sala do PET Computação da UFPR.

---

## RESULTADOS OBTIDOS

Desde o início do projeto, 110 imigrantes cursaram os níveis básico e intermediário de capacitação em informática. A cada semestre, inscrevem-se em torno de 60 alunos para as 30 vagas disponíveis.

Um resultado significativamente importante diz respeito à formação complementar oferecida aos alunos da universidade. Mais especificamente, no caso deste projeto, os alunos da computação são da área de ciências exatas, que oferece poucas atividades de extensão e, para eles, abre-se a perspectiva de discutir sua formação interagindo com um grupo social com referenciais históricos, políticos e sociais diversos e para o qual o Brasil não oferece de fato nenhuma política pública de inclusão e não possui, em sua história recente, nenhuma experiência de acolhimento. Nesse sentido, o projeto buscou, nas reuniões periódicas da equipe, discutir e politizar estas questões.

---

## PERSPECTIVAS

A principal atividade que o grupo está envolvido na etapa atual do projeto é a sistematização da experiência acumulada, com o objetivo de fornecer, a partir do segundo semestre de 2016, material de apoio aos imigrantes que seja adequado às características específicas da formação que é realizada no projeto. Uma possível expansão, prevista para um terceiro laboratório, consistirá na oferta de formações mais especializadas, para alunos que tenham concluído o curso intermediário, nas áreas de desenvolvimento web, iniciação à programação, uso de aplicativos de tratamento de imagens, entre outros. Esta expansão busca aproveitar as competências que os diversos grupos PET envolvidos nos projetos têm na oferta de cursos de extensão ou de apoio aos alunos de graduação.

---

## PROJETO DO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA: PROJETO DE EXTENSÃO MIGRAÇÃO E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO: PSICANÁLISE E POLÍTICA NA REDE DE ATENDIMENTO AOS MIGRANTES

O projeto de extensão *Migração e Processos de Subjetivação: Psicanálise e Política na Rede de Atendimento aos Migrantes*, desenvolvido no Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná e vinculado ao Programa de Extensão Política Migratória e Universidade Brasileira, iniciou suas atividades em agosto de 2014. Primeiramente, a demanda para a atuação da Psicologia no Programa estava direcionada para ações de acolhimento aos migrantes, especialmente haitianos, residentes em Curitiba e Região Metropolitana e que faziam aulas de língua portuguesa na universidade nos termos descritos acima, estando, portanto, vinculados ao Projeto de Extensão Português Brasileiro para Migração Humanitária. A demanda para o atendimento da Psicologia advinha de professores de Português e dos atendimentos realizados no campo do Direito, já que percebiam que esses migrantes traçavam histórias de vida e tentativas de inserção social no novo território escolhido para trabalhar e viver que os remetiam ao sofrimento psíquico. Tais profissionais de letras e direito envolvidos no acolhimento entendiam que era preciso uma escuta para os migrantes que extrapolasse o que vinham buscar dessas áreas - uma escuta que visasse ao sujeito e que pudesse contribuir para a construção de políticas públicas voltadas a essa população. Nesse sentido, buscou-se realizar, inicialmente, um acompanhamento das atividades dos outros projetos, bem como uma aproximação aos migrantes haitianos, para compreender e trabalhar a demanda para um atendimento da Psicologia no Programa. Assim, a proposta da Psicologia é a construção e o desenvolvimento de um conjunto de atividades que proporcionem a escuta aos migrantes e um trabalho no sentido de que estes subjetivem sua condição de migrantes e estrangeiros no Brasil. A proposta considera a possibilidade de construção de uma rede simbólica que possa inserir os imigrantes num laço ao outro, a partir do qual constituirá referências para ressignificar sua identidade, elaborar suas perdas e viabilizar a construção de um lugar na cena social. Portanto, trata-se de um trabalho clínico que opera no campo social e político. Nessa via, configura-se como um trabalho em rede, mas também com a rede que visa acolher e atender o migrante.

Como se trata de um projeto vinculado ao Programa de Extensão Política Migratória e Universidade Brasileira, um dos desafios constatados é o *trabalho em rede e multiprofissional*, já que no Programa estão envolvidas outras áreas do conhecimento e de atuação profissional, como o Direito, as Línguas Estrangeiras Modernas, a Informática, a História e as Ciências Sociais. Soma-se a isso a *ausência de referências teóricas e práticas para o desenvolvimento de ações da Psicologia* relacionadas ao tema. No entanto, isso que poderia ser problemático para o atendimento dessa população é justamente o disparador para o desenvolvimento deste trabalho. Por tratar de um tema emergente na realidade social brasileira e internacional, há a possibilidade da *construção de um fazer comprometido com a realidade desses sujeitos e da população que os recebe*, considerando tanto as dimensões subjetivas quanto àquelas relativas às políticas públicas que envolvem o tema. A constatação de que as políticas públicas ainda são insuficientes para acolher essa população dificulta a condição desses sujeitos elaborarem o processo migração, redefinindo seus lugares, suas identidades e elaborando o luto pela perda dos vínculos estabelecidos em seu país de origem, bem como se organizarem para restabelecer sua vida e seus laços em um novo contexto social. A condição de estrangeiro, migrante e, por vezes, refugiado, por si só já indica o rompimento de laços estabelecidos com e no lugar de origem e a necessidade da construção de um lugar e de um discurso a partir do qual esses sujeitos possam reorganizar sua constituição subjetiva. Igualmente, o estrangeiro também localiza um terreno propício para a exclusão e a segregação do outro (CARIGNATO et al, 2013), fenômenos que precisam ser compreendidos para que possam ser trabalhados, seja pela via da constituição de laços, do desenvolvimento de políticas públicas ou de uma escuta clínica que permita situar esses sujeitos na relação com a sua história e o campo social.

O rompimento com a história até então consolidada por estes migrantes e, muitas vezes,

a perda do convívio com a família e os amigos, ou até mesmo a perda desses por mortes, pode configurar para estes sujeitos uma situação traumática, exigindo um processo de elaboração destas perdas e traumas. Nesse sentido, escutar esses migrantes torna-se fundamental para seu processo de subjetivação, já que se encontram em uma condição de exceção num novo sistema de relações sociais, atravessados por suas experiências desenraizantes (DEBIEUX, 2012), num sem lugar no discurso que faz o laço social e, portanto, fora da política. O processo de subjetivação, então, é aquele que permite a mobilização, na relação com o outro e o social, do universo psíquico e simbólico dos sujeitos, viabilizando a vida material e afetiva. Nesse sentido, um trabalho de acolhimento e de escuta desses migrantes permite-lhes a elaboração de seu lugar na cena social, numa prática que remete tanto ao sujeito, quanto às instituições e aos discursos sociais que os acolhem e os interpelam.

Para operacionalizar o trabalho com os migrantes haitianos aqui localizados, desenvolvem-se as seguintes atividades: acompanhamento dos atendimentos realizados pelo projeto do Curso de Direito e de Letras; atendimentos psicológicos clínicos individuais; grupos de trabalho sobre *Vida e Trabalho no Brasil* e sobre *Diferenças Culturais no Processo de Migração*; Orientação Profissional; orientação para estudos na universidade; acompanhamento dos alunos reingressos na UFPR; participação em atividades da Rede de Apoio ao Migrante. A partir dessas ações com os migrantes haitianos, pôde-se verificar uma série de situações que indicam as necessidades e as demandas da população haitiana aqui localizada, a saber, questões relativas: à família e ao convívio familiar; ao desemprego; à queixa sobre o modo e a condição de vida no Brasil; à dificuldade financeira e à exploração no trabalho; à socialização; à marginalização e exclusão do sistema social; à dificuldade de superar as perdas e fazer o luto; à impossibilidade de se colocar no mercado de trabalho brasileiro a partir de uma formação já adquirida no país de origem (advogados, médicos, professores); à sexualidade; entre outros. Nesta direção, o trabalho analítico

“é baseado na escuta clínica, mas ocorre na diversidade das intervenções: em atividades grupais sobre várias temáticas, em oficinas, em escutas singulares, nas intervenções institucionais, na articulação de redes de atenção e na publicização dos acontecimentos e conflitos nas instituições e na vida social.” (DEBIEUX, 2012, p. 35).

De forma geral, é importante registrar que as ações e atividades da Psicologia estão sendo construídas a partir das demandas que chegam da Rede de Atendimento ao Migrante, por vezes considerando aspectos mais objetivos da vida no Brasil, por vezes lidando com temas que envolvem mais diretamente a subjetividade desses migrantes, no entanto, visando sempre à possibilidade da construção de uma rede simbólica que possa inserir esses sujeitos no laço ao outro. Como pontos positivos, refere-se à íntima relação entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão na universidade, as ações interdisciplinares, a construção do trabalho em rede, o desenvolvimento de políticas públicas para essa população. Como desafios para o projeto e o programa, pode-se citar: a construção de uma referência teórica e metodológica que contemple os diferentes saberes e as diferentes éticas envolvidas na Rede de Atendimento ao Migrante.

---

## **"OFICINA DE HISTÓRIA DO BRASIL PARA HAITIANOS", ORGANIZADA NO ÂMBITO DO CURSO DE HISTÓRIA**

Dentre os vários projetos desenvolvidos pelo PET-História da UFPR, a Oficina de História do Brasil para Haitianos<sup>12</sup> tem como objetivo promover a ação conjunta entre as áreas de Ensino, Pesquisa e Extensão na graduação, indo além dos limites da universidade, desenvolvendo uma metodologia de trabalho que visa atender as necessidades dos imigrantes haitianos recém-chegados a Curitiba.

Nesse sentido, a organização das atividades foi pensada de modo a transformar os

---

12 Para conhecer outras atividades do PET-História, acessar o blog: <https://pethistoriaufpr.wordpress.com/>

modos tradicionais de ensino de conteúdos de História em Brasil e adaptá-los de maneira a promover não só uma produção crítica de conhecimento, como também a cidadania, fomentando o debate público em torno de temas significativos para esse grupo de imigrantes neste momento de chegada no Brasil. Os membros do PET-História responsáveis por essa atividade de extensão realizada ao longo de 2014 e 2015 foram Douglas Figueira Scirea, Felipe Bastos, Gabriel Braga, Jean Carlo Giordani, Jéssica Lima, Maria Victória Ruy, Shirlei Batista dos Santos e Suellen Precinotto, supervisionados na pela tutora do grupo na ocasião, professora Renata Senna Garraffoni.

A base da inspiração teórica para desenvolver uma metodologia de trabalho aberta ao debate de ideias e construção crítica de conhecimento foi David Lowenthal, em especial sua obra *The past is a foreign country*. Nesse livro, inédito em português, Lowenthal já chamava a atenção para o fato que, historiadores (e arqueólogos), precisavam desenvolver a sensibilidade de perceber que as pessoas dão valor ao passado e constroem diversas relações com ele. Isso insere a atividade profissional do historiador em um contexto social e político, além de permitir espaços de diálogo, o que era fundamental para que essa experiência com os haitianos fosse bem sucedida.

Ao se adaptar métodos de ensino da História do Brasil a um público que acabou de chegar no país, desconhecendo a língua portuguesa ou com pouco contato com ela, percebeu-se que mais do que o domínio do conteúdo factual dos períodos correspondentes à História Nacional era preciso pensar em meios de rearticulação de experiências, memórias e de contato com o novo. Nesse sentido, as reflexões de Lowenthal foram fundamentais na medida que o autor afirmava, nessa obra, que a memória e o passado não são estáticos e cabe a nós atribuir sentidos a eles. Portanto, a proposta metodológica de inserir o passado no presente não foi pensada como meio de afirmar heranças e continuidades, mas ao contrário, essas Oficinas se tornaram espaços de reflexão e rearticulação de identidades.

Articular História e Memória pode alterar a percepção do passado, pois permite que se deixe de percebê-lo como linear e se passe a entendê-lo como complexo, cheio de caminhos desconhecidos e, também, de novidades configurando um processo de construção de conhecimento de forma coletiva, democrática, inclusiva e pautada nos direitos humanos. A partir desses princípios foram organizadas as atividades que comentar-se-á a seguir.

---

## A OFICINA

A ideia da Oficina surgiu a partir do convite do Projeto PBMIH que já desenvolvia atividades com a comunidade de imigrantes haitianos em Curitiba. Adaptando a metodologia desenvolvida pelo PET-História e já utilizada desde 2012 na *Oficina de História do Brasil para Estrangeiros*<sup>13</sup>, voltada para intercambistas na Universidade Federal do Paraná, foram organizadas aulas temáticas sobre História do Brasil destacando fatos importantes do país a partir de uma perspectiva não só política, mas social e cultural – utilizando meios multimídia para reprodução de músicas e filmes que se relacionam com o tema proposto em aula, tornando a aula mais dinâmica e fluida – incentivando a participação dos alunos.

A divisão de temas seguiu uma ordem cronológica, a fim de tornar mais didática a apresentação – decisão questionada no andamento das aulas como iremos apresentar na sequência. Os assuntos principais, de modo geral, foram: indígenas e chegada dos portugueses; exploração colonial do Brasil; presença da corte joanina no Brasil; Independência e o Império Brasileiro; escravidão e imigração; Proclamação da República; Estado Novo; Ditadura Militar; e redemocratização chegando até os dias atuais.

Devido ao interesse dos alunos, alguns temas foram mais desenvolvidos e aprofundados, como a escravidão, a questão racial, a independência, a questão da independência do Haiti enquanto estímulo para a independência no Brasil, a formação da República no Brasil, Ditadura Militar e a criação de heróis e símbolos nacionais, como por exemplo, personagens como Zumbi dos Palmares, Dom Pedro I e Tiradentes, e o significado da

---

13 Sobre o funcionamento dessa Oficina e o material didático produzido pelo PET-História para trabalhar o conteúdo ministrado, cf. <https://pethistoriaufpr.files.wordpress.com/2015/02/brasil-com-issn.pdf>



bandeira nacional com suas formas e suas cores. Havia também grande entusiasmo sobre a política atual, como a formação dos partidos vigentes no poder, a formação de movimentos políticos como o MST, temas sobre a estrutura social brasileira – especialmente a divisão do trabalho, questões relacionadas ao racismo e a discriminação aos imigrantes. Foi possível perceber que os assuntos que mais geravam curiosidade e debate foram aqueles que permitiam aos alunos traços paralelos com a história do Haiti e que diziam respeito a sua realidade enquanto imigrantes – até mesmo em algumas aulas, o ponto de partida de discussão surgiu do próprio aluno, interessado em discutir reportagens da mídia sobre o trabalho escravo na atualidade, por exemplo.

Todas as aulas foram realizadas aos sábados e sempre havia dois membros do PET-História responsáveis pela apresentação e debate do tema proposto. Para isso, foram elaborados slides que resumiam e ilustravam a fala dos ministrantes, e exercícios para promover a discussão e o debate. De fato, a Oficina tinha como foco inicial o intuito de apresentar temas da história brasileira, mas também, com o desenrolar das aulas, percebemos a oficina como um ponto de contato com a língua, ou seja, um lugar para os alunos, enquanto imigrantes, trabalharem o português em discussões, utilizando a língua portuguesa para formular dúvidas, argumentar críticas e apresentar relações entre os dois países.

---

## UM BALANÇO DA EXPERIÊNCIA

Ao longo das atividades realizadas pela Oficina algumas dificuldades foram encontradas, uma delas foi em como introduzir novos alunos (as), chegados (as) no decorrer do semestre e que não tinham o conhecimento do que já havia sido ministrado. Para esse problema, foram propostas algumas mudanças da metodologia que serão apresentadas na continuidade. Outro problema foi a questão do idioma, em alguns casos o uso de conceitos empregados na historiografia dificultam o entendimento e prosseguimento da aula. Problema resolvido, em algumas situações, por membros da comissão, com o uso do inglês ou até mesmo o francês para exemplificar o que era apresentado. Em outros casos substituiu-se conceitos por palavras do cotidiano – tornando o aprendizado mais palpável para iniciantes no idioma.

Diante da primeira dificuldade relatada, no segundo semestre de 2015 entrou-se em contato com a organização do Programa Política Migratória e Universidade Brasileira e, a partir disso, uma nova metodologia foi proposta. Aboliu-se a organização das aulas pela cronologia e alguns temas foram previamente definidos – dentre aqueles que se mostraram de maior interesse da turma, aqui já mencionados, e foram organizadas palestras temáticas quinzenais – fazendo constante divulgação, nos sábados sem aula, do próximo tema proposto. Com isso buscou-se tornar as aulas mais acessíveis para o caso de falta de um ou outro aluno. Sendo assim, quem perdeu uma aula não ficaria sem a conexão teórica para as próximas aulas. Além disso, conseguiu-se efetuar mais comparações com temas da história haitiana e história geral, buscando o interesse e a facilidade de aprendizado dos alunos e alunas. Com temas de maior amplitude – que abrem um leque maior para discussões – construiu-se aulas com mais oportunidade de diálogo entre os professores e os alunos e alunas.

As dificuldades detectadas foram encaradas como desafios inerentes ao contexto dos imigrantes haitianos: muitos deles de baixa renda, com dificuldades de ir até a Universidade devido ao trabalho, alguns apenas de passagem rápida por Curitiba e ainda iniciantes na língua portuguesa. Essa situação proporcionou a todos do grupo muitas aprendizagens, não só de pesquisa de conteúdo e metodologia na construção das aulas, mas permitiu a oportunidade de conhecer outra realidade, uma realidade que ultrapassa os muros da universidade e se encontra inserido no contexto da migração e das formas de se adaptar ao novo contexto de chegada. Por meio do diálogo com os alunos, essa outra realidade ganhou forma e novas histórias foram conhecidas, novas maneiras de pensar a diferença. Ao final o projeto se tornou em algo muito maior que o ensino da História do Brasil, passou a funcionar como um lugar de acolhimento e trocas – uma maneira de proporcionar oportunidades, tanto para os professores– enquanto estudantes de história

e futuros professores –, quanto para os alunos – recém-chegados no país. Nesse sentido, a Oficina se mostrou um espaço propício a novas formas de ensino e de rearticulações do passado, experimentando na prática aquilo já apontado por Lowenthal: articulações entre História e Memória podem se constituir em um espaço de construção de cidadania e, acrescentando-se, de inclusão social em um contexto de imigração como esse vivenciado pelos haitianos.

---

## **PESQUISA SOBRE IMIGRANTES HAITIANOS NO PARANÁ REALIZADA PELO GRUPO DE PESQUISA MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS E MULTICULTURALISMO**

A pesquisa sobre imigrantes haitianos no Paraná é uma das atividades inscritas no Grupo de Pesquisa Migrações Internacionais e Multiculturalismo, registrado no CNPq e liderado pelo Professor Márcio de Oliveira. Está ligado ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPR, e conta hoje com a participação de duas alunas de mestrado – Priscila Costa e Tamara Rezende – e um aluno da graduação em Ciências Sociais, Fernando Lajus, cada um deles pesquisando dimensões específicas da investigação em tela<sup>14</sup>. Finalmente, a pesquisa conta com a parceria institucional do Observatório das Migrações Internacionais, coordenado pelo Professor Leonardo Cavalcanti, sediado na Universidade de Brasília e ligado ao Centro de Pesquisa sobre as Américas<sup>15</sup> que abriga o Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

A presença de imigrantes haitianos no Brasil vem sendo examinada sob diversos ângulos, desde a história do Haiti e sua relação com as potências coloniais (França e EUA), passando pela questão internacional, indo então dos grandes diagnósticos sociodemográficos sobre o perfil do haitiano migrante no Brasil até relatos localizados sobre percursos individuais ou sobre aspectos específicos da cultura haitiana, tais como as questões linguística e religiosa, como demonstram os estudos de Valler Filho (2007), Rodrigues (2008); Rosa (2010), Caisse (2012), Costa (2012), Caffeu e Cutti (2012) Loquidor (2013), Zeferino (2014), Castro e Fernandes (2014), Cavalcanti et al. (2015), Contiguiba e Pimentel (2015) e Peres (2015). Na investigação, foram focadas as trajetórias individuais, o grau de integração (formas de organização social, formas de lazer, práticas culturais e religiosas, etc.) e as perspectivas futuras dos imigrantes. Pesquisou-se ainda a relação disso tudo com as diversas instituições (atores públicos, religiosos e ONGs) que executam localmente a política migratória e/ou acompanham e prestam assistência direta aos imigrantes. Pretendemos verificar no longo prazo em que medida essa migração segue os caminhos de integração da clássica imigração europeia para os EUA, tal como analisado por Alba e Nee (1999) ou se, numa variante, construirão trajetórias próximas ao modelo definido por Portes e Rubault (2001) para a imigração latino-americana recente nos Estados Unidos. Como ainda não há uma segunda geração desses imigrantes no Brasil, desenvolveu-se e foram aplicados dois conceitos – *habitus* migrante e capital de mobilidade – derivados da teoria da ação de Pierre Bourdieu (1972; 1979; 1980; 1986; 2002), no intuito de indicar qual dos modelos de integração acima mais se aproxima(rá) da realidade brasileira.

Em termos gerais, o grau de integração dos haitianos à sociedade brasileira é baixo. Trata-se de uma aspiração que se situa ainda a meio caminho entre o desejo de ficar e a adaptação às práticas sociais brasileiras, processo que é bastante mediado pela socialização exercida pelos atores religiosos. No presente momento, já é possível dizer que as imagens negativas sobre o Haiti e também sobre os próprios haitianos, veiculadas pelos meios de comunicação, em especial pela imprensa escrita (TÉLÉMAQUE, 2012), são efetivamente um freio à integração social mais ampla. A inexistência de imagens positivas reduz os haitianos à condição única de “imigrantes pobres”, egressos de país mais pobre

---

14 Fernando Lajus pesquisa estudantes migrantes matriculados hoje na UFPR. Priscila Costa pesquisa ocorrências criminais dentre imigrantes e contra eles. Tamara Resende pesquisa os atores institucionais públicos e privados que, no Paraná, executam a política e as ações de acolhimento e de integração direcionadas aos imigrantes.

15 Para maiores informações, ver [www.ceppac.unb.br](http://www.ceppac.unb.br)

ainda. O incômodo com as imagens negativas produz dois comportamentos. De um lado, a vontade de mostrar outra realidade, com a criação de manifestações artísticas (grupos musicais, sobretudo) e de projetos empresariais (venda de produtos haitianos no Brasil). De outro, a vontade de partir, mas não necessariamente para retornar ao Haiti. Ainda assim, para além da categoria social – imigrantes haitianos – foram encontrados indivíduos particulares oriundos de realidades distintas. A distinção sendo pois a regra, os processos integrativos e as trajetórias podem variar bastante. Portanto, ao lado dos capitais social e cultural, como definidos por Bourdieu, o projeto pensou num tipo de **capital de mobilidade** – pessoal ou familiar – adquirido socialmente, mas fundamentalmente diferente de indivíduo para indivíduo. Esse capital seria o fator principal que, caso o indivíduo não se sinta confortável no novo país, lhe possibilita continuar migrando. Daí a importância da dupla nacionalidade e/ou a experiência de uma migração anterior, própria ou compartilhada com um membro próximo da família.

Até aqui o projeto encontrou obstáculos de diversas ordens, desde a inexistência de uma política de acolhimento e de integração por parte dos atores oficiais – o que faz com que os pesquisadores sejam instados a desempenhar esse papel – até questões mais prosaicas como a compreensível falta de tempo ou de interesse dos imigrantes em participar das pesquisas. O grande desafio pode vir exatamente dessa posição aparentemente ambígua do pesquisador e de sua instituição, ou seja, de sua capacidade de estar na academia e na sociedade ao mesmo tempo: pesquisar não sobre os imigrantes, mas com eles; compreendê-los não a partir de categorias analíticas, mas a partir das experiências que conosco partilham.

---

## RESULTADOS

Inúmeros são os resultados alcançados pelo Programa em si e individualmente pelos seus Projetos. Eles podem ser concentrados em três grandes subdivisões: atendimentos realizados ao público alvo, políticas públicas implementadas na Universidade e aproximações com entidades externas.

No primeiro grupo, destacam-se as ações já expostas, como as aulas de português que já foram ministradas a mais de 1200 migrantes, sendo que, dentre eles, todos que tiveram alguma demanda jurídica receberam atendimento nesse sentido. Também foram ofertadas aulas de informática e de história do Brasil, além de atendimento psicológico.

Em relação às Políticas Públicas na Universidade, o Programa teve papel fundamental na expedição da Resolução nº 13/14-CEPE, que define normas sobre acesso de migrantes regularmente admitidos no Brasil e portadores do estado de refugiado de seu país de origem ou de visto humanitário e que tenham iniciado cursos superiores em instituições de ensino no estrangeiro aos cursos de graduação da UFPR, com fulcro no Art. 44 da Lei nº 9474 de 20 de julho de 1997; e na Resolução nº 02/16 (ex-58/14) – CEPE, que estabelece normas para revalidação de diplomas de graduação expedidos por estabelecimentos estrangeiros de ensino superior requerida por migrantes regularmente admitidos no Brasil e portadores do estado de refugiado ou de visto humanitário. Do mesmo modo, o Programa foi imprescindível para a expedição da Resolução n. 5/15 do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFPR que estabelece vagas para migrantes portadores de visto humanitário e refugiados. O Projeto Hospitalidade teve atuação decisiva nessas três conquistas institucionais. Sete migrantes ingressaram na Universidade em 2015, com base na Resolução 13/14, dezoito ingressaram em 2016 e 14 em 2017.

Várias aproximações foram realizadas com entidades externas. Como exposto anteriormente, a parceria da UFPR com o ACNUR, especialmente com a concretização da Cátedra Sérgio Vieira de Mello, esteve no cerne do Programa.

Em março de 2015, através do Programa, a UFPR firmou com o Ministério Público do Trabalho no Paraná um Acordo de Cooperação Técnica com a finalidade de desenvolver ações para reduzir a vulnerabilidade social e aperfeiçoar a integração de pessoas portadoras de visto humanitário, refugiadas e pessoas estrangeiras resgatadas da situação de trabalho em condições degradantes ou análogas à de escravidão. Para tanto, o

Programa vem promovendo ações de extensão para fortalecer a participação e integração social, na perspectiva da cidadania e dos direitos humanos, de migrantes e refugiados, com a finalidade instituir uma cultura de fortalecimento da igualdade, na universidade, na sociedade, demais órgãos públicos e empresas.

Além disso, o Programa tem parceria efetiva e constante com a ONG Casla (Casa Latino-americana), a Associação dos Haitianos em Curitiba (GADES), a Pastoral do Migrante, a Cáritas, a Prefeitura Municipal de Curitiba - por meio de diversos órgãos internos, a Fundação Cultural de Curitiba, a Secretaria de Educação do Estado do Paraná, o Consulado da Síria em Curitiba, além de integrar o Conselho Estadual dos Direitos dos Refugiados, Migrantes e Apátridas do Paraná (CERMA/PR), vinculado a Secretaria de Estado da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos (SEJU).

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muita atividade já foi realizada pelo Programa e seus projetos desde o final do ano de 2013. Há muito espaço para novas frentes de trabalho e aprimoramento do que já tem sido feito. É fundamental que se consolide um diálogo permanente e respeitoso com os refugiados e migrantes e suas organizações, para compreender suas realidades vividas, identificar suas demandas e trabalhar propostas de diminuição de suas necessidades e de sua vulnerabilidade, na perspectiva do fortalecimento de sua autonomia para a defesa de seus direitos. A relação dialógica deve ser constantemente estimulada para que as ações não ocorram apenas no sentido universidade - migrante, mas que tenham o sentido inverso também, de modo que a prática extensionista retorne para os professores, e principalmente para os alunos, com a vivência e com o conhecimento que a comunidade alvo possui.

A inclusão social efetiva desses sujeitos deve continuar sendo a finalidade maior do Programa, sempre respeitando suas diferenças pessoais de gênero, cor/raça, crenças religiosas, e suas especificidades culturais. A inclusão social tem sido apreendida e trabalhada pelo Programa, a partir de demandas mais urgentes que se apresentem como obstáculos imediatos a essa inclusão, tais como: a barreira linguística e sua superação; a inclusão digital; a defesa de direitos e o acesso à justiça; a diminuição de sofrimento psicológico pelo desenraizamento; e o desconhecimento de elementos da história do Brasil, que resultam em diferenças culturais, preconceitos e discriminações. Mas pode ir além. Essa atuação concreta suscita, necessariamente, a reflexão sobre a construção de políticas públicas que possam diminuir ou eliminar tais barreiras e problemas.

O Programa de fato se insere nos espaços de formulação de políticas públicas, seja em conferências, comitês, fóruns, conselhos, eventos, cursos e outras atividades que possibilitem uma interação dialógica entre a UFPR e os demais segmentos da sociedade e suas organizações - o que pode ser ampliado.

Para enfrentar a grande complexidade dos problemas e o expressivo número de demandas, o Programa assumiu um caráter genuinamente interdisciplinar, que encontra nos referenciais teóricos da filosofia contemporânea e dos direitos humanos o seu ponto de convergência para suas atuações específicas. Novos campos do conhecimento, marcos teóricos e cursos de graduação podem ser incluídos.

Em suas ações, o Programa recolhe os conhecimentos e contribui para o aprofundamento de atividades curriculares de ensino, e suas práticas incidem sobre as atividades de pesquisa dos diversos grupos que trabalham com o tema de migrações e refúgio, nas várias áreas do conhecimento, resultando na efetiva indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

É esperado, por fim, que tais experiências possam contribuir para outros pesquisadores da área de migração e refúgio, ampliando o efeito da sua experiência como exemplo em potencial para outros projetos de extensão e pesquisa, dentro e fora da UFPR.

# Haitianos no Rio Grande do Sul: panorama e perfil do fenômeno migratório contemporâneo

Roberto Rodolfo Georg Uebel<sup>1</sup>

Aldomar Arnaldo Rückert<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo aborda o perfil da imigração haitiana no estado do Rio Grande do Sul, região Sul do Brasil, a partir da segunda década do século XXI, apontando as rotas destes imigrantes do Haiti até este território; sua distribuição espacial; perfil demográfico-social e suas relações com o mercado de trabalho – distinto de acordo com as regiões em que se concentraram. A pesquisa contou com visitas de campo, uso dos instrumentais da cartografia temática e foi amparada na literatura de Geografia Humana e da População. Concluiu-se que este fluxo migratório específico desponta como um dos principais do novo perfil migratório sul-rio-grandense e brasileiro, contribuindo para a nova configuração dos espaços sociais e urbanos que o vem acolhendo. Trata-se, portanto, de um panorama novo da imigração no Brasil e, por conseguinte, no Rio Grande do Sul, inseridos agora, definitivamente, na agenda global das migrações internacionais.

**Palavras-chave:** Imigração. Haitianos. Rio Grande do Sul. Século XXI.

## ABSTRACT

*This article discusses the profile of the Haitian immigration in Rio Grande do Sul state, Brazil's South region, from the second decade of the 21<sup>st</sup> century on, pointing out the routes of these Haitian immigrants to this territory; their spatial distribution; their demographic and social profile and relations with the labour market - distinct according to the regions where they are concentrated. The research involved field surveys, usage of instruments of thematic cartography and was based on the literature of Human and Population Geography. The study showed that this specific migratory flow emerged as a main one in the new Rio Grande do Sul's and Brazilian immigration profile, contributing to the new configuration of the social and urban spaces that have been receiving them. It is, therefore, a new panorama of immigration in Brazil and, consequently, in Rio Grande do Sul state, both inserted now definitively in the global agenda of international migration.*

**Keywords:** Immigration. Haitians. Rio Grande do Sul state. 21<sup>st</sup> century.

## RESUMEN

*Este artículo aborda el perfil de la inmigración haitiana en el estado de Rio Grande do Sul, región sur de Brasil, a partir de la segunda década del siglo veintiuno, mostrando las rutas*

1 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul ([roberto.uebel@ufrgs.br](mailto:roberto.uebel@ufrgs.br))

2 Professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul ([aldomar.ruckert@gmail.com](mailto:aldomar.ruckert@gmail.com)). Ambos são pesquisadores do Laboratório Estado e Território (LABETER). A pesquisa foi realizada com recursos da CAPES por meio do Projeto Pró-Defesa e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul, a quem os autores são gratos.

*de estos inmigrantes desde el Haití hasta su territorio, su distribución espacial; su perfil demográfico y social y sus relaciones con el mercado de trabajo – distinto de acuerdo con las regiones donde se han concentrado. La investigación tuvo visitas in loco, utilización de los instrumentales de la cartografía temática y fue amparada en la literatura de Geografía Humana y de la Población. Se ha concluido que este flujo inmigratorio específico aparece como uno de los principales del nuevo perfil inmigratorio del Rio Grande do Sul y Brasil, contribuyendo para la nueva configuración de los espacios sociales y urbanos que los han recibido. Se trata, por lo tanto, de un panorama nuevo de la inmigración en Brasil y, por consiguiente, en Rio Grande do Sul, insertados ahora, definitivamente, en la agenda global de las migraciones internacionales.*

**Palabras-clave:** *Inmigración. Haitianos. Rio Grande do Sul. Siglo veintiuno.*

---

## INTRODUÇÃO

Este artigo apresentará o perfil da imigração haitiana no estado do Rio Grande do Sul a partir de 2010, período em que cresceu consideravelmente, além de relatar a experiência deste grupo imigratório na economia e sociedade sul-rio-grandense, com breves explanações acerca destes novos fluxos em relação ao seu perfil demográfico e social.

A escolha deste grupo deu-se em virtude de ser o mais destacado na percepção coletiva e midiática recente, bem como se trata de um fenômeno imigratório advindo de um *boom* de múltiplas nacionalidades e que merece ser estudado e investigado, dado o fenômeno social ser também objeto de estudo da Geografia (MOREIRA, 2008).

Nesse sentido, nas próximas seções analisar-se à: 1) o contexto prévio ao fluxo imigratório haitiano recente, com as explanações sobre abordagens da imprensa, redes de migração e as pesquisas de campo que levaram à consecução deste estudo; 2) a descrição deste fenômeno no estado do Rio Grande do Sul; 3) a distribuição geoespacial e laboral dos haitianos no estado; 4) o perfil demográfico-social dos imigrantes e por fim as considerações finais.

---

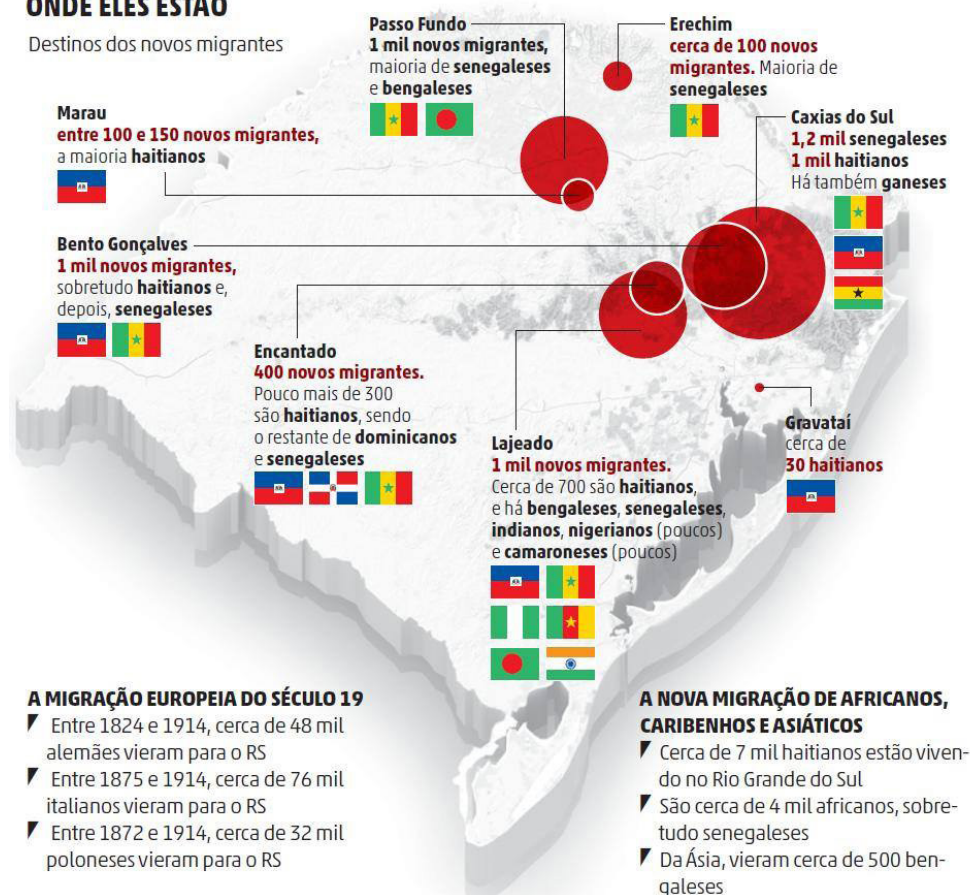
## CONTEXTO PRÉVIO DA PESQUISA: MÍDIA, REDES E PESQUISA DE CAMPO

Como ponto de pesquisa e também contraposição aos dados verificados ao longo da investigação e nas pesquisas de campo – financiadas com recursos do Projeto Pró-Defesa/CAPES -, apresenta-se a Figura 1, amplamente divulgada na imprensa sul-rio-grandense, que supostamente apresentaria o panorama imigratório de africanos, haitianos e outros grupos “não tradicionais” num “novo perfil imigratório” do Rio Grande do Sul após 2013.

**Figura 1 - Estoque imigratório contemporâneo e destino dos novos imigrantes segundo a imprensa sul-rio-grandense.**

## ONDE ELES ESTÃO

Destinos dos novos migrantes



Fonte: Rollsing e Trezzi (2014)

Analisando-se estes dados apresentados no mapa acima e comparados com as tabulações realizadas para esta pesquisa<sup>3</sup>, claramente há a conclusão de que não há 7 mil imigrantes haitianos no Rio Grande do Sul, mas apenas 2.503 indivíduos<sup>4</sup>, embora distribuídos corretamente conforme a Figura 1 e que descreveremos na próxima seção.

Antes de prosseguir-se ao detalhamento do perfil da imigração haitiana no Rio Grande do Sul, é importante destacar-se os procedimentos para a obtenção dos dados e experiências destes imigrantes, que se resumem fundamentalmente às visitas de campo.

Realizaram-se duas pesquisas de campo diretamente com imigrantes, entre julho e setembro de 2014, no município de Rio Branco, Acre, e nos municípios de Torres e Igrejinha, no Rio Grande do Sul, e uma entrevista tipo *survey in loco* durante a realização da 1ª Conferência Nacional sobre Migrações e Refúgio (1ª COMIGRAR) em São Paulo, conforme já destacado anteriormente nesta pesquisa.

A experiência na capital acreana foi concomitante à participação na 66ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, na Universidade Federal do Acre, onde obtiveram-se os primeiros contatos com imigrantes haitianos e senegaleses, além de

3 Estes dados foram obtidos por meio da Lei de Acesso à Informação. Todos os dados foram tabulados e compilados pelos autores, encontrando-se disponíveis nesta página: <https://www.dropbox.com/sh/fg7dq7xq6gi2049/AAC0bhS-urv0vpTHSeBfJta?dl=0>.

4 É importante ressaltar que estes dados foram atualizados até à época em que o artigo foi redigido, isto é, até o primeiro semestre de 2015. Após este movimento inicial, dados não-oficiais de organizações não-governamentais e da própria Polícia Federal chegaram a apontar a presença de 10 a 15 mil haitianos vivendo no Rio Grande do Sul. Em um grupo de trabalho sobre a imigração contemporânea em seminário realizado pelo Centro Universitário Univates em abril de 2017, diversos pesquisadores arguíram que este número estaria estimado em 7 mil haitianos residindo atualmente no Rio Grande do Sul. Ressaltamos que esta desatualização não compromete o escopo do texto que visa analisar a espacialização, análise demográfico-espacial, rotas, mapas deste ímpar fluxo migratório.

outras nacionalidades, como dominicanos e ganeses, e que foram o ponto de partida para esta pesquisa. Além da visitação ao novo abrigo de imigrantes, que possuía uma estrutura maior e melhor preparada que o extinto abrigo em Brasiléia, na fronteira com a Bolívia, esta pesquisa de campo permitiu um contato direto com representantes das secretarias estadual e municipal de Direitos Humanos, além de entrevistas informais com habitantes locais, sob o seu ponto de vista acerca destes fluxos migratórios.

Durante a estadia no Acre, pode-se perceber que tais fluxos, objeto de pesquisa deste artigo, não se tratavam definitivamente de um fenômeno ou onda migratória, como parte da academia brasileira vinha se posicionando e afirmando, mas sim de um novo *boom* migratório.

Sobre a diferenciação do *boom* migratório para a onda migratória, fundamenta-se o nosso argumento nos referenciais de Kellogg (1998) e Rocha-Trindade (1995), que teorizam de forma sucinta estes fatos: a explosão migratória (ou *boom*) compreende um fenômeno pontual, um ponto de inflexão nas séries históricas de imigração, que pode ter continuidade, diminuição ou aumento na sua intensidade. Já as ondas migratórias obrigatoriamente aportam ciclos migratórios pré-estabelecidos, ou que se estabelecerão após um ponto de inflexão (toda a onda pode ser um *boom* migratório, mas o contrário não se aplica).

Este *boom* da imigração haitiana é partícipe de um fluxo contemporâneo, já que apresenta desde 2010, início da chegada dos haitianos no território brasileiro, os condicionantes básicos para tal caracterização: rotas estabelecidas, fluxo contínuo, agenciamento, levadas estruturadas (vide-se as duas gerações de imigração haitiana que abordar-se-á nas próximas seções), etc.

Ademais, as pesquisas de campo no estado do Rio Grande do Sul serviram como complemento às experiências e impressões obtidas no Acre, para fins de comprovação das primeiras hipóteses e considerações sobre tais fluxos migratórios. Portanto, escolheu-se os municípios de Igrejinha, situado no Vale do Paranhana, Mesorregião Metropolitana de Porto Alegre, e Torres, situado no Litoral Norte, Microrregião de Osório, na divisa com o estado de Santa Catarina.

Em Igrejinha visitou-se um curtume (nome preservado por solicitação da direção da empresa) que empregara até vinte imigrantes haitianos, bem como as moradias e instalações de condição de trabalho destes imigrantes.

Nesta indústria também foi possível perceber a agência, isto é, a atuação das empresas sul-rio-grandenses no recrutamento destes imigrantes, tanto no Acre – onde não foi possível contatar os representantes de tais empresas – e posteriormente em São Paulo. Sobre a forma que se dá este recrutamento, tem-se um interessante relato conclusivo extraído de Mamed (2014):

A empresa interessada na contratação do imigrante, em geral, estabelece contato diretamente com o coordenador do acampamento em Brasiléia, que realiza a triagem do pessoal conforme as características indicadas pela firma. Além de considerar o perfil “homem, jovem, saudável, solteiro, sem filhos, com algum tipo de experiência profissional ou escolarização”, na seleção o coordenador também averigua o porte físico do imigrante, buscando avaliar a espessura das suas mãos e canelas, o que indica, segundo ele, se a pessoa está ou não acostumada com o trabalho pesado. Uma ou duas semanas após, os representantes dessa companhia chegam à cidade e ao abrigo para, então, organizar a viagem do grupo selecionado. Geralmente isso é feito em ônibus fretado, que vem da cidade de origem da empresa, apanha os imigrantes e retorna. [...] em casos de maior número de recrutamento, as empresas enviam uma equipe até a cidade de Brasiléia, que improvisa uma espécie de escritório dentro ou em área próxima ao acampamento, e realiza ela mesma a seleção criteriosa dos trabalhadores. A pesquisa chegou a acompanhar processos de triagem que envolviam tanto a observação do porte físico quanto a averiguação da genitália do imigrante, que segundo os agentes das empresas confirmava uma maior ou menor disposição física para o trabalho pesado. (MAMED, 2014)

De acordo com as regras de empregabilidade para estrangeiros haitianos no Brasil, a empresa define com o imigrante um contrato provisório pelo período de 45 dias, com remuneração de um salário mínimo mensal e possibilidade de renovação por mais 45 dias.



Após esse período de 90 dias de experiência, segundo Mamed (2014), é que a empresa define a permanência ou não do funcionário no seu quadro.

Além disso, na cidade onde constituem residência e obtêm emprego, os imigrantes são alojados em uma residência administrada pela própria empresa, de maneira que a rotina de trabalho e vida do novo trabalhador passa a ser ordenada e controlada por ela (MAMED, 2014).

Segundo relatos obtidos com imigrantes e pesquisadores do tema na região do Vale do Taquari<sup>5</sup>, houve a tentativa dos governos municipais em alocarem recursos do programa “Minha Casa, Minha Vida” para estes imigrantes, todavia, devido à burocracia e às restrições de programas sociais a estrangeiros – ainda reflexo da legislação do período ditatorial – isto não se concretizou.

Embora o relato anterior restrinja-se à contratação por parte da agroindústria, verificou-se na pesquisa de campo em Igrejinha, juntamente com os diretores e funcionários imigrantes do curtume, que esta agência se dá pela maioria das empresas no Acre, independentemente do setor ou finalidade da empresa, seja de indústria pesada, de alimentação ou até mesmo de serviços. Outra forma verificada de contratação destes imigrantes é a divulgação por supermercados ou empregadores menores, como de prestação de serviços, hotelaria, comércio, etc., de anúncios específicos voltados aos imigrantes intermediados por pastorais, organizações não-governamentais ou até mesmo pelas prefeituras e suas secretarias.

Ademais, os haitianos após sua fixação e obtenção dos documentos oficiais e autorizações de trabalho ou permanência no Brasil, vêm criando páginas em redes sociais para a divulgação de empregos e oportunidades de serviços, além de atenção aos imigrantes e seus familiares.

Um exemplo é o caso da página da rede social Facebook “Central de Empregos para Haitianos no Brasil”, que possuía em janeiro de 2015 cerca de 2400 seguidores e divulga semanalmente oportunidades para os haitianos em todo o território brasileiro, além do compartilhamento de vagas por meio de pastorais, empresas e agências de empregos.

Ademais, a página “Novos Imigrantes em Caxias”, produzida por acadêmicos da Universidade de Caxias do Sul e supervisionada pela professora Ana Maria Acker é outro exemplo que coordena a agência de empresas, imigrantes e sociedade civil, tratando-se de um canal bilíngue, tanto para senegaleses como haitianos, a fim de realizar a prestação de serviços, bem como a divulgação de relatos destes imigrantes. O objetivo também é conectar os caxienses aos moradores recentes, segundo descrição na página. (PROJETO NOVOS IMIGRANTES EM CAXIAS, 2014)

Antes de partirmos para a análise específica deste fluxo migratório nas sessões seguintes, ressalta-se a importância da pesquisa de campo realizada em São Paulo, no âmbito da 1ª COMIGRAR, onde foi possível o contato direto com representantes destas associações, religiosos das pastorais dos imigrantes, representantes do Ministério Público, prefeituras, entidades governamentais e diplomáticas.

Constatou-se naquela conferência, em conversa com imigrantes de várias nacionalidades, bem como na pesquisa de campo em Igrejinha, que as condições de trabalho e moradia não seguem um padrão, assim como no caso das condições dos próprios trabalhadores brasileiros, já que não é desconhecida – tanto para os órgãos públicos como para a academia – a existência de trabalhos análogos ao de escravidão em todas as regiões do país. O relato de um imigrante haitiano, colhido durante conversa informal naquela pesquisa de campo é conclusivo:

Em nossa pátria encontramos situações parecidas com a que alguns amigos vivem, infelizmente, no Brasil, trabalhos degradantes, insalubridade, falta de garantias sociais e da própria dignidade humana, porém, aqui temos a chance de denunciar, sermos atendidos e também de crescermos profissionalmente, garantindo um futuro mínimo aos nossos familiares, aqui temos um teto. A minha moradia aqui em Igrejinha é o que

5 Relatos obtidos durante o 1º Seminário Internacional Migrações e Direitos Humanos, realizado na UNIVATES, em Lajeado, Rio Grande do Sul, em maio de 2016. Naquela oportunidade, três imigrantes haitianos e representantes de órgãos assistenciais relataram as dificuldades, desafios e conquistas quanto à inserção da comunidade haitiana no mercado de trabalho e sociedade sul-rio-grandense. Maiores informações podem ser obtidas na página do evento: <http://www.univates.br/evento/migradh>.

posso chamar de lar. Assim como a dos amigos em Caxias, Passo Fundo e em outras cidades. Seremos eternamente gratos ao Brasil pela acolhida. (relato verbal obtido de J.M. e traduzido para o português pelo autor).

Com esse relato, apoiado pelos demais obtidos em São Paulo, Acre e Torres, além daqueles vastamente divulgados pela imprensa – de forma positiva ou condenatória – comprovam, mais uma vez, as múltiplas formas de concretização e realização do *Brazilian dream*<sup>6</sup> destes imigrantes, haitianos, senegaleses, bolivianos e de distintas nacionalidades, que procuram no Brasil, como observado acima, um teto e um lar para possibilitarem o futuro das novas gerações.

Não é novidade, portanto, para a sociedade brasileira este tipo de sonho e ambição geracional, posto que se assemelha na forma e realização daqueles ansiados pelos imigrantes italianos, alemães, japoneses, espanhóis e de outras nacionalidades há pouco mais de um século.

Assim, na próxima seção buscaremos aprofundar a análise e interpretações sobre este fenômeno migratório dos fluxos de haitianos, que estão a transformar o estado do Rio Grande do Sul nas mais diversas searas e setores.

---

## 2. IMIGRAÇÃO HAITIANA NO RIO GRANDE DO SUL

Esta seção abordará a imigração de haitianos em direção ao Rio Grande do Sul após o ano de 2010, mais especialmente a partir de 2013, em virtude destes imigrantes se apresentarem como o terceiro maior contingente migratório do estado, apenas atrás dos fronteiriços imigrantes uruguaios e argentinos e a frente de outros tradicionais grupos como portugueses, italianos e alemães, segundo as estatísticas recentes do MTE e Polícia Federal e que deverão ser confirmadas no próximo Censo do IBGE.

Segundo estes dados, havia até o mês de outubro de 2014, 2.503 imigrantes de origem haitiana, majoritariamente chegados após um longo processo de migrações e rotas internas no Brasil, que estão apresentadas no Mapa 1, seguindo os relatos obtidos dos próprios imigrantes durante a pesquisa de campo realizada no estado do Acre em julho de 2014 e no Rio Grande do Sul nos meses de agosto e setembro do mesmo ano, além dos dados de rotas e redes obtidos nos estudos de Seixas (2014).

---

6 O termo *Brazilian dream* foi cunhado pela primeira vez pelo professor Herbert S. Klein da Universidade de Stanford e passou a ser utilizado para explicar o sentimento e as motivações dos novos imigrantes no Brasil, especialmente aqueles que chegaram a partir de 2011, com as mudanças na política externa migratória brasileira de Dilma Rousseff (UEBEL, 2016). Outros termos, como “Eldorado brasileiro” também foram retratados por autores como Silva e Assis (2016) para explicar este sentimento.

**Mapa 1 – Rota dos imigrantes haitianos em direção ao Rio Grande do Sul.**



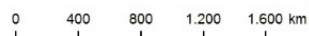
**Legenda**

**Rotas de Partida**

- Rota A: Porto Príncipe-Santo Domingo-Cidade do Panamá
- Rota B: Porto Príncipe-Cidade do Panamá

**Rotas de Destino**

- Rota 1: Cidade do Panamá - Quito - Lima - Cobija - AC - São Paulo - Porto Alegre - RS
- Rota 2: Cidade do Panamá - Porto Alegre - RS
- Rota 3: Cidade do Panamá - São Paulo - Porto Alegre - RS
- Rota 4: Cidade do Panamá - Lima - Porto Alegre - RS



Elaboração: Roberto Rodolfo Georg Uebel  
2014  
Apoio: CAPES/Projeto Pró-Defesa  
Fapergs



Com base no Mapa 1, em referência às rotas imigratórias dos haitianos, percebe-se que estes ingressam de quatro formas distintas no território brasileiro e sul-rio-grandense, conseqüentemente. Segundo os relatos advindos da pesquisa de campo e questionamentos informais com estes imigrantes, a partida do Haiti se dá de duas formas: Rota A, aérea, da capital Porto Príncipe, até a Cidade do Panamá, capital do Panamá, ou Rota B, área ou terrestre até Santo Domingo, capital da República Dominicana, de onde partem também para a Cidade do Panamá.

Destarte, a Cidade do Panamá torna-se a primeira parada obrigatória antes destes imigrantes prosseguirem à segunda parte do trajeto até o território brasileiro, já que não há voos comerciais diretos entre o Haiti e República Dominicana para o Brasil.

Ademais, segundo a percepção oriunda dos relatos, há intermediários que fazem o processo de compra dos bilhetes aéreos bem como os trâmites de transporte destes imigrantes, porém, não há, neste momento, hipótese conclusiva de que se tratam de *coiotes* na mesma acepção tradicional das migrações internacionais, como no caso dos próprios brasileiros que emigravam para o Estados Unidos via México décadas atrás.

Após a chegada na Cidade do Panamá, os imigrantes que partem para o Brasil – outros procuram emigrar para outros países da América Central e América do Sul – seguem três rotas distintas, com a predominância de uma delas nos casos verificados.

A Rota 1, que é a mais barata e predominante,<sup>7</sup> porém, mais longa e perigosa para os imigrantes, que compreende um trajeto aéreo até Quito, no Equador, pela facilidade de ingresso no país, e depois um trajeto aéreo até Lima, no Peru, onde são recebidos por outros intermediários que fazem o penoso trajeto terrestre até o Brasil, ingressando, predominantemente, pela fronteira da Bolívia, pela cidade de Cobija, que faz fronteira com o município acreano de Brasiléia, que possui cerca de 22 mil habitantes e que chegou a registrar mais de dois mil imigrantes num só dia em janeiro de 2014 (BRASIL, 2014).

Dada a facilidade de ingresso pela fronteira entre Cobija e Brasiléia, justificou-se a maior parte dos fluxos advindos por esta rota, predominando em até 90% dos casos registrados. Todavia, com o fechamento dos abrigos de imigrantes na cidade, o fluxo destinou-se, a partir do segundo semestre de 2014, predominantemente até Rio Branco, capital do estado do Acre, onde muitos imigrantes partiram, via terrestre ou aérea, sob responsabilidade do Estado brasileiro, para outros estados, como Rondônia, São Paulo, Mato, Grosso e Rio Grande do Sul.

O abrigo de Brasiléia, que foi aberto em dezembro de 2010, teve suas atividades encerradas em abril de 2014 por determinação do governo acreano após denúncias de violação dos direitos humanos e insalubridade por parte do Ministério Público daquele estado. No período, passaram pelo abrigo vinte mil indivíduos, segundo contagem da Polícia Militar do Acre e das entidades sociais que mantinham o local com doações e trabalho voluntário.

O abrigo de Brasiléia media 200 m<sup>2</sup> cobertos com um teto baixo de zinco. Lonas plásticas serviam como cortinas e a temperatura ambiente chegava a 40C°, além de não possuir tratamento de esgoto. Apesar de bastante criticada, a parceria dos governos federal e estadual assegurava aos imigrantes água, três refeições diárias e serviço de saúde (MACHADO, 2014).

Em Rio Branco, o governo estadual abriu logo após o fechamento em Brasiléia um novo abrigo com capacidade máxima para 200 imigrantes, fazendo um rodízio de permanência de até 10 dias, segundo a Secretaria Estadual de Direitos Humanos. No acampamento de Brasiléia, a permanência diária girava em torno de 500 e 1000 imigrantes, mas a capacidade era para um máximo de 300 indivíduos (SARRES, 2014).

Nesse sentido, após chegarem em Rio Branco, os imigrantes que se destinaram ao Rio Grande do Sul passaram por São Paulo, em virtude dos trâmites aéreos e burocráticos – dada a saturação de atendimento para a emissão dos documentos de trabalho e de estrangeiros pelos órgãos competentes no Acre – realizados naquele estado.

Assim, apresenta-se na Figura 2 o trajeto realizado de Rio Branco até São Paulo, tanto pelos haitianos como pelos senegaleses:

---

7 Um dos propósitos da pesquisa era tentar quantificar o valor pago pelos imigrantes para realizarem o trajeto até o Brasil, mas isso não foi possível devido ao receio destes em divulgarem tais informações, ainda que seriam mantidas sob confiabilidade. Entretanto, tem-se que: “Haitianos que entram no País através do Amazonas chegam a pagar US\$ 650, o equivalente a **R\$ 1,2 mil**, a ‘coiotes’ em troca de estadia, passagem e oportunidade de trabalho. De acordo com o delegado da Polícia Federal (PF) em Tabatinga, Alexandre Rabelo, o ‘serviço’ é acertado pelos haitianos ainda no país de origem com a ajuda de amigos e parentes. [...] a PF prendeu o suspeito, que cobrava até US\$ 2 mil para trazer os cidadãos haitianos do Peru até o Brasil. [...] A renda per capita anual [do Haiti] soma US\$ 410 (R\$ 740), o que revela o perfil social desses imigrantes, pertencentes à camada de maior poder aquisitivo. [...] Haitianos [...] contam que a ação dos ‘coiotes’ inicia no aeroporto de Santo Domingo, com o pagamento de US\$ 300 para a realização da viagem até Quito e segue com o desembolso de mais US\$ 200 no desembarque.” (ARAÚJO, 2011, p. 1, grifo do autor).

Figura 2 – Rota dos imigrantes haitianos e senegaleses desde Rio Branco até São Paulo.



Fonte: Ferraz e Prado (2014)

Outras três também rotas foram verificadas em menor proporção: a Rota 2, que parte diretamente da Cidade do Panamá até Porto Alegre, considerada a rota mais cara e menos praticada pelos imigrantes, mas realizada em virtude do menor tempo despendido e por aqueles imigrantes que já possuíam empregos acertados no Rio Grande do Sul – ou seja, aqueles que são da *segunda geração* de imigrantes, vindouros após o estabelecimento de redes de contato com os primeiros imigrantes, logo após 2010 e 2011.

Já a Rota 3 compreende também uma partida da Cidade do Panamá, contudo, com direção até São Paulo, porém não obtendo emprego ou condições de permanência naquele estado, os imigrantes realizaram uma migração interna em direção ao Rio Grande do Sul, dadas as redes de trabalho já existentes.

Por fim, a Rota 4 foi praticada também em menor grau por aqueles imigrantes com maior poder aquisitivo que já possuíam propostas de emprego no Rio Grande do Sul e optaram pela ligação aérea direta, o que em representação proporcional não chega a 3% dos casos.

Posto isso, observa-se que as quatro rotas de imigração dos haitianos são constituídas de redes de contatos e informações, distribuídas no que concluímos ser *gerações de imigrantes* em um curto período de tempo.

Trata-se assim, da *primeira geração* dos imigrantes haitianos, após a crise humanitária

e terremoto de 2010, não tinha como destino final – ou objetivo principal – o Rio Grande do Sul e era predominantemente constituída de homens, solteiros e pais de família desacompanhados, que vislumbravam apenas a chegada ao Brasil e inserção no mercado laboral.

Já a *segunda geração* possui um caráter distinto da primeira, ao passo em que estabelecidas as redes com os primeiros emigrados, retoma após 2013 um forte fluxo já destinado ao Rio Grande do Sul ou com a expectativa de se deslocar até um dos estados da Região Sul do Brasil. Nesta geração também incluem-se mulheres, imigrantes mais velhos, famílias completas com crianças e com graus de instrução mais variados.

Destarte, a motivação que levou a estas duas gerações de imigrantes, seguindo-se os preceitos de Piore (1979), é a mesma: melhores condições laborais – ou seja, salariais – e possibilidade de construção de um projeto de vida familiar no Brasil, já que não há perspectivas de retomada do crescimento do Haiti no médio e mesmo no longo prazo.

O que as diferencia são suas caracterizações demográfico-sociais, rotas e forma como são atraídos ao Rio Grande do Sul, além de que a segunda geração apenas emigrou por causa de uma rede já estabelecida pela primeira geração.

Segundo as discussões realizadas no âmbito da 1ª COMIGRAR e de próprios estudos recentes da OIM, o fator principal que levou ao ato de emigrar para o Brasil destes indivíduos foi a atuação estratégica brasileira no Haiti capitaneada pelas ações da Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti (MINUSTAH), gerida pelas próprias forças brasileiras. Este fator de motivação justifica-se tanto na análise realizada por Amorim (2013), como na citação de Magalhães (2014):

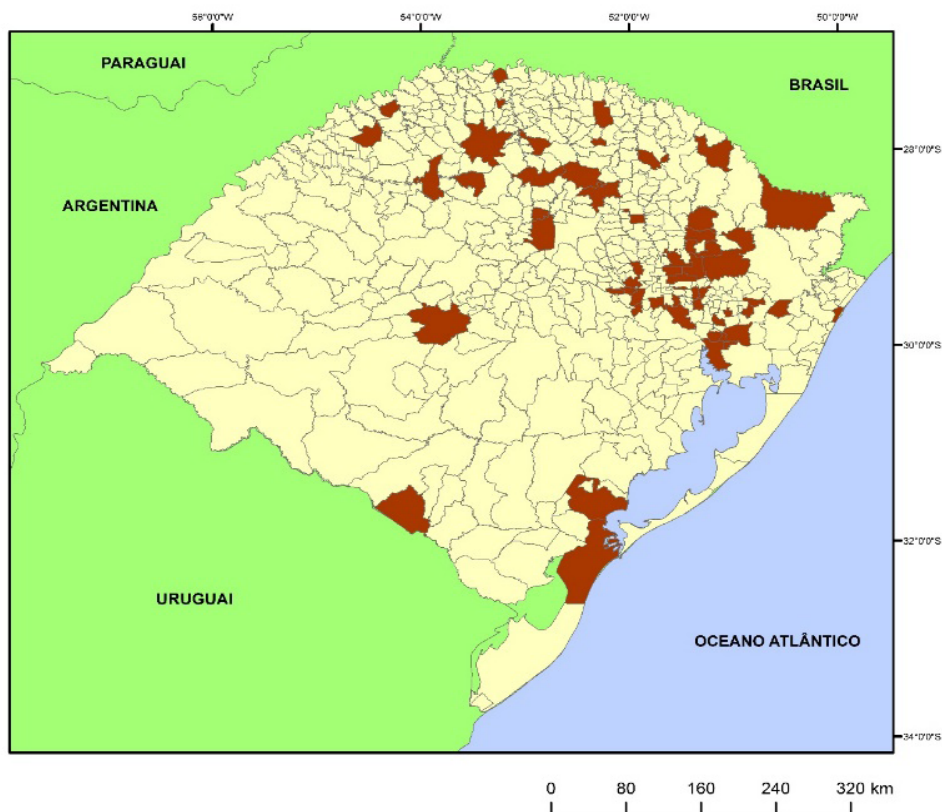
Há uma relação íntima entre a presença do Brasil no país e a vinda dos primeiros haitianos ao Brasil. Esta relação nos leva a refletir, ainda que de forma breve e inicial, na capacidade de o subimperialismo condicionar a dinâmica migratória internacional, e criar e impulsionar um fluxo específico entre o país objeto da expansão subimperialista e o país que a promove efetivamente. (MAGALHÃES, 2014, p. 16)

Assim, a presença maciça brasileira em território haitiano, somada às propagandas positivas do país pelos *peacekeepers* e outras motivações de íterim pessoal, bem como crescimento atrativo do mercado de trabalho e economia brasileira àquela época conjugaram em um *pacote único motivacional* que obteve como consequência este *boom* imigratório de haitianos no Brasil e Rio Grande do Sul, respectivamente.

Deste modo, a presença dos haitianos no Rio Grande do Sul é justificada exclusivamente pela oportunidade de emprego em posições não mais desejadas pelos próprios sul-riograndenses, uma tendência de um estado que passa pelo processo de assimilação de sua característica atrativa de imigrantes (UEBEL; RÜCKERT, 2016). Ressalta-se novamente que estes imigrantes não competem pelos mesmos postos de trabalho com os habitantes locais, muito embora o senso comum pondere o contrário.

Assim, o Mapa 2 a seguir apresenta a distribuição da imigração haitiana no estado do Rio Grande do Sul com os dados levantados para o ano de 2014, até o mês de outubro.

**Mapa 2 - Distribuição dos imigrantes haitianos nos municípios do Rio Grande do Sul.**



**Legenda**

**Distribuição da IMIGRAÇÃO HAITIANA nos municípios do Rio Grande do Sul**

**Ano: 2014 (até outubro)**

- Sem imigrantes haitianos
- Com imigrantes haitianos



Elaboração: Roberto Rodolfo Georg Uebel

2014

Apoio: CAPES/Projeto Pró-Defesa

Fapergs



Segundo o Mapa 2, infere-se uma distribuição essencialmente à parte Norte do estado do Rio Grande do Sul por parte dos imigrantes haitianos, coincidente com os municípios que apresentaram nas últimas décadas melhores condições de habitação coadunadas com mercado de trabalho em crescimento e prosperidade econômica, ao passo em que a Região Sul se torna menos atrativa inclusive para os habitantes locais.

Apesar disso, os municípios de Santa Maria, Rio Grande e Pelotas também absorveram parte da imigração haitiana posto que possuem uma já consolidada infraestrutura para o acolhimento de imigrantes, além também de contarem com postos da Polícia Federal, instituições de assistência social, bem como complexos econômicos e industriais que exigem mão de obra, tais como o Distrito Industrial de Santa Maria e o Polo Naval de Rio Grande.

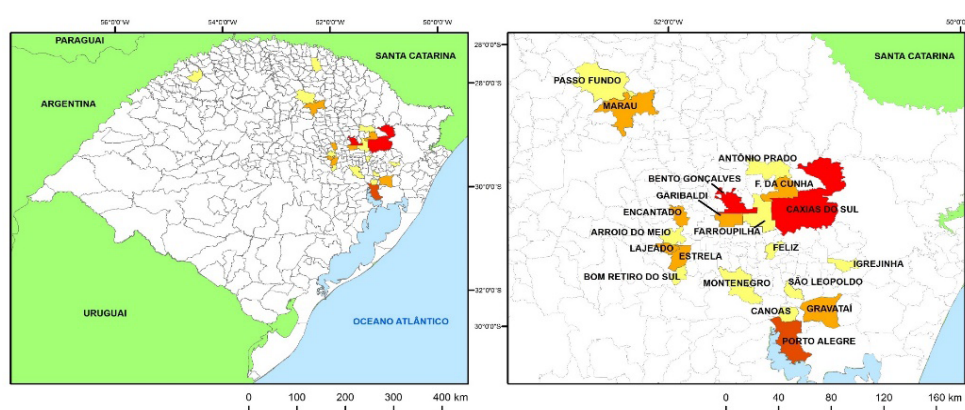
Ademais, o caso que chama atenção é a cidade fronteira de Aceguá, limítrofe com o Uruguai, que também absorveu uma parcela dos imigrantes haitianos. Este caso específico pode ser justificado, pois também há uma presença deste grupo em território uruguaio, além de que segundo Rosière (2007), as cidades fronteiriças estão mais propensas a

receber grandes levas de imigrantes do que outras municipalidades mais afastadas dos centros urbanos ou *polos de atração de imigrantes*.

### 3. DISTRIBUIÇÃO DA IMIGRAÇÃO HAITIANA NO RIO GRANDE DO SUL

Com base nas informações anteriores e nos dados atualizados da Polícia Federal até o mês de outubro de 2014, elaborou-se o documento cartográfico (Mapa 3) que localiza os municípios onde estão concentrados os imigrantes haitianos bem como possibilitou a identificação do que chamamos de polos de atração de imigrantes (ou *loci de mass migration*, seguindo a literatura clássica), que serão descritos a seguir.

**Mapa 3- Distribuição da imigração haitiana nos municípios sul-rio-grandenses até outubro de 2014.**



#### Legenda

#### Concentração dos imigrantes haitianos no Rio Grande do Sul

#### Números por município - Ano 2014 (até outubro)

- 0 - 9 (grupos inexpressivos ou inexistentes)
- 10 - 46 (grupos pequenos)
- 47 - 135 (grupos médios)
- 136 - 246 (grupos grandes)
- 247 - 696 (*loci de mass migration*)



Elaboração: Roberto Rodolfo Georg Uebel

2014

Apoio: CAPES/Projeto Pró-Defesa

Fapergs



Seguindo-se a literatura contemporânea de imigração (CHÁVEZ, 1997), dividiu-se a imigração haitiana no Rio Grande do Sul em cinco classes diferentes, a saber: 1) grupos inexpressivos ou inexistentes, de 0 a 9 imigrantes; 2) grupos pequenos, de 10 a 46 imigrantes; 3) grupos médios, de 47 a 135 imigrantes; 4) grupos grandes, de 136 a 246 imigrantes; 5) *loci de mass migration* ou polos de atração de imigrantes, a partir de 247 imigrantes (até 696, no caso dos haitianos).

Nesse sentido, observa-se a existência de dois polos de atração para os imigrantes haitianos no Rio Grande do Sul: os municípios de Caxias do Sul e Bento Gonçalves, que juntos absorvem mais de 50% de toda a imigração haitiana no estado. Além disso observou-se uma presença considerável de imigrantes em Porto Alegre, que segundo os relatos obtidos, são indivíduos que trabalham em outras cidades da Região Metropolitana, porém, que dormem na capital em virtude da existência dos abrigos e também de microterritorialidades já em formação após a formulação das redes de contato prévias.

Estas cinco classes acabaram se distribuindo em uma macro-concentração regional em quatro blocos regionais – além dos municípios que estão no Centro-Sul do estado, mas em grau muito menor –, que não correspondem necessariamente às divisões por Conselhos



Regionais de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul ou microrregiões geográficas, que apresentar-se-á nos tópicos a seguir.

É importante ressaltar que não incorporaremos os municípios com menos de dez imigrantes, já que estes são não representativos e são espacializados por várias municipalidades, além de que não contribuem para uma inferência acerca da formação das redes, microterritorialidades (quando o caso) e fluxos. Seguiu-se um método de seleção amostral mais representativa, de forma não probabilística, intencional e por julgamento vis-à-vis os dados estatísticos disponíveis (OLIVEIRA, 2001).

Após o detalhamento da espacialização destes imigrantes a seguir, faremos uma análise da sua composição por gênero, idade e grau de instrução em alusão aos blocos regionais em que se concentraram:

- **Bloco regional 1 – Região Metropolitana (Canoas, Gravataí, Igrejinha, Montenegro, Porto Alegre e São Leopoldo):** O bloco regional 1, composto pelos municípios de Porto Alegre, Canoas, Gravataí, Montenegro, São Leopoldo e Igrejinha concentra 19% do total dos imigrantes haitianos, estes provenientes tanto da primeira como da segunda geração de indivíduos imigrados. É o bloco que apresenta o maior número de indivíduos com instrução de nível técnico e superior, isto é, imigrantes que possuíam uma formação e profissão no Haiti antes da crise humanitária e terremoto de 2010. Com base nos questionamentos informais, percebeu-se que certa parcela possuía atividade profissional autônoma, tais como contadores, vendedores, até mesmo engenheiros, dentistas e professores da educação básica. Chegados ao Rio Grande do Sul, aqueles que se distribuíram pelo Bloco regional 1 destinaram-se predominantemente a dois setores da economia: prestação de serviços, onde muitos trabalham em supermercados, majoritariamente em Porto Alegre, e setor industrial, o que justifica a atuação destes em municípios-chave como Gravataí, Canoas, Montenegro, São Leopoldo e Igrejinha, inserindo-se nas indústrias coureiro-calçadista, metalomecânica, metalúrgica e automotiva. É neste bloco também que se concentram a maior parte das famílias de imigrantes, já pertencentes a segunda geração de imigração haitiana, compostas pelo casal, filhos e outros parentes de segundo grau com idade superior aos 51 anos, vindos após o estabelecimento da primeira geração, o que justifica a hipótese de que há um forte *linkage* e dependência entre a primeira e segunda geração de imigrantes haitianos.
- **Bloco regional 2 – Vale do Taquari (Arroio do Meio, Bom Retiro do Sul, Encantado, Estrela e Lajeado):** este segundo bloco regional, que abrange exclusivamente a Microrregião de Lajeado-Estrela e, portanto, o Vale do Taquari, é o segundo bloco mais noticiado e percebido pelo senso comum, acerca da concentração dos imigrantes haitianos em uma região de predominância de imigração alemã. Também é o bloco principal da primeira geração de imigração haitiana, juntamente com o bloco 3 que corresponde à Serra Gaúcha. Nesta divisão proposta, segundo pesquisa de campo realizada, os imigrantes haitianos atuam predominantemente nos curtumes localizados na região; servindo como mão de obra não especializada, são caracterizados como aqueles com menores níveis de instrução e representam 13% do total de imigrantes haitianos no estado. Segundo os relatos, foram os imigrantes que mais se utilizaram da combinação das Rotas A e 1, ou seja, que realizaram o caminho mais longo e perigoso. Muitos destes imigrantes foram acolhidos por instituições de assistência social do Vale do Taquari e foram inseridos no mercado de trabalho já com cursos de qualificação profissional geridos pelo poder público.
- **Bloco regional 3 – Serra Gaúcha (Antônio Prado, Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Farroupilha, Feliz, Flores da Cunha e Garibaldi):** este é o principal bloco regional de concentração dos imigrantes haitianos, que consta com cerca de 59,4% do total de imigrantes, isto é, aproximadamente 1.500 indivíduos em uma região de predominância da imigração italiana. É neste bloco que se concentram os dois polos de atração da imigração haitiana no Rio Grande do Sul, os municípios de Bento Gonçalves e Caxias do Sul, cada um com mais de quinhentos imigrantes e representando um quarto da população de haitianos no estado, cada. Foi a primeira concentração regional dos haitianos no Brasil após o estado do Acre e São Paulo e é onde se registraram os principais casos de xenofobia, mas também de articulação para a inserção destes imigrantes na sociedade. Também verifica-se a presença já de cursos de língua portuguesa para estes em Bento Gonçalves, Farroupilha e Caxias do Sul, bem como associações de atenção aos migrantes em todos os municípios da região. Ali concentram-se principalmente imigrantes com famílias ou grupos de mais jovens recém-chegados após o estabelecimento das redes e rotas consolidadas. A atuação profissional destes indivíduos está diretamente atrelada à economia e atividade industrial locais, trabalhando, então, em indústrias moveleiras, têxteis, automotivas e também com forte atuação nos setores de serviço. Segundo os relatos, a escolha pela Serra Gaúcha se deu pela atratividade empregatícia na região, bem como pela facilidade de confecção dos

documentos e registro no posto da Polícia Federal em Caxias do Sul, que é mais rápido no atendimento que o de Porto Alegre, além de que Caxias do Sul já apresentava uma estrutura de atendimento aos imigrantes, como a Pastoral dos Imigrantes, reconhecida nacionalmente.

- **Bloco regional 4 – Marau e Passo Fundo:** considerado o menor bloco de concentração dos imigrantes haitianos, representando pouco mais que 8% do total, as cidades de Marau e Passo Fundo vislumbraram o aumento do número de haitianos como consequência da saturação das vagas de emprego e assistência a estes nos demais três blocos, portanto, são imigrantes oriundos da segunda geração. Somando-se isto, Passo Fundo conta com uma delegacia da Polícia Federal bem como a prévia presença de imigrantes senegaleses, o que criara uma base para a inserção e integração dos haitianos. Basicamente, estes trabalham em frigoríficos e indústrias coureiro-calçadistas da região e são em sua maioria adultos jovens e solteiros, porém, curiosamente, com familiares também imigrados em outras regiões do estado, como Santa Rosa e na Serra Gaúcha. São partícipes, isto posto, da primeira migração interna de haitianos no Rio Grande do Sul.

Antes de prosseguirmos para a análise demográfico-social da imigração haitiana no Rio Grande do Sul, é importante salientar que há majoritariamente duas formas de contratação e estabelecimento das relações empregatícias com estes imigrantes.

A primeira forma é a contratação direta no Acre, realizada preponderantemente com a primeira geração dos imigrantes, ou seja, após o primeiro *boom* em 2010, onde empresas enviaram representantes para a contratação ainda em território acriano e posterior encaminhamento e formalização já no Rio Grande do Sul. A segunda forma deu-se com imigrantes da segunda geração, após 2013, que chegaram após o estabelecimento prévio das redes de contato e foram empregados após a procura de vagas *in loco* ou também pelo chamamento geral das empresas, contudo, restrito já ao Rio Grande do Sul, de uma forma *imigrantes → ofertas de emprego* e não *ofertas de emprego → imigrantes* como ocorrera na primeira geração.

## 4. PERFIL DEMOGRÁFICO-SOCIAL DA IMIGRAÇÃO HAITIANA NO RIO GRANDE DO SUL

Analisada a distribuição espacial e concentração geográfica da imigração haitiana no estado do Rio Grande do Sul, nesta subseção abordar-se-á o perfil demográfico-social deste grupo migratório em três aspectos principais: gênero, faixa etária e grau de instrução, para que se possa ao fim compreender o perfil geral deste fenômeno migratório recente.

Seguindo o modelo de abordagem do Réseau MIGREUROP (2012) e de Klein e Luna (2014), realizou-se esta divisão em três indicadores sociais distintos para uma melhor percepção e inferência acerca dos imigrantes haitianos. A Tabela 1 apresenta a composição por gênero do estoque de imigrantes haitianos no estado do Rio Grande do Sul para os anos de 2013 e 2014:

**Tabela 1.** Composição por gênero dos imigrantes haitianos no Rio Grande do Sul

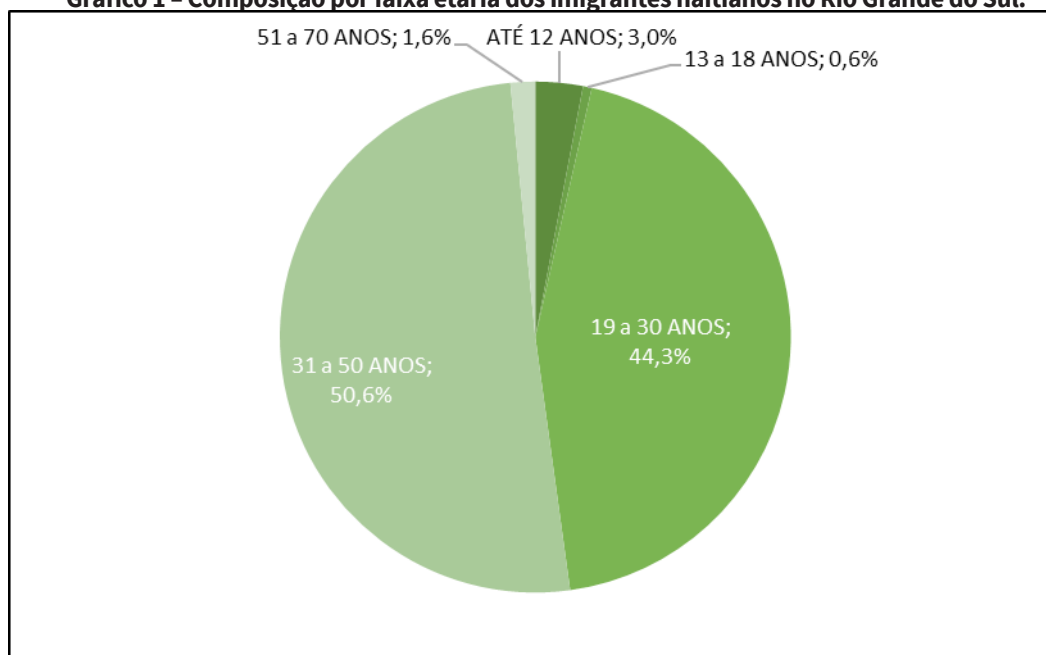
Sexo	Subtotal	Proporção
Homens	1863	74,4%
Mulheres	640	25,6%
Total	2503	100,0%

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Departamento de Polícia Federal, Ministério do Trabalho e Emprego – Dados compilados e tabulados pelos autores.

Observa-se que a imigração haitiana não segue um padrão internacional das migrações que pondera uma proporção maior no número de indivíduos do sexo masculino, em virtude de que estes migram para enviar recursos às suas famílias no país de origem, quando casados, ou a maioria é solteira.

Ademais, a participação das mulheres nos fluxos de haitianos se acentuou principalmente após a segunda geração de imigração haitiana ao Rio Grande do Sul, após o *boom* de 2013-2014, quando incorporou, por conseguinte, uma participação maior de imigrantes crianças, adolescentes e de idade mais avançada, a partir dos 50 anos de idade (Gráfico 1). Segundo Mejía e Simon (2015), este perfil se manteve nos fluxos estudados por eles nos anos de 2014 e 2015, com tendência de continuidade.

**Gráfico 1 – Composição por faixa etária dos imigrantes haitianos no Rio Grande do Sul.**



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Departamento de Polícia Federal, Ministério do Trabalho e Emprego – Dados compilados e tabulados pelos autores.

Crianças e adolescentes compõem cerca de 3,6% deste grupo imigratório, ou seja, 89 indivíduos que acompanharam seus pais ou parentes mais próximos. O que chama atenção, segundo os relatos obtidos, é que muitos destes jovens não estão matriculados em escolas e, por isso, sua inserção na sociedade é mais dificultosa e menos presente que a dos próprios pais.

A principal motivação para não integrar estes alunos é centrada na questão de que os jovens não falam a língua portuguesa e sabem apenas o *créole haitien*, uma das línguas oficiais do Haiti que é uma mistura do francês com outros idiomas de origem africana, ou seja, a dificuldade de comunicação. Este tipo de problemática que afasta a interação das crianças e jovens imigrantes à sociedade já foi objeto de pesquisa e debate em trabalhos como de McNaughton, Cowell e Fogg (2013).

Além disso percebe-se uma leve superioridade no número de imigrantes com idade entre 31 a 50 anos (50,6%) em relação àqueles de 19 a 30 anos (44,3%) e apenas 1,6% possuem mais de 51 anos. Todavia, estes grupos representam fielmente a composição etária do Haiti segundo dois órgãos distintos. O Instituto Haitiano de Estatística e Informática (IHSI) assim descreve a predominância de sua população:

“A população haitiana apresenta uma estrutura jovem. Mais da metade da população possui menos de 21 anos. As pessoas com menos de 15 anos representam 36,5% da população, aquelas de 15 a 64 anos representam 58,3%, ao passo que a população acima de 65 anos é de 5,1%. A metade da população do país é constituída de mulheres.

Essa pequena diferença é observada especialmente em idades de trabalho entre dez e trinta e nove anos. Em termos de locais de moradia, esse excedente é muito mais acentuado onde há 86 homens para cada 100 mulheres nas zonas urbanas e 98 homens para cada 100 mulheres nas zonas rurais.” (tradução nossa). (Institut Haitien de statistique et d'informatique, 2003).

Já o relatório de projeção da população mundial para o período de 1950 a 2050 da Organização das Nações Unidas, coloca que a idade média dos haitianos em 2000 era de 18,9 anos e a projeção mais próxima é para 2025, onde a idade média deverá ser de 24,6 anos (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2000).

Assim, os imigrantes haitianos provêm da parte mais produtiva e ativa da economia haitiana, abalada pelas catástrofes civis e naturais ocorridas desde o início do século XXI, justificando suas migrações pela necessidade de melhores condições de vida e incremento na renda, não fugindo à regra das grandes migrações em massa.

Por este motivo é que os haitianos tiveram pedidos de refúgio recusados por parte do Estado brasileiro, posto que o refúgio, conforme já mencionado anteriormente, só é concedido por questões de perseguição política ou outras, mas jamais por questões exclusivamente econômicas, por mais que a situação no Haiti beire à calamidade humanitária e social. Nesse sentido, corroboramos a hipótese de que os migrantes haitianos são e devem ser considerados imigrantes econômicos e não refugiados ou *migrantes humanitários*.

Quanto às mulheres, embora sua participação na composição populacional do Haiti seja maior e tenham certa representatividade no fluxo migratório do Rio Grande do Sul, conforme já apresentado, estas estão menos inseridas no mercado de trabalho do que seus companheiros, em virtude justamente da necessidade de cuidarem dos seus filhos e dependentes, já que não estão integrados à vida escolar.

Essa desocupação por parte das mulheres imigrantes segue a própria tendência verificada no Haiti, conforme se segue: a população economicamente ativa do país para homens acima de quinze anos é de 65,5% e para mulheres é de 46,4%. Já a população inativa é de 42,1% para homens e 59,3% para as mulheres (INSTITUT HAITIEN DE STATISTIQUE ET D'INFORMATIQUE, 2003).

Quanto ao grau de instrução destes imigrantes, a Tabela 2 apresenta um perfil inconclusivo que foi complementado aos relatos obtidos nas entrevistas de campo bem como as estatísticas haitianas.

**Tabela 2.** Grau de instrução dos imigrantes haitianos no Rio Grande do Sul

<b>Grau de instrução</b>	<b>Subtotal</b>	<b>Proporção</b>
Outro nível de instrução	2502	99,96%
Nível superior	1	0,04%
Total	2503	100,00%

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Departamento de Polícia Federal, Ministério do Trabalho e Emprego – Dados compilados e tabulados pelos autores.

Ao contrastar estes dados com os relatos dos próprios imigrantes, concluiu-se que aqueles que se enquadram na categoria “Outro nível de instrução” possuem uma distinta variedade de formação, desde a educação básica até cursos técnicos e profissionalizantes, o que justificaria participarem dos 73,7% da população com algum nível de instrução no Haiti. Ademais, segundo a amostragem realizada pelas pesquisas de campo em correlação e contestação ao universo total dos dados estatísticos obtidos, pode-se afirmar que todos os imigrantes acima de 19 anos possuem um nível de formação primária, no mínimo.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O perfil apresentado do imigrante haitiano no estado do Rio Grande do Sul pode ser compreendido como: homem, adulto (entre 19 e 50 anos), alfabetizado, com no mínimo nível primário de ensino e com os possíveis vieses: casado (cerca de 40%) ou solteiro (aproximadamente 60%), com dependentes hipossuficientes diretos de primeiro ou segundo grau e uma formação profissional, além de hábeis – não necessariamente proficientes – em três ou quatro línguas: créole haïtien, francês, espanhol e português, além de contarem com uma renda média mensal de um salário mínimo duas vezes maior que o salário mínimo haitiano.

Quanto a projeção para o futuro dos fluxos imigratórios com destino ao Rio Grande do Sul, para o curto prazo a tendência é que estes fluxos continuem em uma tímida curva de crescimento, promovidas e mantidas pelas próprias redes, isto é, a rede informacional permite medir o grau de possibilidades de trabalho para prospectivos imigrantes, bem como vagas e custos para seu trajeto.

Todavia, para o médio e longo prazo acredita-se que os fluxos de haitianos deverão entrar em uma curva de diminuição, em virtude de que a estabilização do país começa a demonstrar sinais de retomada com investimentos externos e a presença ampliada das forças de paz e reconstrução.

Ademais, considerando-se a diminuição da atratividade econômica e laboral do Brasil e Rio Grande do Sul, em virtude da crise econômica e política, como a própria reformulação da política imigratória brasileira, interrompida com a instalação do governo ilegítimo de Michel Temer em maio de 2016, observa-se uma diminuição dos fluxos e estimativas recalculadas quanto a estas projeções, o que a própria mídia sul-rio-grandense começara a destacar no final de 2015.

Destarte, acredita-se então que para o médio vis-à-vis os dados e conjuntos de fatores anteriores *ceteris paribus*, o fluxo de imigrantes haitianos deverá permanecer em crescimento com tendência à estabilização para o Brasil e, por conseguinte, ao Rio Grande do Sul, com declínio prévio e projeções de inflexão ao longo dos próximos semestres.

Em suma, a presente pesquisa levou-nos à conclusão de que tanto o Brasil como Rio Grande do Sul estão inseridos numa nova seara das migrações internacionais, exigindo-se um debate maior acerca do que pode ser feito para a positiva inserção destes imigrantes, afim de que se evitem e combatam-se os males do trabalho escravo, preconceito e xenofobia, já que tanto o país como o estado foram construídos majoritariamente por imigrantes.

Por fim, a espacialização da imigração haitiana no Rio Grande do Sul se concentrou nas regiões com maiores ofertas de trabalho disponíveis e num raio de proximidade com centros urbanos, como a capital, Porto Alegre, Caxias do Sul, Passo Fundo e Lajeado. Trata-se, portanto, de um grupo imigratório conectado às redes migratórias internacionais e às transformações econômicas e sociais ocorridas concomitantemente no cenário sul-rio-grandense e brasileiro, não se descartando inclusive processos de remigrações para outros países, caso agravadas as crises supracitadas.

---

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Sérgio Gonçalves de. MINUSTAH, migrações e seus paradoxos nos casos do Haiti, Brasil e Estados Unidos da América. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS, 4., 2013, Belo Horizonte. **Anais do 4º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Relações Internacionais**. Belo Horizonte: Abri, 2013. p. 1 - 19. Disponível em: <[http://www.encontronacional2013.abri.org.br/resources/anais/20/1368457015\\_ARQUIVO\\_texto\\_completo\\_ENABRI2013.pdf](http://www.encontronacional2013.abri.org.br/resources/anais/20/1368457015_ARQUIVO_texto_completo_ENABRI2013.pdf)>. Acesso em: 18 abr. 2017.

ARAÚJO, Jair. Haitianos pagam até R\$ 1,2 mil aos coiotes para entrar no Amazonas. **Diário do Amazonas**. Manaus, p. 1-4, 24 set. 2011. Disponível em: <<http://new.d24am.com/noticias/amazonas/haitianos-pagam-ate-r-12-mil-aos-coiotes-para-entrar-no-amazonas/36734>>. Acesso em: 25 nov. 2014.

BRASIL, Kátia. **Acre vai desativar abrigo de haitianos em Brasília**. 2014. Disponível em: <<http://amazoniareal.com.br/acre-vai-desativar-abrigo-para-haitianos-em-brasileia/>>. Acesso em: 25 nov. 2014.

CHÁVEZ, Ernesto Rodríguez. **Emigración cubana actual**. 2. ed. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 1997. 201 p.

FERRAZ, Lucas; PRADO, Avenir. **Sem dinheiro, Haitianos passam fome em viagem do Acre a São Paulo**. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/05/1461655-sem-dinheiro-haitianos-passam-fome-em-viagem-do-acre-a-sao-paulo.shtml>>. Acesso em: 04 abr. 2015.

Institut Haitien de statistique et d'informatique. **Présentation Générale des Résultats: Structure par âge et sexe**. Porto Príncipe: Ihsi, 2003. Disponível em: <[http://www.ihsi.ht/rgph\\_resultat\\_ensemble\\_population.htm#](http://www.ihsi.ht/rgph_resultat_ensemble_population.htm#)>. Acesso em: 26 nov. 2014.

KELLOGG, John B. Forces of Change. **Phi Delta Kappan**, v. 70, n. 3, p. 199-204, 1988.

KLEIN, Herbert S.; LUNA, Francisco Vidal. População e Sociedade: Mudanças sociais no Brasil, 1960-2000. In: REIS, Daniel Aarão (Ed.). **Modernização, Ditadura e Democracia: 1964-2010**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. Cap. 1. p. 31-73.

MACHADO, Altino. **Governo do Acre fecha abrigo de haitianos**. 2014. Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/fora-pauta/governo-do-acre-fecha-abrigo-de-haitianos>>. Acesso em: 04 abr. 2015.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires. O Haiti é Aqui: Análise das informações preliminares sobre os imigrantes haitianos em Santa Catarina – Brasil. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE POPULAÇÃO, 6., 2014, Lima. **Anais do VI Congresso da Associação Latino-Americana de População**. Lima: Alap, 2014. p. 1 - 28. Disponível em: <[http://www.alapop.org/Congreso2014/DOCSFINAIS\\_PDF/ALAP\\_2014\\_FINAL303.pdf](http://www.alapop.org/Congreso2014/DOCSFINAIS_PDF/ALAP_2014_FINAL303.pdf)>. Acesso em: 18 abr. 2017.

MAMED, Leticia Helena. **Trabalho e migração: o recrutamento de haitianos na Amazônia pela agroindústria de carne do Centro-Sul brasileiro**. 2014. Disponível em: <[http://www.ronaldofrutuozo.com.br/seminariotrabalho2014/img/GT4/TRABALHO\\_E\\_MIGRACAO.pdf](http://www.ronaldofrutuozo.com.br/seminariotrabalho2014/img/GT4/TRABALHO_E_MIGRACAO.pdf)>. Acesso em: 05 abr. 2015.

MARCEL, Yuri. **Secretaria de Saúde nega rumor de vírus ebola entre imigrantes no Acre**. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2014/04/secretaria-de-saude-nega-rumor-de-virus-ebola-entre-imigrantes-no-acre.html>>. Acesso em: 05 abr. 2015.

MCNAUGHTON, Diane B.; COWELL, Julia Muennich; FOGG, Louis. Adaptation and Feasibility of a Communication Intervention for Mexican Immigrant Mothers and Children in a School Setting. **The Journal of School Nursing**, Chicago, v. 30, n. 2, p.103-113, 24 abr. 2013. Disponível em: <<http://jsn.sagepub.com.ezproxy.library.uvic.ca/content/30/2/103.full.pdf+html>>. Acesso em: 26 nov. 2014.

MEJÍA, Margarita Rosa Gaviria; SIMON, Renel. **Sonhos que mobilizam o imigrante haitiano: biografia de Renel Simon**. Lajeado: Univates, 2015. 72 p.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia**. São Paulo: Contexto, 2008. 188 p.

OLIVEIRA, Tânia Modesto Veludo de. Amostragem não probabilística: Adequação de Situações para uso e Limitações de amostras por Conveniência, Julgamento e Quotas. **Administração On Line: Prática - Pesquisa - Ensino**, São Paulo, v. 2, n. 3, p.1-23, jul. 2001. Disponível em: <[http://www.fecap.br/adm\\_online/art23/tania2.htm](http://www.fecap.br/adm_online/art23/tania2.htm)>. Acesso em: 06 mar. 2014.

Organização das Nações Unidas. **World Population Ageing: 1950-2050**. Haiti. Nova York: ONU, 2000. p. 262-263. Disponível em: <<http://www.un.org/esa/population/publications/worldageing19502050/pdf/107haiti.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2014.

- PIORE, Michael J.. **Birds of passage: migrant labor and industrial societies**. Nova York: Cambridge University Press, 1979. 229 p.
- PROJETO NOVOS IMIGRANTES EM CAXIAS. **Sobre o projeto – à propos du site**. 2014. Disponível em: <<http://novosimigrantesemcaxias.com/sobre-o-site/>>. Acesso em: 05 abr. 2015.
- RÉSEAU MIGREUROP. **Atlas des migrants en Europe: Géographie critique des politiques migratoires**. 2. ed. Paris: Armand Colin, 2012. 144 p.
- REVISTA VEJA. **Crescimento brasileiro absorve pobres do Haiti, por enquanto**. 2012. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/crescimento-brasileiro-absorve-pobres-do-haiti-por-enquanto>>. Acesso em: 25 nov. 2014.
- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. **Sociologia das Migrações**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995. 410 p.
- ROLLSING, Carlos; TREZZI, Humberto. Novos imigrantes mudam o cenário do Rio Grande do Sul. **Zero Hora**. Porto Alegre, 16 ago. 2014. p. 1-7. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/08/novos-imigrantes-mudam-o-cenario-do-rio-grande-do-sul-4576728.html>>. Acesso em: 19 nov. 2014.
- ROSIÈRE, Stéphane. **Géographie politique et Géopolitique: Une grammaire de l'espace politique**. 2. ed. Paris: Ellipses, 2007. 426 p.
- SARRES, Carolina. **Governo do Acre fecha abrigo de haitianos em Brasileia**. 2014. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2014/04/governo-do-acre-fecha-abrigo-de-haitianos-em-brasileia>>. Acesso em: 04 abr. 2015.
- SEIXAS, Raimundo Jorge Santos. **Soberania hobbesiana e hospitalidade em Derrida: estudo de caso da política migratória federal para o fluxo de haitianos pelo Acre**. 2014. 180 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência Política, Centro Universitário UNIEURO, Brasília, 2014.
- SILVA, Sidney A. da; ASSIS, Gláucia O. **Em Busca do Eldorado: O Brasil no Contexto das Migrações Nacionais e Internacionais**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2016. 347 p.
- UEBEL, Roberto Rodolfo Georg. **Análise do perfil socioespacial das migrações internacionais para o Rio Grande do Sul no início do século XXI: redes, atores e cenários da imigração haitiana e senegalesa**. 2015. 248 f. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015. (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/117357>> Acesso em: 17 jun. 2015.
- UEBEL, Roberto Rodolfo Georg. O redirecionamento da política externa brasileira para imigrantes e refugiados: o caso da imigração haitiana no início do século XXI. **Estudos Internacionais**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p.27-44, nov. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/estudosinternacionais/article/view/12119/10375>>. Acesso em: 18 abr. 2017.
- UEBEL, Roberto Rodolfo Georg; RÜCKERT, Aldomar Arnaldo. Perfil imigratório do Estado do Rio Grande do Sul nas primeiras décadas do século XXI. **Revista Signos**, Lajeado, v. 37, n. 2, p.124-156, 23 dez. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.22410/issn.1983-0378.v37i2a2016.1105>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

# O processo de formação do estereótipo dos imigrantes haitianos em Lajeado, Rio Grande do Sul

Fernando Diehl<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo é produto de uma pesquisa na qual buscou-se compreender o fenômeno da estigmatização que imigrantes haitianos residentes no município de Lajeado no Rio Grande do Sul recebem por parte de moradores locais estabelecidos. O artigo analisa o fenômeno da construção do estereótipo do imigrante haitiano que surge na interação social, para isso, utilizou-se de instrumentos qualitativos para a coleta de dados, entre eles a observação, entrevista semiestruturada com grupos de habitantes locais e informações vinculadas pela mídia local. Tal artigo pretende dialogar com a questão da reconfiguração das relações étnico-raciais, assim como o debate acerca do estranhamento oriundo das relações sociais entre distintos grupos sociais. Demonstrando que o recente fluxo migratório para o Brasil de imigrantes negros não foi bem acolhida pela população autóctone.

**Palavras-chave:** Imigração Haitiana; Estereótipo; Estigmatização; Relações étnico-raciais

## ABSTRACT

*This article is a result of a research in which it was sought to understand the phenomenon of stigmatization that Haitian immigrants residents in Lajeado in Rio Grande do Sul receives by established locals. The article analyzes the phenomenon of the construction of the stereotype of the Haitian immigrant that emerges in the social interaction, for that, qualitative instruments were used for the data collection, among them the observation, semi-structured interview with groups of local inhabitants and information linked by the media local. This article intends to engage with the issue of reconfiguration of ethnic-racial relations, as well as the debate about the estrangement arising of social relations between different social groups. Demonstrating that the recent migratory flow to Brazil of black immigrants was not welcomed by the autochthonous population.*

**Keywords:** Haitian immigration; Stereotype; Stigmatization; Ethnic-racial relations

1 Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



O presente artigo é produto de uma pesquisa na qual buscou-se compreender o fenômeno da estigmatização que imigrantes haitianos residentes no município de Lajeado no Rio Grande do Sul recebem por parte de moradores locais estabelecidos. A questão da chamada como “nova imigração”, que na verdade é mais especificamente o crescimento das migrações internacionais, tem se tornado uma constatação em diversas regiões do mundo (MAGALHÃES, 2013, p.27), sendo assim, um assunto de grande pauta nas diversas esferas da sociedade. Todavia, o tema das migrações ao longo da construção do conhecimento das ciências sociais foi ignorado por autores denominados de clássicos, ficando muitas vezes às margens “dos principais debates paradigmáticos nesta ciência” (PEIXOTO, 2004, p.5). Atualmente apresenta-se um crescimento de pesquisas nas diversas áreas das ciências sociais para a compreensão do fenômeno das recentes migrações internacionais. Entre essas “novas imigrações” é presenciado nos últimos anos um crescente número no processo de migração haitiana ao Brasil.

O artigo analisa o fenômeno da construção do estereótipo do imigrante haitiano que surge na interação social no município de Lajeado, no Rio Grande do Sul, para isso busca analisar o fenômeno da estigmatização dos imigrantes haitianos pelos moradores locais, chamados aqui neste artigo tanto de estabelecidos como de lajeadenses. Visto que a recepção destes imigrantes não tem sido tão pacífica, diferente da imagem que o Brasil tenta vender para os demais países como um país acolhedor, esta nova imigração trouxe à tona casos de xenofobia (ZENI; FILIPPIM 2014, p.13) e outras formas de discriminação.

Este artigo é proveniente de uma pesquisa cujo objetivo era o de compreender e descrever a relação social entre os moradores estabelecidos de Lajeado e dos imigrantes haitianos, tendo como principal foco analisar a estigmatização dos haitianos pelos lajeadenses, visto que a partir da estigmatização dos haitianos que a população estabelecida constituiu o estereótipo destes.

Para a coleta de dados foi utilizado a observação sistemática, pois foram observados locais específicos e corriqueiros de interação social cotidiana, como praças, ruas centrais e festas típicas. Junto à observação ocorreu conversas informais com moradores estabelecidos (os assim chamados lajeadenses, homens e mulheres brancos) e imigrantes haitianos. Também foi utilizada a entrevista semiestruturada com vinte e um indivíduos, sendo vinte deles homens e mulheres lajeadenses e um haitiano. Por fim, foi coletado informações das fontes midiáticas locais, tanto jornais, como programas de radio e internet.

A pesquisa está sendo realizada no município de Lajeado, que é localizado no Vale do Taquari, no Rio Grande do Sul. O censo de 2010 do IBGE apresentava que Lajeado possuía 71.481 habitantes, já a estimativa de habitantes para o IBGE em 2016<sup>2</sup> é de que existem 79.172 habitantes. A cidade tem sua origem em 1760 quando 14 casais açorianos fixam-se em Taquari. Posteriormente os imigrantes alemães estabeleceram-se na região em 1854 e os italianos estabeleceram-se em 1882. Situado na região do Rio Taquari, o município de Lajeado foi fundado oficialmente em 27 de janeiro de 1891. É considerada a cidade mais importante do Vale do Taquari, é localizado a 110 km de Porto Alegre. Quanto à questão econômica, o grande destaque é na industrial alimentícia, **mas também o comércio é importante na cidade. Hoje o município possui uma área geográfica total de 90,419 km<sup>2</sup>** conforme IBGE<sup>3</sup>, prioritariamente urbana<sup>4</sup>, já que apenas 12,53% desta área permanecem situadas na periferia rural. É interessante salientar a existência de uma grande oferta de empregos na região foi um dos desencadeadores de uma vinda de mão de obra de outras regiões do país, assim como indivíduos de outros países, principalmente provenientes das migrações haitiana, senegalesa e indiana.

Acerca da migração dos haitianos para o Rio Grande do Sul, há três cidades gaúchas de maior concentração dos mesmos: Bento Gonçalves, Caxias do Sul e Lajeado (ALMEIDA; BRANDÃO, 2015), cidades que se localizam na Serra Gaúcha e Vale do Taquari, que foram as regiões que mais importaram a mão-de-obra imigrante (não apenas haitiana) no período do recente fluxo migratório em meados de 2010. É importante salientar que a população imigrante foi recrutada como alternativa para suprir ofertas de trabalho já existentes

2 Disponível em <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=431140>, acesso em 01/12/2016.

3 [http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/areaterritorial/area.php?nome=Lajeado&codigo=4311403&submit\\_x=42&submit\\_y=10](http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/areaterritorial/area.php?nome=Lajeado&codigo=4311403&submit_x=42&submit_y=10)  
Acesso em 16/09/2015

4 [http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm\\_pu\\_hom\\_mul.php?codigo=431140](http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_pu_hom_mul.php?codigo=431140)  
Acesso em 16/09/2015

na região (MEJÍA; et al., 2014) do Vale do Taquari, os imigrantes vieram para exercerem funções nas indústrias – principalmente no ramo alimentício - e construção civil local.

Deve-se destacar que empresários da região viajaram até Tabatinga e Brasília para contratar imigrantes, após essa primeira leva de haitianos que chegaram na cidade e região devido à ação dos empresários, os haitianos em suas redes de contatos informavam seus contatos que na região sul e sudeste havia muitas oportunidades de emprego, o que direcionava estes imigrantes a irem até estas regiões (MEJÍA; SIMON, 2015). Os imigrantes estavam chegando nas cidades do interior dos estados da região sul, em menos de um ano, em 2013, cidades do Rio Grande do Sul como Encantado, Lajeado, Caxias do Sul receberam entre 200 a 500 haitianos<sup>5</sup> trabalhando em frigoríficos, no abate de aves e suínos (HANDERSON, 2015) e também na construção civil. O objetivo dos imigrantes era alcançar as regiões do país com maior oferta de trabalho (RIBEIRO DE OLIVEIRA, 2015) e conforme suas redes de contatos foram se estabelecendo e tecendo suas sociabilidades, houve um crescente aumento do movimento migratório haitiano para o sul do Brasil (SANTOS; CECCHETTI, 2016), justamente por ser uma região com uma grande oferta de emprego na época.

---

## ESTIGMAS E ESTIGMATIZAÇÃO

O artigo, parte do pressuposto epistemológico de que a estigmatização é uma construção social (DIEHL, 2015), ela surge nos processos de interação social cotidianos entre os atores envolvidos. É no processo de interação em espaços sociais cotidianos que tanto moradores locais como os imigrantes transitam, trocam olhares, interagem, da mesma forma que evitam contato. Ao considerar que a estigmatização é construída socialmente no processo de interação social, pode-se dizer que esta característica não é estática, mas está em um processo contínuo de formação e ressignificação. O artigo pauta-se na interação cotidiana para buscar verificar quais são os elos simbólicos que exercem esta ressignificação de discriminação contra um grupo recentemente migrado para um espaço social específico.

A estigmatização de grupos imigrantes que foram racializados são decorrentes do fato deles serem estrangeiros na realidade em que se encontram, isto desenvolve um estranhamento e desconfiança por parte da população local ao mesmo tempo em que esses imigrantes são de um grupo étnico distinto da maioria da população local. Os estigmas são construções sociais que se originam de atitudes carregadas de pré-conceitos de pessoas que se consideram pertencentes a um grupo superior, isto pode vir a “desenvolver relações xenófobas e racistas, na qual serão destacados elementos que diferenciam os grupos, reafirmando estereótipos, padronizando conceitos sobre um grupo, alimentando e/ou intensificando comportamentos discriminatórios” (TELLA, 2008, p.155). A exaltação da tradição local é uma forma que alguns grupos estabelecidos usam frente à ameaça da vinda de estrangeiros.

Os imigrantes haitianos devido a seus fenótipos ser muito diferente da maioria da população local causa um estranhamento, este estranhamento desenvolve-se em estigmas que tomam forma a partir da constatação de sua cultura ser diferente da dos locais. Os estigmas contra os imigrantes são uma forma que o grupo dominante usa para exercer sua dominação. Para isso, em suas redes de focos transmitem informações sobre características nas quais estes imigrantes supostamente possuem, tornando-os indivíduos desacreditados, ou seja, cuja virtude está sempre em cheque. São considerados como um mal necessário – trabalhadores dos setores que careciam de mão-de-obra – mas que devem ser constantemente vigiados para não extrapolar suas características nos lugares indesejados.

O processo de estigmatização torna-se uma estratégia para a dominação um grupo étnico imigrante. Os estigmas que são associados à cor da pele, ao local onde moram atualmente e também região de origem servem como instrumentos dos dominantes para desqualificar

---

<sup>5</sup> Números especulativos, pois apenas pode-se constituir uma fotografia social acerca disso, pois a polícia federal não possui o registro de todos os imigrantes – pois soma-se também os que entraram de forma clandestina ao país – da mesma forma que muitos imigrantes chegavam na cidade, trabalhavam por um curto período e trocavam posteriormente de cidade.

e inferiorizar os imigrantes ou outro grupo étnico minoritário. A estigmatização que é construída e mantida pelos estabelecidos para manterem seu monopólio do sentido de visão de mundo pode acarretar em casos extremos de discriminação, na qual ocorre violência física contra os imigrantes.

---

## O ESTEREÓTIPO DO IMIGRANTE HAITIANO

Apresentaremos agora por fim, acerca de como a estigmatização dos haitianos desencadearam na formação do estereótipo deles. O principal aspecto que deve ser destacado é que o estereótipo dos imigrantes haitianos não surgiu repentinamente, ele foi um processo decorrente de determinados fatores. O primeiro é que esses imigrantes chegaram na cidade repentinamente em um número bastante significativo, causando o espanto e medo da população local que precisou lidar com um grupo de estrangeiros circulando nos espaços centrais da cidade que havia surgido “da noite para o dia”. Em um primeiro momento essa população associou estes imigrantes utilizando-se de categorias raciais existentes na região acerca dos brasileiros negros, todavia, à medida que a presença destes imigrantes tornava-se mais naturalizada e as informações transmitidas nas redes de fofoca se organizou de determinada forma que possibilitou aos estabelecidos desenvolverem características que seriam pejorativas e na qual diferenciariam estes imigrantes dos brasileiros negros. Portanto' o estereótipo não ocorreu de forma dicotômica a partir de dois aspectos, estes indivíduos são negros e são imigrantes, a categorização do estereótipo dos imigrantes haitianos ocorreu de forma processual.

A construção do estereótipo dos imigrantes haitianos decorreu de dois aspectos, através de estigmatização e conseqüente racialização dos haitianos por parte da população estabelecida. Esses imigrantes eram negros, diferentes da maioria da população local, o que causava o estranhamento inicial. No primeiro momento os haitianos foram relacionados de maneira semelhante a que a população estabelecida considera que os brasileiros negros são, isto é, os haitianos foram considerados em um primeiro momento como vagabundos e fedorentos, que conforme é relatado em conversas informais é o estereótipo que a população de Lajeado costuma atribuir aos brasileiros negros. Conforme a presença dos haitianos se tornava mais comum novas características foram surgindo, estes imigrantes começaram a ser considerados como barulhentos, principalmente porque eles andavam em grandes grupos, diferente dos brasileiros negros que costumam andar sozinhos ou em pequenos grupos, menores que os dos haitianos, o que já gerava uma sensação de barulho e incomodo para os locais, mesmo que se os mesmos encontrassem em grupos maiores e com som alto no carro, esta questão era desconsiderada. Em um primeiro momento a população estabelecida questionou se esses imigrantes iriam trabalhar, se não seriam uns “vagabundos” como consideram os brasileiros negros. Como os haitianos foram vistos como muito trabalhadores, essa característica logo foi enaltecida, mas, esperavam que os haitianos trabalhassem e apenas isso, no tempo livre que desaparecessem em suas casas afastadas. Os brasileiros consideravam estes imigrantes como agentes que estavam trazendo doenças para a cidade, nisto eles faziam uma confusão de informações, pois associavam o Haiti com a África, continente este que existe todo um imaginário de ser um péssimo lugar, apenas com miséria, fome e todas as doenças possíveis, logo, estes imigrantes negros estariam trazendo para a região doenças e um “atraso cultural”.

A população lajeadense precisou lidar com duas marcas de identificação destes imigrantes, primeiro a de que eles eram negros, o que saltava aos olhos dos estabelecidos devido à grande diferenciação fenotípica da maioria da população da cidade, mas para além disso, estes negros eram imigrantes indesejados, o que trazia uma série de complicações pois não sabiam com quem estavam lidando, esse imigrante era um alienígena que havia chegado no local, para “piorar” a situação dos estabelecidos, estes “novos negros” não sabiam o seu “lugar” na sociedade, estavam rompendo com contratos não escritos, circulando e ocupando espaços que até então a população estabelecida branca apenas usava, esse rompimento de “roteiro” além do desconforto gerou nos estabelecidos o anseio de categorizar este grupo para poder manter a sua legitimidade como grupo dominante.

Devido ao fato de que os estabelecidos que transmitem as informações e estigmas

dos haitianos não se relacionam com eles, o estereótipo tende a ser exagerado, quase caricaturado, tipificando todos os imigrantes como um perfil só. Este perfil surge nas redes de fofocas, o que corrobora para a disseminação do preconceito contra os imigrantes, pois sem ter interação com os imigrantes, os mesmos não conhecem de fato quem eles são. O estereótipo assim como os estigmas são construídos pela pequena parcela da população que é abertamente contra a presença destes imigrantes e reproduzida pela população indiferente à presença destes imigrantes, que as associa como verdades.

Porém estes signos racistas não são os mesmos que os brasileiros brancos utilizam contra os brasileiros negros, pois o racismo é modificado conforme o desejo de um grupo manter a legitimação de seu discurso e sua forma de ver o mundo. Consequentemente, estes haitianos, embora vistos em sua maioria com louvor como muito trabalhadores, os mesmos só servem para as funções básicas e necessárias para a região. Já outros aspectos e anseios, como seus desejos de melhorar de vida, inclusão, sociabilidade, e suas visões de mundo ou sua cultura é subjugada e considerada como inferior e que deve ser excluída.

Portanto, construiu-se assim a forma do estereótipo do haitiano, sendo todos os imigrantes na cidade possuindo essas características que seriam inerentes a todos os imigrantes. O “haitiano” se apresenta como um indivíduo muito trabalhador, mas que é meramente uma mão-de-obra a ser utilizada e descartada, esta “raça” de haitianos é muito barulhenta, eles são ignorantes, fedorentos e pessoas dissimuladas, pois podem ser terroristas disfarçados, são portadores de males exteriores que vão vir destruir a terra “perfeita” dos estabelecidos, trazendo doenças como AIDS (que já existia na cidade) e outros males. O principal para muitos estabelecidos é de que possuem uma cultura inferior, e que pode vir a prejudicar a glorificação da tradição europeia da cidade. O haitiano é representado da mesma forma que o estrangeiro do Simmel, um estranho, alguém misterioso, alienígena de todo o resto da cidade. Este estereótipo não surgiu pronto, foi um produto de um processo que os estabelecidos foram formando em suas interações, para estabelecerem e traçarem um perfil tipificado destes imigrantes, construindo assim um estereótipo que mantivesse a sua função na sociedade, trabalhadores braçais, ao mesmo tempo que deixava bastante nítida que eram uma categoria inferior com atributos pejorativos. Tornando assim todos os novos imigrantes na cidade como sendo “os haitianos”.

Em Lajeado, os imigrantes surgem como uma mão-de-obra necessária, então eles ocupam espaços essenciais para o empresariado, que pouco se importava quem estavam contratando, apenas queriam trabalhadores que fossem realizar seu serviço bem feito e de preferência que fossem submissos. Por outro lado, a população local, sentindo-se ameaçada, precisou utilizar-se de subterfúgios para construir simbolicamente uma maneira de permanecerem os detentores do sentido de como é organizado e vivenciado culturalmente a cidade de Lajeado. Segundo os lajeadenses, tais imigrantes deteriam uma suposta cultura incapaz de se assimilar com os valores corretos de como se deve viver e que alguns deles podem considerar como sendo os únicos corretos.

Os haitianos foram estigmatizados principalmente como indivíduos portadores de uma cultura inferior, ao mesmo tempo em que eram fedorentos, barulhentos e ignorantes. As informações acerca deles eram exageradas e caricaturadas pela população dominante para manter a sua legitimidade, os estabelecidos buscaram não interagir com os haitianos, reconhecendo a sua importância, mas os mantendo em seus lugares. O estereótipo do imigrante não surgiu pronto quando este grupo chegou à cidade, para isso, foram utilizadas categorias já existentes, e como essas não se mostravam plenamente convincentes, os estabelecidos construíram outras categorias para estes imigrantes, diferentes das já existentes, formando assim como se apresenta o estereótipo de todos os novos imigrantes em Lajeado, como sendo “os haitianos”.

Procuramos analisar nesta pesquisa como na interação cotidiana entre os indivíduos que vivem em Lajeado é que ocorre a estigmatização dos haitianos. Acerca disso, a fofoca tornou-se um dos principais mecanismos de proliferação das informações distorcidas sobre quem eram os haitianos. Visto que a maioria dos habitantes de Lajeado não interagem com os haitianos, muitos até os evitavam, mantendo uma indiferença frente à presença deles, essa falta de interação fazia com que informações fantasiosas fossem espalhadas pelas redes sociais dos lajeadenses, e os mesmos reproduzissem estas informações pejorativas sobre os haitianos, mesmo estes jamais terem entrado em contato com eles. Neste sentido, muitos que os acusavam de serem barulhentos, sequer moravam – ou transitavam – nos bairros em que os haitianos foram morar.

Por outro lado, eram as pessoas que trabalhavam com os haitianos que mais as ofendiam, principalmente devido ao fato de que eram as poucas que mantinham alguma forma direta de interação com os imigrantes, possibilitando assim como em alguns casos, pudessem inclusive agredi-los, incluindo algumas vezes seus chefes – ou omissão dos mesmos – e superiores. Estes mesmos mantendo a relação apenas no trabalho, ignorando os haitianos quando se encontravam com eles na cidade ao circularem nos tempos livre de socialização. Constituindo assim os imigrantes como indivíduos fundamentais para manter a produção alimentícia e a construção civil funcionando, mas que desaparecessem no resto do tempo em que não era exigida uma mão-de-obra trabalhando.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que a pesquisa vem apresentando é que, a estigmatização contra os haitianos ocorre de maneira corriqueira, na vida cotidiana entre os moradores da cidade de Lajeado. Ela é construído nos gestos, olhares, conversas e indiferença que os estabelecidos fazem entre si em relação aos imigrantes, acrescentado de uma ressignificação do racismo contra um grupo minoritário, é uma relação de dominação em outra forma. Através da estigmatização dos haitianos surgiu um estereótipo dos mesmos que a população lajeadense construiu em suas redes de fofoca, transmitindo informações exageradas sobre estes imigrantes, visto que a maioria da população não interage com os imigrantes, tais informações tendem a se tornar um tipo ideal constituindo assim um suposto perfil de todos os imigrantes em Lajeado.

O que tem se demonstrando como fator que corrobora para a discriminação contra esta minoria social, é justamente o estranhamento frente ao desconhecido somado a uma indiferença em não querer conhecer os mesmos. Pois Lajeado era uma cidade historicamente estabelecida, tendo como maior parte da população indivíduos que ainda clamam uma identidade imigrante já no passado, é comum se denominarem como alemães e/ou italianos. Na cidade sempre houve um pequeno fluxo de migração de indivíduos vindos de outras etnias, mas nunca de maneira expressiva, sempre um indivíduo ou uma família, até que repentinamente, a partir de 2013, começa a migrar uma grande leva de populações diferentes das estabelecidas, mais especificamente de outro país, o que causa o estranhamento para os estabelecidos, pois a visão de mundo que tinham como a corriqueira e normal, é desestabilizada e precisa ser reordenada, o que causa o estranhamento e desconforto por parte de muitos. Talvez, se a leva de imigrantes não houvesse vindo desta forma tão rápida, a percepção poderia ter sido melhor assimilada pela população local. Pela indiferença da população local é que surgem um sentimento ambíguo em relação aos haitianos, como expresso por um agricultor aposentado, na qual relata que *“infelizmente eles estão aí, não tem o que fazer... mas eles trabalham bastante”*. O haitiano se mostra apenas como uma mão-de-obra, para exercer uma função necessária, o que os estabelecidos não sabem lidar é que não vem um construto sem uma identidade, mas um sujeito social com toda a sua complexidade. Ao vir o imigrante, vem o ser humano. Porém, essas mesmas pessoas que clamam sua ancestralidade imigrante, não a evocam – ou esquecem de proposito – quando este imigrante é um negro. Desconstruindo com isso a visão do brasileiro como um povo receptivo para com as pessoas que vem de outros países, pelo contrário, a indiferença e estigmatização contra um novo grupo migrado se torna algo visualmente manifestado na vida cotidiana e na ação das pessoas que circulam por espaços sociais.

Em consequência desta mudança populacional na cidade, os moradores estabelecidos constroem simbolicamente instrumentos, como a fofoca, para subjugar o novo grupo social pelo próprio medo de não os conhecer. Então, sem o objetivo de entrarem em contato com estes grupos, usam suas redes de interação para a ressignificação de um racismo, agora também com o viés de discriminação contra um estrangeiro, para manterem sua legitimação como o grupo que detém o controle na cidade. Tornando assim, um instrumento de dominação de um grupo dominante sobre um grupo dominado, para com isso, a população estabelecida possa manter o seu controle sobre como se deve viver na cidade.

---

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA, Cristovao Domingos; BRANDÃO, Beatriz Montalvão. *Imigração, mídia e sociabilidade dos haitianos*. Revista Observatório, Palmas, v.1, n.3, p.62-79, dez, 2015.

DIEHL, Fernando. *O uso do conceito de Estigma para compreender a discriminação contra o imigrante haitiano no interior do Rio Grande do Sul*. Café com Sociologia, v.4, n.2, p.4-8, mai-jul, 2015.

HANDERSON, Joseph. *Díáspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname, e na Guiana Francesa*. 430f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

MAGALHÃES, Giovanna Modé. *As populações Migrantes e Alteridade: Notas e Reflexões a partir dos deslocamentos populacionais contemporâneos*. Aurora, Marília, v. 7, n. 1, p. 27-40, jul-dez, 2013.

MEJÍA, Margarita Rosa Gaviria; SIMON, Renel. *Sonhos que mobilizam o imigrante haitiano: biografia de Renel Simon*. Lajeado, Editora da Univates, 2015.

MEJÍA, Margarita Rosa Gaviria; CAZAROTTO, Rosmari Terezinha; GRANADA, Daniel. *Imigração de haitianos para o Brasil: análises de um processo em construção a partir de um estudo de caso*. IN: Anais da 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, 03-06 de agosto, Natal, 2014.

PEIXOTO, João. *As teorias explicativas das migrações: Teorias micro e macro-sociológicas*. Socius Working Papers, Lisboa, n.11, 2004.

RIBEIRO DE OLIVEIRA, Antonio Tadeu. *Os invasores: as ameaças que representam as migrações subsaariana na Espanha e Haitiana no Brasil*. REMHU - Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana, Brasília, ano 23, n.44, p. 135-155, jan-jun, 2015.

SANTOS, Sandra dos; CECCHETTI, Elcio. *Imigrantes haitianos no Brasil: entre processos de (des) (re)territorialização e exclusão social*. Revista de estudios brasileños, Madri, v.3, n.4, p.61-72, 2016.

TELLA, Marco Aurélio Paz. *Estigma e desqualificação social dos negros em São Paulo e Lisboa*. Ponto-e-Vírgula, São Paulo, n.3, p.152-169, 2008.

ZENI, Kaline; FILIPPIM, Eliane Salete. *Migração haitiana para o Brasil: acolhimento e políticas públicas*. Pretexto, Belo Horizonte, v.15, n.2, p.11-27, abril-jun 2014.

# Negritude e diferença no caso da imigração haitiana no sul do Brasil

Daniel Granada Ferreira<sup>1</sup>

## RESUMO

A partir da pesquisa etnográfica junto a um grupo de imigrantes haitianos instalados na região do Vale do Taquari no Rio Grande do Sul o artigo explora os processos de “construção” identitária destes imigrantes com vistas a estabelecer fronteiras que demarcam sua diferença com relação aos negros brasileiros. Questões associadas às estratégias de inserção e ao estabelecimento de redes sociais na manutenção do fluxo migratório também são privilegiadas. O uso das tecnologias de informação permite a estes migrantes permanecer em contato com o país de origem mantendo laços com sua terra natal. As ligações também são mantidas através da música, dança, culinária, a comemoração de datas nacionais do país de origem e o cultivo de uma memória positiva associada ao Haiti. Constroem-se, deste modo, identidades de contraste que reforçam os laços dos etnicamente unidos e estabelecem fronteiras com os brasileiros.

**Palavras – chave:** Imigração, identidade, haitianos no Brasil.

## ABSTRACT

*From the ethnographic research with a group of Haitian immigrants living in the Taquari Valley region in Rio Grande do Sul the article explores the processes of “identity construction” of these immigrants in order to establish boundaries that demarcate its differences related to black Brazilians. Issues associated with insertion strategies and the establishment of social networks in migration maintenance are also privileged. The use of information technology allows these migrants stay in touch with the country maintaining ties with their homeland. The links are also maintained through music, dance, cooking, celebrating national of the country of origin dates and cultivating a positive memory associated with Haiti. Build up, thus contrasting identities that strengthen the ties of the United ethnically and boundaries with the Brazilians.*

**Key - words:** Immigration, identity, Haitians in Brazil.

<sup>1</sup> Doutor em etnologia e história pela Université de Paris Ouest Nanterre La Défense e University of Essex. Professor de antropologia e sociologia no Centro Universitário Univates - RS.

---

## INTRODUÇÃO:

Esta comunicação apresenta resultados preliminares sobre o recente processo de chegada de imigrantes haitianos no Brasil. A pesquisa teve início em novembro de 2013 e é baseada em etnografia multisituada (Marcus 1995 ; 2002), entrevistas formais e informais realizada nas cidades de Lajeado e Encantado no Rio Grande do Sul. Nosso objetivo é apresentar os mecanismos que estruturam as relações entre os imigrantes haitianos e o processo de diferenciação entre esta população, os demais imigrantes (senegaleses e bengaleses), bem como brasileiros com os quais eles negociam no interior de um campo social transnacional (Basch et al., 1994).

A produção de um “campo social transnacional” relacionado aos “novos imigrantes” no Vale do Taquari repousa na ideia da constituição de um mercado, onde um campo ou um mercado podem ser vistos como um espaço estruturado de posições dentro do qual estas posições e as interações que delas decorrem são determinadas pela distribuição das diferentes formas de recursos ou “capitais” (Bourdieu, 2002)<sup>2</sup>. Bourdieu assinala que: “pour qu’un champ marche, il faut qu’il y ait des enjeux et des gens prêts à jouer le jeu, dotés de l’habitus impliquant la connaissance et la reconnaissance des lois immanentes du jeu, des enjeux, etc. ” (Idem, p.114). Glick Schiller e Levitt (2004, p.1009) utilizam o termo “campo social” como “um conjunto de redes interconectadas de relações sociais através das quais as ideias, as práticas e os recursos são trocados, organizados e transformados de forma desigual” (tradução do autor). Neste artigo o emprego do termo “mercado” ou “campo social” ligado aos novos imigrantes, coloca em relevo as disputas existentes entre os diversos agentes que constituem este campo, bem como as trocas existentes entre os locais e os imigrantes. A existência de um campo social transnacional ligando a estes novos imigrantes coloca em evidência as trocas de recursos, informações, saberes que circulam através de redes sociais. Neste sentido são exploradas as estratégias de diferenciação e construção de fronteiras entre “nós” e os “outros”, num contexto de contrastes altamente distintivos onde operam lógicas de adaptação e diferenciação num quadro de circulação intensa de indivíduos.

Neste sentido são exploradas as estratégias de diferenciação e construção de fronteiras entre “nós” e os “outros”, num contexto de contrastes altamente distintivos onde operam lógicas de adaptação e diferenciação num quadro de circulação intensa de indivíduos.

---

## IMIGRAÇÃO E EMIGRAÇÃO NO BRASIL

O Brasil é um país que recebe historicamente vagas de imigrantes, as primeiras colônias se formam partir das primeiras décadas do século XIX com a instalação de Suíços em Nova Friburgo no estado do Rio de Janeiro (Seyferth, 2002). Durante o século XIX a colonização obedece a uma lógica geopolítica de povoamento, que se articula com a ocupação de terras públicas consideradas vazias, sendo, portanto compreensível que os primeiros esforços se concentrem nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina (*Idem*: p. 119). No final do século XIX houve o período de chegada de imigrantes mais intenso no país, principalmente portugueses, italianos e espanhóis que vinham para realizar a substituição da mão de obra escrava para o trabalho livre nas lavouras e se integrar dentro do projeto de branqueamento da jovem república brasileira (Skidmore, 1989; Schwarcz, 1995; Seyferth, 1996, 2000, 2002). Ao longo do século XX estes fluxos continuaram de forma mais ou menos intensa a contribuir com a formação da população nacional. Durante os anos de 1980 tem início um novo movimento populacional, desta vez são os brasileiros que decidem emigrar em busca de uma vida melhor e da ascensão social que lhes é negada no Brasil, assim milhares de brasileiros partem em busca de uma vida melhor nos países do Norte (Patarra, 2005 ; Martes,1999 ; Margolis, 1994.)

---

<sup>2</sup> O termo “novos imigrantes” é empregado para marcar a diferenciação entre esta imigração que ocorre a partir de 2011 na região e as migrações históricas de alemães e italianos. que durante o final do século XIX e início do século XX povoaram a região.



Entre os anos 2000 e 2014, a estabilidade econômica conquistada no período, proporcionou uma maior evidência do Brasil no cenário internacional e um processo de expansão da economia até recentemente, tornou este país novamente atraente para os estrangeiros. Este cenário evidencia a complexidade dos fluxos migratórios na atualidade, mostrando o Brasil simultaneamente como país de imigração e de emigração, mas também a mobilidade humana como uma das grandes chaves de produção e reprodução das desigualdades internacionais criadas pelo processo de globalização. Por um lado, continua ocorrendo a emigração de brasileiros, ao mesmo tempo que o país atrai novos fluxos de imigrantes. Também, é considerável o movimento de brasileiros que retornam ao país principalmente em virtude da crise econômica, a partir de 2007, nos Estados Unidos e Europa (Cavalcanti, 2014). Atualmente fazem parte destes fluxos trabalhadores altamente qualificados, refugiados políticos, vítimas de catástrofes ambientais, estudantes, entre outros. Com relação aos motivos dos deslocamentos, devem ser levados em conta, além de questões laborais e econômicas, fatores como reagrupamento familiar, refúgio e asilo. Nos últimos em virtude da crise política e econômica que assola o país outros fenômenos tem sido identificados como a “remigração” ou repetição da migração que pode ser definido “como o movimento de pessoas que fizeram um primeiro deslocamento inter regional e realizam outro um ou dois anos depois, alguns voltando para seus países de origem enquanto outros mudam para outras regiões” (Grant, K. E.; Vanderkamp, J., 1986, p. 299).

Os fluxos migratórios para o Brasil devem, portanto, ser entendidos em sua diversidade e complexidade, atualmente fazem parte destes fluxos desde trabalhadores altamente qualificados, refugiados políticos, vítimas de catástrofes ambientais, estudantes, entre outros. Com relação aos motivos dos deslocamentos devem ser levadas em conta, além de questões laborais fatores como reagrupamento familiar, refúgio e asilo (Cavalcanti, 2014).

---

## O CASO DOS HAITIANOS

Nesse novo quadro ganha relevo o fluxo de haitianos que buscam no Brasil melhores condições de vida e trabalho, muitos deixam suas famílias e partem em busca de uma vida melhor no Brasil. Primeiramente temos que assinalar que a análise da população objeto do nosso estudo a partir da categoria “haitianos” pode induzir erroneamente a pensar em uma homogeneidade no perfil do imigrante reduzido à nacionalidade do país de origem. Convém ressaltar que os imigrantes haitianos na região estudada possuem um perfil bastante diversificado. Eles provêm de diferentes regiões do Haiti, dentre os que possuíam vínculo de trabalho formal em 2013 a maior parte tem ensino médio completo (cf. Dutra et al. 2014, p. 60), todos falam kréole, e os que tiveram acesso à educação formal no país de origem falam francês, e alguns espanhol e inglês. É importante frisar que a categoria nacional não deve apagar, portanto, a diversidade de experiências individuais que compõem o fenômeno migratório.

Em segundo lugar, devemos compreender o fluxo de haitianos para o Brasil dentro da realidade da dispersão histórica do povo haitiano que ocorre de maneira intensa desde a segunda metade do século XX, tornando-se um fenômeno estrutural a partir dos anos 1960 (cf. Audebert, 2012)<sup>3</sup>. Apesar das estimativas serem apenas aproximativas com relação ao número de haitianos vivendo fora do país de origem, calcula-se que a população haitiana residindo no exterior represente em torno de 20% da população do país (Audebert, 2012, p. 9)<sup>4</sup>.

Quando perguntamos aos haitianos as razões da escolha por buscar a vida fora do país de origem muitos relatam que após o terremoto que destruiu boa parte do país em 2011 as condições de vida que já eram difíceis, pioraram bastante. Deste modo, a catástrofe ambiental é vista como o elemento decisivo que afeta a racionalidade individual na explicação das motivações de se lançar no processo migratório. Entretanto é necessário

---

3 É preciso notar que o Haiti é um país caracterizado pela emigração de sua população, o fenômeno é notável mesmo nas primeiras três décadas do século XX (cf. Perusek, 1984) entretanto o fenômeno ganha amplitude considerável a partir dos anos 60 do século XX.

4 A população haitiana residente no país em 2014 é estimada em 9.996.731 habitantes (fonte: <http://www.statistiques-mondiales.com/haiti.htm> [consultado em 11/11/2014])

compreender o movimento “diaspórico” haitiano em um quadro mais amplo das migrações históricas a partir deste país o que faz com que a população haitiana tenha a experiência da emigração como uma das características centrais de sua formação. Audebert (2012) assinala que além das causas associadas à catástrofe ambiental é preciso situar a imigração haitiana em um quadro mais amplo de onde se faz necessária a compreensão do contexto histórico e o papel dos governos ditatoriais da família Duvalier entre 1956 e 1986 (Audebert, 2012, 24-33) e o que o autor chama de imigração como fenômeno estrutural, que se inicia nos anos 1960 e se acentua durante o período de 1986 a 2011 (*Idem*, 33-39).

---

## A IMIGRAÇÃO HAITIANA NO VALE DO TAQUARI

Em 2012, uma parcela de população haitiana que se encontrava no Acre começa a ser recrutada por empresas no Sul e Sudeste do Brasil. Um dos destinos é o Vale do Taquari, localizado na porção centro-oriental do estado do Rio Grande do Sul. Constituído por 36 municípios e uma população de 329.258 habitantes em 2011 (FEE, 2013)<sup>5</sup>.

A ocupação e os usos do espaço na formação territorial no Vale do Taquari foram marcados por distintos processos. Primeiramente, o território era ocupado por sociedades indígenas, as quais produziram e viveram nesse espaço até que as investidas espanholas e portuguesas os capturaram e expulsaram destas terras para dar lugar a novos projetos de ocupação e colonização, sendo nos dias de hoje bastante marcada a presença de descendentes de alemães e italianos na região.

Nos últimos anos, no Vale do Taquari, partes do setor empresarial principalmente das indústrias de produtos alimentícios, que trabalham com o abate e beneficiamento de frangos e suínos e a construção civil vêm enfrentando o problema da falta de mão de obra para atuar nos serviços vistos como mais pesados e com menor remuneração. Neste sentido o primeiro impulso para a imigração haitiana na região é dado por empresas do ramo alimentício e da construção civil dentro da lógica de reestruturação do capitalismo neoliberal (Glick-Shiller; Çaglar, 2011, p.4-7), na busca de pessoas que aceitem o tipo de trabalho que os locais não querem mais realizar. A vinda de haitianos, recrutados diretamente na região Norte do Brasil tem-se constituído como possibilidade de suprir essa carência. Uma vez em Brasileia (Acre), os haitianos, após negociações com empresários da região são recrutados e vêm para preencher as vagas de emprego no Vale de Taquari, em uma longa viagem de ônibus que dura quatro dias e atravessa o país de Norte a Sul.

A imigração recente de haitianos no Vale do Taquari apresenta certas especificidades, a principal delas é o fato desta população ter sido recrutada e ter vindo com uma oferta de trabalho já existente no local. O primeiro grupo, em torno de 50 imigrantes a grande maioria homens, chegou ao final de 2012 para trabalhar na cooperativa de alimentos do município de Encantado, Dália. De maneira concomitante os jornais começaram a noticiar a vinda de haitianos para trabalhar em empresas da construção civil.

Os imigrantes haitianos na Dália foram distribuídos inicialmente por setores, oito deles foram direcionados para trabalhar na Divisão de Produção Agropecuária, nas granjas e na Fábrica de rações, e os demais ficaram no setor de abate e desossa de suínos, atividades consideradas árduas e mal remuneradas pela sociedade local devido às condições de trabalho em que se realizam. Contudo, uma avaliação da Unesco em conjunto com a Secretaria de Direitos humanos da Presidência da República, em 2013, registra, no caderno que trata o tema Direito ao Trabalho com Dignidade, a experiência dos haitianos na Dália como exemplo de educação em direitos humanos. Os critérios levados em consideração para este destaque foi o fato dos haitianos contratados permanecerem na empresa, situação que se diferencia da apresentada no relato da Secretaria de Direitos Humanos do Acre, que informa que muitos deles não se adaptam às empresas que os empregam.

---

<sup>5</sup> Fundação de Economia e Estatística – FEE.

[http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/resumo/pg\\_corede\\_detalle.php?corede=Vale+do+Taquari](http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/resumo/pg_corede_detalle.php?corede=Vale+do+Taquari)

[consultado em 29 out. 2013].

Um ano e meio depois da primeira imigração, há entorno de 400 haitianos em Encantado, e estima-se que um número semelhante esteja instalado na cidade vizinha de Lajeado. O número é aproximado, pois o fluxo e a circulação de indivíduos é intensa muitos continuam chegando não mais através das empresas, mas das redes sociais de contato com amigos e familiares, com recursos próprios ou com o auxílio dos que já se encontram instalados, por indicação de parentes e amigos previamente assentados no município.

Entre as consequências que são reveladas por este fenômeno temos: 1) a fragilização do operariado local que perde em poder de negociação face à chegada de novos trabalhadores dispostos a aceitar os salários e jornadas de trabalho propostas pelos empregadores; 2) a manutenção das margens de lucro do patronado local; 3) a criação de um fluxo “espontâneo” de novos imigrantes que chegam à região, informados sobre as possibilidades de trabalho e frequentemente com auxílio financeiro dos que já se encontram instalados.

Este terceiro ponto mostra a formação de um território circulatório, para utilizar a expressão consagrada por Tarrus que evidencia a existência de um território que é o marcador espacial da consciência histórica de estar junto, uma vez que eles englobam as redes definidas pela mobilidade das populações eles são chamados de territórios circulatórios (Tarrus, 2001: 8 – 10). Cria-se, deste modo, um território circulatório onde transitam os haitianos. Alguns dos recém-chegados vêm diretamente do Haiti para Lajeado, devidamente documentados para se juntar aos familiares que se encontram no local, informados das condições de instalação de seus conterrâneos que vieram previamente e tiveram sucesso na instalação.

---

## A DESCOBERTA DOS IMIGRANTES EM LAJEADO

Se no caso de Encantado o volume de imigrantes contratados para trabalhar na empresa rapidamente chamou a atenção da comunidade e foi noticiado pela imprensa local, no caso da cidade vizinha de Lajeado a descoberta da presença dos imigrantes pelo poder público se deu de maneira distinta. Segundo o relato da então secretária do Trabalho, Habitação e Assistência Social do município, as primeiras informações sobre a presença de haitianos em Lajeado vieram a partir das agentes comunitárias de saúde<sup>6</sup>. Segundo a secretária, já em 2012 as agentes relatavam a presença de pessoas que “falavam uma língua diferente” e que elas não conseguiam se comunicar para fazer as entrevistas durante as visitas domiciliares, relatavam inclusive a presença de mulheres grávidas entre estas pessoas. Foi somente com a grande enchente do Rio Taquari, ocorrida em agosto de 2012, que a prefeitura tomou conhecimento do grande número de imigrantes presentes na cidade. Segundo o relato começaram a chegar caminhões lotados com imigrantes no ginásio de esportes que havia sido disponibilizado para acolher os desabrigados, a secretária estima que em torno de trezentos imigrantes foram trazidos para o ginásio, além de haitianos, bengaleses, senegaleses e ganenses.

A partir desta experiência a prefeitura municipal começou a pensar estratégias para promover o atendimento a esta população. Uma interrogação que surgiu durante a reunião entre as diferentes secretarias foi que a assistência aos imigrantes poderia ter como efeito o aumento do fluxo. Uma vez que a prefeitura municipal oferecesse assistência a esta população eles poderia se comunicar no sentido de intensificar o fluxo, o que a longo prazo certamente acarretaria uma série de problemas para a administração municipal. Sem solução para o paradoxo se decidiu convidar as outras prefeituras da região e os empregadores para discutir o assunto e preparar a COMIGRAR (1ª Conferência Nacional sobre Migrações e Refúgio ocorrida entre 30 de maio e 1 de junho de 2014). Entretanto os empregadores não apareceram, tão pouco as prefeituras vizinhas enviaram representantes para a reunião.

---

<sup>6</sup> Depoimento recolhido durante reunião ocorrida em maio de 2014 no CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) do município de Lajeado.

---

## NEGROS DIFERENTES

Os processos de diferenciação social e de “construção identitária” ocorrem em contextos precisos e são alimentados por diversos fatores como crença na afinidade de origem, ligação a uma história ou passado imaginário comum, afinidade nos costumes, revelações de cunho religioso, de materiais fornecidos pela história, pela atuação dos “novos agentes identitários” entre outros (Weber, 2001; Castells, 1999). Estas identidades, formadas dentro dos processos migratórios, são alimentadas por contrastes altamente seletivos entre os etnicamente unidos e demais grupos com os quais negociam seu espaço dentro de um campo social transnacional. Neste sentido convém analisar a forma como os grupos estabelecem e mantêm fronteiras que delimitam o “nós” dos “outros”, conforme sugere Barth (1998) desloca-se o foco da análise da composição interna dos grupos para as formas como eles estabelecem suas fronteiras em contextos sociais precisos.

A diferença dos haitianos é, portanto, produzida e alimentada por eles próprios. O uso da língua é um dos fatores mais evidentes, todos os haitianos falam Kréole, esta é a língua por excelência que utilizam para se comunicar entre si. Alguns afirmam a distinção intelectual pelo fato de falar entre três a quatro idiomas, e em razão disto se sentem positivamente diferentes dos brasileiros com os quais convivem principalmente no trabalho. Outro ponto de afirmação de diferença para boa parte dos haitianos se relaciona com a religiosidade, utilizam a religião como forma de afirmação de uma identidade distintiva. Uma das consequências práticas da reivindicação desta diferença pode ser exemplificada no caso ocorrido em uma indústria de produtos alimentícios de Lajeado, onde os haitianos gozam de um cardápio diferenciado dos demais trabalhadores. Os brasileiros reclamam que nunca tiveram direito a este tipo de tratamento diferenciado. Os gestores explicam este tratamento porque muitos afirmam que não comem carne suína por questões religiosas, deste modo comidas como feijão e outros tipos de alimentos que utilizam a carne suína não poderiam ser consumidos por estes haitianos.

Os hábitos alimentares, como no exemplo citado, operam igualmente como marcador de diferença entre os haitianos com relação aos costumes locais. Um das críticas feitas pelos haitianos é com relação ao preparo da carne na região, eles consideram que a forma como os brasileiros preparam o alimento conserva um “gosto forte” na carne, eles julgam que sua forma de preparo, em que passam limão e depois cozinham previamente antes de assar, seria mais adequada mascarando o sabor do alimento. Os haitianos também se sentem diferentes por questões associadas ao estilo de vida uma vez que dizem que poucos fazem uso de álcool, eles são vistos pelos empregadores da região como mais organizados e responsáveis em relação aos seus pares de outras nacionalidades, inclusive os brasileiros. Marcam também sua diferença na relação com o dinheiro, eles afirmam que os brasileiros possuem uma forma muito distinta de relação com o dinheiro do que eles possuem, afirmam durante as entrevistas, que se um haitiano possui dinheiro e outro precisa, ele deve emprestar sem esperar nada em troca, assim quando ele necessitar, o outro também vai partilhar o que possui, segundo os entrevistados os brasileiros seriam muito diferentes neste ponto, sendo mais individualistas e egoístas do que seus compatriotas. Existem diversos provérbios que são conhecidos por eles e que enfatizam a importância de partilhar aquilo que possui.

É notável, quando se estuda a imigração haitiana para a região do Vale do Taquari, a falta de ligação destes imigrantes com grupos militantes do movimento negro no Brasil, até o momento em nossa pesquisa, notamos a presença dos empregadores, atores institucionais ligados às igrejas, a Pastoral do Imigrante, professores universitários, no caso do município de Lajeado a administração municipal demonstra preocupação para o atendimento desta população, sendo que inclusive um haitiano foi contratado pela prefeitura para se comunicar e prestar auxílio aos estrangeiros residentes no município. Entretanto, não temos informação sobre a atuação de grupos de afrodescendentes na atenção à população negra imigrante, o que demonstra a complexidade da relação entre a cor da pele e a nacionalidade, colocando talvez em cheque a noção de existência de uma “consciência negra” que extrapole as fronteiras da nação, pelo menos até o momento neste caso.

---

## A FESTA DO DIA DA BANDEIRA

Outro ponto notável no estabelecimento de limites e diferenças com a população local se relaciona com a existência de um calendário específico e paralelo que diz respeito a datas nacionais celebradas no país de origem. Para os haitianos a principal festa de celebração da “identidade haitiana” é a Festa da Bandeira. Em 18 de maio de 2014 um grupo de haitianos moradores de Encantado organizou uma grande comemoração em homenagem ao Dia da Bandeira, ocasião em que é celebrada a memória da declaração de independência do Haiti ocorrida em 1804. Carregada e um conteúdo simbólico forte para os haitianos, a Festa da Bandeira coloca em evidência o orgulho dos negros haitianos que conquistaram a independência face ao colonizador branco, as cores da bandeira carregam, segundo dizem, o significado da insurgência dos negros face aos brancos, por esta razão que a cor azul, que representa os negros do país sempre deve aparecer acima da cor vermelha que representa os brancos.

A festa foi um momento forte de afirmação da identidade haitiana e marca simbolicamente o sucesso da integração dos novos imigrantes na população local. Na ocasião foram convidados outros imigrantes residentes em cidade próximas para participar da celebração. As reuniões preparatórias demonstravam a excitação dos organizadores com o evento. Na programação estava prevista pela manhã uma missa na igreja católica local, que fora celebrada por um padre haitiano. Em torno de duzentas pessoas estavam presentes, além dos haitianos a população local compareceu à celebração realizada em português e Kréole. No altar encontravam-se as bandeiras do Haiti e do Brasil. A celebração foi seguida de um almoço coletivo preparado com pratos típicos da culinária haitiana em um ginásio esportivo, com apresentação de um grupo de músicos haitianos que moram na cidade. Durante o evento foram apresentados vídeos onde se mostravam os pontos turísticos e as belezas naturais do país, uma imagem diametralmente oposta daquela associada à miséria e precariedade que circula na grande imprensa. Isto demonstra o processo de idealização da terra natal que é frequentemente documentado nos estudos sobre migrações, da mesma forma mostra a manutenção de uma valorização positiva da identidade do país de origem no país de acolhimento.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As observações contidas ao longo desta comunicação demonstram que os processos de construção identitária são dinâmicos, as formas de distinção são elaboradas dentro dos próprios grupos e negociadas na relação que estabelecem com os demais atores dentro de um campo social transnacional. Estas primeiras notas demonstram que o processo de diferenciação e acomodação, que são parte da inclusão destes indivíduos na nova sociedade, continuam operando, em constante tensão não exclusivamente entre os haitianos e a população local, mas igualmente entre os haitianos e os outros grupos de imigrantes, e os recém chegados haitianos que desfrutam de um estatuto diferente daqueles que se estabeleceram há mais tempo. Estas reflexões levam a considerar que ainda existe muito trabalho a ser feito para se compreender as lógicas do processo migratório tanto da parte dos migrantes, quanto dos atores institucionais e população local que estão envolvidos no processo. Com o prosseguimento dos estudos poderemos avaliar melhor os resultados da chegada destes novos imigrantes na região. Alguns resultados assinalam que a integração avança, entretanto com a crise instalada no país depois de 2014 a mobilidade e os processos de remigração têm sido cada vez mais frequentes.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUDEBERT, C. (2012), *La Diaspora Haitienne. Territoires migratoires et réseaux transnationaux*, Rennes: Presses Universitaires de Rennes.
- BARTH, F. (1998), “Grupos Étnicos e suas Fronteiras”. In. P. Poutignat, J. Streiffe-Fenart, *Teorias da Etnicidade*, São Paulo: Fundação Editora UNESP.
- BASCH, L., GLICK SCHILLER, N., SZANTON BLANC, C. (1994), *Nations Unbound: Transnational Projects, Postcolonial Predicaments and the Deterritorialized Nation-State*, New York: Gordon and Breach.
- BOURDIEU, Pierre. *Questions de Sociologie*. 2e Ed. Paris: Éditions de Minuit, 2002 [1982].
- CASTELS, M. (1999), *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. Vol II – O Poder da Identidade*, São Paulo: Paz e Terra.
- CAVALCANTI, L. (2014), “Imigração e mercado de trabalho: características e tendências”. In Cavalcanti, L., Oliveira, A., Tonhati, T. (orgs), *Relatório parcial a inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro*, Brasília: Cadernos do observatório das Migrações Internacionais.
- DUTRA, D., ALMEIDA, S., TONHATI, S., PALERMO, G., “Os estrangeiros no mercado de trabalho brasileiro: Perfil geral na série 2011, 2012e 2013”. In L. Cavalcanti, A. Oliveira, T. Tonhati (orgs), *Relatório parcial a inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro*, Brasília: Cadernos do observatório das Migrações Internacionais.
- GRANT, K. E.; VANDERKAMP, J. Repeat migration and disappointment. *Canadian Journal of Regional Science I Revue canadienne des sciences regionales*, IX:3 (Autumnlautomne 1986), 299-322.
- GLICK-SCHILLER, N., ÇAGLAR, A. (2011) Introduction: Migrants and Cities. In: Glick-Schiller, N., Çaglar, A. (orgs), *Locating Migration*. Cornell University Press, p. 1 – 19.
- GLICK-SCHILLER, Nina. ; LEVITT, Peggy. Conceptualizing Simultaneity: A Transnational Social Field Perspective on Society. *International Migration Review*, 38 n.3, p.1002-1039, 2004.
- MARCUS, G. (1995), “Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography”. *Annual Review of Anthropology*, 24, pp. 95-117.
- \_\_\_\_\_ (2002), “Au-delà de Malinowski et après Writing Culture : à propos du futur de l’anthropologie culturelle et du malaise de l’ethnographie”. *Ethnographiques.org*, 1, Disponível em <http://www.ethnographiques.org/2002/Marcus.html>, [consultado em 13 de março de 2011].
- MARGOLIS, M. (1994), *Little Brazil: Imigrantes brasileiros em Nova York*, Campinas: Papirus.
- MARTES, A. C. B. (1999), *Brasileiros nos Estados Unidos – um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*, São Paulo: Paz e Terra.
- PATARRA, N. L. (2005), “Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo”. *São Paulo em Perspectiva*, 19(3), pp. 23-33.
- PERUSEK, G. (1984), “Haitian Emigration in the Early Twentieth Century”. *International Migration Review*, 18 (I), pp. 4-18.
- SCHWARCZ L. M. (1995) *O Espetaculo das Raças : Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870 – 1930*. Companhia das Letras. São Paulo.
- SEYFERTH, G. (1996) *Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na politica de imigração e colonização. Raça, ciência e sociedade*. Orgs. Maio, M.C. & Santos, R.V. Rio de Janeiro, Ed Fiocruz/ Centro Cultural Banco do Brasil.
- SEYFERTH, G. (2000), “As identidades dos imigrantes e o melting pot nacional”. *Horizontes Antropológicos*, 6 (14), pp. 143-176.

# Uma reflexão sobre motivos que desencadearam o movimento migratório de haitianos ao Brasil

Taize Giacomini<sup>1</sup>

Maria de Lourdes Bernartt<sup>2</sup>

## RESUMO

O Haiti enfrenta historicamente diversos problemas políticos, econômicos, sociais e ambientais, que corroboram para uma situação de vulnerabilidade social da população. Desse modo, desde a metade do século XX, como nos mostram alguns autores, os haitianos deslocam-se geograficamente em busca de melhores condições de vida, em um movimento conhecido como diáspora. Diante desse contexto, o escopo deste artigo é discutir sobre a diáspora haitiana para o Brasil, de 2010 a 2015, apresentando algumas reflexões teóricas sobre motivos que a desencadearam. A metodologia consistiu em pesquisa bibliográfica em livros e artigos científicos, que tratam sobre a temática. As principais teorias e autores que embasam o estudo são: diáspora haitiana (HANDERSON, 2015; CONTIGUIBA-PIMENTEL, CONTINGUIBA, 2014); modernização reflexiva e sociedade de risco (BECK, 1997, 2010; GIDDENS, 1991, ACSELRAD, 2009); colonialismo e pós-colonialismo (SANTOS, 2004; ESCOBAR, 2005); epistemologia ambiental (LEFF, 2010). Os resultados demonstram que a migração haitiana ao Brasil se deve, dentre outros motivos, à própria cultura da diáspora, instabilidade política e econômica, problemas ambientais historicamente enfrentados, além de fatores relacionados ao colonialismo do Haiti.

**Palavras-chave:** Haitianos. Colonialismo. Meio Ambiente. Diáspora.

## RESUMEN

*Historically Haiti faces many political, economic, social and environmental problems, that corroborate for situations of population's social vulnerability. Thus, since the mid-twentieth century, as some authors have shown, Haitians are moving geographically in search of better living conditions in a movement known as diaspora. Given this context, the scope of this article is to discuss the Haitian diaspora for Brazil, from 2010 to 2015, presenting some theoretical reflections on the reasons that triggered it. The methodology consisted of bibliographical research in books and scientific articles, which deal with the theme. The main theories and authors that support the study are: Haitian diaspora (HANDERSON, 2015, CONTIGUIBA-PIMENTEL, CONTINGUIBA, 2014); Reflective modernization and risk society (BECK, 1997, 2010; GIDDENS, 1991, ACSELRAD, 2009); Colonialism and post-colonialism (SANTOS, 2004; ESCOBAR, 2005); environmental epistemology (LEFF, 2010). The results show that Haitian migration to Brazil is due, among other reasons, to the diaspora's own culture, political and economic instability, historically faced environmental problems, as well as factors related to Haitian colonialism.*

**Keywords:** Haitians. Colonialism. Environment. Diaspora.

1 Mestre em Desenvolvimento Regional (2017), Licenciada (2013) e Especialista (2015) em Letras Português-Inglês pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR/Campus Pato Branco). Docente de Língua Portuguesa na Secretaria de Estado da Educação do Paraná.

2 Doutora e Mestre em Educação (UNICAMP-SP). Licenciada em Letras- Inglês. Especialista em Literatura Brasileira, Língua Portuguesa e Metodologia do Ensino Tecnológico. Docente da carreira do ensino superior, Nível Professor Associado 1, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR Câmpus Pato Branco.

---

## INTRODUÇÃO

Desde o início dos tempos a mobilidade espacial está presente entre as características próprias da sociedade e da vida humana. Por diversas razões, as pessoas foram levadas a deslocarem-se de um local para outro, em todos os estilos de produção, e, principalmente, no modo de produção capitalista.

No entanto, no capitalismo tal mobilidade espacial configura significativa importância e centralidade. Além da mobilidade crescente das pessoas, as matérias-primas, capitais, dinheiro, informações, mercadorias, entre outros, também vêm sofrendo deslocamento. Dentre os motivos que demarcam tais fatos, pode-se citar as novas maneiras de produção e organização social do trabalho.

Em relação à mobilidade espacial dos haitianos para o Brasil, de 2010 a 2015, a falta de trabalho no Haiti, problemas que já vem desde sua colonização e necessidade constante de mão de obra no Brasil, influenciaram a deslocarem-se geograficamente para trabalharem em empresas, localizadas geralmente em centros urbanos, visando melhores condições de trabalho e melhores condições de vida.

Além disso, em 12 de janeiro de 2010, o Haiti enfrentou uma tragédia natural, quando um terremoto de 7,0 pontos na escala Richter atingiu o país, causando inúmeras mortes e deixando centenas de pessoas feridas e desabrigadas. Logo após esse terremoto, outros dois de menor intensidade voltaram a atingir o país, com magnitudes 5,9 e 5,5. Assim, após esses acontecimentos, milhares de haitianos passaram a se deslocar para outros países, inclusive para o Brasil.

Diante desse contexto, o objetivo geral do presente estudo consiste em refletir sobre motivos que desencadearam o movimento migratório dos haitianos ao Brasil, de 2010 a 2015. Para tanto, faz-se necessário tratar sobre os sentidos sociais da *diaspora* para os haitianos, pois, segundo Handerson (2015), essa categoria é fundamental para a compreensão da mobilidade (trans)nacional haitiana (seção 2); além de refletir sobre problemas políticos, econômicos, sociais e ambientais historicamente enfrentados pelo Haiti (seção 3).

---

## DIASPORA HAITIANA: DO QUE ESTAMOS FALANDO?

Joseph Handerson, Marília Lima Pimentel Cotinguiba, Geraldo Castro Cotinguiba, dentre outros autores, desmitificam a ideia que os haitianos passaram a migrar para o Brasil e outros países, a partir de 2010, exclusivamente por conta de um sismo catastrófico que atingiu o Haiti em janeiro daquele ano. A prática da *diaspora* para os haitianos vem de muito, possuindo conotações sociais e culturais.

O termo *diaspora* é antigo, frequentemente associado às escrituras bíblicas e aos judeus. Nas acepções do verbete “diáspora”, no dicionário Houaiss de Língua Portuguesa (2009, p.681), encontramos “dispersão dos judeus, no decorrer dos séculos, por todo o mundo” e “dispersão de um povo em consequência de preconceito ou perseguição política, religiosa ou étnica”. Apesar de fazer referência a viagens forçadas/incentivadas que muitos grupos fizeram no passado, especialmente judeus, serve hoje para sinalizar o deslocamento de diversos povos ou etnias pelo mundo.

Neste texto, assim como Handerson faz em seus trabalhos, grafaremos a palavra *diaspora* em itálico e sem acento para evidenciar seu real uso entre os haitianos, na língua crioula, assim como é o caso de *dyaspora*. Conforme Handerson (2015a, p.54), para os haitianos, esse termo se popularizou em 1980 entre aqueles que estavam nos Estados Unidos e eram contra a ditadura de Duvalier, e, nessa conjuntura, “o termo foi utilizado pelos padres católicos como um recurso político para reivindicar os direitos nos Estados Unidos e denunciar a ditadura no Haiti”. Após a volta daqueles exilados pela ditadura, em 1986,



a expressão passou a ser utilizada em território nacional e, em 1990, já era conhecida e familiar a todos os haitianos, sendo também incorporada à língua crioula.

Conforme Handerson (2015, p.54), para os haitianos, esse termo se popularizou em 1980 entre aqueles que estavam nos Estados Unidos e eram contra a ditadura de Duvalier, e, nessa conjuntura, “o termo foi utilizado pelos padres católicos como um recurso político para reivindicar os direitos nos Estados Unidos e denunciar a ditadura no Haiti”. Após a volta daqueles exilados pela ditadura, em 1986, a expressão passou a ser utilizada em território nacional e, em 1990, já era conhecida e familiar a todos os haitianos, sendo também incorporada à língua crioula.

Handerson (2015) descreve ainda sobre a grande quantidade de haitianos residentes fora do Haiti. O país que se localiza na América Central (região caribenha) e divide a Ilha *Hispaniola* com a República Dominicana, possui extensão territorial de 27,750 km<sup>2</sup> e população total de 10,711,067, em 2015 (BANCO MUNDIAL, 2016). Segundo dados apresentados pelo autor, obtidos junto ao Ministério dos Haitianos Residentes no Exterior, 4 a 5 milhões de haitianos residem fora de seu país, ou seja, praticamente a metade da população. Os Estados Unidos concentram o maior número de haitianos, cerca de 2 milhões; seguido da República Dominicana (750 mil), Cuba (400 mil), Canadá (120 mil) e França (100 mil). Além disso, a soma de haitianos em países latinos não mencionados é de 75 mil.

De acordo com a mesma fonte (HANDERSON, 2015), em 2015, estimava-se a presença de 35 a 40 mil haitianos no Brasil, os quais faziam parte de uma população migrante de 1,5 milhões de pessoas, num país de 202 milhões de habitantes. A entrada em grande número passou a ocorrer após o terremoto de 2010, tendo como principal rota a tríplice fronteira Brasil-Colômbia-Peru.

O termo *diaspora* é polissêmico e utilizado tanto pelos haitianos que residem no Haiti, quanto pelos haitianos que residem no exterior. Trata-se de “uma categoria organizadora do mundo, pois designa pessoas, qualifica objetos, dinheiro, casas, ações” (HANDERSON, 2015, p.52). Nesse sentido, Cotinguiba-Pimentel e Cotinguiba (2014) elucidam que *diaspora* é simultaneamente conceito e categoria por nomear o movimento de emigração haitiana para outros países, a própria pessoa que emigra e objetos enviados ou presenteados pelo *diaspora*.

Handerson (2015) explica que as pessoas *diaspora* são aquelas que partem *aletranje* (ao exterior) e retornam ao Haiti temporariamente, especialmente para reafirmar laços com familiares, amigos e casas ali construídas e, em seguida, voltam *aletranje*. Desse modo, aquele que retorna permanentemente não é mais considerado *diaspora* do ponto de vista dos seus compatriotas; significando, muitas vezes, o fracasso de sua mobilidade. Nesse sentido, *diaspora* é “categoria de autodesignação e de alteridade”, distinguindo haitianos que moram no exterior, em relação aos que permaneceram no Haiti.

Comumente o retorno ao país é organizado com antecedência e juntar dinheiro, comprar roupas, sapatos e presentes, para levar, faz parte do ritual. Os haitianos que tiveram mais sucesso financeiro costumam ostentar, chegando com carros de luxo alugados e bem vestidos, inclusive com cordões de ouro. O chamado *gwo diaspora* (grande diáspora) também banca festas para os amigos e familiares e incorpora algumas palavras estrangeiras em seu léxico, misturando-as com suas falas em crioulo. (HANDERSON, 2015)

O autor supracitado explana que os verbos *pati* (partir) e *vwayaje* (viajar) relacionam-se aos níveis de deslocamento no espaço transnacional. A categoria *vwayaje* designa os haitianos que ficam por pouco tempo no exterior, também conhecidos como *diaspora lokal*. Geralmente esses possuem uma boa condição financeira e viajam por motivos de turismo, negócios etc. O caso do *diaspora* (sem o acréscimo da palavra *lokal*) é diferente, pois ele não sabe se volta nem quando isso irá acontecer; parte sem a passagem de retorno, almejando conseguir um emprego, ganhar dinheiro e ter uma vida melhor. Além disso, para receber a alcunha de *diaspora*, é necessário residir por um longo período *aletranje*.

No entanto, apesar de residir *aletranje*, o *diaspora* conserva uma relação muito forte com sua família no Haiti, que vai além do envio de dinheiro, objetos e construção de casas. Handerson (2015) destaca que é uma espécie de dever moral, talvez o principal, “mandar buscar” (*voye chèche*), ajudar a “entrar” (*antre*) alguns dos familiares mais próximos, além de ajudar a conseguir visto permanente no país (*fil*). Esses três verbos em

crioulo - *voye chèche, antre, fil* - são empregados para fazer referência a viagens por meios legais e clandestinos. Essa é uma atitude de valorização da família, de honra, diante dos conhecidos e amigos no Haiti. A nova chegada do *diaspora* ao país, temporariamente, também possui essa conotação e representa o sucesso individual e coletivo da *diaspora*. Visitar a família e as casas construídas com o dinheiro *diaspora* contribui para o não distanciamento da própria pátria. Nas palavras do autor, *diáspora* “é uma experiência familiar e de sociabilidade” (2015, p.61).

Os destinos mais desejados pelos *diaspora* são os *peyi blan*<sup>3</sup>, que Handerson (2015, p.69) classifica como “países estrangeiros industrializados e desenvolvidos economicamente, na sua grande maioria compostos por uma população branca significativa, mas não necessariamente”. Ademais, nesses locais, podem ganhar em *lajan diaspora* (moeda *diaspora*), a saber dólar americano e euro. Sobre os *peyi blan*, o autor ainda descreve:

Possuir algum membro da família *aletranje* é sinônimo de ter esperança de um dia “conhecer o país de Deus” (*konnen peyi Bondye a*), de *pati* ou *vwayaje* para *peyi blan*. A dimensão religiosa (de Deus) ganha toda sua força aqui para explicar o desejo de estar em mobilidade. O *peyi blan* seria um espaço simbólico imaginado, praticado e vivido. Nessa concepção, *diaspora* se nutre através de um sonho, uma utopia e também uma prática que se realiza pela mobilidade; de uma terra estrangeira imaginada, uma espécie de “lugar metafórico”. *Diaspora* é, ao mesmo tempo, uma construção ideológica e prática que modela a vida social das pessoas. *Diaspora* e *peyi blan* não correspondem apenas a lugares geográficos, mas a um mundo idealizado e vivido. (HANDERSON, 2015, p.70)

Os principais *peyi blan*, na percepção dos haitianos, são os Estados Unidos, a França e o Canadá. O Brasil, por exemplo, é, por vezes, considerado *peyi blan* e por vezes *peyi etranje* - país estrangeiro que não é *peyi blan*<sup>4</sup>. Alguns haitianos *diaspora* defendem a ideia que o Brasil possui empregos e boa economia; e outros salientam que o salário mínimo é de baixo valor, há dificuldades em economizar e, também, não recebem em *lajan diáspora*. Os também nomeados *ti peyi* (países pequenos em aspectos sociais e econômicos) são uma espécie de corredor, uma estada temporária, para terem passaportes carimbados, demonstrando um estado de deslocamento contínuo, o que facilita a ida para os *peyi blan*. Assim sendo, os *ti peyi* configuram o início do processo de mobilidade.

Em relação a outros sentidos sociais da *diaspora*, numa abordagem etnográfica do uso da palavra entre haitianos em diversas situações de interação, Handerson (2015, p. 53) relata:

As músicas haitianas produzidas no exterior são chamadas músicas de *diaspora*. As roupas enviadas são denominadas *rad diaspora* (roupa *diaspora*);

o dólar americano e o euro, *lajan diaspora* (moedas *diaspora*); as casas construídas no Haiti por compatriotas residentes no exterior, combinando objetos (eletrônicos e eletrodomésticos, etc.), materiais de construção (cerâmicas, portas, janelas, luzes, etc.) do exterior com os do país, são denominadas *kay diaspora* (casas *diaspora*). A categoria *diaspora* também serve para qualificar ações, como nas expressões: *w'ap fè bagay diaspora* (está fazendo coisa de *diaspora*), ou *aji tankou diaspora* (você age como *diaspora*).

No excerto, *diaspora* é considerado como adjetivo que qualifica músicas, roupas, moedas e casas, o que significa que tais substantivos tiveram a ajuda de uma pessoa *diaspora* para serem constituídos ou conquistados. Ademais, costuma-se qualificar algumas ações como de *diáspora*. O autor supracitado menciona alguns exemplos: se algum haitiano compra carro ou casa de alto valor, banca grandes festas, as pessoas dizem que *w'ap fè bagay diaspora* (está fazendo coisa de *diaspora*); se anda bem arrumado, com roupas novas, cordões de ouro e perfumado, as pessoas dizem *ou sanble yon diáspora* (você parece um *diaspora*).

A categoria, segundo o mesmo autor, também está associada ao sucesso econômico, tendo em vista que 24%<sup>5</sup> do Produto Interno Bruto (PIB) anual provém de transações financeiras dos familiares que estão *aletranje*. No entanto, isso pode causar problemas

3 Handerson (2015) apresenta outros significados e sentidos da categoria *peyi blan*, os quais não vamos nos deter aqui. Assim como *diaspora*, *peyi blan* é um termo polissêmico.

4 Pode ser diferente a percepção de *peyi blan* para os *diaspora* e para os residentes no Haiti.

5 Dados do Fundo Multilateral de Investimento (FOMIN), mencionados por Handerson (2015).

entre aqueles que estavam nos Estados Unidos e eram contra a ditadura de Duvalier, e, nessa conjuntura, “o termo foi utilizado pelos padres católicos como um recurso político para reivindicar os direitos nos Estados Unidos e denunciar a ditadura no Haiti”. Após a volta daqueles exilados pela ditadura, em 1986, a expressão passou a ser utilizada em território nacional e, em 1990, já era conhecida e familiar a todos os haitianos, sendo também incorporada à língua crioula.

Handerson (2015) descreve ainda sobre a grande quantidade de haitianos residentes fora do Haiti. O país que se localiza na América Central (região caribenha) e divide a Ilha *Hispaniola* com a República Dominicana, possui extensão territorial de 27,750 km<sup>2</sup> e população total de 10,711,067, em 2015 (BANCO MUNDIAL, 2016). Segundo dados apresentados pelo autor, obtidos junto ao Ministério dos Haitianos Residentes no Exterior, 4 a 5 milhões de haitianos residem fora de seu país, ou seja, praticamente a metade da população. Os Estados Unidos concentram o maior número de haitianos, cerca de 2 milhões; seguido da República Dominicana (750 mil), Cuba (400 mil), Canadá (120 mil) e França (100 mil). Além disso, a soma de haitianos em países latinos não mencionados é de 75 mil.

De acordo com a mesma fonte (HANDERSON, 2015), em 2015, estimava-se a presença de 35 a 40 mil haitianos no Brasil, os quais faziam parte de uma população migrante de 1,5 milhões de pessoas, num país de 202 milhões de habitantes. A entrada em grande número passou a ocorrer após o terremoto de 2010, tendo como principal rota a tríplice fronteira Brasil-Colômbia-Peru.

O termo *diaspora* é polissêmico e utilizado tanto pelos haitianos que residem no Haiti, quanto pelos haitianos que residem no exterior. Trata-se de “uma categoria organizadora do mundo, pois designa pessoas, qualifica objetos, dinheiro, casas, ações” (HANDERSON, 2015, p.52). Nesse sentido, Cotinguiba-Pimentel e Cotinguiba (2014) elucidam que *diaspora* é simultaneamente conceito e categoria por nomear o movimento de emigração haitiana para outros países, a própria pessoa que emigra e objetos enviados ou presenteados pelo *diaspora*.

Handerson (2015) explica que as pessoas *diaspora* são aquelas que partem *aletranje* (ao exterior) e retornam ao Haiti temporariamente, especialmente para reafirmar laços com familiares, amigos e casas ali construídas e, em seguida, voltam *aletranje*. Desse modo, aquele que retorna permanentemente não é mais considerado *diaspora* do ponto de vista dos seus compatriotas; significando, muitas vezes, o fracasso de sua mobilidade. Nesse sentido, *diaspora* é “categoria de autodesignação e de alteridade”, distinguindo haitianos que moram no exterior, em relação aos que permaneceram no Haiti.

Comumente o retorno ao país é organizado com antecedência e juntar dinheiro, comprar roupas, sapatos e presentes, para levar, faz parte do ritual. Os haitianos que tiveram mais sucesso financeiro costumam ostentar, chegando com carros de luxo alugados e bem vestidos, inclusive com cordões de ouro. O chamado *gwo diaspora* (grande diáspora) também banca festas para os amigos e familiares e incorpora algumas palavras estrangeiras em seu léxico, misturando-as com suas falas em crioulo. (HANDERSON, 2015)

O autor supracitado explana que os verbos *pati* (partir) e *vwayaje* (viajar) relacionam-se aos níveis de deslocamento no espaço transnacional. A categoria *vwayaje* designa os haitianos que ficam por pouco tempo no exterior, também conhecidos como *diaspora lokal*. Geralmente esses possuem uma boa condição financeira e viajam por motivos de turismo, negócios etc. O caso do *diaspora* (sem o acréscimo da palavra *lokal*) é diferente, pois ele não sabe se volta nem quando isso irá acontecer; parte sem a passagem de retorno, almejando conseguir um emprego, ganhar dinheiro e ter uma vida melhor. Além disso, para receber a alcunha de *diaspora*, é necessário residir por um longo período *aletranje*.

No entanto, apesar de residir *aletranje*, o *diaspora* conserva uma relação muito forte com sua família no Haiti, que vai além do envio de dinheiro, objetos e construção de casas. Handerson (2015) destaca que é uma espécie de dever moral, talvez o principal, “mandar buscar” (*voye chèche*), ajudar a “entrar” (*antre*) alguns dos familiares mais próximos, além de ajudar a conseguir visto permanente no país (*fil*). Esses três verbos em crioulo - *voye chèche*, *antre*, *fil* - são empregados para fazer referência a viagens por meios legais e clandestinos. Essa é uma atitude de valorização da família, de honra, diante dos conhecidos e amigos no Haiti. A nova chegada do *diaspora* ao país, temporariamente,

também possui essa conotação e representa o sucesso individual e coletivo da *diaspora*. Visitar a família e as casas construídas com o dinheiro *diaspora* contribui para o não distanciamento da própria pátria. Nas palavras do autor, *diáspora* “é uma experiência familiar e de sociabilidade” (2015, p.61).

Os destinos mais desejados pelos *diaspora* são os *peyi blan*<sup>1</sup>, que Handerson (2015, p.69) classifica como “países estrangeiros industrializados e desenvolvidos economicamente, na sua grande maioria compostos por uma população branca significativa, mas não necessariamente”. Ademais, nesses locais, podem ganhar em *lajan diaspora* (moeda *diaspora*), a saber dólar americano e euro. Sobre os *peyi blan*, o autor ainda descreve:

Possuir algum membro da família *aletranje* é sinônimo de ter esperança de um dia “conhecer o país de Deus” (*konnen peyi Bondye a*), de *pati* ou *vwayaje* para *peyi blan*. A dimensão religiosa (de Deus) ganha toda sua força aqui para explicar o desejo de estar em mobilidade. O *peyi blan* seria um espaço simbólico imaginado, praticado e vivido. Nessa concepção, *diaspora* se nutre através de um sonho, uma utopia e também uma prática que se realiza pela mobilidade; de uma terra estrangeira imaginada, uma espécie de “lugar metafórico”. *Diaspora* é, ao mesmo tempo, uma construção ideológica e prática que modela a vida social das pessoas. *Diaspora* e *peyi blan* não correspondem apenas a lugares geográficos, mas a um mundo idealizado e vivido. (HANDERSON, 2015, p.70)

Os principais *peyi blan*, na percepção dos haitianos, são os Estados Unidos, a França e o Canadá. O Brasil, por exemplo, é, por vezes, considerado *peyi blan* e por vezes *peyi etranje* - país estrangeiro que não é *peyi blan*<sup>2</sup>. Alguns haitianos *diaspora* defendem a ideia que o Brasil possui empregos e boa economia; e outros salientam que o salário mínimo é de baixo valor, há dificuldades em economizar e, também, não recebem em *lajan diáspora*. Os também nomeados *ti peyi* (países pequenos em aspectos sociais e econômicos) são uma espécie de corredor, uma estada temporária, para terem passaportes carimbados, demonstrando um estado de deslocamento contínuo, o que facilita a ida para os *peyi blan*. Assim sendo, os *ti peyi* configuram o início do processo de mobilidade.

Em relação a outros sentidos sociais da *diaspora*, numa abordagem etnográfica do uso da palavra entre haitianos em diversas situações de interação, Handerson (2015, p. 53) relata:

As músicas haitianas produzidas no exterior são chamadas músicas de *diaspora*. As roupas enviadas são denominadas *rad diaspora* (roupa *diaspora*);

o dólar americano e o euro, *lajan diaspora* (moedas *diaspora*); as casas construídas no Haiti por compatriotas residentes no exterior, combinando objetos (eletrônicos e eletrodomésticos, etc.), materiais de construção (cerâmicas, portas, janelas, luzes, etc.) do exterior com os do país, são denominadas *kay diaspora* (casas *diaspora*). A categoria *diaspora* também serve para qualificar ações, como nas expressões: *w'ap fè bagay diaspora* (está fazendo coisa de *diaspora*), *ou aji tankou diaspora* (você age como *diaspora*).

No excerto, *diaspora* é considerado como adjetivo que qualifica músicas, roupas, moedas e casas, o que significa que tais substantivos tiveram a ajuda de uma pessoa *diaspora* para serem constituídos ou conquistados. Ademais, costuma-se qualificar algumas ações como de *diáspora*. O autor supracitado menciona alguns exemplos: se algum haitiano compra carro ou casa de alto valor, banca grandes festas, as pessoas dizem que *w'ap fè bagay diaspora* (está fazendo coisa de *diaspora*); se anda bem arrumado, com roupas novas, cordões de ouro e perfumado, as pessoas dizem *ou sanble yon diáspora* (você parece um *diaspora*).

A categoria, segundo o mesmo autor, também está associada ao sucesso econômico, tendo em vista que 24%<sup>3</sup> do Produto Interno Bruto (PIB) anual provêm de transações financeiras dos familiares que estão *aletranje*. No entanto, isso pode causar problemas matrimoniais, porque muitos homens e mulheres abandonam seus companheiros

1 Handerson (2015) apresenta outros significados e sentidos da categoria *peyi blan*, os quais não vamos nos deter aqui. Assim como *diaspora*, *peyi blan* é um termo polissêmico.

2 Pode ser diferente a percepção de *peyi blan* para os *diaspora* e para os residentes no Haiti.

3 Dados do Fundo Multilateral de Investimento (FOMIN), mencionados por Handerson (2015).

para manter relacionamento com um *diaspora*; seja porque este ganha bem mais que um residente no Haiti e, se mandar US\$ 400 mensais ao seu cônjuge, por exemplo, é o equivalente a cinco meses de trabalho no Haiti. Outro motivador é a possibilidade de se tornar *diaspora* e o(a) companheiro(a) “mandar buscar”.

A *diaspora*, em si, é uma “categoria de interação”, nas palavras de Handerson, por relacionar o mundo haitiano com o estrangeiro. A mobilidade entre espaços sociais e culturais faz parte da vida do *diaspora*, suscitando uma diversidade de referências e valores. O *diaspora* é, desse modo, destaque no campo social e simbólico haitiano, por determinar uma maneira de ser e estar no mundo. Implica saber circular e se relacionar nos diversos espaços (trans)nacionais; possuir uma forma singular de ser, pensar e agir que determinam seu estilo de vida.

Por fim, percebemos que a migração se dá não apenas pela busca de trabalho em outros países, mas por melhores condições de vida (COTINGUIBA-PIMENTEL, COTINGUIBA, 2014, p. 65), “não são os cérebros que migram, mas as pessoas inteiras e os motivos são muitos”. E, somando aos motivos já explanados, temos a busca pela educação, a possibilidade de estudo em universidades renomadas visando ascensão pessoal, profissional e reconhecimento dos seus compatriotas. Cotinguiba-Pimentel e Cotinguiba (2014), elucidam que as instituições públicas haitianas cobram uma taxa anual, dificultando a permanência de muitas crianças e há poucos cursos de pós-graduação. Assim sendo, muitos haitianos veem nos países de destino, como o Brasil, a oportunidade de continuar seus estudos.

Além disso, o Haiti enfrenta historicamente diversos problemas políticos, econômicos, sociais e ambientais, que corroboram para uma situação de vulnerabilidade social da população e, conseqüentemente, para a *diaspora*. E, como já disse Handerson (2015, p. 65), muitos optam por “nunca mais voltar pelas condições sociais precárias, pela falta de oportunidade de estudos e de emprego, pela instabilidade política e insegurança sanitária, socioeconômica e pública”. Nessa perspectiva, a fim de obtermos uma visão expandida de motivadores da *diaspora* haitiana, refletiremos, na próxima seção, sobre alguns desses problemas políticos, econômicos, sociais e ambientais.

---

## HAITI: UMA REFLEXÃO SOBRE CONDIÇÕES POLÍTICAS, ECONÔMICAS, SOCIAIS E AMBIENTAIS

*Diaspora* nomeia a mobilidade de haitianos nos espaços (trans)nacionais, indica um modo de ser e estar no mundo que faz parte das suas vidas e cultura, além de designar objetos, ações, casas, dinheiro, entre outros (HANDERSON, 2015). E os motivos para a *diaspora* são muitos e vêm de longo tempo, como se pôde perceber. Por isso tudo, é importante termos conhecimento sobre a situação política, econômica, social e ambiental do Haiti desde a época de sua colonização até o terremoto que o devastou em 2010.

Veremos que, dentre outros motivos, a migração se deve à instabilidade política e econômica, problemas ambientais historicamente enfrentados, além de fatores relacionados com o colonialismo do Haiti. As principais teorias e autores que embasam o estudo desta seção são: modernização reflexiva e sociedade de risco (BECK, 1997, 2010; GIDDENS, 1991; ACSELRAD, 2009); colonialismo e pós-colonialismo (SANTOS, 2004; ESCOBAR, 2005); epistemologia ambiental (LEFF, 2010). O texto deste se dividirá em dois momentos: o primeiro teórico (seções 3.1, 3.2 e 3.3) que servirá de base ao segundo, no qual faremos uma reflexão sobre o Haiti com base nas teorias. Apesar de parecer haver uma fratura na continuidade do texto que até então vem falando sobre migração haitiana, a parte teórica é fundamental para a análise da seção 3.4 que voltará a tratar sobre o tema.

---

## MODERNIZAÇÃO REFLEXIVA E SOCIEDADE DE RISCO

Beck (1997, p.12) inicia a obra “Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna” discorrendo sobre o conceito de modernização reflexiva, o qual significa em suas palavras “a possibilidade de uma (auto)destruição criativa para toda uma era: aquela da sociedade industrial” e “o ‘sujeito’ dessa destruição criativa não é a revolução, não é a crise, mas a vitória da modernização ocidental”.

Desse modo, para Beck (1997, p.12), a modernização reflexiva constitui um novo estágio, “em que o progresso pode se transformar em autodestruição, em que um tipo de modernização destrói outro e o modifica”. Em outras palavras, a sociedade industrial baseada no capitalismo e, em busca de desenvolvimento sem controle, tornou-se insustentável, uma vez que, o progresso pode se transformar em destruição. Para o referido autor, essa modernização ocorre silenciosa e despercebidamente pelos sociólogos, que continuam a coletar dados de acordo com as antigas categorias. Esclarece ainda que modernização reflexiva não implica reflexão, mas (antes) *autoconfrontação* com os efeitos da sociedade de risco, que não podem ser tratados e assimilados no sistema da sociedade industrial. Por conseguinte, é preciso repensar a velha sociedade industrial a fim de reinventar uma nova modernidade.

Contribuindo com a discussão, Giddens (1991, p.13) diz que “estamos alcançando um período em que as consequências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes”. Vale ressaltar que a visão de modernidade adotada pelo autor (1991, p.11) refere-se “ao estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do Século XVII, e que se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”.

Giddens (1991) discute ainda sobre as descontinuidades da modernidade, uma vez que os modos de vida produzidos por ela nos afastam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de maneira nunca vista anteriormente. As transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que as vistas em tempos passados, em se tratando de extensão e intenção.

De acordo com o autor (1991) supracitado, as descontinuidades entre o tradicional e o moderno envolvem diversas características. A primeira é o *ritmo de mudança* da era moderna, que apresenta extrema rapidez em relação aos sistemas pré-modernos. A segunda é *escopo da mudança*, que diz respeito às diferentes ondas de transformação social de acordo com as diferentes áreas do planeta. E a terceira é a *natureza intrínseca das instituições modernas*, pois algumas dessas instituições não existiam anteriormente.

Diante desse contexto, no que se refere à sociedade de risco, Beck (1997, p.15) considera que “qualquer um que conceba a modernização como um processo de inovação autônoma deve contar até mesmo com a obsolescência da sociedade industrial”. O outro lado da obsolescência é a urgência da sociedade chamada de risco, a qual Beck (1997, p.15) descreve como “uma fase no desenvolvimento da sociedade moderna, em que os riscos sociais, políticos, econômicos e individuais tendem cada vez mais a escapar das instituições para o controle da sociedade industrial”. Nesse sentido, o conceito de risco na modernidade nos faz compreender melhor acerca dos problemas decorrentes da modernização.

Ainda de acordo com Beck (1997, p.16),

A sociedade de risco não é uma opção que se pode escolher ou rejeitar no decorrer de disputas políticas. Ela surge na continuidade dos processos de modernização autônoma, que são cegos e surdos a seus próprios efeitos e ameaças. De maneira cumulativa e latente, estes últimos produzem ameaças que questionam e finalmente destroem as bases da sociedade industrial.

Dessa maneira, a sociedade de risco compreende um estágio da modernidade, onde começam a emergir ameaças decorrentes da sociedade industrial e isso levanta a questão da autolimitação daquele desenvolvimento, além de repensar os padrões de responsabilidade, segurança, controle, limitação do dano e distribuição das consequências

do dano, considerando as ameaças potenciais.

Para Beck (1997), o conceito de sociedade de risco provoca transformações em três grandes áreas: o relacionamento da sociedade industrial moderna com os recursos da natureza e da cultura; o relacionamento da sociedade com as ameaças e os problemas produzidos por ela; e, as fontes de significado coletivas e específicas de grupo.

De modo geral, estamos passando hoje não apenas por um problema ambiental, mas sim por uma crise institucional profunda da própria sociedade industrial; e a imprevisibilidade das ameaças decorrentes do processo de desenvolvimento industrial exige uma autorreflexão sobre os problemas que essa sociedade de risco criou para si própria.

Beck (2010) assevera que os riscos sempre existiram, no entanto em dimensões e significados diferentes. Podemos exemplificar que quem saía em busca de “descobrir” novas terras e continentes enfrentava riscos, que se relacionam a ousadia e aventura, riscos estes, podemos dizer, “pessoais”. Já os riscos modernos relacionam-se a uma ameaça global, de autodestruição da vida na Terra.

O autor descreve ainda sobre as florestas, que são desmatadas há séculos, porém com objetivos diferentes. Primeiramente elas eram destruídas para converter o espaço em pastos e plantações e, em seguida, passaram a ser exploradas inconsequentemente para obtenção de madeira. Já o contemporâneo desmatamento global acontece implicitamente em virtude da industrialização, trazendo diversas consequências sociais e políticas.

Ao discorrer sobre a arquitetura social e a dinâmica política das potenciais autoameaças civilizatórias, Beck (2010, p.27) afirma que:

Com a distribuição e o incremento dos riscos, surgem *situações sociais de ameaça*. Estas acompanham, na verdade, em algumas dimensões, a desigualdade de posições de estrato e classes sociais, fazendo valer entretanto uma lógica distributiva substancialmente distinta: os riscos da modernidade cedo ou tarde acabam alcançando aqueles que o produziram ou que lucram com eles. Eles contêm um *efeito bumerangue*, que implode o esquema de classes. Tampouco os ricos e poderosos estão seguros diante deles. Isto não apenas sob a forma de ameaças à saúde, mas também como ameaça à legitimidade, à propriedade e ao lucro: com o reconhecimento social de riscos da modernização estão associados desvalorizações e desapropriações ecológicas, que incidem múltipla e sistematicamente a contrapelo dos interesses de lucro e propriedade que impulsionam o processo de industrialização.

Nesse sentido, entra-se na discussão sobre a globalização dos riscos civilizatórios. Para o autor, os efeitos dos riscos são equalizados para todas as pessoas, dentro do seu raio de alcance. Ou seja, “[...] sociedades de risco simplesmente não são sociedades de classes; suas situações de ameaça não podem ser concebidas como situações de classe, da mesma forma como seus conflitos não podem ser concebidos como ‘conflitos de classe’” (BECK, 2010, p. 43).

Já na visão de Acselrad (2009), com a qual concordamos, diferentemente do modo de pensar de Beck e Giddens, os riscos não são iguais para todos. Acselrad considera simplista o raciocínio da crise ecológica como global, generalizada, atingindo a todos igualmente, pois encobre como os impactos estão distribuídos em incidência e intensidade. Segundo tal autor (2009, p.12), “sobre os mais pobres e os grupos étnicos desprovidos de poder recai, desproporcionalmente, a maior parte dos riscos ambientais socialmente induzidos, seja no processo de extração dos recursos naturais, seja na disposição dos resíduos no ambiente”.

E, ainda faz uma crítica da junção dessa concepção socialmente homogênea da questão ambiental com estratégias neoliberais, uma vez que constitui o pensamento ecológico dominante na mídia, na política, nas empresas, entre outros. Não obstante, a concentração dos benefícios do desenvolvimento destina-se para poucos, enquanto a destinação desproporcional dos riscos ambientais para os mais pobres e para os grupos étnicos mais despossuídos, continua fora das discussões dos governos e grandes corporações. (ACSELRAD, 2009, p.15)

Contra esse pensamento dominante surge o Movimento de Justiça Ambiental, no qual a definição de justiça ambiental:

[É a condição de existência social configurada] através do tratamento justo e do envolvimento significativo de todas as pessoas, independentemente de sua raça, cor ou renda no que diz respeito à elaboração, desenvolvimento, implementação e aplicação de políticas, leis e regulações ambientais. Por tratamento justo entenda-se que nenhum grupo de pessoas, incluindo-se aí grupos étnicos, raciais ou de classe, deva suportar uma parcela desproporcional das consequências ambientais negativas resultantes da operação de empreendimentos industriais, comerciais e municipais, da execução de políticas e programas federais, estaduais, ou municipais, bem como das consequências resultantes da ausência ou omissão destas políticas. (ACSELRAD, 2009, p.16)

Parafraseando o autor, essa noção de justiça ambiental considera “meio ambiente” como o todo, envolvendo suas dimensões ecológicas, físicas construídas, sociais, políticas, estéticas e econômicas; e afirma o direito de todo trabalhador a um ambiente de trabalho sadio e seguro. Ademais, assevera o direito das pessoas residirem em suas casas sem os perigos ambientais provenientes das ações físico-químicas das atividades produtivas.

A fim de ampliar a discussão, na próxima seção serão discutidos alguns aspectos do colonialismo e do pós-colonialismo, segundo Santos (2004) e Escobar (2005). Percebe-se que, neste debate, também está alicerçada uma questão epistemológica acerca dos conhecimentos e culturas do colonizador e do colonizado.

---

## COLONIALISMO E PÓS-COLONIALISMO

Santos (2004) faz uma discussão epistemológica sobre o pós-moderno, trazendo também o pós-colonial. Para o autor, a ideia da pós-modernidade tinha por objetivo radicalizar a crítica à modernidade ocidental, lançando uma nova teoria crítica. Essa ideia do pós-modernismo condensou-se na proposição que “vivemos em sociedade abraçados com problemas modernos, os quais devido a não realização prática dos valores da liberdade, da igualdade e da solidariedade para os quais não dispomos de soluções modernas” (SANTOS, 2004, p. 5).

Em seguida, discute sobre a violência do colonialismo no ocidente, que jamais foi incluída na auto-representação da modernidade ocidental. Isso se deve ao fato de o colonialismo europeu ser concebido, na história do ocidente, como missão civilizatória, indicando os caminhos a serem seguidos. Desse modo, questiona-se se a crítica à cultura política ocidental pode ser feita de dentro ou se implica a exterioridade das vítimas, que se tornaram parte da modernidade por meio da violência, exclusão e discriminação impostas por esta.

O autor entende por pós-colonialismo:

[...] um conjunto de correntes teóricas e analíticas, que têm em comum darem primazia teórica e política às relações desiguais entre Norte e Sul na explicação ou na compreensão do mundo contemporâneo. A perspectiva pós-colonial parte da ideia de que, a partir das margens ou das periferias, as estruturas de poder e de saber são mais visíveis. Daí o interesse por problematizar quem produz o conhecimento, em que contexto e para quem o produz. (SANTOS, 2004, p. 8).

A expressão pós-colonialismo, para Santos (2004), supõe que o colonialismo teve um fim enquanto relação de dominação. Entretanto, o término do colonialismo não acabou também com as relações de poder de discriminação inseridas no seio das sociedades pós-coloniais.

Santos (2004) acrescenta ainda que o colonialismo assume grande centralidade no plano epistemológico. O autor apresenta duas formas de conhecimento asseguradas pela modernidade ocidental: o conhecimento-regulação e o conhecimento-emancipação. O primeiro é conceituado como “a forma de conhecimento que se constrói ao longo da trajetória entre a ignorância concebida como caos e o saber concebido como ordem”



(SANTOS, 2004, p.16). Já o segundo, “se constrói ao longo de uma trajetória entre a ignorância concebida como colonialismo e o saber concebido como solidariedade” (SANTOS, 2004, p.16). Assim, os colonizadores não reconhecem o colonizado como igual, vendo-os como objeto.

Para o autor,

A progressiva sobreposição da lógica do desenvolvimento do capitalismo levou à total supremacia do conhecimento-regulação que recodificou em seus próprios termos o conhecimento-emancipação. Assim, a forma de ignorância no conhecimento-emancipação, o colonialismo, foi recodificado como forma de saber no conhecimento-regulação, ou seja, o colonialismo como ordem. É este o processo histórico no qual a ciência moderna, progressivamente ao serviço o desenvolvimento capitalista, consolida a sua primazia epistemológica. (SANTOS, 2004, p.16)

Segundo Santos (2004), no passado, o colonialismo era visto como relação política sem capitalismo; porém, a partir do século XV, o capitalismo não pode ser visto nem pensado sem o colonialismo e vice-versa. Para Santos (2004, p.24) “apesar de mutualmente constituídos, capitalismo e colonialismo não se confundem. O capitalismo pode desenvolver-se sem o colonialismo, enquanto relação política, mas não o pode fazer sem o colonialismo enquanto relação social”. Pois, “[...] o conjunto de trocas desiguais que assentam na privação da humanidade da parte mais fraca como condição para sobreexplorar ou para a excluir como descartável” (SANTOS, 2004, p.24). Porém, enquanto formação social, o capitalismo não pode nem sobreexplorar os trabalhadores e nem descartar as populações, mas, ao mesmo tempo também o capitalismo não existe se não agir dessa forma.

Portanto, a teoria pós-colonial se insere num grupo de correntes teóricas e indutivas ainda presentes nas ciências sociais objetivando um melhor entendimento sobre o mundo moderno. O autor também vê nos países do Sul as marcas das relações coloniais; e o término do colonialismo não conseguiu eliminar a relação de dominação, restando ao autor se perguntar até que ponto estamos vivendo em sociedades pós-coloniais?

Corroborando com a discussão, Escobar (2005) descreve sobre repensar a natureza do lugar, local e global, pois segundo este autor “as mentes despertam num mundo, mas também em lugares concretos, e o conhecimento local é um modo de consciência baseado no lugar, uma maneira lugar-específica de outorgar sentido ao mundo” (2005, p. 9). Para ele,

Um aspecto final da persistente marginalização do lugar na teoria ocidental é o das conseqüências que teve no pensar das realidades submetidas historicamente ao colonialismo ocidental. O domínio do espaço sobre o lugar tem operado como um dispositivo epistemológico profundo do eurocentrismo na construção da teoria social. Ao retirar ênfase da construção cultural do lugar a serviço do processo abstrato e aparentemente universal da formação do capital e do Estado, quase toda a teoria social convencional tornou invisíveis formas subalternas de pensar e modalidades locais e regionais de configurar o mundo. Esta negação do lugar tem múltiplas conseqüências para a teoria –das teorias do imperialismo até as da resistência, do desenvolvimento etc.– que pudessem ser melhor exploradas no âmbito ecológico. Neste âmbito, o desaparecimento do lugar está claramente vinculado à invisibilidade dos modelos culturalmente específicos da natureza e da construção dos ecossistemas. Somente nos últimos anos é que percebemos este fato. (ESCOBAR, 2005, p.4)

Partindo dessas discussões sobre colonialismo e pós-colonialismo, percebe-se que o Haiti sofreu algumas transformações após sua colonização pela França. Dentre estas, destaca-se o ambiente superexplorado em busca do desenvolvimento e de riquezas pelos franceses; a influência da colonização que invisibilizou as formas de pensar dos colonizados e, também, os modos locais e regionais de configurar o mundo. O sistema capitalista gerou assim uma crise para si mesmo, uma vez que explorou a natureza de maneira inadequada, sem equilíbrio, em sua busca desenfreada pelo desenvolvimento. Assim, inicia-se no Haiti uma crise ambiental e também uma crise epistemológica. Já se percebeu há muito tempo que esse modelo de desenvolvimento à custa do capital ambiental precisa ser reformulado, reconcebido, de modo que possibilite ao Haiti se reestruturar em todos

os sentidos. A próxima seção discutirá sobre uma nova epistemologia que poderia ser adotada, a epistemologia ambiental, de Enrique Leff.

---

## CRISE AMBIENTAL E NECESSIDADE DE UMA NOVA EPISTEMOLOGIA

Diversas mudanças catastróficas aconteceram no planeta ao longo dos séculos, culminando em uma deterioração socioambiental. E, segundo Leff (2010, p.194), para solucionar tamanho problema, não se necessita apenas de uma mudança natural, por meio da gestão consciente dos recursos naturais e dos danos ambientais; mas, de sobremaneira, de uma mudança orientada pela “concepção metafísica, filosófica, ética, científica e tecnológica do mundo”.

Segundo Leff (2010, p.159), a globalização dos problemas ambientais conferiu a várias áreas do conhecimento científico o dever de incorporar valores e princípios ecológicos que garantam a sustentabilidade do processo de desenvolvimento. E, com isso, emergiram diversas abordagens metodológicas a fim de entender as diversas causas e o potencial simultâneo de um coletivo de processos de natureza física, biológica, tecnológica e social.

O referido autor compreende a problemática ambiental muito mais ampla do que uma crise ecológica, visto que:

[...] diz respeito a um questionamento do pensamento e do entendimento, da ontologia e da epistemologia através das quais a civilização ocidental tem compreendido o ser, os entes e as coisas; da ciência e da razão tecnológica através das quais temos dominado a natureza e economicizado o mundo moderno. (LEFF, 2010, p.194)

O autor (2010) também chama a crise ambiental como a crise do tempo moderno, uma vez que o risco ecológico coloca em questionamento o conhecimento do mundo. No bojo dessa discussão encontra-se a crise do modelo de conhecimento adotado na modernidade ocidental, o qual valoriza a cientificidade em detrimento de outros tipos de conhecimento, como os locais, regionais, religiosos e artísticos. Ademais, tal racionalidade fragmentou e compartimentou o conhecimento em diversas áreas, criando a tendência de tratar como simples o que é complexo; além de ponderar os seres humanos como produtores da “coisificação” da natureza, podendo dominá-la e controlá-la. Desse modo, precisamos refletir sobre a forma como temos produzido conhecimento.

Para Leff (2010), tal crise se expõe para a sociedade em geral na forma de limite econômico e populacional, limite dos desequilíbrios ecológicos, limite da pobreza e das desigualdades sociais, entre outros. Nas palavras do autor (2010, p. 191), é “um limite no real”, que constitui e dá novo sentido ao andamento da história, e, assim sendo, a assimilação da complexidade ambiental implica um processo de “desconstrução e reconstrução do pensamento”.

Por outro lado, Leff (2010, p.159) considera que “o ambiente está integrado por processos, tanto de ordem física como social, dominados e excluídos pela racionalidade econômica dominante”; e, dentre esses processos, estão: a exploração e degradação ambiental, envolvendo perdas de ordem biológica e cultural; a pobreza relacionada ao aniquilamento dos recursos e identidades étnicas dos povos; a decadência da qualidade de vida das pessoas, e; os preços ecológicos do desenvolvimento sendo pagos de maneira desigual. Não obstante, o ambiente insurge como um novo potencial produtivo, fruto da articulação entre a produtividade ecológica, a inovação tecnológica e a organização cultural.

Leff (2010) percebe o ambiente como uma categoria sociológica e não biológica referente a uma racionalidade social, conformada por condutas, valores e saberes, bem como por novos potenciais produtivos. Dessa forma, o ambiente econômico se constitui através das condições ecológicas da produção e da renovação dos recursos naturais; possuindo potencialidades e limites quanto às formas e ritmos de exploração dos recursos que condicionam os modos de valorização, acúmulo e reprodução do capital.

Desse modo, pode-se dizer que a crise ambiental é decorrente da falta de informação da lei que tem provocado na imaginação economicista a ideia da produção imensurável, desenfreada e ilimitada. Tal crise coloca em questionamento o modelo econômico adotado e desencadeia um projeto “de desconstrução da lógica unitária, da busca da verdade absoluta, do pensamento unidimensional, da ciência objetiva; do crescimento do conhecimento, do controle crescente do mundo, do domínio da natureza e da gestão racional do ambiente” (LEFF, 2010, p.195).

Leff (2010) debate a temática ambiental sob uma perspectiva interdisciplinar, visto que é errôneo idealizar o saber ambiental de forma homogênea, pelo fato de que sua edificação se dá através do intercâmbio interdisciplinar, em que se integram processos naturais e sociais diversos e matérias e racionalidades também diferentes entre si.

A complexidade ambiental inaugura uma nova reflexão sobre a natureza do ser, do saber e do conhecer, sobre a hibridação de conhecimentos na interdisciplinaridade e na transdisciplinaridade; sobre o diálogo de saberes e a inserção da subjetividade, dos valores e dos interesses nas tomadas de decisão e nas estratégias de apropriação da natureza. Mas questiona também as formas pelas quais os valores permeiam o conhecimento do mundo, abrindo um espaço para o encontro entre o racional e o moral, entre a racionalidade formal e a racionalidade substantiva. (LEFF, 2010, p.195)

No excerto, verifica-se que autor entende que os problemas ambientais estabelecem uma reflexão a respeito da natureza do ser, do saber e do conhecer sobre o cruzamento de informações tanto de forma interdisciplinar como multidisciplinar; destacando também para a necessidade de um diálogo de saberes e a maneira com que os valores intervêm nas informações que temos do mundo.

Nesse sentido, pode-se entender que, para Leff (2010), a complexificação surge em decorrência do chamado “constrangimento do mundo e da natureza”, pela junção ideológica, tecnológica e econômica. Nessa perspectiva, é preciso que se abram novas possibilidades para transformar a história, tendo como aporte os potenciais da natureza complexa, atualizando o ser para projeções porvindouras.

Partindo do exposto até o momento, entende-se a epistemologia ambiental como uma nova racionalidade, ou seja, uma nova forma de se fazer conhecimento levando em consideração as necessidades ambientais do mundo moderno. O ideal seria que as pesquisas científicas que buscam compreender os problemas ambientais fossem feitas de modo interdisciplinar, uma vez que a complexidade do problema demanda o seu entendimento por mais de uma área do conhecimento.

---

## UMA REFLEXÃO SOBRE O HAITI

Diante da teorização até aqui exposta, pode-se considerar o Haiti como uma sociedade de risco devido à situação de vulnerabilidade historicamente enfrentada. Os riscos ambientais são mais sentidos nesse país que em outros, como por exemplo, a República Dominicana, país com o qual divide a Ilha de *Hispaniola*. Na figura a seguir, pode-se observar a situação ambiental de ambos os países.

Figura 1 - Fronteira Haiti/República Dominicana



Fonte: National Geographic (2015)

Do lado direito, percebe-se a República Dominicana arborizada e com boa cobertura vegetal, enquanto do lado esquerdo vê-se o Haiti com sua extensão territorial totalmente desmatada. Isso nos leva a refletir sobre os fatores que levaram a tamanha destruição, e, também, como estes estão associados aos atuais fenômenos migratórios.

Essa condição natural desfavorável não está associada apenas a um fator, mas sim a uma soma de fatores. Dentre estes, destaca-se o colonialismo francês e suas consequências nefastas. Ao utilizar da violência para dominar os africanos e escravizá-los, a cultura e os conhecimentos dos mesmos foram invisibilizados e inviabilizados, condicionando-os às práticas do colonizador.

Fonseca (2011, p.55) descreve que o Haiti é conhecido como “o primeiro país das Américas a por fim à escravidão e a tornar-se independente por meio de uma luta em que houve a participação da maioria da população, composta por negros escravos que culminou na constituição de uma república negra”. Prospere (2011) acrescenta que a metrópole estava politicamente desorganizada devido à Revolução Francesa, e os ideais que tomaram conta da colônia foram os de liberdade, igualdade e fraternidade. No entanto, apesar de o Haiti ser o primeiro país das Américas a conquistar a independência, percebe-se que o colonialismo ainda não foi superado, impossibilitando que o país possa se reerguer e se reconstruir em todos os sentidos.

Outro condicionante a ser considerado é a economia. Valler Filho (2007) menciona que o país prosperou entre os séculos XVII e XVIII, através da agromanufatura de açúcar, onde milhares de pessoas escravizadas trabalhavam. Por meio dessa monocultura o país ficou conhecido como “Pérola do Caribe”, enriquecendo rapidamente. Após esse período, houve a substituição da produção agroexportadora pela agricultura de subsistência; e entre 1820-1915 (segunda fase da história nacional) a economia voltou-se novamente para a exportação, principalmente com a produção de café. Assim, a monocultura foi utilizada por muito tempo, contribuindo também para a situação de degradação ambiental.

Além disso, Diamond (2005) destaca que a grande quantidade populacional somada a aspectos geográficos adversos produziram desmatamento e perda de solos em maior escala e intensidade no lado haitiano da ilha. Sobre essa situação, Arraes (2013, p.12) acrescenta que “as terras baixas do Haiti também foram quase que totalmente desmatadas no século XIX com a finalidade de abastecer os navios negreiros que traziam escravos e regressavam à Europa com madeira”.

Para Prospere e Martin (2011, p.3), outro aspecto considerado importante é:

[...] a enorme produção de carvão, como principal fonte de energia para mais de 70% da população haitiana. Essa forma de produção sem nenhum controle da parte das autoridades locais, constitui-se uma das causas da aceleração do desmatamento do país. Notamos pouco interesse da parte do governo local, ONGs, a comunidade internacional em discutir essa problemática (produção de carvão=desmatamento) e propor alternativas para encontrar soluções contra esse “mal necessário” que acompanha o povo haitiano durante seus 200 anos de história.

Como se nota, junto à falta de controle da produção de carvão estão os problemas ambientais, em especial o desmatamento desenfreado que acompanha este país praticamente desde sua colonização. E, segundo Diamond (2005), esses problemas aliados ao empobrecimento vêm aumentando nos últimos 40 anos, apesar do governo dominicano lançar, de forma urgente, políticas para amortizar a remoção de florestas, importando propano e gás natural liquefeito. Mas “a pobreza do Haiti forçou seu povo a permanecer dependente do carvão como combustível, acelerando a destruições florestais que lhes restavam” (DIAMOND, 2005, p.12).

Ainda em relação à economia, Rosa (2006) discute sobre a dependência econômica do Estado haitiano em relação ao capital estrangeiro. Para ele:

Vários fatores condicionaram a dependência econômica do Estado haitiano em relação ao capital estrangeiro, entre eles, a geopolítica, a dificuldade em implementar uma economia de mercado capaz de gerar auto-sustentabilidade ao país e a dependência cultural ideológica e política das elites haitianas à Flórida, especificamente sua capital, Miami. Herdeiro ideológico do modelo colonial de desenvolvimento baseado na monocultura e alvo de um isolamento comercial, promovido pela França, nos períodos cruciais de estabilização econômica (pós-independência), inimigo histórico do país vizinho – A República Dominicana, associado às crises financeiras internacionais e a um mercado crescente e heterogêneo de produção de cana-de-açúcar, o Haiti tornou-se cronicamente dependente de assistência financeira e humanitária, vinda especialmente dos Estados Unidos e, colateralmente, do Canadá e da ONU. Ademais, a proximidade geográfica tanto dos Estados Unidos quanto de Cuba, torna o país uma região de disputas políticas e ideológicas bastante marcadas. Muitos críticos desta dependência argumentam que, no Haiti, o colonialismo ainda se faz nitidamente presente, nos mesmos moldes dos séculos XVIII (ROSA, 2006, p13).

Em outras palavras, desde a colonização pelos franceses até a época de sua independência e parte do século XX, o Haiti desenvolveu uma economia agrícola sacrificando seu capital ambiental; e, em prol da economia, a maior parte das florestas do país foi desmatada e os solos tiveram corrosão devido ao uso intenso e indevido. (DIAMOND, 2005)

Também devemos considerar os problemas políticos historicamente enfrentados pelo país. Conforme Valler Filho (2007), o Haiti foi marcado por vários governos ditatoriais e golpes de estado ao longo da história, não tendo tranquilidade nem paz social. Os Estados Unidos permaneceram no território até 1934, mas a interferência de governos externos na economia e política do país perdurou. A partir dessa data, foi usada a violência para manter a paz no país, sempre com o apoio das Forças Armadas dos Estados Unidos. Em 1986, depois de quase 30 anos de ditadura, o Haiti passou a ser dirigido por governos provisórios, os quais não conseguiram romper com os problemas políticos, sociais e econômicos do país, que foram ainda mais acentuados pelo anterior: a dinastia de Duvalier.

Ao longo do século XX a instabilidade política somente provocava uma governança quase nula em várias regiões do país derivando na pouca proteção ambiental por parte do governo. Aliado à pobreza da população e a falta de políticas governamentais que objetivassem reduzi-la, não se via outra saída a não ser explorar os recursos naturais do país buscando uma forma de sustento. (ARRAES, 2013)

Também se destaca que os governantes haitianos nada fizeram de prático para o desenvolvimento do país ou redução da pobreza, e, por falta dessas medidas, atualmente percebe-se um cenário de empobrecimento generalizado e uma economia muito pouco desenvolvida. (ARRAES, 2013)

Além da falta de consciência de desenvolvimento sustentável, o desmatamento e falta

de políticas públicas, o Haiti sofreu um terremoto em 12 de Janeiro de 2010. Segundo Arraes (2013) a amplitude desse desastre no Haiti é resultado da situação de grande vulnerabilidade do país. Vulnerabilidade originada pelo baixo nível de desenvolvimento, inconstância política e grande degradação ambiental.

Arraes (2013, p.23) diz que:

O modelo de desenvolvimento adotado historicamente pelo Haiti é o de predação intensiva de seus ecossistemas. Esse modelo não-sustentável de baixa proteção ambiental e sem gestão eficiente dos recursos naturais não trouxe riqueza nem desenvolvimento econômico para o país, pelo contrário. A destruição dos ecossistemas para ganhos econômicos na verdade não gerou desenvolvimento econômico (apenas riqueza para um grupo concentrado de pessoas) nem infra-estrutura para lidar com os eventos extremos da natureza. O baixo nível de desenvolvimento fez com que o país se tornasse vulnerável, sem capacidade de resposta e com baixa resiliência aos desastres. O terremoto é um fenômeno físico da natureza cuja ocorrência não pode ser controlada pelos humanos, entretanto o fenômeno físico sozinho não produz o desastre. O desastre é o resultado da soma de diversos fatores, muitos deles consequência das atividades e escolhas humanas.

Esse modelo de desenvolvimento adotado pelo Haiti, que utilizou da exploração dos recursos naturais é totalmente insustentável, pois tolera a destruição do meio ambiente. A crise ecológica moderna mostra o fracasso da ação colonizadora em relação ao meio ambiente, pois buscou desenfreadamente riquezas e desenvolvimento sem pensar nos riscos para a sociedade. Associando com as ideias de Beck, a princípio os riscos desse modelo eram imperceptíveis, no entanto a longo prazo mostraram a potencialidade de destruição, atingindo a todas as classes sociais. Porém, Acselrad (2009) acrescenta que os riscos não são igualmente sentidos por todos. Nesse caso, os mais pobres e das regiões mais atingidas pela destruição são os mais prejudicados.

Quando Acselrad (2009) discute que sobre os mais pobres e os grupos étnicos mais desprovidos de poder recai maior parte dos riscos ambientais, também identificamos a situação do Haiti. Este é considerado o país mais empobrecido da América de acordo com o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e tem como grande maioria da população descendentes de africanos, os quais foram escravizados no passado. Assim, a extração dos recursos naturais foi feita por muito tempo pelos grupos dominantes, no caso pelos europeus.

Como já dizia Giddens (1991), o risco na alta modernidade significa uma consciência do lado sombrio da modernidade, que não considera os limites do uso da racionalidade científica nem os danos causados pelas práticas exploratórias. Assim, questionam-se os modelos utilizados historicamente pelo Haiti, pautados em uma predição de controle social. Corroborando com a discussão, trazemos Raynaut (2009) e a ideia de que a exploração dos recursos do planeta era inesgotável, assim como a convicção de uma fé sem falha nos progressos da ciência.

Ampliando a discussão com Beck (1997), a sociedade de risco surge com o processo de modernização autônomo, que desconhece as consequências e ameaças dos seus próprios atos. Desse modo, emergem ameaças decorrentes do processo de desenvolvimento do Haiti, que fazem repensar sobre responsabilidade, segurança, controle e limitação desses danos, além da distribuição de suas consequências. Assim, nessa sociedade de risco constituída, destaca-se a importância social e econômica do saber sobre riscos e perigos.

Para alterar essa situação é também preciso repensar o papel da ciência no mundo, de forma que ela possa dar conta de contribuir para a resolução dos problemas que ameaçam a vida no planeta. Pelas proporções das ameaças é preciso que essa nova epistemologia envolva diversas áreas do conhecimento, pois apenas uma não dará conta da sua complexidade e totalidade. Também é preciso que haja uma revolução no pensamento, na mentalidade, nos conhecimentos em busca de um mundo sustentável, igualitário e democrático.

Desse modo, percebe-se que há uma crise do pensamento que nos leva a refletir sobre uma nova epistemologia, uma vez que existem problemas de degradação ambiental, de exploração dos recursos naturais pelos seus colonizadores e o fato da grande probabilidade ou quase certeza, deste país num futuro próximo transformar-se num

deserto. Assim, essa nova episteme tem de ser construída, mudando-se a mentalidade colonizada na população haitiana.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização desse estudo foi possível perceber que o Haiti, desde a época de sua colonização pelos franceses até a independência e parte do século XX, teve uma economia agrícola à custa do seu capital ambiental. Ou seja, para aumentar sua economia, a maior parte das florestas do país foram desmatadas e os solos foram consumidos pelo seu uso intensivo e não sustentável do mesmo.

O Haiti é conhecido por sua triste história, desde a sua formação como país. Pode-se dizer que foi conferida aos haitianos uma luta pela sobrevivência da forma mais injusta e insustentável. Até mesmo no início depois de sua proclamação houve a primeira colonização do exército norte americano, em 1915 a 1930; após diversos golpes de Estados, sanções econômicas internacionais, inconstâncias políticas, econômicas e sociais, o terremoto de modo recente, uma epidemia de cólera e tantas outras tragédias (PROSPERE e MARTIN, 2011).

Portanto, a literatura aponta que os motivadores da *diaspora* haitiana ao Brasil, de 2010 a 2015, já existiam há muito tempo, não sendo o sismo catastrófico o desencadeador todo o movimento. Os haitianos migram há muito tempo, seja por conta da própria cultura da *diaspora* presente no imaginário social e cultural, instabilidade política e econômica, condições ambientais desfavoráveis – como o desmatamento desenfreado, além de fatores que já vêm desde a época da colonização do Haiti.

Tanto Beck (1997) quanto Giddens (1991) entendem que, na sociedade de risco, uma das soluções seria o desenvolvimento sustentável, almejado de forma constante por todos os agentes sociais que estão envolvidos com a questão ambiental, sejam eles públicos ou privados, individuais ou coletivos, não importando a classe social da qual pertencem. Nesse sentido, é preciso romper com os antigos modelos para se buscar novos métodos de saber ambiental, embasadas num extenso debate, justo e consciente, buscando assim, uma maneira de solucionar a crise ambiental. Assim, com modelos novos de ação, seria possível encontrar uma solução para os estragos ecológicos causados na sociedade, procurando resultados positivos na prevenção da degradação ecológica de qualquer país e mais diretamente o Haiti.

---

## REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri. **O que é justiça ambiental**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

ARRAES, Eduardo Fonseca. Desastres e desenvolvimento: o caso do Haiti. **Revista Vitas**, ano III, n. 7, ago. de 2013. Disponível em: <[http://www.uff.br/revistavitas/images/DEastres\\_e\\_desenvolvimento\\_Eduado\\_Arraes.pdf](http://www.uff.br/revistavitas/images/DEastres_e_desenvolvimento_Eduado_Arraes.pdf)>. Acesso em: 30 dez. 2016.

BANCO MUNDIAL. **Haiti**. Disponível em: <<http://www.worldbank.org/en/country/Haiti>>. Acesso em: 06 nov. 2016.

BECK, Ulrich. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997, p. 11-71.

\_\_\_\_\_. **Sociedade risco: rumo a outra modernidade**. São Paulo: Editora 34, 2010.

COTINGUIBA-PIMENTEL, M. L.. COTINGUIBA, G. C. Imigração haitiana para o Brasil: os desafios no caminho da educação escolar. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v.17, n.33, p. 61-87, Jul./Dez. 2014.

DIAMOND, Jared. **Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

ESCOBAR, Arturo. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento? In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. LANDER, Edgardo (org). Colección Sur Sur. Buenos Aires: CLACSO, setembro 2005. p. 133- 168. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/Escobar.rtf>. Acesso em: 30 dez. 2016.

FONSECA, Jamily M.O vodu no bicentenário da independência haitiana. In **Revista Ameríndia**, v.10, p. 55-60, nov. 2011.

GIDDENS, Antony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1991.

HANDERSON, Joseph. Diaspora. Sentidos Sociais e Mobilidades haitianas. **Horizontes Antropológicos** (UFRGS. Impresso), v. 21, p. 51-78, 2015.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2010.

PROSPERE, Renel. **A educação ambiental em tempos de crise: desafios e propostas após a catástrofe haitiana**. 2011. 134 p. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2011. Disponível em: [http://www.argo.furg.br/bdtd/tde\\_arquivos/5/TDE-2011-08-10T114520Z-301/Publico/Renel%20Prospere.pdf](http://www.argo.furg.br/bdtd/tde_arquivos/5/TDE-2011-08-10T114520Z-301/Publico/Renel%20Prospere.pdf). Acesso em: 22 de jul. de 2015.

PROSPERE, Renel; MARTIN, Alfredo. A questão ambiental no/do Haiti: um desafio na reconstrução do país. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, v. 3, n. 3, p. 345 – 351, 2011.

RAYNAUT, Claude. **Atrás das noções de meio ambiente e de desenvolvimento sustentável: questionando algumas representações sociais**. 2009.

ROSA, Renata de Melo. **A construção da Desigualdade no Haiti: experiências históricas e situações atuais**. Disponível em: <http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/relacoesinternacionais/article/viewFile/160/297>. Acesso em: 22 jul. 2015.

SANTOS, Boaventura de Souza. Do pós-moderno ao pós-colonial: além de um e de outro. **Conferência de abertura do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**, Coimbra, setembro de 2004.

VALLER FILHO, Wladimir. **O Brasil e a crise haitiana: a cooperação técnica como instrumento de solidariedade e de ação diplomática**. Brasília: FUNAG, 2007



# Imigração e trabalho precário: Reflexões acerca da chegada da população haitiana no oeste de Santa Catarina

Ana Paula Risson<sup>1</sup>

Márcia Luíza Pit Dal Magro<sup>2</sup>

Maria Luíza de Souza Lajús<sup>3</sup>

## RESUMO

O contexto econômico atual tem transformado o Brasil em importante destino da força de trabalho internacional que migra em busca de melhores condições de vida. Nesse sentido, este artigo pretende realizar reflexões quanto às implicações do recente fluxo migratório de haitianos para a região Oeste de Santa Catarina. A pesquisa aqui apresentada baseou-se no método qualitativo, em que foram utilizados como instrumentos para o levantamento de informações entrevistas semiestruturadas, observação participante e pesquisa documental. Os resultados indicam que os haitianos são motivados a imigrar para o Brasil pela perspectiva de conseguir trabalho formal e melhorar as condições de vida, tendo em vista o contexto de crise econômica e desemprego em seu país de origem. No entanto, a inserção desses trabalhadores se dá especialmente em postos de trabalho precários em função da baixa remuneração e dos riscos de adoecimento. A contratação de haitianos é feita por empresas e indústrias que buscam suprir a falta de força de trabalho local, no entanto, esta população começa a sofrer com o aumento do desemprego. Por fim, os resultados sinalizam para a necessidade de criar políticas públicas específicas para a população imigrante no país, tendo em vista a condição e vulnerabilidade dessa população no que diz respeito à exploração do trabalho.

**Palavras-chave:** imigração; trabalho precário; haitianos; oeste de Santa Catarina.

## RESUMEN

*The current economic context has transformed Brazil into major destination of international labor force that migrate in search of better living conditions. In this sense, this article aims to conduct reflections on the implications of the recent migratory flow of Haitians to the West of Santa Catarina region. The research presented here was based on the qualitative method, semi-structured interviews, participant observation and document research were used as collecting instruments. The results indicate that Haitians are encouraged to immigrate to Brazil by the prospect of getting formal employment and improve living conditions, given the context of economic crisis and unemployment in their country of origin. However, the inclusion of these workers happens especially in precarious jobs due to low pay and sickness risks. Hiring Haitians is done by companies and industries that seek to supply the lack of*

1 Mestra em Ciências da Saúde (UnoChapecó, 2016), especialista em Gestão de Pessoas (UnoChapecó, 2014) e graduada em Psicologia (UnoChapecó, 2012). Atualmente é professora no Curso de Psicologia, da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc).

2 Doutora em Psicologia (UFSC, 2012), mestre em Psicologia (UFSC, 2006) e graduada em Psicologia pela (UnoChapecó, 2003). Atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais e do Curso de Psicologia, na UnoChapecó.

3 Doutora na área de Serviço Social, Políticas e Processos Sociais (PUCRS, 2010), mestra em Desenvolvimento Social (UCPEL, 1999) e graduada em Serviço Social (UCPEL, 1974). Atualmente é professora do Curso de Serviço Social e do Mestrado em Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais, na UnoChapecó.

*local labor force, however, this population begins to suffer from rising unemployment. Finally, the results indicate the need to create specific policies for the immigrant population in the country, considering the condition and vulnerability of this population regards to the labor exploitation.*

**Keywords:** *immigration; precarious work; Haitians; west of Santa Catarina*

---

## INTRODUÇÃO

No rastro do processo de globalização da economia, a migração internacional tem se intensificado nas últimas décadas, caracterizando-se como um complexo fenômeno da atualidade. Nesse sentido, Sassen (2011) aponta que “a mesma infra-estrutura que facilita os fluxos transfronteiriços de capital, informação e comércio, também possibilita uma diversidade de fluxos que não estavam nas intenções dos autores da atual globalização corporativa das economias<sup>4</sup>” (p. 141).

Dentre os principais motivos que levam uma população a imigrar de seu país de origem, Saladini (2011) destaca a fuga da fome e da pobreza. Assim, de acordo com o citado autor, a imigração tende a ser idealizada como uma possibilidade de melhorar as condições de vida, tanto dos imigrantes como das famílias que permanecem no país de origem. Já na obra organizada por Aragonés (2011), diversos autores debatem a estreita relação entre a imigração e o mercado de trabalho. Nessa direção, a dinâmica do capital, na medida em que cria e destrói postos de trabalho, é apontada como a mola propulsora do processo de migração internacional, definindo os circuitos migratórios da força de trabalho.

Nesta geografia global do trabalho imigrante, ganham destaque especialmente os postos de trabalho precários, que absorvem a maior parte da força de trabalho imigrante na atualidade (SASSEN, 2011; ANTUNES, 2014). Essa precariedade, de acordo com Seligmann-Silva (2011), diz respeito a questões como a insuficiência e a instabilidade que fragilizam os trabalhadores que se submetem a essas atividades. O trabalho precário relaciona-se, assim, com diferentes problemáticas sociais como o aumento dos agravos em saúde do trabalhador, a desregulamentação de direitos trabalhistas e a ampliação da vulnerabilidade social das famílias.

Nos últimos anos, o Brasil tem sido país de origem, trânsito e destino no processo migratório internacional. Todavia, os fluxos imigratórios não representam um fenômeno exclusivo da contemporaneidade já que ao analisarmos a identidade nacional, observamos um país construído “[...] de forma multiétnica e multicultural, na qual os imigrantes tiveram grande influência” (ALMEIDA, 2009, p. 16).

O bom desempenho<sup>5</sup> do mercado de trabalho nacional até 2014 (PRONI, 2012) colocou o país na rota imigratória de trabalhadores que até então optavam preferencialmente pelo norte global, como Estados Unidos e Europa (SASSEN, 2011). Entre as nacionalidades desses “novos” imigrantes que chegam ao Brasil encontram-se os latino americanos, como os bolivianos, paraguaios e haitianos, e os africanos como senegaleses e cabo-verdianos (SANTOS, 2010).

No presente estudo destacar-se-á o recente processo imigratório da população haitiana ao país, que iniciou após o terremoto que atingiu o Haiti em 2010. Desde então, o número de imigrantes desta nacionalidade tem crescido rapidamente. Esse cenário, conforme Amorim (2012), está gerando debates acerca do processo imigratório e fazendo emergir posicionamentos que variam entre posturas conservadoras e restritivas quanto à entrada dessa população no país, àquelas que cobram reformas nos marcos legais e a instituição de uma política nacional de imigração para melhor atender essa população que chega ao país.

O fluxo imigratório de haitianos para o Brasil possui diversos destinos, dentre os quais o oeste de Santa Catarina, região colonizada no início do século XX por agricultores vindos

---

4 Tradução livre dos autores.

5 Proni (2012) problematiza e nega a noção de pleno emprego nos dados recentes do Brasil e marca que o mercado de trabalho nacional é marcado por profundas diferenças regionais.

do Rio Grande do Sul, descendentes de alemães, italianos e poloneses (RENK, 1999). Conforme o IBGE (2010), o oeste catarinense é uma região cuja população e economia crescem de maneira acelerada, sendo constituído por 200 municípios e mais de 1 milhão de habitantes. Fazem parte das principais atividades econômicas locais a agricultura familiar e as indústrias processadoras de carnes de suínos, aves e derivados, conhecidas na região como agroindústrias. Essas últimas têm recebido destaque nacional pelas difíceis condições de trabalho (SARDÁ JÚNIOR; KUPEK; CRUZ, 2009; DAL MAGRO, 2012), ao mesmo tempo em que estão entre as principais empregadoras dos trabalhadores haitianos na região estudada.

Com a intenção de contribuir para o debate acerca desse novo fluxo migratório e suas relações com o processo de precarização do trabalho, o presente artigo traz resultados parciais de pesquisa que teve como objetivo identificar como foi o processo de chegada de imigrantes haitianos no oeste de Santa Catarina e sua inserção no mercado de trabalho regional.

---

## MÉTODO

Esta pesquisa se baseou no método qualitativo, o qual permite estudar nos diferentes contextos “[...]a vida das pessoas, experiências vividas, comportamentos, emoções e sentimentos [...]” (STRAUSS; CORBIN, p. 23). Para o levantamento de informações foram utilizadas entrevistas semiestruturadas como técnica de pesquisa principal e pesquisa documental e observação participante como estratégias de pesquisa secundárias.

O estudo contou com a participação de 10 (dez) entrevistados, vinculados a dois grupos. O primeiro era constituído por 6 (seis) imigrantes haitianos com vínculo empregatício no oeste catarinense no momento da entrevista, sendo um deles também membro da diretoria de uma associação de haitianos que estava sendo constituída na ocasião da pesquisa. E o segundo grupo composto por 3 (três) profissionais da área de Recursos Humanos de empresas contratantes de haitianos, pertencentes aos setores do comércio, indústria moveleira e indústria de abate e processamento de carnes, e 1 (um) membro do sindicato dos trabalhadores da última indústria referida. Como estratégia para identificar esses participantes, utilizou-se a técnica *snowball*, descrita por Baldin e Munhoz (2011). As entrevistas foram realizadas em dois momentos, sendo 8 delas durante o primeiro semestre de 2014 e 2 durante o primeiro semestre de 2015.

A pesquisa documental de acordo com Gil (1994) possui como objetivo a análise dos fenômenos sociais e sua relação com o tempo social, cultural e cronológico em que acontecem. Nesse estudo, os documentos pesquisados foram jornais on-line e impressos, bem como vídeos de documentários e reportagens disponibilizados no Youtube, que abordavam o referido fenômeno migratório.

Já a observação participante foi realizada em dois momentos. O primeiro junto a Conferência Livre de Migração e Refúgio<sup>6</sup> - organizada pelo Centro de Referência em Direitos Humanos Fronteira Sul da Universidade Federal da Fronteira Sul. O segundo momento de observação ocorreu na Reunião de Trabalho, promovida pela Câmara de Vereadores de Chapecó<sup>7</sup>, com o objetivo de discutir com a sociedade e entidades públicas e privadas a inserção dos imigrantes haitianos no mercado de trabalho de Chapecó. A análise das informações foi feita com base na análise de conteúdo, a qual deu origem a duas categorias que serão abordadas na sequência deste artigo, sendo uma referente ao processo de migração de haitianos para o oeste de Santa Catarina e outra que trata da inserção desses imigrantes no mercado de trabalho local.

---

6 Ocorrida no dia 13 de março de 2014, no campus da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Estiverem presentes: 64 haitianos; 4 senegaleses; reitor da UFFS; profissionais do Centro de Referência em Direitos Humanos da UFFS (CRDH); voluntários no trabalho de inserção de haitianos na comunidade; integrantes do Sindicato de funcionários das agroindústrias; funcionários do setor de Recursos Humanos de uma agroindústria e docente do Curso de Direito.

7 Ocorrida no dia 21 de outubro de 2014. Estiveram presentes na reunião: 3 haitianos; 1 senegalês; 5 vereadores; Secretária Municipal de Saúde; Secretária Municipal de Educação; Representante da Comissão PRÓ-HAITI (UFFS); Delegado da Polícia Federal de Chapecó; Procurador da República Federal; empresários contratantes de trabalhadores imigrantes; representantes de sindicatos e interessados na temática.

## A IMIGRAÇÃO HAITIANA PARA O OESTE CATARINENSE

O Haiti possui uma história marcada por escravidão, disputas de poder, governos ditadores, golpes militares, os quais foram determinantes para a atual situação de pobreza do país (ZAMBERLAM *et al.*, 2014). A difícil condição do Haiti foi agravada pelo terremoto de 7 graus na escala Richter que atingiu o país em 2010, deixando cerca de 230 mil mortos, ferindo outras 300 mil pessoas e desabrigando 2 milhões de vítimas (LIMA; SIMÕES, 2012; FERNANDES; CASTRO, 2014).

As falas de todos os entrevistados haitianos desta pesquisa apontam para uma estreita relação entre a catástrofe produzida pelo abalo sísmico e a imigração dessa população para o Brasil e outros países. Como afirma a Entrevistada 5: “[...] é difícil porque é um país subdesenvolvido então a gente passa necessidade, mas a gente conseguia superar para viver. [...] Daí quando aconteceu o terremoto mudou tudo. Caiu a economia do país e não dá mais, é muita doença, não tem mais trabalho para todo mundo”.

Moraes, Andrade e Matos (2013) afirmam que essa catástrofe, somada a condição histórica de vida da população no Haiti, são a mola propulsora para a imigração desta população. De acordo com os dados do relatório da Organização Internacional para as Migrações - OIM (2014) entre 10% e 30% da população já teria abandonado o país<sup>8</sup>.

Vale apontar que se identificou nas falas dos trabalhadores haitianos que participaram do estudo, que parte deles não tinham como destino final o Brasil quando saíram de seu país. Nesse sentido, aponta o Entrevistado 1: “*Eu fui trabalhar no Equador. No Equador tinha muitas pessoas que falavam do Brasil e me convidaram para vir pra cá. Meu itinerário não era o Brasil, mas no Equador o trabalho dos imigrantes é ilegal.*” Na direção do que aponta o entrevistado, observou-se entre os pesquisados que a facilidade em conseguir o visto no Brasil (se comparado aos Estados Unidos e aos países da Europa) e o acesso que esse documento possibilita ao trabalho formal é determinante para a escolha pelo país como destino final.

Também se observa que há uma rede de contatos e informações entre os imigrantes haitianos entrevistados, a qual é fundamental para a vinda desses trabalhadores para o Brasil. Essa questão é corroborada pela Organização Internacional para as Migrações (OIM, 2014) que identifica a preferência dos haitianos pelas cidades em que já se constituiu uma rede social de acolhida a esses imigrantes. Essas redes também são acionadas quando se trata de eleger o oeste catarinense para imigrar, como mostra a fala de um profissional que atua em uma das empresas que tem contratado essa população: “*Eles vieram até a fila, então contratamos o primeiro, após isso eles vinham em grupos de cinco, seis, sete haitianos, porque acredito que um acaba ajudando o outro.*”

Outro aspecto que se mostrou fundamental para a escolha desses imigrantes pelo oeste catarinense foi a presença de empregadores na cidade de Brasiléia, no Acre, fazendo seleção e contratação para postos de trabalho em municípios como Chapecó. Nesse sentido, menciona o profissional entrevistado da Empresa 1: “*A primeira vez que a gente foi pra Brasiléia foi em junho do ano passado [2013], e a gente trouxe 86 haitianos. Na segunda vez que fomos, foi no final de outubro [2013], trouxemos 96 haitianos, 93 homens e 3 mulheres.*” Essa empresa viabilizou o transporte de ônibus dos haitianos de Brasiléia até Chapecó, bem como tem disponibilizando auxílio moradia para esses trabalhadores. Segundo o mesmo profissional, “[...] nós alugamos uma casa, montamos essa estrutura de quartos para quatro a seis pessoas. Eles não fazem refeição na casa, nós pagamos um restaurante pra eles tomarem café, almoço e janta, porque a casa não tem condições de ter uma cozinha para tantas pessoas. Desde que eles chegaram, a oito meses, eles não têm essas despesas.” Nesse sentido, observa-se que além do emprego formal, essas empresas inicialmente criaram outras facilidades para atrair esses trabalhadores como a viabilização de moradia e alimentação. No entanto, o membro da diretoria da associação de haitianos destaca que algumas empresas da região que davam este auxílio já pararam de fazê-lo.

Quanto ao número de haitianos no país, ainda não há informações precisas, principalmente por não ser possível contabilizar o número de imigrantes não

<sup>8</sup> Entre os principais destinos dos imigrantes haitianos estão Canadá, Estados Unidos da América, França, Antilhas Francesas, República Dominicana e Brasil (MORAES; ANDRADE; MATTOS, 2013). Neste último país, as principais portas de entrada dos imigrantes são as cidades de São Paulo, Guarulhos (SP), Tabatinga (AM), Epitaciolândia (AC) e Brasiléia (AC) (FERNANDES; CASTRO, 2014).

documentados. Porém, pode-se afirmar que o montante desses imigrantes vem crescendo consideravelmente. Em 2013 o Conselho Nacional de Imigração - CNIg (apud MORAES, ANDRADE, MATTOS, 2014) divulgou que em 2010 foram concedidos 4 vistos de permanência para haitianos; em 2011 teriam sido 709 vistos; em 2012, 4.682 vistos. Em 2015 o Ministério do Trabalho e Previdência Social (MTPS) e o Ministério da Justiça assinaram um ato autorizando 43,8 mil imigrantes haitianos a tirar o visto de residência permanente no País (PORTAL BRASIL, 2015).

Para Zamberlam *et al.* (2014), mais de 60% dos imigrantes haitianos que entram no Brasil encontram-se nos três estados da região Sul. De acordo com este autor, o Paraná possui o maior número destes imigrantes, seguidos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. No estado de Santa Catarina, as maiores concentrações de haitianos ocorrem nas cidades de Chapecó, Joinville, Criciúma, Florianópolis, Blumenau e Brusque.

De acordo com a OIM (2014), a região de Chapecó-SC está entre os dezoito municípios brasileiros<sup>9</sup> listados pela Polícia Federal, que mais recebem a população haitiana. As informações levantadas por meio da presente pesquisa indicam que a presença desses imigrantes no oeste de Santa Catarina também vem aumentando de forma rápida. Em Reunião de Trabalho promovida pela Câmara de Vereadores de Chapecó em outubro de 2014, o Delegado da Polícia Federal do município apontou que este órgão possuía o registro de aproximadamente 2.000 haitianos residentes nas 84 cidades do oeste catarinense abrangidas por essa delegacia. No entanto, o entrevistado que participa da diretoria da associação de haitianos mencionou que em pesquisa feita por esta organização em 2014, foram contabilizados 2.500 imigrantes desta nacionalidade somente no município de Chapecó.

---

## REFLEXÕES ACERCA DA INSERÇÃO DOS HAITIANOS NO MERCADO DE TRABALHO

O trabalhador imigrante é caracterizado por Vichich (2015, p. 107) como um trabalhador “que migra de um país para o outro com um trabalho que ele não vai exercer por vontade própria”<sup>10</sup>. Ou seja, refere-se a um trabalhador que estará sujeito às condições e possibilidades de emprego do mercado de trabalho do país receptor. Nessa direção, Antunes (2014) problematiza que a explosão no número de trabalhadores imigrantes em diferentes países caracteriza-se como “(...) a ponta mais visível do iceberg, no que concerne à precarização das condições de trabalho no capitalismo atual” (p. 33)

De acordo com Zanella (2011) o Brasil é o mais novo receptor de imigrantes que buscam melhores condições de vida, trabalho e remuneração, em função do crescimento da economia e da ampla criação de empregos com alta absorção de força de trabalho. A possibilidade de conseguir um emprego como fator que motivou a escolha do Brasil como destino é apontado pelo entrevistado 3 quando diz: “*Eu tenho muitos amigos que vieram antes de mim e que falavam que podia conseguir trabalho. Diziam que há bastante trabalho.*”

Para Marianno (2012), o fluxo imigratório para o país está diretamente relacionado ao mercado de trabalho nacional, tendo em vista uma espécie de “apagão de mão de obra” que envolve a demanda de dois extremos da força de trabalho. O primeiro está relacionado aos cargos destinados a trabalhadores superespecializados e, o segundo, o qual detém o maior número de vagas, diz respeito aos cargos de nível básico, que exigem baixa qualificação, como aqueles da construção civil e serviços gerais, sendo que é esse tipo de postos de trabalho que vêm sendo empregados os haitianos no contexto pesquisado.

Essa relação entre imigração e trabalho precário é explicada por Sassen (2011), que destaca que as recentes transformações econômicas têm contribuído para o crescimento dos empregos de baixos salários nos centros econômicos mais desenvolvidos do mundo.

---

<sup>9</sup> De acordo com relatório sobre a imigração haitiana para o Brasil, os dados da Polícia Federal indicam 267 municípios de residência dos haitianos no Brasil. No entanto, apenas 18 deles receberam mais de 75% desses imigrantes.

<sup>10</sup> Tradução livre dos autores.

Para o autor, esse fenômeno que a princípio parece ser um indicador econômico positivo em países como o Brasil, acaba por gerar novas formas de pobreza entre os trabalhadores, as quais estão centradas no emprego.

● relatório sobre a imigração haitiana para o Brasil traz que a ocupação declarada pelos haitianos ao solicitar o visto no país é especialmente aquelas da construção civil para homens e do setor de serviços para mulheres (OIM, 2014). Na região oeste de Santa Catarina, os resultados desta pesquisa indicam que os trabalhadores imigrantes têm ocupado as vagas disponíveis nas grandes empresas da região, entre as quais se destacam as indústrias de alimentos. Nesse sentido, o representante do Sindicato das indústrias de abate e processamento de carnes mencionou que somente em Chapecó, 2000 trabalhadores haitianos estavam empregados no setor em fevereiro de 2015. Desses, apenas 25 eram associados ao sindicato da categoria.

Os dados oriundos das entrevistas, da observação da *Conferência Livre para Migração e Refúgio* e das reportagens veiculadas na mídia indicam que os trabalhadores imigrantes têm ocupando postos de trabalho em que há escassez de força de trabalho local. Nesse sentido, um dos profissionais de Recursos Humanos entrevistados, ao ser questionado sobre o motivo para a contratação de haitianos, respondeu: “*Contratamos eles a partir da falta de mão de obra que a gente tem aqui na região*” (Empresa 1). Esta situação foi reafirmada por outro profissional, de outro setor econômico: “*Pela grande dificuldade em encontrar mão de obra que temos e por que entendemos serem pessoas com potencial para trabalharem na empresa*” (Empresa 3).

Cabe destacar que os postos de trabalhos que vêm sendo ocupados por esses imigrantes geralmente são aqueles de nível básico que oferecem salários baixos e difíceis condições de trabalho. Nesta direção, o Entrevistado 4 diz: “*Nós trabalhamos muito, mas pouco dinheiro. Você não ganha nada*”. Na mesma direção aponta o membro do sindicato dos trabalhadores da indústria de alimentos “*As empresas se beneficiaram dessa tragédia que aconteceu no Haiti. (...) A gente percebe que eles (os imigrantes) são colocados nos postos de trabalho mais penosos*”.

O fenômeno observado neste estudo vai ao encontro do que discute Sassen (2011) sobre a tendência dos trabalhadores imigrantes ocuparem os postos de trabalho mais precários, caracterizados pela baixa exigência educacional e baixa remuneração, os quais não oferecem oportunidades para o trabalhador crescer profissionalmente e que com frequência são indesejáveis para a população nativa. Isso pode tornar-se fonte de conflito entre os trabalhadores imigrantes e os trabalhadores locais, como acena a reportagem transmitida pelo programa *Fantástico*, no dia 17/08/2014, que apresentou a percepção de moradores de uma cidade do Rio Grande do Sul acerca da chegada de imigrantes no local. Um dos entrevistados desta reportagem disse: “*O pessoal daqui vai perder emprego por causa disso. Porque por qualquer mixaria eles estão trabalhando*”. Essa fala indica que a inserção da força de trabalho imigrante possibilita a manutenção da precariedade dos postos de trabalho oferecidos pelo mercado, caracterizando-se como uma ameaça às conquistas trabalhistas e gerando insegurança nos trabalhadores locais (REDE GLOBO, 2014). Isso é corroborado pela fala do membro da presidência da associação de haitianos quando diz: “*Têm colegas que percebem preconceito, que ouvem das pessoas que eles estão aqui para pegar o emprego dos brasileiros*” (entrevistado 6).

A precariedade dos postos de trabalho ocupados pelos haitianos foi um dos temas debatidos na *Conferência Livre para Migração e Refúgio*. Na ocasião, foram apontadas dificuldades como a falta de comprometimento das empresas quando buscam e trazem os haitianos para trabalhar; as promessas feitas no Acre que não são cumpridas na empresa; salário baixo, reduzindo as remeças de valores para os familiares no Haiti e as condições de trabalho nas agroindústrias que acarretam no adoecimento.

As dificuldades do trabalho em setores como as indústrias de alimentos e a construção civil, são destacados por diversos estudos como os de Moreira e Júnior (2005), Brasil (2009), Sardá Júnior *et al.* (2009), Dal Magro (2012). Nas indústrias de alimentos, as difíceis condições de trabalho estão relacionadas à rotatividade e dificuldade em preencher o quadro funcional, bem como ao adoecimento dos trabalhadores (Dal Magro, 2012). O reconhecimento acerca da possibilidade de adoecimento pelo trabalho pode ser observado na fala do entrevistado 6 quando diz: “*Nós percebemos que as pessoas ficam doentes com o trabalho nos frigoríficos, isso não acontece de uma hora para outra, vai levar um tempo, mas para mim daqui a pouco vai ficar todo mundo doente. Mas a gente*

não tem o que fazer, é o emprego que tem”.

À necessidade de subsistência e à oferta de empregos de baixa qualidade, alia-se a necessidade de acumular dinheiro para enviar aos familiares que ficaram no Haiti. Estes aspectos coadunam para que os trabalhadores imigrantes se submetam às condições de trabalho dos postos oferecidos como menciona o entrevistado 3: *“Eu vim para trabalhar, economizar e ajudar minha família que ficou [no Haiti]”*. Ou como diz o entrevistado 4 *“Eu estou trabalhando aqui porque não tenho mais emprego lá. Agora eu trabalho para ajudar eles, minha esposa, minha filha e minha família, todos ficaram no Haiti”*. Isso vai ao encontro do que aponta Carignato (2004) o qual menciona que frequentemente o trabalhador imigrante tem interesse em acumular poupança, mesmo que para isso necessite aceitar qualquer tipo de trabalho, inclusive aqueles de baixo prestígio ou de difícil execução. Corroborando com esta ideia, Saladini (2011) aponta que o trabalhador imigrante é utilizado como mão de obra barata e descartável, e possui seus direitos fundamentais desrespeitados. A necessidade de ajudar familiares, também faz com que os trabalhadores haitianos com frequência tenham mais de um emprego, o que foi expresso na fala dos dois grupos de entrevistados (trabalhadores e profissionais).

Vale destacar que estudos como os de Sassen (2011) indicam que as remessas de dinheiro que chegam aos países exportadores de força de trabalho caracterizam-se como um recurso alternativo para a sobrevivência dos familiares que ficam. Quanto ao Haiti, a autora aponta que de acordo com o Banco Mundial, o país ocupa o quarto lugar entre os que recebem as maiores remessas como proporção do Produto Interno Bruto (PIB).

Ao longo do trabalho de campo desta pesquisa observou-se uma mudança no que diz respeito à oferta de empregos para estes trabalhadores imigrantes, a qual está relacionada com a desaceleração da economia especialmente a partir 2015. Em um primeiro momento observamos que, apesar das condições que faziam com que os trabalhadores haitianos se submetessem a ocupar os postos de trabalho mais precários, alguns permaneciam nessas ocupações por algum tempo e acabavam procurando outras alternativas. Nesse sentido, aponta o entrevistado 1 que trabalhava na ocasião em uma indústria de alimentos: *“(…) se algum dia eu achar alguma coisa melhor eu vou sair de lá. Todo mundo faz isso, né?”*

Identificou-se que a busca por melhores salários era, então, a principal razão para a mudança de emprego dos imigrantes e para a imigração desses trabalhadores dentro do Brasil. A exemplo disso, três haitianos que participaram da presente pesquisa trabalhavam e residiam em uma cidade no momento da entrevista, logo em seguida passaram a residir e trabalhar em outras cidades. Ou seja, no período de seis meses, três dos entrevistados migraram de cidade dentro do país, todos motivados pela busca de melhores salários. Como diz o entrevistado 3: *“O único problema é o salário que é muito baixo. A quantidade de dinheiro que é muito baixa. [...] Tenho um amigo em Balneário Camboriú que vai me ajudar a arrumar um emprego lá”*.

No entanto, a recente crise econômica começa a atingir essa população em função da falta de trabalho. Nesse sentido, o membro da associação de haitianos aponta que: *“A maior dificuldade que temos agora é com as pessoas desempregadas, as empresas dizem que não têm vaga. Eu tenho vinte pessoas que estão entre três e cinco meses desempregadas. Eu fui para uma reunião com membros de outras associações do estado e todos apontam para esse mesmo problema”* (Entrevistado 6). Esse contexto segundo o entrevistado, aumenta a submissão dos imigrantes às difíceis condições de trabalho no país: *“Mesmo com as dificuldades que tem (referindo-se ao trabalho nas agroindústrias) se a gente sair onde vamos trabalhar?”*

As questões acenadas mostram a maior vulnerabilidade do imigrante estrangeiro aos problemas socioeconômicos de modo geral e à precarização estrutural do trabalho. Nesse sentido, Martine (2005) compreende que os problemas iniciam quando o aumento da população imigrante não é acompanhado pelo crescimento das oportunidades, pois os países acabam atraindo essas pessoas, mas, ao mesmo tempo, bloqueando sua entrada legal, ou então privando-a de segurança e condições humanas de permanência. Assim, conforme apontam Amorim (2012) e Almeida (2009) se torna fundamental a criação de mecanismos e instituições que possam estabelecer políticas e medidas promotoras de mais proteção e bem-estar a esses trabalhadores.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa identificou-se que o fluxo imigratório de haitianos para o Brasil possui relação direta com a atual condição de vida no Haiti e com a facilidade de obtenção de visto e o acesso que esse possibilita ao mercado de trabalho formal. Já o oeste catarinense é destino final dos haitianos por conta das ofertas do mercado de trabalho e da rede social de acolhida que se constituiu no território. Assim, constatou-se que vem ocorrendo um grande aumento da população haitiana na região estudada.

A princípio, esse fluxo imigratório foi impulsionado pela presença de empresas catarinenses em uma das principais portas de entrada desses imigrantes no Brasil. A busca dessas empresas pela força de trabalho haitiana deu-se como uma possível solução para um problema: a falta de força de trabalho em postos operacionais e trabalhos mais precarizados. Nesse sentido, os principais empregadores desses imigrantes na região estudada são as indústrias de abate e processamento de carnes. No entanto, a desaceleração da economia começa a atingir esses trabalhadores com o desemprego, aumentando a condição de risco e vulnerabilidade desta população.

A entrada maciça desses imigrantes tem diversos impactos sociais para a população local, bem como para os próprios trabalhadores imigrantes, que precisam ser melhor acompanhados pelas empresas que mobilizam esse fluxo migratório. Cabem ainda diversos estudos que avaliem os impactos sociais, culturais, econômicos desencadeados pela entrada dessa população na região estudada. Neste sentido, sugerem-se como possibilidade de pesquisas futuras, temas que emergiram na presente pesquisa, mas que em função dos limites da mesma não puderam ser explorados, como: as condições de vida dos haitianos no Brasil; o acesso aos serviços de saúde destes imigrantes; as implicações da falta de uma política pública específica para os mesmos. Também vale o registro de que durante a pesquisa identificou-se um considerável fluxo imigratório de Senegaleses para esta região e que também merece ser estudado.

---

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, R. Desenhando a nova morfologia do trabalho e suas principais manifestações. In: MERLO, A.; BOTTEGA, C.; PERZ, K. **Atenção à saúde do trabalhador: Sofrimento e transtornos psíquicos relacionados ao trabalho**. Porto Alegre: Evangraf, 2014.
- AMORIM, S. G. Contextualização do debate brasileiro acerca das migrações internacionais: uma análise a partir do caso haitiano. In: **Anais do Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, 8º, 2007, Aguas de Lindóia, SP.
- ALMEIDA, P. C. Conselho Nacional de Imigração (CNIg): Políticas de Imigração e Proteção ao Trabalhador Migrante ou Refugiado. In: **Cadernos de debates: Refúgio, Migrações e Cidadania** (2009). v.4, n.4. Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos, 2009.
- ARAGONÉS, A. M. (Org.). **Mercado de Trabajo y migración internacional**. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Económicas, 2011.
- BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. **X Congresso de educação ambiental - EDUCERE**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná / PUC-PR. Curitiba: 2011.
- BRASIL (2009). **Anuário Estatístico da Previdência Social 2009**. Ministério da Previdência Social. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.previdencia.gov.br/conteudoDinamico.php?id=990>. Acesso em: 01 jul. 2015.
- CARIGNATO, T. T.O lugar do sujeito nas migrações contemporâneas. In: DEBIAGGI, Sylvia Dantas; PAIVA, Geraldo José de. (Orgs.) **Psicologia e/imigração e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- DAL MAGRO, M. L. P. **Entre a saúde e a norma: a atenção à saúde dos trabalhadores das agroindústrias do oeste de Santa Catarina**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2012.
- FERNANDES, Duval; CASTRO, Maria Consolação (Orgs.). **Projeto de estudos sobre a migração**



**haitiana ao Brasil:** diálogo bilateral. Belo Horizonte: Ministério do Trabalho e Emprego / PUC Minas, 2014.

GIL, A. C.. **Métodos e Técnicas de pesquisa social.** 4. Ed. São Paulo: Atlas, 1994.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.2010. **Histórico do município de Chapecó – SC.** Disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/23CLC>. Acesso em: 12 jul. 2015.

LIMA, J. B. B.; SIMÕES, G. F. **Programas de suporte a refugiados, asilados e apátridas no Brasil:** uma abordagem exploratória. 1º Seminário Nacional de Pós-Graduação em Relações Internacionais, FINATEC – Brasília (DF), julho de 2012.

MARIANNO, L. D. Isso é trabalho de imigrante. Aportes sobre migração, gênero e trabalho no Primeiro Testamento. **Revista Internacional de Mobilidade Humana**, Brasília, v. 20, n. 39, p. 229-243, jul./dez. 2012.

MARTINE, G. A globalização inacabada migrações internacionais e pobreza no século 21. São Paulo, **São Paulo Perspectivas**, v.19, n. 3. set./2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392005000300001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392005000300001). Acesso em: 01 jul. 2015.

MORAES, I. A.; ANDRADE, C. A. A.; MATOS, B. R. B. A imigração Haitiana para o Brasil: Causas e desafios. **Revista Conjuntura Austral.** n. 20, out. /nov. 2013.

MOREIRA, J.; JUNIOR, L. **Segurança e saúde no trabalho da construção: experiência brasileira e panorama internacional.** Brasília: OIT, 2005.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA MIGRAÇÕES (OIM). **Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral.** Relatório de pesquisa. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: [file:///D:/Arquivos/Downloads/RELATORIO%20PESQUISA%20HAITIANOS%20vers%C3%A3o%20final%2027-04-14%20\(1\).pdf](file:///D:/Arquivos/Downloads/RELATORIO%20PESQUISA%20HAITIANOS%20vers%C3%A3o%20final%2027-04-14%20(1).pdf). Acesso em: 01 jul. 2015.

PORTAL BRASIL. Cidadania e Justiça. **Brasil autoriza residência permanente a 43,8 mil haitianos.** Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/11/brasil-autoriza-visto-de-residencia-permanente-para-43-8-mil-haitianos>. Acesso em: 25 abr. 2016.

PRONI, Marcelo Weishaupt. O debate sobre a tendência ao pleno emprego no Brasil. **Revista Economia & Tecnologia (RET).** v. 8. N. 2, p. 23-50, 2012.

REDE GLOBO. **Número de pedidos de refúgio cresce 800% em quatro anos no Brasil. Disponível em:** <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/08/numero-de-pedidos-de-refugio-cresce-800-em-quatro-anos-no-brasil.html>. Acesso em: 20 dez. 2014.

RENK, Arlene. **Migrações:** de ontem e hoje. Chapecó: Grifos, 1999.

SALADINI, Ana Paula. **Trabalho e imigração:** os direitos sociais do trabalhador imigrante sob a perspectiva dos direitos fundamentais. Jacarezinho, 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência Jurídica). Programa de Mestrado em Ciência Jurídica, Universidade Estadual do Norte do Paraná.

SARDÁ JÚNIOR, J. J.; KUPEK, E.; CRUZ, R. Preditores biopsicossociais de incapacidade física e depressão em trabalhadores do setor de frigoríficos atendidos em um programa de reabilitação profissional. **Acta Fisiátrica.** v.16, n.2, p 76-80, 2009.

SASSEN, S. Dos enclaves en las geografías globales contemporáneas del trabajo. In: ARAGONÉS, Ana M (Org.). **Mercado de Trabajo y migración internacional.** México: UNAM, Instituto de Investigaciones Económicas, 2011.

SANTOS, M. O.os “novos estrangeiros”. In: FERREIRA, Ademir, VAINER, Carlos, PÓVOA NETO, Helion, SANTOS, Miriam de Oliveira (Orgs). **A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções.** Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

SELIGMANN-SILVA, E. **Trabalho e desgaste mental:** o direito de ser dono de si mesmo. São Paulo: Cortez, 2011.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa:** técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. Porto Alegre: Artmed, 2008.

VICHICH, Nora Pérez Las políticas migratorias regionales y los derechos de los trabajadores: perspectivas y desafíos. In: PRADO, Erlan José Peixoto do; COELHO, Renata (Orgs.). **Migrações e trabalho.** Brasília: Ministério Público do Trabalho, 2015. p. 107 – 126.

ZAMBERLAM, Jurandir et al. **Os novos rostos da imigração no Brasil:** haitianos no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Solidus, 2014

ZANELLA, V. G. As condições de vida e trabalho de costureiras em São Paulo: uma aproximação com migrantes bolivianas. In: **II Simpósio Gênero e Políticas Públicas**, II, 2011, Londrina. Anais do simpósio, Londrina-PR: Universidade Estadual de Londrina.

# As experiências migratórias a partir da inserção local de migrantes haitianos(as) na cidade de Porto Alegre

Larissa Cykman de Paula <sup>1</sup>

## RESUMO:

Neste trabalho apresento as considerações iniciais acerca da pesquisa etnográfica em andamento com os(as) migrantes haitianos(as) que moram na Zona Norte da cidade de Porto Alegre. Para além dos motivos econômicos que impulsionam os processos migratórios, questiono sobre a possibilidade de pensar no fluxo migratório como uma forma de resistência, questionando como esta resistência pode estar relacionada à luta por direitos humanos tanto na inserção no Brasil como na relação mantida com o Haiti. Inicialmente abordo o contexto histórico haitiano para, então, destacar as relações existentes entre Haiti e Brasil. Partindo das experiências destes(as) migrantes o objetivo é compreender como ocorre a inserção destes(as) na comunidade local. Destaco, também, o papel das redes de apoio formadas nas experiências migratórias, buscando compreender o engajamento e a agência dos(as) migrantes na participação das redes e também como estas redes apoiam o ato migratório, facilitam a inserção local ou ainda, na falta de redes estabelecidas, dificultam a inserção e o acesso a direitos básicos.

**Palavras-chave:** processos migratórios, Haiti, experiências.

<sup>1</sup> Mestranda em Antropologia Social, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Neste artigo apresento as considerações iniciais acerca da pesquisa etnográfica em andamento com os(as) migrantes haitianos(as) que moram na Zona Norte da cidade de Porto Alegre e que culminará na dissertação de mestrado. Destaco os processos migratórios de haitianos(as) para o Brasil e os motivos para migrar, abordando para além dos motivos econômicos e sociais. Neste contexto, apesar da questão econômica relacionada ao ato de migrar e da busca por um trabalho que possibilite o sustento próprio e muitas vezes também o sustento de familiares ser fundamental para a compreensão dos processos migratórios, busco pensar em outras questões presentes nas experiências migratórias. Isto posto, compreendo a migração também como uma forma de resistência, em que o ato de migrar pode ser compreendido como uma ação adotada em face das vivências no país de origem e estando relacionada à luta por direitos humanos tanto na sua inserção no Brasil como na relação mantida com o Haiti.

No trabalho de campo acompanhei e participei desde 2014 das oficinas desenvolvidas na Zona Norte de Porto Alegre pelo Grupo de Assessoria a Imigrantes e a Refugiados – GAIRE/SAJU/UFRGS, que tem por objetivo empoderar os(as) migrantes para sua inserção na sociedade brasileira e garantia de direitos. Esta minha entrada em campo me possibilitou compreender, a partir desta rede constituída por voluntários(as), o papel das redes de apoio formadas nas experiências migratórias de haitianos(as) e como estas redes de apoio podem ser compreendidas como uma espécie de resistência. Problematizo a noção de resistência por compreender o engajamento e a agência dos(as) migrantes na participação das redes e também no sentido das redes apoiarem o ato migratório, facilitarem a inserção local ou ainda, na falta de redes estabelecidas, dificultar a inserção e o acesso a direitos básicos, como o aprendizado do português e acesso a trabalho e moradia. Desta forma, a pesquisa etnográfica em desenvolvimento tem como objetivo analisar quais são as redes formadas, os seus limites e também quais possíveis redes não são de fato formadas. Destaco, neste primeiro momento, a importância das redes formadas por voluntários, no caso a própria rede proposta pelas oficinas organizadas pelo GAIRE, porém, atenta aos limites desta rede percebidos pela alternância e falta de regularidade do público que frequenta as oficinas (variando de cinco a quarenta participantes por encontro). Outra rede que se mostra como uma rede a ser analisada e problematizada se refere à rede religiosa, com grande número de participantes nos espaços religiosos. Como exemplo, o culto realizado na Esperança Cordeiro na Igreja Pentecostal para haitianos conta com um público médio de cem haitianos(as), demonstrando a abrangência e relevância deste espaço.

---

## CONTEXTO HISTÓRICO HAITIANO

Alguns aspectos da história do Haiti são destacados por serem relevantes para a compreensão dos processos migratórios de haitianos(as) para o Brasil. Dentre eles, a colonização espanhola ocorrida em 1492, com a dizimação da população nativa e a introdução de africanos escravizados e a posterior independência no ano de 1804 com a vitória dos revolucionários haitianos sobre os franceses, que ocupavam o país desde 1697. A revolução haitiana é descrita por Seguy como a “única revolução vitoriosa de uma sociedade escravizada” (2014, p. 51). Este dado histórico tem maior relevância ao ser destacado o forte nacionalismo haitiano, em que o enaltecimento da história do Haiti e da revolução ocorrida desencadeia um forte sentimento em relação ao país e seus símbolos como, por exemplo, a comemoração do dia da bandeira (18 de maio) e do dia da independência (1 de janeiro). Ainda contextualizando a história haitiana destaca-se a invasão e exploração pelos EUA entre 1915 e 1934 e a ditadura Duvalier (1957 - 1971) com caráter fortemente repressor e que representou um período de acirramento das desigualdades sociais no país (HANDERSON, 2015), repercutindo na história e caráter identitário até os dias atuais também no que se refere à emigração para outros países.

Ao pensar no caso haitiano, destacando a especificidade do terremoto ocorrido em 2010, considero ser possível pensá-lo como um “evento crítico” (DAS, 1995). É interessante que Veena Das conceitua o evento crítico pela capacidade que tem de transformar categorias, significados, formas de sentir e pensar, e não pela sua magnitude (DAS, 1995). Neste sentido, é uma quebra no cotidiano, uma marcação com transformações que desestabiliza

categorias socialmente estabelecidas e construídas, mas não é necessariamente uma tragédia. O terremoto, então compreendido como um evento extraordinário, somente toma esta proporção por estar contido no ordinário. No caso, o ordinário percebido são as desigualdades sociais, considerando que o terremoto teve grandes consequências não apenas pela sua densidade, mas também pela condição do país de desigualdade social e falta de estruturas básicas. Um grupo de pesquisadores da Unicamp no Haiti quando do terremoto descreve em relato disponível online: “O que presenciamos ontem no Haiti foi muito mais do que um forte terremoto. Foi a destruição do centro de um país sempre renegado pelo mundo. Foi o resultado de intervenções, massacres e ocupações que sempre tentaram calar a primeira república negra do mundo”<sup>2</sup>. Desta forma, ao analisar as consequências do terremoto e o contexto do país após este evento, é necessário problematizar o contexto socioeconômico do Haiti.

Estima-se que de quatro a cinco milhões de haitianos(as) vivem fora do país, dado que “representa a metade dos habitantes do Haiti, estimados em 10.413.211 em 2013 pelo Institut Haïtien de Statistique et d’Informatique (IHSI)” (HANDERSON, 2015, p. 52). Ou seja, é uma prática corriqueira a emigração do Haiti, mas mantendo fortes laços com o país. A emigração é, então, motivada por questões econômicas onde o migrante muitas vezes sai do Haiti sem sua família, mas com o apoio desta. A grande maioria dos(as) migrantes mantém ao mesmo tempo parte de sua família que está no Brasil e parte de sua família que permanece no Haiti, além da relação com familiares em outros países. Neste contexto, é possível compreender o local central que a diáspora ocupa na sociedade haitiana, a exemplo do seu papel “imprescindível” (THOMAZ, 2012, p. 34) como meio de ajuda à população nos dias seguintes ao terremoto.

---

## RELAÇÕES ENTRE HAITI E BRASIL

Destaco a relação do Haiti com o Brasil para ser possível pensar sobre os processos migratórios que ocorrem entre estes países. Segundo dado apresentado pelo ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados) mais de 39.000 haitianos entraram no Brasil entre 2010 e setembro de 2014. O Brasil passou a ser um país de interesse para migração haitiana a partir de 2010 por alguns motivos, dentre os quais é possível destacar a presença de tropas brasileiras na MINUSTAH<sup>3</sup>, o que propiciou um contato direto com brasileiros; a atração pelo futebol brasileiro e o “convite” feito pelo presidente Lula em 2010, onde colocou o Brasil de forma receptiva à imigração haitiana (FERNANDES e CASTRO, 2014). Estes são os motivos mais aparentes desta relação entre os dois países, entre os quais ocorre um fluxo migratório intenso até o ano de 2015. Apesar de ainda existente, é possível perceber uma diminuição do fluxo migratório para o Brasil no final do ano de 2015 e ao longo de 2016. Um dos motivos para esta diminuição, conforme percebido em campo e também em discussões que perpassam diferentes esferas, se deve ao aumento da dificuldade em encontrar empregos com um salário que possibilite viver dignamente no Brasil e ainda enviar dinheiro para familiares no Haiti, situação agravada também com a alta do dólar em relação ao real.

A todos(as) haitianos(as) que chegam ao Brasil é concedido o visto humanitário, visto

---

2 O trecho foi extraído da página virtual intitulada “Pesquisadores da Unicamp no Haiti: Grupo de pesquisadores da Unicamp, sobre o tema Haiti no Haiti” elaborada pelos pesquisadores Daniel Felipe Quaresma dos Santos, Diego Nespolon Bertazzoli, Joanna Lopes da Hora, Marcos Pedro Magalhães Rosa, Omar Ribeiro Thomaz, Otávio Calegari Jorge, Rodrigo C. Bulamah, Werner Garbers e Cris Bierrenbach. Disponível no link <https://lacidadelle.wordpress.com/> e acessada em setembro de 2015.

3 Desde 2004 está presente em território haitiano a MINUSTAH (Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti), com a atuação de tropas brasileiras a partir da doutrina de intervenção humanitária. A MINUSTAH foi estabelecida com a Resolução 1542 do Conselho de Segurança da ONU tendo como principais objetivos “provimento de segurança e de um ambiente estável, particularmente através do desarmamento; apoio ao processo político e boa governança em preparação para futuras eleições; e monitoramento e apresentação de relatórios sobre os direitos humanos” (Centro de Justiça Global e Harvard Law Student Advocates for Human Rights, 2005, p. 1). Porém, segundo Seguy (2014), o Haiti não precisaria de tropas militares, mas de paz e solidariedade (médicos, professores, engenheiros), problematizando que a ocupação militar não protegeria os haitianos e sim interesses imperialistas. Desta forma, ocorre esta dupla visão sobre a presença da MINUSTAH, em que, por um lado, é vista como uma ação humanitária em prol do desenvolvimento e segurança do país, porém, por outro lado, é debatida como uma atitude imperialista que nada tem a acrescentar ao real desenvolvimento do país, mas apenas à economia gerada a partir da exploração do país.

criado especificamente para esta demanda em 2012 com o objetivo de facilitar o processo burocrático. Antes da criação do visto humanitário os imigrantes solicitavam o refúgio, que é concedido quando a mobilidade está relacionada a fundado temor de perseguição. Além do pedido de refúgio ser um processo mais demorado, no caso haitiano não há garantias de que o pedido seja acolhido, pois estes migrantes podem ser pensados como imigrantes econômicos e/ou deslocados ambientais, não se adequando na definição estabelecida para a obtenção do status de refugiado. O visto humanitário entrou em vigor com a resolução normativa nº 97 do Conselho Nacional de Imigração (CNIG) em 2012 com vigência de dois anos, tendo sido prorrogado pelas resoluções normativas nº 106, nº 113 e nº 123, estando atualmente em vigor até 30 de outubro de 2017. O objetivo do visto humanitário é regular legalmente a entrada dos(as) migrantes no país, possibilitando a acolhida concedendo o visto por razões humanitárias “resultantes do agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto ocorrido naquele país em 12 de janeiro de 2010” (CONSELHO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO, 2012).

A criação do visto humanitário brasileiro para haitianos(as) demonstra o grande alcance de redefinições pós terremoto, o que também se relaciona com a percepção do terremoto como um evento crítico (DAS,1995). É interessante que o terremoto repercute em toda população haitiana, mesmo para os habitantes de regiões não afetadas pelo terremoto. Isto se deve ao fato do visto humanitário abranger todos os cidadãos haitianos, ou seja, aqueles que não foram afetados diretamente pelo terremoto mas que almejam emigrar para outro país por outros motivos, principalmente econômicos, também possuem o visto facilitado para permanecer no Brasil. Este fato modifica o contexto vivenciado por todos(as) haitianos, onde a relação com o terremoto possui grande relevância.

O visto humanitário disponibilizado na embaixada do Brasil no Haiti também implica na diminuição do ingresso pela fronteira terrestre que ocorre sem o visto pelo estado do Acre, porém, um dos problemas neste contexto é a dificuldade da embaixada brasileira conceder o número de vistos demandado. Segundo dados divulgados pelo Portal Brasil, no ano de 2015 eram emitidos mensalmente 2000 vistos na embaixada localizada em Porto Príncipe, capital haitiana, número pequeno diante da demanda. Desta forma, o fluxo migratório continuava acontecendo em grandes proporções através da fronteira terrestre, em situações vulneráveis e com elevadas taxas pagas a “coiotes” no “tráfico de imigrantes”. (FERNANDES e CASTRO, 2014, p. 15).

Após a chegada ao norte do Brasil, os(as) haitianos(as) vão para outras cidades e estados, principalmente em busca de trabalho ou por já terem conhecidos e familiares nestes locais. Nos anos de 2014 e 2015 alguns ônibus foram enviados pelo estado do Acre na direção sul do país, com paradas em diferentes cidades. Dos haitianos(as) que chegaram à cidade de Porto Alegre alguns ficaram temporariamente, indo posteriormente para cidades no interior, e outros resolveram continuar na cidade. Esta vinda de ônibus com haitianos(as) foi amplamente divulgada pela mídia, o que dá ao tema visibilidade e gera comentários tanto de acolhimento e boas vindas como comentários racistas e xenofóbicos. Em Porto Alegre, os(as) haitianos(as) que chegaram nos anos de 2014 e 2015 sem destino específico ficaram, num primeiro momento, abrigados no Centro Vida Humanístico, localizado na Zona Norte da cidade.

---

## **ENTRADA EM CAMPO: A PRESENÇA DE MIGRANTES HAITIANOS(AS) NA ZONA NORTE DE PORTO ALEGRE**

Após compreender aspectos mais gerais dos processos migratórios de haitianos(as) para o Brasil, contextualizo o contato inicial que tive com a presença de migrantes haitianos(as) na Zona Norte de Porto Alegre, principalmente na Vila Esperança Cordeiro. No início do ano

de 2014 alunos(as) de medicina da UFRGS que estagiavam no Posto de saúde Esperança Cordeiro observaram que alguns haitianos(as) iam ao posto, porém, tinham muita dificuldade de comunicação por não falarem português. Estes(as) alunos(as) mobilizaram algumas pessoas para ajudar diretamente nesta necessidade de comunicação para acessar os serviços de saúde. Esta primeira mobilização foi se ampliando e pessoas voluntárias começaram a pensar em formas de ajudar estes imigrantes no bairro, momento no qual eu também me juntei ao grupo que se formava. Entre os voluntários que se somaram destacou-se o GAIRE e também o Núcleo de Antropologia e Cidadania (NACI - UFRGS) através da participação da professora Denise Jardim. Em maio de 2014 iniciaram-se atividades no bairro voltadas para os(as) migrantes, ocorrendo em formato de oficinas nos sábados e domingos à tarde na Associação de Moradores do bairro. Nas oficinas os(as) haitianos(as) tinham um espaço para trazer dúvidas e questões específicas vivenciadas, além da proposta do ensino da língua portuguesa.

No final do ano de 2014 as atividades começaram a ser realizadas no Centro Vida Humanístico, localizado na Avenida Baltazar e ao lado da Vila Esperança Cordeiro. O formato permaneceu o mesmo até o final do ano, com uma rotatividade de voluntários(as) organizando atividades em alguns finais de semana. No início de 2015 o formato se modificou e o GAIRE assumiu a responsabilidade total das oficinas através de um projeto de extensão vinculado à UFRGS. O grupo se organizou, então, em um formato fixo através da elaboração de um projeto específico visando o empoderamento dos(as) imigrantes para sua inserção na sociedade brasileira e garantia de direitos.

As atividades que se iniciaram em março de 2015 mudaram novamente de local, passando a acontecer em uma escola localizada a poucas quadras da Vila Esperança Cordeiro. O local foi escolhido pelo contato e parceria ocorrido com o diretor da escola, que abriu as portas desta para as atividades e para pensar conjuntamente na inserção dos(as) imigrantes na comunidade. A mudança na organização incidiu bastante na dinâmica das oficinas. Num primeiro momento, poucas pessoas foram nos encontros, o que motivou uma organização do grupo para o contato com os(as) imigrantes no bairro em diferentes dias da semana e do final de semana. Desta forma, foi se criando aos poucos uma relação entre estes que propiciou a formação de um grupo, e, num tempo médio de dois meses, com o contato e vínculo estabelecido, as oficinas realizadas na Escola começaram a contar com uma presença média de 30 haitianos(as).

As principais temáticas abordadas nas oficinas referem-se às barreiras enfrentadas cotidianamente na inserção na sociedade brasileira, sendo a principal barreira a língua, pois quem está no Brasil há poucas semanas e meses muitas vezes não consegue se comunicar com brasileiros(as), o que dificulta a inserção local e a obtenção de emprego. Pensando na importância do aprendizado da língua, um dos esforços do grupo foi em buscar alternativas com este fim. Além de oficinas voltadas para a conversação em português, o diálogo com a escola possibilitou que alguns(as) haitianos(as) frequentassem o EJA (Educação de Jovens e Adultos), tanto para o aprendizado do português como enquanto uma possibilidade de continuar os estudos. Em relação ao aprendizado do português é possível fazer um recorte de gênero, observando que as mulheres demoravam um tempo significativamente maior para começar a compreender e falar português. Algumas delas, mesmo já estando há mais de um ano no Brasil, ainda não conseguiam se comunicar em português, ficando restritas ao convívio com haitianas e haitianos.

Outra demanda refere-se à procura por emprego, sendo este fundamental para o sustento no Brasil e também para o envio de dinheiro para a família que ficou no Haiti. Apesar dos diferentes níveis de formação educacional e profissional dos(as) migrantes, a grande maioria procurava inicialmente emprego em qualquer área, tendo a maior oferta em empresas terceirizadas de limpeza, na construção civil e em empresas alimentícias. Algumas oficinas foram focadas na elaboração de currículos e em conversas sobre os direitos trabalhistas no Brasil. Outras demandas trabalhadas nas oficinas abordaram questões referentes à moradia e aluguel, acesso à saúde, acesso a direitos sociais através dos CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) e conversas problematizando questões referentes ao racismo e à xenofobia experienciados.

Ao longo do ano de 2016 as oficinas passaram a contar com um público menor, abrindo espaço para reflexões dos motivos da grande inconstância da participação no projeto. Esta reflexão sobre o papel das oficinas também permite perceber outras redes que se fazem importantes para os(as) migrantes e seus intercruzamentos. Mesmo com o

enfraquecimento das oficinas, era possível observar as relações traçadas com distintas redes, ressaltando a relação com os espaços religiosos. Ao longo das oficinas os(as) voluntários(as) do projeto eram constantemente convidados(as) para participarem do culto religioso que ocorria todos os domingos pela manhã em uma Igreja Pentecostal localizada na Vila Esperança Cordeiro. Quando conheci o culto, no primeiro semestre de 2016, percebi a grande importância deste espaço para os(as) haitianos(as) pela forte presença no local. Cerca de cem haitianos compareciam ao culto religioso, número muito maior do que o número de migrantes que já participou das oficinas realizadas no Bairro. Este fato demonstra a importância deste espaço social que se torna, então, um ponto fundamental em meu campo etnográfico na compreensão de outras redes de apoio presentes nas trajetórias percorridas por haitianas e haitianos.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensar nos processos migratórios destes(as) migrantes haitianos(as) é necessário compreender como ocorrem os fluxos e trajetórias de vida. Problematizando as relações sociais e familiares dos migrantes haitianos(as) se reflete sobre o debate transnacional (JARDIM, 2013) a partir de uma observação local. Nesta abordagem, destaco o conceito de hermenêutica diatópica (SANTOS, 2003), em que o diálogo intercultural sobre a dignidade humana se organiza a partir de sentidos locais ao invés de falsos universalismos, sendo possível pensar em uma “concepção mestiça de direitos humanos” (SANTOS, 2003, p. 23). Neste contexto, ao abordar os aspectos referentes às motivações da emigração e ao processo de inserção dos imigrantes localmente, das barreiras enfrentadas e das relações mantidas, destaco o trabalho de campo na antropologia como o local que mostra a negociação (JARDIM, 2013) que ocorre entre o Estado e as comunidades diversas as quais exigem a implementação de políticas públicas que atendam à justiça e dignidade humana.

Para tanto, também se faz relevante ponderar acerca das questões relacionadas à globalização e às interações entre os processos globais e locais. Patarra elabora uma análise sociológica acerca das migrações internacionais contemporâneas a partir de “processos macroestruturais de reestruturação produtiva e no contexto internacional da atual etapa da globalização, em suas múltiplas dimensões e desdobramentos” (2006, p. 7) afirmando que, neste contexto, os direitos humanos passam a ser um instrumento legítimo, aceito e utilizado nacional e internacionalmente, sendo as “políticas migratórias celebradas e formuladas a partir dessa legitimação” (2006, p. 8). Porém, cabe destacar que, apesar destas ponderações, muito tem de ser feito na luta por direitos e pela dignidade humana dos(as) migrantes, o que ocorre também a partir das brechas configuradas pelas propostas de governança internacional (PATARRA, 2006, p. 8). Estas brechas demonstram um caminho pelo qual as pessoas conseguem agir. Por isso mesmo destaco a grande importância da agência e resistência dos(as) imigrantes e de demais pessoas através das redes de apoio.

Neste artigo enfatizei, a partir das oficinas desenvolvidas na Zona Norte de Porto Alegre, o caráter central das redes de apoio nas experiências migratórias. Desta forma, é possível problematizar como as redes de apoio facilitam uma inserção local digna e estão relacionadas com as estratégias adotadas pelos(as) migrantes na busca pela garantia e respeito aos direitos humanos. Isto posto, enfatizo a importância de compreender as especificidades observadas em campo das diferentes redes de apoio e seus intercruzamentos. Para além da rede relacionada ao projeto de oficinas, é possível perceber distintas redes que perpassam as experiências de haitianos e haitianas. Uma destas redes se configura enquanto uma rede de apoio religiosa, como no caso da Igreja Pentecostal frequentada assiduamente por haitianos e haitianas na Vila Esperança Cordeiro. Outro aspecto relevante relacionado às redes de apoio observadas está na relação com organizações e espaços públicos. A princípio, atores públicos e políticas públicas deveriam atuar enquanto estratégias elaboradas para assegurar os direitos dos(as) migrantes na inserção local, o que ocorre apenas parcialmente e de forma ainda desarticulada. Neste contexto, tanto nas oficinas como nos cultos, percebi as estratégias formuladas conjuntamente e a troca de informações para que migrantes pudessem acessar os direitos básicos a partir da ida em órgãos públicos estratégicos.

Concluindo, este trabalho buscou refletir sobre o fluxo migratório de migrantes haitianos(as) na sua relação com o Brasil a partir das experiências dos(as) migrantes residentes na Zona Norte de Porto Alegre. O trabalho de campo (que ainda está sendo desenvolvido e que será amplamente discutido na dissertação de mestrado) tem como objetivo criar um espaço de reflexão sobre os fluxos migratórios e também destacar suas especificidades como, por exemplo, os motivos desta migração para além dos motivos econômicos; o aspecto identitário e a diáspora haitiana; a inserção local a partir das dificuldades e facilidades e das redes de apoio formadas, a vulnerabilidade social, os direitos humanos e as políticas públicas. Espero que estas considerações sirvam como uma problematização inicial desta temática tão pertinente em nosso contexto atual.

---

## REFERÊNCIAS:

ACNUR. **Dados sobre refúgio no Brasil:** uma análise estatística (2010-2014). Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/estatisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil/>. Acessado em maio de 2015.

BRASIL. Conselho Nacional de Imigração. **Resolução Normativa nº 97**, de 12 de janeiro de 2012. Dispõe sobre a concessão do visto permanente previsto no art. 16 da Lei no 6.815, de 19 de agosto de 1980, a nacionais do Haiti. 2012. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C816A350AC8820135687F345B412D/RESOLU%C3%87%C3%83O%20NORMATIVA%20N%C2%BA%2097.pdf>. Acessado em setembro de 2015.

BRASIL. Conselho Nacional de Imigração. **Resolução Normativa nº 106**, de 24 de outubro de 2013. Prorroga a vigência da Resolução Normativa nº 97, de 12 de janeiro de 2012. 2013. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/data/files/FF808081419E9C900141F0140AA718A4/RESOLU%C3%87%C3%83O%20NORMATIVA%20106.pdf>. Acessado em setembro de 2015.

BRASIL. Conselho Nacional de Imigração. **Resolução Normativa nº 113**, de 09 de dezembro de 2014. Prorroga a vigência da Resolução Normativa no 97, de 12 de janeiro de 2012. 2014. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C816A4AC03DE1014ADDCE54511D96/RN%20113%20v2.pdf>. Acessado em setembro de 2015.

BRASIL. Conselho Nacional de Imigração. **Resolução Normativa nº 123**, de 13 de setembro de 2016. Prorroga a vigência da Resolução Normativa nº 97, de 12 de janeiro de 2012. 2016. 167. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=328777>. Acessado em setembro de 2016.

DAS, Veena. **Critical events:** An anthropological perspective on contemporary India, Delhi: Oxford University Press, 1995.

FERNANDES, Duval. CASTRO, Maria da Consolação G.. Projeto “**Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral**”. Belo Horizonte. 2014. Disponível em: [http://obs.org.br/index.php?option=com\\_k2&view=item&id=746:projeto-estudos-sobre-a-migracao-haitiana-ao-brasil-e-dialogo-bilateral&Itemid=130](http://obs.org.br/index.php?option=com_k2&view=item&id=746:projeto-estudos-sobre-a-migracao-haitiana-ao-brasil-e-dialogo-bilateral&Itemid=130). Acessado em setembro de 2015.

HANDERSON, Joseph. **Diaspora:** As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa. Tese de Doutorado, Museu Nacional, UFRJ, 2015.

\_\_\_\_\_. Diaspora: Sentidos Sociais e Mobilidades Haitianas. In: **Horizontes Antropológicos**, ano 21, no. 43, 2015, pp. 51-78. << <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-718320150001000032015>>>

JARDIM, Denise F. Alteridades e (In) visibilidades: uma perspectiva antropológica sobre direitos humanos e dignidade. In: Jardim, D.F. & Lopez, Laura C. **Políticas da Diversidade:** (in) visibilidades, pluralidade e cidadania em uma perspectiva antropológica. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2013, pp. 21-38.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. Entrando e saindo da "mistura": os índios nos censos



# HAITIANOS EVANGÉLICOS: LUGARIDADES E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA EM PORTO VELHO-RO<sup>1</sup>

Rosa Martins Costa Pereira<sup>2</sup>

## RESUMO

---

A experiência evangélica dos haitianos parece ser um tema de pouco interesse para os estudiosos. Considera-se que um dos motivos desse silêncio seja o preconceito disfarçado da crítica ao poder-ser. A suposta despersonalização gerada por uma religião importada que retiraria a “essência africana” dos haitianos, tem empobrecido o debate acadêmico e promovido certa desistência da busca pela compreensão de nossa condição como ser-no-mundo, que é complexa, não podendo ser reduzida pelas categorias acadêmicas, que se tornaram santuários científicos de intensa peregrinação por grande parte dos estudiosos das ciências humanas. Essa pesquisa teve como objetivo compreender aspectos da experiência religiosa evangélica de haitianos no contexto migratório a partir da análise de lugaridades, construídas em entrevistas com haitianos e brasileiros que tiveram experiências de migração e com imigrantes, respectivamente. O suporte teórico-metodológico se insere na interlocução entre geografia e fenomenologia. A partir das noções de mundos da vida (HEIDEGGER, 2010) e geograficidade (DARDEL, 2011), pensamos a religião como experiências do mundo vivido dos sujeitos da pesquisa que foram narradas em contato pessoal e prolongado com a pesquisadora. As lugaridades analisadas relacionam-se às experiências da vida, não somente à igreja. A experiência religiosa é vista como experiências com Deus na vida em movimento.

**Palavras-chave:** Lugaridades. Experiência religiosa. Haitianos evangélicos.

## INTRODUÇÃO

---

A compreensão de aspectos da experiência religiosa de haitianos evangélicos se deu a partir de suas lugaridades narrativas, nas quais observamos que suas experiências evangélicas anteriores no país natal foram reorganizadas no contexto migratório, sem perder totalmente o vínculo com suas comunidades religiosas de origem. Com efeito, eles recriam novas experiências religiosas no espaço telúrico, formando e convivendo na sua fé em uma nova Igreja, composta por membros de diferentes denominações. Assim, como comunidade, atualizam suas experiências com a terra natal.

A pesquisa teve como objetivo compreender aspectos da experiência religiosa evangélica haitiana no contexto migratório a partir da análise de lugaridades construídas em entrevistas abertas e em profundidade com haitianos e brasileiros que atuam ou atuaram

---

1 Esse texto é parte da Tese de Doutorado “Bondye beni ou: lugaridades com haitianos evangélicos, defendida em março de 2016 pela autora no Doutorado Interinstitucional (DINTER) entre a Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e o Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR)

2 Pedagoga, especialista em gestão escolar e em metodologia do ensino superior, mestre e doutora em geografia. Pesquisadora do Laboratório Território, Cultura e Representação/LATECRE/NEER/UFPR e líder do Grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Tecnologias GET/IFRO. Coordenadora do Observatório do Instituto Federal de Educação de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia.

diretamente com os imigrantes haitianos.

Nesse texto, optou-se por limitar-se às entrevistas realizadas com dezessete imigrantes haitianos (dez homens e sete mulheres), apenas dois (um homem e uma mulher) não são membros da comunidade evangélica pesquisada. Decidimos manter suas entrevistas porque constituíram nossa porta de acesso ao mundo haitiano. Ainda que a maioria tenha autorizado o uso de seus nomes reais, optamos por substituí-los a fim de preservar o sigilo ético da pesquisa. É importante destacar também que durante a viagem da pesquisadora ao Haiti em 2015 teve-se a oportunidade de participar de uma palestra com um pastor evangélico haitiano. As anotações dessa palestra também compõem nosso foco de análise.

O suporte teórico-metodológico da pesquisa se insere na interlocução entre geografia e fenomenologia, um encontro que tem se mostrado profícuo. Entretanto, esse encontro ainda está por exercer influências nos estudos populacionais da ciência geográfica. Esse foi o grande desafio que enfrentamos: encontrar caminhos para uma análise fenomenológica de temas como o da fronteira, predominantemente estudados por outras abordagens.

---

## CRISTIANISMOS NO HAITI

O cristianismo europeu chegou ao Haiti na sua vertente católica especialmente, pelas mãos de espanhóis como Colombo. Jeanty (2011) afirma que foi o cristianismo católico que “deu a igreja ao Haiti”. Por essa razão, ele se pergunta: “o cristianismo é uma religião importada?” E é o próprio autor que responde: “Le Christianisme ne connaît pas de frontières” (O Cristianismo não conhece fronteiras). Entretanto, a liturgia modelada pelas Igrejas ocidentais, que incluía, por exemplo, o uso do latim, em nada se identificava com a história e a cultura haitianas. Aliado a isso, a radicalidade com que se combatiam as crenças locais fez com que o cristianismo fosse considerado uma religião dos *blancs*, de estrangeiros, logo, importada e com conotação pejorativa. Para Jeanty o valor do cristianismo para o Haiti depende de sua adaptabilidade à cultura afro-latina e à contribuição histórica do país.

O protestantismo chegou ao Haiti no século XIX, muito tempo depois da Igreja católica pela via da educação e de forma diferente em cada região do país. Nas primeiras décadas do século XIX, Henri Christophe que governava a região norte, convidou protestantes para “abrir” escolas no país e, em contrapartida, eles poderiam “abrir” suas igrejas. À parte oeste do país, governada por Alexandre Pétion, chegaram metodistas que, mais tarde, abandonaram o país para fugir da perseguição de Pierre Boyer, assessor de Pétion que assumiu tanto o seu lugar e também passou a governar na região norte após o suicídio de Christophe.

Foi a partir de 1844 que os protestantes voltaram e se disseminaram no país por meio da construção de igrejas e escolas. Destacam-se as cidades de Porto Príncipe, Gonaïves, Jérémie e Cap Haitien, as quais tiveram forte influência evangélica em sua constituição (1300. – LE PROTESTANTISME..., 2000). É importante destacar que essas cidades são os lugares de origem de um grande grupo de haitianos que está no Brasil e que de lá (principalmente de Gonaïves) emigrou a maioria dos sujeitos que participaram de nossa pesquisa.

Uma figura que ilustra a presença protestante no Haiti é a do pastor Mark Baker Bird (1807-1880), que viveu no país durante trinta anos. Diferentes grupos protestantes se instalaram no país, os quais, a partir desse momento, passaram a ser designados como “evangélicos”,<sup>3</sup> entre eles: batistas, metodistas, adventistas do sétimo dia e episcopais. A ênfase na educação e na formação de pastores entre a comunidade haitiana pode ter contribuído para a disseminação evangélica no país.

A utilização do crioulo como língua de evangelização e a fixação das igrejas em bairros populares e na zona rural promoveram um grande crescimento do protestantismo no Haiti a partir, principalmente, da década de 1950. Além disso, o protestantismo foi considerado um refúgio diante da relação mal resolvida pela Igreja católica com os haitianos, pelo

---

<sup>3</sup> Utilizamos o critério da autodenominação referida por grande parte de cristãos não católicos.

vodu e “as forças do mal”, pelo senso de comunidade criado por exigências morais com aplicação na vida cotidiana. Aliado a tais aspectos, consideramos que outro fator facilitou a aproximação com o protestantismo: a maior liberdade nas expressões religiosas que, assim como o vodu, valorizavam os cantos e o contato mais direto com a divindade.

Nas entrevistas realizadas com brasileiros, identificamos que a lugaridade de destaque no que diz respeito à questão religiosa haitiana é constituída por uma visão que, de modo geral, desqualifica a experiência evangélica como “farsa”, lançando mão de discursos até mesmo sobre a higiene como justificativa.

Foram os argumentos que sustentam essa compreensão que nos fizeram optar pelo estudo de lugaridades religiosas com haitianos e haitianas que participam de uma comunidade evangélica em Porto Velho, Rondônia. Esses argumentos se apoiam em conectores que vão desde uma visão de autenticidade (coerência entre fé e vida) até hábitos de higiene. O tema de fundo, entretanto, a nosso ver, tem a ver com o modo de acesso à haitianidade, pois se parte de um único acesso à sua manifestação telúrica, que, ora os liga à ideia da África (“deveriam ir ao candomblé porque é mais próximo a eles”), ora os liga ao país de destino, onde eles – forjariam uma experiência religiosa para serem aceitos (“farsa”). Consideramos ambas as visões preconceituosas por desqualificarem o ser da experiência religiosa que vivenciou processos históricos de regionalização cotidiana e cuja alteridade não é reconhecida quando se assume fora dos conceitos do outro, pré-formados sobre a sua existência e que negam a ele a condição de poder-ser.

Acreditamos que a perplexidade que suscita em muitos a constituição evangélica de imigrantes haitianos que estão no Brasil tem como base, além do desconhecimento sobre a formação religiosa do Haiti, a visão de autenticidade cultural, segundo a qual compete a um grupo ser aquilo que se espera dele por sua “origem”. Essa visão desconsidera o que Santos (1994) chama de inter-viagens e interpenetrações culturais, bem como a composição de diferentes mundos que construímos em relação, conforme nos lembra Heidegger (2010).

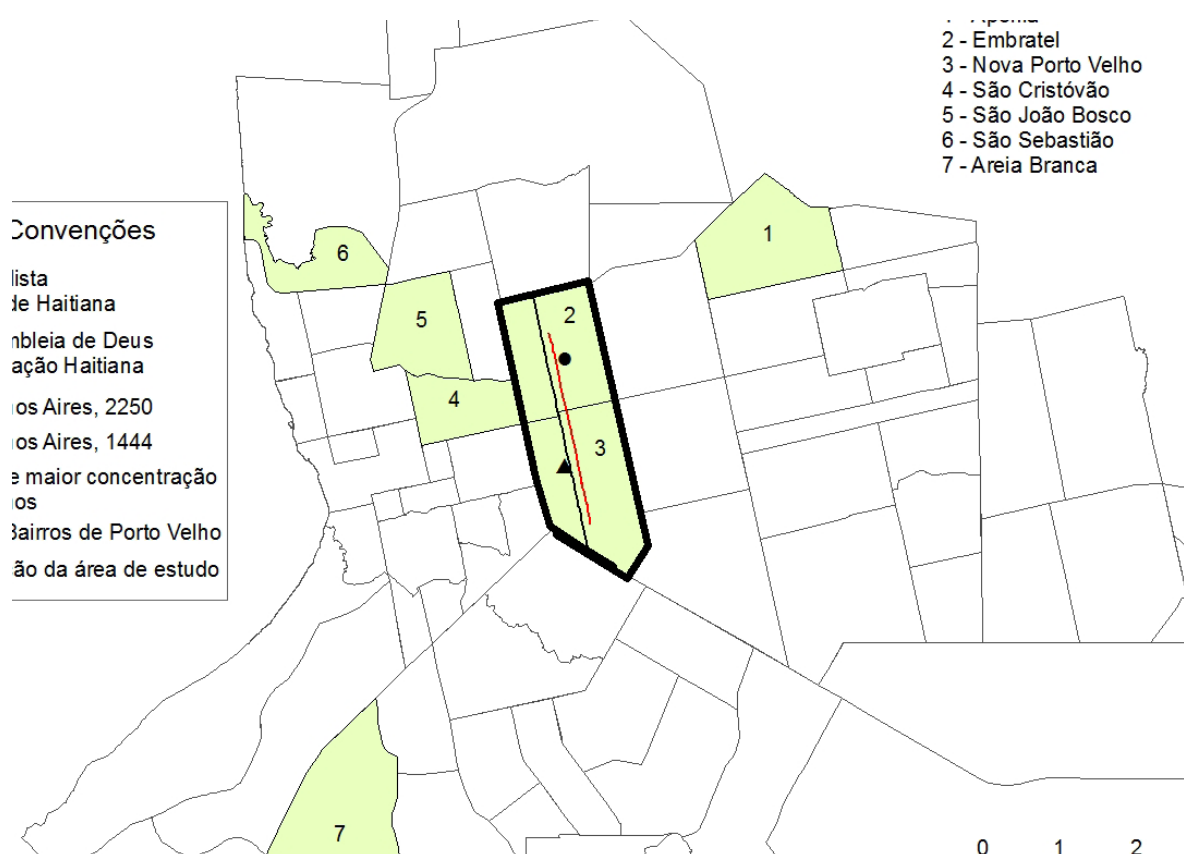
---

## VÁRIAS DENOMINAÇÕES, UMA IGREJA: DESCRIÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

A comunidade evangélica haitiana à qual tivemos acesso durante a elaboração deste estudo está localizada em um dos bairros à época com mais concentração de haitianos na cidade de Porto Velho.

Segundo os dados coletados até fevereiro de 2014 nos atendimentos realizados pela Secretaria de Estado de Assistência Social de Rondônia (SEAS/RO), os haitianos buscaram moradia em localizações centrais da cidade ou que tivessem fácil acesso ao centro e nas rotas de seus postos de trabalho. Os principais bairros são: Aponiã, Embratel, Nova Porto Velho, São Cristóvão, São João Bosco, São Sebastião e Areia Branca. A comunidade pesquisada está localizada no bairro Nova Porto Velho, conforme podemos observar no destaque abaixo (Figura 1):

**Figura 1** – Registro de moradias de imigrantes haitianos em Porto Velho atendidos pela SEAS/RO e área de estudo.



Fonte: LABGET/UNIR, (2015).

Nota: Elaborado com base nos dados coletados na SEAS/RO (2014).

Inicialmente, a comunidade se organizou no dia 13 de abril de 2012 sob a denominação que aqui chamaremos de “Igreja A”. A organização foi iniciada por meio de encontros entre os evangélicos haitianos para orações, estudos bíblicos e cantos em um lugar improvisado, perto da rodoviária da cidade. Entretanto, desde novembro de 2011, a igreja sede brasileira com a qual a “Igreja A” se vinculou vinha recebendo jovens haitianos interessados em ali congregar.

O primeiro pastor haitiano dessa comunidade evangélica haitiana gravou um DVD no qual apresenta trechos de cultos e entrevistas desde o início da organização da comunidade. No vídeo, o pastor afirma que os haitianos evangélicos entraram no Brasil para trabalhar, mas não podem esquecer quem “é o Deus da vida na nossa vida, que Jesus morreu por nós na cruz do calvário para dar a vida a nós”; e acrescenta: “por isso nós decidimos que, em qualquer país ou lugar onde nós estivermos, iremos levar o nome do nosso Deus e também colaborando com vocês, brasileiros, para que vocês saibam que nós, haitianos, conhecemos Jesus Cristo, esse nome que nos dá a vida”.

Durante a coleta de dados na Igreja A, conversamos no dia 28 de agosto de 2013 com um missionário brasileiro que aprendeu a falar crioulo e era representante da igreja sede<sup>4</sup> para acompanhar a congregação haitiana. Ele nos disse que a congregação, que iniciara com cerca de 50 haitianos, era constituída por pessoas de diferentes lugares do Haiti, especialmente de Gonaïves e que, antes de alugarem o prédio onde estavam, eles se reuniam na Rua João Pedro da Rocha, perto da rodoviária. Segundo ele, muitos moram perto do templo, e os que moram mais distante se deslocam de bicicleta ou a pé e, por isso, é muito importante cumprir fielmente os horários.

A congregação, que, à época do início da pesquisa (em 2013), tinha pouco mais de um

<sup>4</sup> Chamaremos de “igreja sede” a Igreja brasileira à qual a comunidade haitiana tinha se vinculado.

ano, estava ligada ao Setor 12 da igreja sede de Porto Velho. O missionário brasileiro, que gentilmente conversou conosco, falou-nos das necessidades materiais que ele percebia entre os membros da congregação – “é difícil, eles são sofridos” –, mas salientou que, “para louvar a Deus, eles não têm tristeza. Eles cantam, dançam... é a maneira deles de cultuar a Deus”.

A congregação foi organizada a partir da doação de outros membros: “um levava o órgão, outro doou o baixo, a guitarra...”. A Bíblia era utilizada nas versões em francês e em crioulo, e o hinário “*Chant’s d’Esperance*” norteava toda a prática litúrgica. Até aquele período, haviam sido realizados sete batismos, todos de homens, alguns dos quais foram recebidos por aclamação. A membresia estava em crescimento.

A constituição dos costumes eclesiais daquele grupo haitiano parecia não ser de conhecimento do missionário da igreja sede, pois, mesmo após um ano de organização da congregação, ele nos disse que ainda não tinha visto “apresentação de crianças”. No entanto, isso não pareceu ser um problema para a sede, pois sobressaía o zelo dos haitianos com o estudo da Bíblia, que era realizado às quintas-feiras, como também a preocupação em planejar (às sextas-feiras) o culto e as atividades da escola bíblica dominical. A função do missionário brasileiro era a de auxiliar os haitianos a se conformarem à doutrina da Igreja brasileira.

Entretanto, entre março e abril de 2014, a comunidade haitiana, reunida em assembleia, decidiu se desligar da igreja sede brasileira, construindo o que consideramos uma nova lugaridade religiosa. O dia do culto em que houve essa votação, nós estávamos presentes. A construção dessa nova lugaridade será analisada abaixo e, posteriormente, analisaremos as entrevistas dos haitianos e haitianas que participaram da pesquisa.

---

## DE CONGREGAÇÃO A COMUNIDADE HAITIANA: A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA LUGARIDADE RELIGIOSA

Além do trabalho de campo realizado na congregação haitiana, também realizamos estudos na biblioteca da igreja sede em Porto Velho. A partir de março de 2014, quando a comunidade deixou de ser uma “congregação” da igreja sede para constituir-se como uma “comunidade” também vinculada a outra igreja brasileira, continuamos nossos diálogos com o pastor haitiano e o contato com a comunidade e também incluímos o diálogo com o pastor brasileiro que coordenou a recepção e acompanha os novos membros na nova igreja que aqui chamaremos de “igreja B”.

A análise de alguns aspectos do que chamamos de conformação de uma nova lugaridade religiosa teve como base o conteúdo da pregação do pastor brasileiro da igreja sede da igreja A na ocasião que denominamos de “culto da despedida”, a qual marcou a desvinculação da comunidade haitiana da igreja A. Também tivemos como base a entrevista com o pastor brasileiro da igreja B. No período da entrevista, a comunidade haitiana estava havia um ano vinculada à nova denominação e tinha feito três anos de organização em Porto Velho. Pelo levantamento que realizamos, esta é a primeira comunidade haitiana em Porto Velho que se organizou como igreja vinculada a igrejas brasileiras, mas que se conformou em si como comunidade ao desvincular-se, por opção, de uma instituição religiosa da qual recebia a designação de “congregação”, vinculando-se a outra, assumindo para si uma nova designação como “comunidade”.

Retornaremos a esse assunto quando apresentarmos a análise das entrevistas com os dois pastores haitianos, o que organizou a comunidade haitiana da igreja A em 2012 e o que liderou tanto a saída da igreja A quanto a vinculação à igreja B em 2014.

---

## O CULTO DA DESPEDIDA

O culto foi realizado em fevereiro de 2014, dois meses antes de a congregação completar dois anos de existência. O líder brasileiro da igreja A iniciou saudando com a “Paz do Senhor” e destacando o Evangelho de Marcos, capítulo 16 (“ide por todo mundo e pregai o Evangelho; quem quer e for batizado será salvo, e quem não crer será condenado”) (BÍBLIA..., 2007).

O pastor brasileiro da igreja A afirmou querer reportar-se à temática estudada na lição bíblica da escola dominical “em todas as Igrejas A de Porto Velho, de Rondônia e do Brasil” e que abordava a história bíblica de Moisés, sua liderança e seus auxiliares a partir do versículo base “ouve agora a minha voz e eu te aconselharei, e Deus será contigo”.

O sermão foi interrompido algumas vezes por manifestações da congregação haitiana. Indicaremos esses momentos e nossa descrição deles entre parênteses. O sermão está na ordem em que foi pronunciado e será organizado em partes, por questões didáticas, para fins de análise.

A liderança torna-se o eixo norteador do sermão. Tomando como inspiração o exemplo de Moisés, que liderou o povo de Deus até a terra prometida, o pastor em diferentes momentos do sermão destaca um quadro que nos parece maior que um conjunto de virtudes espirituais, conformando uma espécie de *ethos* cristão baseado na confiança nas relações, na liberdade, na responsabilidade e na vontade.

Um aspecto interessante que o sermão nos revela é o de certo descontentamento por parte da igreja brasileira pelo fato de a igreja haitiana não seguir a estrutura nacional. A não utilização do material, da sequência e dos conteúdos da escola bíblica da igreja A demonstra, para além da dificuldade com a língua portuguesa, uma tentativa de se manter vinculado à terra natal, uma forma de preservar não somente a memória religiosa, mas algo da conformação da vida que tinham no Haiti.

Há uma breve introdução à problemática da desvinculação da igreja haitiana da igreja brasileira. O pastor brasileiro passa a narrar eventos que estavam acontecendo no país, em Porto Velho e fora do país. Destaca o carnaval, a enchente histórica do rio Madeira (que causou muitos problemas ao estado vizinho Acre, sendo nesse contexto que o governo daquele estado adotou a polêmica medida de financiar a ida de grupos de haitianos para São Paulo), além de situações pelas que estavam passando outros países. Considerando que o tema a ser tratado no sermão não era fácil, o pastor brasileiro inicia realizando um chamado à paz e justificando que a “igreja de Cristo não pode parar” em meio aos problemas. Novamente é citada a temática da confiança. Se seguirmos a linha inicial do sermão, observaremos que o tema da confiança está mais relacionado a uma exigência cristã na relação entre a liderança da igreja.

Abordando a temática central do sermão, o pastor dá um tom formal ao anunciar que ele e a liderança da igreja Ali presente iriam fazer uma comunicação. Destaca que a tentativa inicial da congregação da igreja A “Brasil-Haiti” era a de congregar brasileiros e haitianos em uma mesma comunidade. Entretanto, o que se conformou, finalmente, foi uma congregação constituída especificamente por haitianos, com exceção do missionário brasileiro que os acompanhava. Os motivos para a não participação de outros membros da igreja A, bem como os modos como essa proposta foi recebida inicialmente por brasileiros e haitianos, não foram esclarecidos. Entretanto, observamos que, da parte dos pastores haitianos, o objetivo era constituir uma congregação na qual os imigrantes pudessem se reunir, ouvir e falar em sua própria língua, estabelecendo um vínculo de comunhão que os ajudaria a ser tanto uma rede de apoio no contexto migratório quanto um lugar de memória (NORA, 1993).

O sermão do pastor, a partir desse momento, configura-se a partir de seu lugar narrativo como líder brasileiro da igreja A. A liberdade parece ser uma concessão dentro de um sistema já estruturado da agência religiosa que representa. Há também uma posição que pode traduzir tanto um reconhecimento de alteridade quanto um estranhamento na distinção do “seu culto” em relação ao culto da igreja A. Entretanto, ainda que haja diferenças entre os cultos brasileiro e haitiano, o pastor recorre à institucionalidade da agência religiosa com mediadora e limite para a liberdade concedida.

Outro assunto abordado foi o relativo à desvinculação do primeiro pastor haitiano

da comunidade, que, segundo o pastor, fora acordada com a liderança da igreja. As razões para a desvinculação não foram expostas, mesmo sendo do conhecimento da comunidade, provavelmente pela presença da pesquisadora e de algumas brasileiras que lá estavam naquele domingo. Entretanto, como a pesquisadora participava dos cultos e de outros momentos com comunidade, e em contato mais próximo com alguns membros, ela conhecia o contexto até porque tal temática já havia sido abordada em entrevista pelo próprio pastor haitiano que liderou a desvinculação.

Tratava-se de exigências da igreja brasileira em relação ao pastorado. Se, para a igreja católica, o padre deve ser celibatário, na igreja A e em outras igrejas evangélicas, o pastor deve ser casado. O pastor Willy não havia formalizado seu casamento, e sua esposa, que não tinha vindo para o Brasil, já vivia maritalmente com outro homem no Haiti. A congregação haitiana, composta por pessoas de diferentes filiações religiosas evangélicas, também questionou a situação. Compreendemos que a questão do casamento do pastorado – mais do que a do celibato do padre, que é tida como indiscutível, ou a dos “escândalos”, vistos como “desvios” – revela uma intrínseca relação entre autoridade moral e liderança comunitária.

A figura do pastor nas igrejas evangélicas possui uma posição central. O pastor evangélico é visto como um líder, que, segundo Santos (2015), deve “[...] mobilizar toda a igreja para o crescimento” (p. 149). Mais do que isso, sua liderança é responsável pelo próprio desenvolvimento dos dons espirituais da comunidade. Há também a figura dos evangelistas, que são os “desbravadores”, “comissionados para anunciarem o Evangelho e ajudar a estabelecer uma nova obra na localidade” (p. 194). Observamos que o pastor haitiano que liderou a organização da igreja haitiana, ainda que considerado evangelista, na prática era pastor, considerando que pastores são aqueles que “[...] dirigem a congregação local e cuidam das necessidades espirituais” (p. 198).

Entretanto, consideramos que a situação conjugal do pastor haitiano não foi o único elemento que desencadeou a insatisfação da comunidade em relação à igreja A. Acreditamos que a proximidade do pastor Willy com a liderança brasileira da igreja A também gerou insatisfação na congregação haitiana, que considerava existir um descompasso entre suas necessidades e o modo como era tratada como congregação. Assim, já se vislumbrava a desvinculação da membresia, fato confirmado pela expressiva votação, como veremos adiante.

A institucionalidade novamente é mencionada como elemento de vinculação eclesial e hierarquia religiosa. Os mundos da vida são definidos a partir das experiências com a terra natal, marcando nelas a posição de alteridade por meio da alusão a um “lá” e um “aqui”, o que poderia fomentar insatisfação de ambas as partes. A língua é citada como barreira nesse processo de compreensão do outro, uma vez que se alude à necessidade da figura do intérprete para mediar o diálogo (o sermão foi traduzido simultaneamente para crioulo pelo pastor Jean).

Também fica clara a visão expansionista que caracteriza a igreja “A”. A administração de 309 congregações é realizada por meio de uma estrutura organizacional em setores. A congregação haitiana, vista como fruto desse trabalho de expansão, estava vinculada a um setor, assim como as demais congregações se vinculam aos respectivos setores. A expansão de igrejas é vista como uma graça, e a possibilidade de se expandir, como um privilégio. O pastor assume a impossibilidade desse privilégio no que diz respeito a esta congregação haitiana, considerando primordialmente que ela mesma não desejou tal vinculação.

Domingo passado nós estivemos reunidos no templo central com os obreiros e transmitimos a palavra do pastor Jean dizendo: **‘nós queremos ficar independentes’.** Ele disse: **‘a liturgia dos senhores da Assembleia de Deus não é igual à nossa, e nós não somos da Assembleia de Deus lá do Haiti’.** O pastor Jean mesmo de qual igreja lá no Haiti? [pastor Jean responde: Igreja Evangélica da Luz]. **Nós somos da Igreja Evangélica Assembleia de Deus. É diferente. Mas, como nós queremos abrigar vocês, nós recebemos vocês com membros nossos. Mas como ele disse que não quer mais, nós estamos prontos para acatar. Nós queremos trabalhar com quem quer e pode. Quem quer e não pode, não dá certo. E quem pode, mas não quer, não dá certo. Tem que poder e querer.** Vocês estão me entendendo? Amém? (Amém). (grifo nosso).

Pela primeira vez, o pastor da igreja A expõe os motivos apresentados para a desvinculação. No sermão, os motivos narrados estão relacionados às diferenças litúrgicas entre a igreja A e a maioria das congregações de origem dos membros da congregação, inclusive do pastor haitiano que a liderava. A recepção da congregação haitiana no rol da igreja A é apresentada como uma forma de abrigo religioso, mesmo com o reconhecimento das diferenças, que poderiam ser muito mais do que litúrgicas. A vinculação é considerada à luz de dois parâmetros: o desejo e a possibilidade. No sermão, não se faz uma descrição sobre o conteúdo que compõe esses parâmetros, mas se enfatiza que a igreja A aceita a decisão da congregação haitiana por, talvez, não aceitar um tipo de vinculação diferente do efetivado até esse momento.

**Ele foi o porta-voz de vocês. Eu quero saber de vocês quem está obedecendo a ordem dele e querem se desligar da Assembleia de Deus? Essa congregação vai continuar. Quem quiser vir pra cá, as portas estão abertas. Agora, quem quiser seguir o pastor Jean e o nosso irmão tem a liberdade. Nós somos livres. A gente só faz o que quer** [manifestação da comunidade]. Atenção, irmãos. É essa a palavra de vocês, é isso? Entenderam? (Amém.) **Ele disse que vai achar um lugar para se reunir. Nós deixamos vocês à vontade para fazer o culto de vocês, mas, mesmo assim, não está dando certo.** Paciência, né? **O templo vai continuar, vai ter um dirigente aqui, e, quem quiser ficar aqui, amém, e, quem não quiser, paciência. E não, quantos estão de acordo com o pastor Jean e querem ir com ele? Fiquem em pé.** [Todos os membros ficam em pé]. Pronto, obrigado. **Todo mundo, né?** Todo mundo... pode sentar. Atenção, irmãos. Aqui é um culto de adoração a Deus, é um lugar de reverência. (grifo nosso).

Esse foi um dos momentos mais tensos: a hora da votação. O pastor solicita confirmação da congregação sobre o desejo de desligamento da igreja A, provavelmente considerando que essa poderia não ter sido uma decisão unânime, pois alguns poderiam estar simplesmente “obedecendo a ordem” do pastor haitiano. Entretanto, o que se viu, no momento em que o pastor da igreja pediu que ficassem em pé os membros que desejavam o desligamento, foi que toda a igreja haitiana ficou em pé, confirmando, assim, que a decisão era unânime e que não havia sido tomada naquele momento. O convite para que membros da congregação haitiana permanecessem na nova congregação da igreja A que seria formada a partir dali é reforçado outras vezes. “O templo vai continuar” reitera a ideia inicial do sermão de que “a igreja de Jesus Cristo não pode parar”.

**Agora é o seguinte: nós investimos aqui para vocês. O investimento que nós fizemos vai ficar aqui, é nosso, brasileiro. O que for de vocês podem levar. Agora, o que for nosso tem que ficar aqui. Vai ter culto aqui. Nós precisamos dos bancos, precisamos do ar** [condicionado], **aquilo de som que for nosso, vai ficar também.** [Manifestação]. Peraí, vai com calma. [Risos]. **Nós somos crentes, né?** O que for de vocês podem levar. Agora, o que não for vai ficar, é nosso. **E quem quiser ficar conosco tem a liberdade. Tem alguém que quer ficar conosco? Fica em pé. Quem quer ficar aqui na igreja?** [Manifestação da comunidade. Ninguém ficou em pé]. **Ninguém? Ah, ta bom.** [A comunidade ri]. **Aquela bandeirinha do Haiti que está aí na porta, nós vamos tirar, viu? Aqui vai ser uma congregação da [igreja A].** Quem quiser vir assistir o culto conosco tem a liberdade. (grifo nosso).

A partir desse momento, o pastor da igreja A passa a destacar questões práticas da partilha de bens adquiridos e que não poderiam ser levados pela igreja haitiana, que não era mais a congregação da igreja A. Esse foi um momento bastante tenso, especialmente quando o pastor enumera investimentos da igreja A (bancos, ar-condicionado) e, posteriormente, pergunta se alguém pretendia continuar, já que o templo permaneceria alugado para a igreja A e ali seria formada uma nova congregação. A solicitação para ficar em pé se repete, dessa vez interrogando sobre uma possível permanência. Entretanto, além de ninguém ter ficado em pé, a comunidade sorri. O aviso da retirada da bandeira do Haiti da porta do templo é um recurso simbólico utilizado para concretizar o desligamento da congregação haitiana, mas também é feito como um apelo emocional. Entretanto, o convite continua aberto, nem que seja “para assistir o culto”, sem uma obrigatoriedade inicial de vinculação.



**Agora não é mais a congregação de haitianos. Vocês vão para outro lugar, vocês já podem.** É aquela criança que, quando nasce, precisa da mamadeira, precisa trocar as fraldas, aprender as coisas, mas, depois que cresce, cada um toca a sua vida. Amém, irmãos? (Amém). Então, a gente agradece a vocês e deseja sucesso. (grifo nosso).

O pastor realiza a comunicação oficial da desvinculação e assume que ela era de haitianos e não de haitianos e brasileiros, conforme se tinha previsto no propósito inicial da expansão. A congregação haitiana, que completava dois anos de organização, é comparada com uma criança que foi cuidada e que agora tem condições de autonomia. Com isso, lembra-se que essa não era a condição com que havia sido recebida pela igreja A.

**A partir de hoje qualquer implicação que houver entre o governo brasileiro e do Haiti é com vocês, não é mais conosco.** [Várias manifestações da comunidade]. Atenção, irmãos. Nós somos crentes e queremos morar no céu, sim ou não, irmãos? (Oui/sim.) [As manifestações continuam]. Atenção. Calma, irmãos. **Aqui é Brasil.** A partir de hoje qualquer problema que houver entre o Brasil e vocês, não é mais com a gente, **vocês resolvam. Não vão dizer por aí que vocês são ligados à Assembleia de Deus.** Amém, irmãos? [Amém – bem forte]. **Deus abençoe os irmãos, fiquemos em pé e vamos orar ao Senhor.** [Manifestações da comunidade]. Atenção, irmãos. O pastor Willy, que foi quem trabalhou para existir isso aqui, ele se esforçou. Naturalmente, é difícil você começar um trabalho e ele crescer. Depois que ele cresce, você vê o trabalho mudar de rumo, então ele quer dar uma palavra para vocês, viu? **Vocês querem ouvir?** [Silêncio]. Amém, irmãos? (Amém.) [O pastor Willy falou em crioulo]. [Aplausos]. (grifo nosso).

A desvinculação remete ao desabrigo. O nome e o abrigo anteriormente oferecidos cessam a partir do momento em que a congregação vota, por unanimidade, pelo desligamento da igreja A. O pastor Willy, que liderou a organização da congregação, fala por alguns momentos em crioulo, a língua da proximidade e não entendida pelos brasileiros presentes, exceto pelo missionário brasileiro da igreja A, que também acompanhava a situação.

[Tradução feita pelo próprio pastor Willy]. Eu disse: Deus ajudou o pastor (da igreja A) desde o começo, quando eu cheguei aqui em Rondônia para que nós pudéssemos ter essa igreja Assembleia de Deus haitiana aqui. **Foi muita luta, foi muito sacrifício para ter essa assembleia haitiana aqui. Agora, como o pastor (da igreja A) disse, uma criança, depois que cresce, pode tomar uma atitude, uma decisão dela.** Pode decidir se vai sair de casa, e o pai não tem obrigação de segurar ele. Só que, quando for fazer alguma coisa, é melhor pensar antes de fazer. Eu falei também que **Deus vai abençoar essa igreja haitiana em qualquer lugar que ela estiver.** Agora, como o pastor (da igreja A) disse, **na questão de documento, vocês não precisam mais apresentar que são membros da igreja Assembleia de Deus. A única coisa é que você vai ter que procurar uma missão, outro lugar para fazer.** Eu terminei falando a bênção, que a graça de Deus cubra todos vocês onde vocês estiverem. Muito obrigado. (grifo nosso).

Consideramos que a tônica do breve sermão do pastor Willy foi a diminuição da perspectiva de desabrigo causada pelo rompimento da congregação haitiana com uma estrutura brasileira já consolidada, ao tempo em que reforçou sua autonomia e a permanência do vínculo com o mundo compartilhado evangélico.

Os sentidos que fomentaram uma diminuição da tensão anterior foram retomados, agora pelo pastor da igreja A, em seu discurso, oração e bênção final. A figura de Moisés reaparece de forma subjacente quando ele cita a experiência do povo de Deus no deserto e a atualiza na própria experiência que ali se vivia com um grupo de imigrantes em “terra estranha”. O discurso deixa claro que a decisão do desligamento da congregação haitiana foi tomada em decorrência da decisão da própria congregação e não da igreja A.

Meus irmãos, encerrando, vocês conhecem o capítulo 6 do Livro de Números, no versículo 22. Nós queremos que aconteça com vocês, viu? ‘Falou o Senhor a Moisés dizendo: fala a Arão assim abençoarei os filhos de Israel, dizendo-lhes: o Senhor te abençoe e te guarde. O Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti e tenha **misericórdia** de ti. O Senhor sobre ti levante seu rosto e te dê a paz.’ (Glória a Deus.) Assim porão meu nome sobre os filhos de Israel, e eu os **abençoarei**. **Permita Deus que esta bênção sacerdotal dada ao povo de Deus lá no deserto, ela possa pairar sobre vocês daqui pra frente. Quantos dizem ‘amém’?** (Amém.) Encerrando, nós queremos dedicar nossa bênção apostólica a vocês. Amado Deus, eterno Pai, nós queremos te agradecer por este trabalho aqui nesta manhã que **estamos tomando essa decisão em função da decisão que os teus servos tomaram. Eles estão em terra estranha. Foram recebidos de braços abertos por nós, e eles estão saindo agora, que possam sair em paz. Deus amado, repreende todo espírito contrário contra o teu projeto e que o teu espírito possa pairar sobre a vida dos teus servos.** (grifo nosso).

Posteriormente, na continuidade do trabalho de campo, observamos que as questões colocadas tanto pelo pastor haitiano Jean, que liderou a comunidade evangélica na mudança de instituição religiosa, quanto pelo pastor brasileiro da igreja B, que a recebeu, indicavam que a congregação haitiana estava insatisfeita em relação à forma de vínculo estabelecido com a igreja A e requeria que a igreja brasileira estivesse mais atenta às suas necessidades.

Em culto posterior, no qual o pastor brasileiro da igreja B falou sobre a recepção da congregação haitiana na nova denominação, palavras como: “eu irei à casa de vocês e conhecerei suas famílias; vocês irão à minha casa e conhecerão a minha família” foram recebidas com grande júbilo e aplausos pela congregação haitiana. Uma relação mais próxima entre a sede brasileira e a congregação respondeu também a um anseio bastante relevante. A relação entre institucionalidade e a busca de construção de vínculos de pertencimento foi expressa na diferença de autodenominação, que mudou de “congregação”, na igreja Igreja A, para a de “comunidade” na Igreja B.

**Figura 2** – Vista da frente dos templos da congregação haitiana da igreja A e da igreja B



Fonte: Rosa Martins (2013; 2015).

Outro aspecto que foi recebido com aplausos pela comunidade haitiana no momento da fala do pastor brasileiro foi o relativo ao princípio da universalidade cristã, destacado pelo pastor: “nessa terra somos todos estrangeiros. No céu não haverá brasileiro nem haitiano. Somos todos filhos de Deus. Nossa pátria não é o Haiti e nem o Brasil. Nossa pátria é o céu”. Essa mesma ideia foi repetida em algumas entrevistas com os haitianos.

Optamos por não transcrever a fala do pastor da Igreja B por ter sido muito breve, dentro

de um contexto de culto. Decidimos agendar outro momento para dialogarmos com mais calma sobre a recepção da comunidade haitiana que acabara de se desligar da Igreja “A”. A entrevista foi realizada no dia 06 de maio de 2015 no gabinete pastoral da Igreja B (sede), pouco mais de um ano após a recepção da comunidade haitiana. O diálogo foi gravado com autorização do próprio pastor e será transcrito a seguir. O pastor será aqui chamado de Paulo, e a transcrição foi realizada na mesma ordem do discurso.

[...] aí o pastor da igreja haitiana daqui dessa comunidade aqui em Porto Velho, que é o Jean, veio conversar conosco, mostrou interesse de sair dessa outra denominação, já que nessa outra denominação eles sentiam que **não ficava muito entendido esse vínculo de membresia** da denominação com eles. (grifo nosso).

Observamos que o ponto de partida para a desvinculação da denominação anterior ocorreu, inicialmente, no contato do pastor haitiano da Igreja A com um pastor haitiano da Igreja B de Manaus. A questão levantada foi a do vínculo de membresia. Esse vínculo não está relacionado à associação de pessoas que se unem por um objetivo em comum, mas à congregação de pessoas unidas por uma fé comum e um conjunto de práticas e ideias em com as quais mais concordam do que discordam. Esse vínculo também se relaciona ao sentimento de pertencimento de quem acolhe e de quem é acolhido.

Na verdade, o que acontecia, os dízimos e as ofertas deles, nessa denominação, tinha uma pessoa dessa denominação que ficava no templo, nos dias dos cultos, **e recolhia toda oferta e dízimo. Tanto é que as coisas que eles compravam deles, eles precisavam fazer vaquinha, uma cota entre eles.** E aí, o que essa denominação falava é que eles pegavam aquele dinheiro todo para pagar o aluguel, pagar luz do local onde eles estavam e falavam que o dinheiro ainda não dava. **O pastor Jean não tinha nenhuma remuneração.** Ele tinha trabalhado na construção da hidrelétrica, mas já estava no último mês do seguro-desemprego dele, **e ele já estava passando por algumas necessidades básicas, alimentícias, de pagar moradia.** Aí, nós fomos amadurecendo a ideia. (grifo nosso).

A dificuldade na relação de membresia se expressava, por exemplo, nos modos de gestão administrativa da igreja, como também na tentativa de homogeneização do ensino pastoral, sobretudo na escola bíblica. De acordo com as informações levantadas pelo pastor da Igreja B, a coleta do dízimo era repassada pela congregação haitiana à sede da Igreja A, que se responsabilizava pelo custeio da manutenção do templo, por exemplo. Entretanto, a congregação se ressentia de que precisava fazer uma “cotinha” para adquirir bens que precisavam, como microfones e outros equipamentos.

A congregação queria autonomia. O missionário da Igreja A nos informou que os recursos arrecadados com os dízimos quase não conseguiam cobrir nem as despesas com o aluguel do templo, e que, muitas vezes, a sede até mesmo completava o valor. Outra dificuldade do vínculo de membresia diz respeito ao subsídio pastoral. O pastor haitiano, que já estava no último mês do seguro-desemprego, também considerava sua própria dificuldade em conciliar a alta jornada de trabalho com o trabalho pastoral. Nesse quadro, a situação de insatisfação se instaurou e foi irreversível.

O pastor brasileiro da Igreja B nos informou que foi procurado pelo pastor haitiano da Igreja A, porque este tinha conversado com outro pastor haitiano que morava em Manaus e que este havia lhe falado sobre como era a relação da congregação haitiana existente em Manaus com a Igreja B. A partir desse contato inicial, começou-se a delinear a constituição dessa nova lugaridade.

Apesar do contato inicial com a Igreja B ter sido realizado pelo pastor haitiano, a decisão de desligamento da Igreja A foi coletiva, com uma expressiva adesão, conforme vimos no culto de despedida. Algumas condições favoráveis contribuíram para essa decisão: a comunidade haitiana não precisaria mais pagar aluguel, uma vez que a agência que as receberia já possuía um local próprio com dependências para casa pastoral, que, no caso, contava com dois cômodos, o que desonerava o pastor de pagar aluguel para morar. Outra condição foi a maior autonomia dada na gestão administrativa da igreja, como também na liberdade para utilizar seus próprios materiais na escola bíblica.

Percebemos que houve uma preocupação da segunda instituição religiosa em prover o pastor de tudo o que precisava para suas necessidades básicas (como com o subsídio pastoral, de uso comum nas igrejas brasileiras) e também um grande empenho em trazer os filhos do pastor para o Brasil. Essas condições, que se relacionam à institucionalidade do vínculo de membresia da comunidade, são fundamentais não apenas para a manutenção e o desenvolvimento da igreja local, mas para a formação dos próprios vínculos de pertencimento a uma comunidade de fé.

Agora, o **processo de transferência de Igreja não foi muito fácil, não**; inclusive, essa denominação de onde eles saíram queria ficar com tudo o que tinham conquistado, comprando com cotas, com vaquinhas. Eu estive no dia, e quase que houve violência. **A gente nota, é impressão minha, a gente nota uma opressão ao imigrante.** Nós notamos que, infelizmente, alguns segmentos, algumas denominações, enxergam eles como um número. (grifo nosso).

Paulo destaca as dificuldades enfrentadas no processo que chama de transferência de Igreja e compreende que as formas como elas se manifestaram está relacionada ao fato de que havia em jogo uma condição específica, a de imigrantes. Consideramos que a vulnerabilidade advém não apenas da dificuldade no domínio da língua, mas da própria inserção em uma agência religiosa já estruturada e de caráter nacional.

Se, por um lado, haveria facilidade no processo de aceitação e acolhimento das agências religiosas brasileiras no sentido de autorizarem a organização de congregações de evangélicos haitianos, as relações de membresia dessas congregações com as agências religiosas podem se tornar problemáticas, aumentando ainda mais a vulnerabilidade dos imigrantes, os processos de integração e até mesmo criando sentimentos de rejeição em relação à sociedade em geral. Paulo utiliza a narrativa histórica do carisma da Igreja B para indicar que a atuação da Igreja não deve ter somente um “viés espiritual”, mas atender também as necessidades concretas da vida.

**Na outra denominação, eles teriam que seguir um planejamento nacional. Primeiro que eu, eu particularmente, eu acho que um planejamento nacional de escola bíblica para um país do tamanho do Brasil é totalmente antipedagógico.** Nós temos um país continental, onde a cultura do Norte é totalmente diferente da cultura do Sul, que é diferente do Nordeste, que é diferente do Sudeste. **Na verdade, esse conteúdo tinha que ser regionalizado e não nacional.** Então, isso já é uma crítica que também acontece na nossa igreja, e nós criticamos isso também. **Principalmente eles, já que na denominação onde eles estavam não existia uma cartilha, um livro em crioulo, e ninguém melhor do que eles para entender a cultura deles. Querendo ou não, há uma grande influência da cultura na hora de você passar as boas novas de Cristo, o Evangelho.** (grifo nosso).

A gestão do ensino pastoral também foi uma das questões abordadas por Paulo. Percebemos que ambas as denominações tinham certa flexibilidade em relação à escola bíblica dominical. No entanto, havia uma expectativa e orientação da Igreja A para que a comunidade haitiana fosse utilizando, progressivamente, os materiais próprios da agência religiosa, que estão redigidos em língua portuguesa. Já a Igreja B não só não demonstrou essa expectativa como estimulou que a comunidade utilizasse seus próprios materiais. Entretanto, houve uma preocupação em investir na formação do pastor, que já era formado no Haiti. A formação implementada pela Igreja B é uma graduação em Teologia que é reconhecida pelas igrejas B brasileiras e que possibilita a mudança do *status* de Paulo de “missionário designado” para “pastor da Igreja B”.

**Eu não vejo muito problema na relação doutrinária lá na comunidade haitiana, mas, na verdade, eles sabatinaram a gente antes de vir para cá. Eles não vieram enganados. Eles sabiam como nós, cremos, quais são as questões doutrinárias da Igreja, as questões dogmáticas. Não tivemos dificuldades. A comunidade fez uma sabatina com a gente, não só o pastor Jean. Uma coisa que é muito forte neles é que as coisas são resolvidas na comunidade, e a comunidade tem força. Eles têm muita dificuldade em aceitar o subsídio pastoral, acho que por eles passarem muitas dificuldades financeiras, eles têm essa dificuldade.** (grifo nosso).

As questões relativas às doutrinas e dogmas da Igreja B foram esclarecidas quando a comunidade haitiana tomou a decisão de se inserir nessa instituição religiosa. A “sabatina”, realizada em assembleia com a comunidade, não foi protagonizada somente pelo pastor haitiano. A dificuldade em aceitar o subsídio pastoral<sup>5</sup> não acontece somente entre a comunidade haitiana, mas compõe o mundo compartilhado de muitas Igrejas evangélicas. Na Igreja católica essa questão não é tão visibilizada, pois, geralmente, a comunidade desconhece o quanto de recursos é mobilizado para o custeio pessoal dos sacerdotes.

Mais do que o vínculo de membresia religiosa, consideramos que a música e a Bíblia exercem uma função de centralidade na conformação das lugaridades religiosas dessa comunidade haitiana. É importante ressaltar a presença de muitos cantos que envolvem a temática da esperança e que possuem uma especial vinculação com a pessoa de Jesus Cristo, seja pelo seu trabalho missionário, ou pela sua morte, ressurreição e segunda vinda. Por meio dos cânticos e da musicalidade vivida no Haiti e continuada no Brasil, observamos que a experiência religiosa em situação de migração possui características transfronteiriças. *Chants d'Esperance*, o livro de cantos mais utilizado pela comunidade haitiana cristã-evangélica, ao nosso ver, é fundamental na conformação de novas experiências religiosas, na inauguração e consolidação de novas igrejas, por mobilizar memórias de lugares vividos e que não estão mais à mão, mas que são ressignificados com um modo duplo de vinculação de experiência religiosa e mundo vivido; são o “aqui” e o “lá” que se encontram e constroem lugaridades entre pessoas, muitas das quais nem se conheciam no Haiti e frequentavam igrejas diferentes.

Concluindo nossa leitura sobre a construção dessa nova lugaridade religiosa a partir da desvinculação de uma agência e da vinculação a outra, consideramos que a comunidade haitiana teve um papel ativo nesse processo, pois: (a) da mesma forma como buscou a Igreja A, declinou e buscou a constituição da parceria com a Igreja B; (b) a liderança dos pastores haitianos não é incontestada, pois, durante a pesquisa, o primeiro pastor haitiano teve de declinar da função em decorrência da não aceitação da comunidade, como veremos posteriormente. Esse pastor, que aqui chamamos de Willy, continuou vinculado à Igreja A e não acompanhou a comunidade em sua nova lugaridade, que teve como líder o pastor nomeado aqui Jean; (c) na escola bíblica, a congregação haitiana não seguia o modelo nem o conteúdo das mensagens utilizados nacionalmente pela Igreja A; (d) no culto que marcou a finalização da vinculação do grupo haitiano à congregação da Igreja A, foi realizada uma votação, a pedido do líder brasileiro local da Igreja A, e a comunidade decidiu por unanimidade pela mudança; (e) o número de membros não diminuiu após a mudança de denominação; ao contrário, aumentou; e (f) a comunidade haitiana fez uma “sabatina” com os líderes da Igreja A antes de tomar a decisão de mudar de denominação.

A seguir, analisaremos as entrevistas que realizamos com membros da comunidade haitiana evangélica. Como as entrevistas foram abertas, a escolha do “por onde começar” foi feita pelos próprios sujeitos da pesquisa. Alguns escolheram iniciar falando sobre a vida no Haiti ou na República Dominicana, mas esse não foi um início comum. Entretanto, de algum modo, esse tema apareceu durante as narrativas.

---

## A VIDA NO HAITI E NA REPÚBLICA DOMINICANA

A vida no Haiti geralmente é narrada como tendo como marco divisor o terremoto de 2010. As narrativas destacam as atividades profissionais exercidas antes da vinda para o Brasil.

Alguns sujeitos destacaram outras experiências migratórias e, nesse contexto, aparece a complexa relação entre o Haiti e a República Dominicana. As razões primeiras para a emigração são econômicas, relacionadas às dificuldades da família, geralmente numerosa, em manter o sustento básico de seus membros. A emigração é vista como a única saída possível nessa situação.

Aqui já percebemos as dificuldades encontradas no processo migratório envolvendo outros países. Essas dificuldades são apresentadas, especialmente, em relação à regularização da documentação no país de destino e à inevitabilidade da deportação.

---

<sup>5</sup> Equivalente ao “salário” do pastor.

A vizinha República Dominicana, apesar de ser o destino visado mais próximo, não é considerada um bom lugar para morar. “**Lá na República Dominicana é muito perigoso para nós.**” (Nádia, grifo nosso). Entretanto, a proximidade “do outro lado da ilha” possibilita a não ruptura com os laços familiares cotidianos, pois é possível “atravessar a fronteira” e visitar a família com certa frequência. Fred foi um dos poucos que consideraram a experiência migratória na República Dominicana como positiva, mas por um período determinado.

Enquanto o pastor Jean descreve seu processo de formação em teologia e o trabalho em igrejas evangélicas de diferentes denominações no Haiti, o pastor Willy fala sobre o início de seu ministério no país onde cresceu, a República Dominicana, e de sua ida ao Haiti, já como pastor, para evangelizar seu próprio país, onde também organizou igrejas.

Ainda que o terremoto de 2010 não tenha sido o único aspecto a influenciar a decisão de sair do país, foi com certeza o mais descrito pelos sujeitos da pesquisa como o ponto culminante que marcou o limite para suportar o caos no qual o país mergulhou, mas também para impulsionar a decisão de quem já desejava sair, antes mesmo do terremoto.

---

## A DECISÃO DE VIR PARA O BRASIL E O TERREMOTO

Dina foi afetada diretamente pelo terremoto. Ela morava em Porto Príncipe. Conseguiu passar pelo terremoto com vida, mas perdeu sua casa, seu emprego, sua faculdade e, o mais importante, seu pai. Durante a entrevista, Dina chorou ao lembrar desses momentos que a fizeram decidir sair do país. Mas a decisão não esteve relacionada diretamente às perdas advindas do terremoto para todos. Angeline já sentia o desejo de viajar para fora do país e veio sozinha, aproveitando que muitos outros haitianos estavam vindo também.

A decisão foi mais difícil para Esperance, pois envolvia uma forte relação afetiva e todas as emoções que transitam no coração de uma mãe dividida entre ficar com seus dois filhos no Haiti ou viajar para se encontrar com o marido, que já estava no Brasil. Por esse motivo, Esperance chora todos os dias com saudades dos seus filhos e que espera recebê-los em breve.

Já Caleb teve como motivação o desejo de estudar. Seu sonho é desenvolver uma pesquisa de pós-graduação sobre a juventude em lugares desfavoráveis e sobre como essa relação influencia na delinquência juvenil. No início, seu desejo era estudar no Haiti, mas, ao chegar ao Brasil, observou que esse não é um problema apenas de seu país e, agora, pretende ampliar seu olhar e se inserir em uma universidade pública brasileira para ter condições de fazer sua pesquisa.

O Brasil não foi o país de destino para todos os imigrantes haitianos, como muitos pensam. Em alguns casos, a escolha da rota Brasil foi realizada após a saída do Haiti. Se, por um lado, isso pode nos revelar que nem todos teriam emigrado via coites, esse dado nos leva também a pensar na existência de diversas redes de tráfico humano com saída no Haiti e que chegariam a um determinado ponto do qual os imigrantes partiriam para diferentes destinos.

A decisão de vir teve uma forte influência familiar. É o caso de Nádia, que deixou o noivo no Haiti e veio para o Brasil por causa de um projeto familiar. Esperance, como outras mulheres decidiram vir para o Brasil após a emigração de seus maridos.

A vinda para o Brasil aumentou a responsabilidade com a manutenção da família e criou uma dupla luta pela sobrevivência: sobreviver no Brasil e manter sua responsabilidade com a família no Haiti.

---

## BRASILEIA

Dos dezessete imigrantes entrevistados, somente um não passou por Brasileia. Alguns silenciaram sobre essa experiência em suas narrativas. Mas aqueles que decidiram falar nos apresentaram um quadro de muito sofrimento, mesmo fazendo referência a ações governamentais, como o pagamento de hotel. Sabemos que o número de pessoas excedeu em muito a capacidade hoteleira e da própria cidade.

O pior, porém, é saber que tal situação perdurou por anos. A falta de uma atuação federal efetiva que articulasse um trabalho de cooperação entre os estados e que desse suporte aos estados “de entrada”, no caso, da fronteira norte (Acre e Amazonas), bem como a falta de acompanhamento efetivo das ações desses próprios estados, fizeram com que o primeiro contato dos imigrantes haitianos com o Brasil fosse similar ao vivenciado num campo de refugiados, revelando um total descompasso entre a política externa da diplomacia brasileira e as articulações com a política interna do país.

Ocupamos o Haiti e não queremos receber seus habitantes aqui? A democracia brasileira sofreu um grande golpe com essa ocupação, realizada sem uma discussão pública dos motivos e consequências. Há instrumentos – como os referendos – de consulta à população. Quando há interesse, organizam-se grupos de trabalho, conferências nacionais. Mas nada disso foi feito neste caso, e o “convite” do ex-presidente Lula não foi acompanhado sequer de diálogo com os líderes estaduais e municipais, que foram “pegos de surpresa”, mais tarde, por uma migração coletiva. O pronunciamento de um presidente, um jogo de futebol “da paz” são situações emblemáticas, mas consideramos que a ocupação do Haiti, que já dura 10 anos, e a liderança brasileira na MINUSTAH constituíram o maior convite.

A média de permanência em Brasileia era de um mês. As dificuldades vivenciadas eram de toda ordem. Alguns optaram por não as descrever, apenas disseram que a experiência foi “muito, muito, muito difícil”. Outros relataram as dificuldades de adaptação à culinária brasileira, o que era percebido pelos brasileiros como “ingratidão”, como pudemos observar na entrevista com João, responsável, à época, pelo abrigo em Brasileia.

Durante nosso trabalho de campo em Brasileia, conhecemos Alex Oliveira, um paulista que viaja pelo mundo se dedicando à sua arte, que é a fotografia. Seu pseudônimo é “Alex Kbelo”, e, no período do campo, fazia 5 meses que estava em Brasileia e costumava ser tradutor entre imigrantes e brasileiros, pois fala vários idiomas. Uma frase escrita em francês, em uma placa improvisada, chamou nossa atenção quando estivemos por lá. Na placa, perguntava-se se alguém queria falar sobre sua vida. A pergunta era direcionada aos imigrantes. Procurei saber quem era o autor da placa e acabei conhecendo Alex. Ele disse que gostaria muito de conhecer as histórias de vida dos haitianos e de outros imigrantes, mas que, até aquele momento, ainda não tinha conseguido. Falamos sobre nossa pesquisa e, depois, trocamos alguns e-mails sobre a situação na fronteira. Ele, gentilmente, cedeu-nos diversas fotografias que ele fez. Algumas estão abaixo:

**Figura 3** – Mosaico de fotografias – Brasileia/AC



Fonte: Oliveira (2014).

Nota: Fotografia A: Praça na qual os imigrantes aguardam para solicitar documentos em Brasileia. Fotografia B: Lugar de cadastro de imigrantes na entrada do abrigo em Brasileia. Fotografia C: Placa na entrada do abrigo em Brasileia. Fotografia D: Imigrante haitiano saindo de Brasileia com documentos.

A partir de Brasileia iniciava-se um longo percurso. Para alguns, a certeza temporária de um emprego temporário; para outros, a incerteza de tudo, inclusive de onde dormir naquela noite de chuva quando pensou que chegaria a Porto Velho, mas, na verdade, chegava a “Nova Mutum”, nome dado ao distrito Mutum Paraná, localizado a 160 km de Porto Velho, uma das quatro comunidades inundadas até agora pela construção das usinas hidrelétricas do rio Madeira.

## NOVA MUTUM

O único que comentou o descaso que representou abandonar os haitianos na vila de Nova Mutum no meio da noite foi Emmanuel, talvez porque somente ele, entre os dezessete entrevistados, estivesse no ônibus enviado pelo Acre a Rondônia. Não é do nosso conhecimento se essa situação se repetiu com outros grupos de haitianos e nem se os governos do Acre e de Rondônia tomaram alguma medida institucional para que isso não mais acontecesse, ou, ainda, se o caso foi levado aos órgãos de proteção dos direitos humanos; o fato é que esse grupo do qual Emmanuel fazia parte foi retirado do Acre institucionalmente e deixado à beira do caminho em uma vila, no meio da noite. Evidentemente, o motorista brasileiro sabia que deveria deixar os haitianos em Porto Velho, no ginásio Cláudio Coutinho, onde já havia outros haitianos ou, no mínimo, sabia a diferença de localização entre Mutum Paraná e Porto Velho. Emmanuel narra seu papel de protagonista na decisão de ir com mais um amigo para Porto Velho e buscar ajuda para que fossem buscar os demais haitianos que haviam sido deixados em Mutum Paraná.



---

## PORTO VELHO

Conforme o fluxo do qual faziam parte os sujeitos da nossa pesquisa, a experiência migratória se diferenciava. Em relação à recepção, os haitianos dos primeiros fluxos descrevem uma situação caótica na chegada, mas uma facilidade na inserção no mercado de trabalho. Depois, a situação se inverte: a chegada a Porto Velho passa a ser menos traumática, mas o emprego passa a ser mais disputado, seletivo e raro.

A aprendizagem da língua portuguesa foi um problema a princípio, mas percebemos um esforço das próprias empresas em oferecer cursos instrumentais. À medida que os fluxos se sucediam, aumentava a seletividade, dando-se prioridade aos haitianos de fluxos anteriores, que já falavam a língua portuguesa. Acreditamos que isso contribuiu para que, até hoje, Porto Velho mantenha um grupo de haitianos dos primeiros fluxos, enquanto os haitianos de fluxos mais recentes se dirigiam a outras cidades brasileiras.

Em Porto Velho, assim com em outras cidades brasileiras, a Igreja católica se destacou na recepção dos haitianos tanto no acolhimento, como já nos disse a irmã Sônia em sua entrevista, quanto na denúncia de violações a direitos humanos. De um modo geral, a análise feita pelos haitianos participantes desta pesquisa é a de que a experiência migratória em Porto Velho tem sido positiva.

Emmanuel descreve como foi a chegada à rodoviária de Porto Velho naquela noite em que o grupo no qual estava fora deixado em Nova Mutum. Com fome e sem direção, conseguiu se comunicar com dificuldade com dois policiais militares que ajudaram ele e o amigo, tanto comprando “uma janta” quanto entrando em contato com os órgãos competentes e os levando para o Ginásio Cláudio Coutinho, onde já havia um grupo de haitianos.

Algumas ilusões foram acalentadas antes da saída do Haiti e desmanchadas no meio do caminho. Outras, entretanto, foram criadas e dissolvidas aqui mesmo. As barreiras não apareceram somente entre brasileiros e haitianos, mas também entre eles mesmos.

### [Casa de apoio]

**Mas lá na casa de apoio tinha um grupo de haitianos maus que não aceitaram as pessoas que estavam comigo e não deixaram a gente ficar lá e ficamos na rua,** dormimos na rua e, de dia, ficamos procurando casa para morar. **A situação era muito difícil porque alguns haitianos não sabem viver como irmãos.** (Nádia, grifo nosso).

Nádia teve que dormir na rua pela primeira vez na sua vida, mesmo depois de ter enfrentado todas as dificuldades para chegar a Porto Velho e conseguir um lugar para morar na casa de apoio até conseguir trabalho. O desespero tomou conta dela quando os amigos que a protegiam foram expulsos da casa por outros haitianos. Nádia ligou para o noivo no Haiti e pediu desesperadamente que ele viesse para o Brasil.

---

## BRASIL

Um aspecto muito presente nas narrativas foi a descrição do percurso, talvez porque essa informação tinha sido solicitada a eles várias vezes antes da nossa pesquisa e, por isso, eles se sentiam um pouco na obrigação de falar sobre isso ainda que eu não fizesse perguntas ao respeito.

**[Migração e percurso até o Brasil]**

**O haitiano tem que viajar.** Mas viajar para os Estados Unidos, França, Canadá, é aquele país que o haitiano conhece. E, agora, o haitiano conheceu o Brasil, por isso os haitianos vêm para o Brasil. **Na cabeça dele, o Brasil é igual aos Estados Unidos, França e Canadá. Mas, quando ele chega aqui, nada a ver.** Mas, quando a pessoa viaja, trabalha, manda dinheiro, volta pro Haiti e abre um negócio, assim ele consegue sobreviver. [...]. Tem que ter muita coragem para vir sozinho do Haiti. viajar **O boliviano é muito pior do que brasileiro. Fica pedindo dinheiro, matando haitiano, é muito pior do que no Brasil. Eu não quis ficar nenhum dia na Bolívia.** (Dina, grifo nosso).

O mapa abaixo foi elaborado com base nas rotas indicadas pelos sujeitos nas entrevistas (Figura 3):

**Figura 4 – Rotas até Porto Velho-RO.**



Fonte: LABGET/UNIR (2014).

Nota: Elaborado com base nas entrevistas e nos dados coletados.

De modo geral, o ponto de partida foi o próprio Haiti e, depois, a República Dominicana, o Panamá, o Equador e o Peru. Ao chegarmos ao Peru, identificamos as duas rotas utilizadas pelos participantes da pesquisa: uma pelo Acre, que se bifurca em duas rotas: a rota via Assis Brasil e Brasileira, sendo a rota mais importante a de Brasileia, e a rota via fronteira Leticia-Tabatinga, Manaus, até chegar a Porto Velho.

A rota mais utilizada foi a do Acre, pois somente um entre os sujeitos da pesquisa entrou via Tabatinga, Manaus, para chegar a Porto Velho. E, também, é importante destacar que ele veio em busca de sua noiva, que já estava em Porto Velho, e não tinha a cidade como destino migratório.

A flexibilidade na definição do país migratório foi algo que nos chamou a atenção em algumas narrativas, como a de Fred.

Bom, na verdade, eu saí de casa para a República Dominicana, da República. eu vim pra cá. Só que eu estava indo para o Chile, mas eu tenho um grande amigo, ele é haitiano também, aí **ele falou 'vamos lá para o Brasil, vamos lá.** Olha só: no Chile, você não vai conhecer ninguém. Eu sou seu amigo, vamos juntos para o Brasil'. E aí acabei vindo para o Brasil, **mas, depois que cheguei no Acre, a situação ficou muito difícil, e aí eu pensei em não ficar muito tempo no Brasil.** Eu já tinha pensado em ir para a Guiana, porque lá eu tenho parentes, e os meus parentes iriam esperar por mim. Mas as coisas começaram a dificultar um pouquinho, o dinheiro vai diminuindo, **eu troquei umas ideias com umas pessoas também, e aí a gente acaba ficando no Brasil.** Mas o destino, o destino total não era o Brasil. Era o Chile, do Chile pra Guiana, e aí mudou tudo. (Fred, grifo nosso).

A experiência migratória que começou como um sonho acabou sendo revelada em sua realidade concreta, fazendo Fred pensar inclusive se deveria prosseguir viagem dentro do Brasil.

Fred nos contou que muitos haitianos desejam sair do país, mas não têm condições de financiar a viagem e, num desabafo, afirma que os que conseguem chegar sabem o preço material e humano que pagaram no processo migratório. **“Então, é isso, ajudar aquele que vem, se ele tem como vir.”** (Fred, grifo nosso). É o que Fred pede aos brasileiros.

A questão do aluguel foi muito citada nas entrevistas, especialmente por dois motivos: o alto preço e a desonestidade dos brasileiros ao cobrarem preços diferentes (mais altos) para os haitianos. Se alguns haitianos conseguiram um valor salarial médio considerando o padrão local, o custo de vida em Porto Velho, que é altíssimo, precisaram gastar na sobrevivência imediata o que poderia ser investido para alcançar os objetivos de seu projeto migratório.

Ao contrário do que se esperava, o futebol não foi um tema recorrente nas entrevistas. A história do futebol brasileiro, mais do que o real desempenho atual, encantou mesmo muitas gerações, mas o futebol está relacionado ao projeto migratório haitiano por outro motivo. Não se pode esquecer que a construção das grandes obras para a realização da Copa do Mundo no Brasil em 2014 prometia gerar muitos empregos... temporários e com baixos salários.

Se o futebol brasileiro não teve destaque nas entrevistas, o racismo sofrido, sim. O racismo se manifesta de diferentes formas. Com os sujeitos da pesquisa, manifesta-se de forma direta, motivado pela questão econômica. O local de trabalho é um campo de racismo recorrente, e a discriminação se manifesta por meio de desigualdade no tratamento dispensado aos funcionários brasileiros e haitianos; pela exploração da mão de obra com a justificativa de que são imigrantes e negros; o argumento da negritude é utilizado para justificar a aceitação de escravidão, a não contratação de haitianos e também a desvalorização das mulheres.

Talvez o aspecto positivo do processo migratório no Brasil mais destacado pelos sujeitos da pesquisa tenha sido o da regularização da documentação. No contexto da migração haitiana, observamos que a política migratória brasileira esteve voltada à emissão de documentos, mas constatamos que não existia nenhum projeto articulado entre os estados para a acolhida, encaminhamento, acompanhamento e fiscalização quanto às leis trabalhistas e às demais necessidades que o processo migratório demanda. Enquanto a atuação pública foi improvisada e desarticulada, alguns setores da sociedade civil do país

se organizaram. Algumas instituições têm maior projeção nacional, como a Igreja católica, e outras tiveram uma participação menos visível, mas muito importante.

De qualquer modo, esses setores geralmente estão vinculados a alguma agência religiosa. No âmbito público, as universidades se destacam, e parece ser uma tendência nacional o maior envolvimento dos cursos de Letras e Direito. Mais recentemente, os institutos federais de educação, ciência e tecnologia têm começado a se projetar, especialmente no campo da qualificação profissional de imigrantes.

---

## EXPERIÊNCIA RELIGIOSA

*“A questão religiosa não tem fronteira, não tem país.*

*Você tem que fazer só uma coisa: se anima e siga o seu caminho.” (Emmanuel)*

A experiência religiosa comunica o vivido e, mais do que isso, ela é também uma nova vivência. Nesse sentido, as experiências religiosas vivenciadas em situação de migração não são apenas uma repetição do que se viveu anteriormente, mas implicam a criação de novas formas de vivenciar o religioso.

Uma dessas formas em que acreditamos se manifestar essa expressão de temporalidade da experiência religiosa é a constituição da atuação pastoral dos haitianos no Brasil. Com formação e experiência pastoral no Haiti, ao chegarem ao Brasil, eles têm escolhido se inserir nas agências religiosas brasileiras estruturadas. Se, por um lado, isso lhes dá certo “abrigo” em sua condição migrante no que diz respeito ao mundo brasileiro, especialmente ao mundo compartilhado pela fé evangélica, por outro lado, a vivência dos modos de ser igreja no Brasil causa-lhes estranhamento e, muitas vezes, exige deles uma decisão entre aceitar as condições e manter a membresia ou buscar outras agências religiosas ou outras formas de organização.

Como já dissemos, somente dois sujeitos de nossa pesquisa não participam da comunidade religiosa, e essa informação será indicada na análise de suas narrativas. Com o objetivo de compreender os traços das narrativas sobre a experiência religiosa, organizamos a análise a partir de lugaridades que serão apresentadas a seguir.

Na interpretação das narrativas identificamos dezoito categorias que configuram lugaridades da experiência religiosa dos sujeitos que participaram da pesquisa.

Na lugaridade “católica”, observamos que a experiência vivenciada no Haiti não se repete simplesmente na situação migratória. Uma vivência anterior não tão significativa para a vida pode ser abandonada no processo migratório. Dina aponta que **“a missa é tudo igual, só a língua que é diferente”** (grifo nosso). Entretanto, é importante ressaltar que o abandono, temporário ou não, da prática religiosa anterior não representa simultânea adoção de outra, como observamos na narrativa de Dina.

Ainda que utilizem os mesmos adjetivos para se referir a pessoas que participam da mesma comunidade religiosa, observamos uma especificação entre a lugaridade “crente” e a lugaridade “evangélica”. Na primeira (crente), destaca-se mais o sentimento, a vontade de congregar, a esperança, a força que vem de Deus; na segunda (evangélica), observamos uma maior relação com a instituição religiosa, como quando se alude à questão da denominação ou a vivência de ritos.

Na lugaridade “*parousia*”, manifesta-se que a temporalidade da experiência religiosa ganha um sentido especial na experiência migratória: enquanto **“somos estrangeiros da terra”**, também **“estamos só passando para esperar o som da trombeta”** (grifo nosso).

As lugaridades “Igreja – identificação e mudança” e a lugaridade “Bíblia” têm como aspecto em comum a percepção de que a comunidade possui um vínculo que transcende a institucionalidade ou, pelo menos, não é somente por ela identificada. Esse vínculo tem como agente aglutinador a Bíblia, livro sagrado do cristianismo. A mudança da vinculação institucional com a agência brasileira é vista como algo positivo, pois a nova agência **“é mais parecida com a igreja que a gente vivia lá no Haiti, é mais próxima da gente”**;

entretanto, salienta-se que **“a Bíblia é uma só”** (grifo nosso).

É nesse sentido que a lugaridade “escola bíblica dominical - EBD” se manifesta como responsável por congregar, sob o agente aglutinador “Bíblia”, as diferentes experiências das denominações religiosas das quais os haitianos participavam no Haiti. **“Aqui tem muita gente que vem de diferentes denominações.** Todo mundo faz pergunta sobre a religião dele, a doutrina dele, com relação ao assunto que a gente está trabalhando na escola bíblica” (grifo nosso). A memorização é uma técnica muito utilizada no ensino haitiano. O ensino da Bíblia é percebido dentro de um alinhamento de aspectos fundamentais da crença e das instituições religiosas, e nele são utilizados métodos de ensino oriundos da educação escolar. **“Cada classe apresenta um resultado, memoriza um versículo, depois eles repetem lá na frente.”** (grifo nosso).

A lugaridade “diferentes experiências religiosas no Haiti e no Brasil” desvela experiências religiosas em mudança no contexto migratório (**“Lá no Haiti, eu era católica. Aqui no Brasil, estou indo a uma igreja evangélica”**), que no caso em análise, está sendo motivada pelo trabalho local de evangelização, que “vai buscar [a pessoa] onde está”, e pelo desejo de atualizar a experiência religiosa própria, entendendo que a presença do Deus que se busca não se limita a uma instituição e nem a uma relação de denominação religiosa. “Eu vou para a igreja porque é de Deus.”

A lugaridade “igreja-comunidade” foi a que mais se revelou nas entrevistas. O convívio na comunidade eclesial é uma experiência de proximidade com Deus (“uma pessoa que congrega na igreja **fica mais perto de Deus**”), de confiança, de experiência comunitária de construir algo juntos e prover o sustento comum. Percebemos na narrativa do pastor da comunidade pesquisada que há uma forte preocupação com o sustento dos membros que não conseguem emprego, em especial, das mulheres.

A situação das mulheres é muito peculiar, porque, como conformarem o grupo que mais enfrenta dificuldades para se inserir no mercado de trabalho local, elas precisam manter um relacionamento, na maioria das vezes contra sua vontade e, geralmente, com um haitiano, para prover seus meios de sobrevivência no Brasil. Essa condição econômica que lhe impõe um ajuntamento forçado também lhe retira a possibilidade de exercer um papel mais ativo na comunidade. É o que observamos na lugaridade “mulheres na Igreja”. Por outro lado, ainda que uma mulher esteja em dia com a agenda moral da igreja, ela não pode ser pastora. Suas funções são de apoio pastoral, mesmo que, em alguns momentos de sua ação (como cantar), realize tarefas de modo pastoral.

As dificuldades no alinhamento entre as doutrinas das diferentes denominações ali reunidas na pessoa de seus seguidores e a forma como elas são solucionadas não indicam, a nosso ver, uma espécie de sincretismo doutrinário evangélico, mas a criação de uma nova conjuntura religiosa baseada na interpretação do livro sagrado por meio da autoridade pastoral e de outros líderes, em negociação comunitária e em acordo com a definição de uma maioria, cuja interpretação passa a ser a dominante.

A lugaridade “Deus” nos revela uma percepção da divindade que implica uma relação que se dá paralelamente de modo horizontal e vertical. A relação com Deus ajuda a viver melhor com as pessoas, a ajudá-las e a ser sensível às suas necessidades, e isso se configura na lugaridade “Deus-Igreja”, que não é percebida de forma tão institucionalizada como no Brasil. **“A questão não é a Igreja, mas a relação com Deus.”** (grifo nosso).

Nesse sentido, a lugaridade “fé e vida” é uma expressão dessa relação com Deus e com a Igreja e tem como base a compreensão de que até o crente pode sentir tristeza (**“Vivo uma vida triste”**). As razões da tristeza e da alegria são telúricas e aceitas como condição do ser-no-mundo.

A lugaridade “pastor-padre” expressa a compreensão de um haitiano que cresceu em um lar católico, mas estudou em uma igreja evangélica no Haiti e que, no Brasil, não participa de nenhuma. Para ele, as diferenças entre padre e pastor passam pela autoridade; entretanto, a despeito dessas diferenças, a questão religiosa se relaciona com a fé das pessoas e não com as pessoas de fé. Deus se revela de modo concreto, ainda que invisível.

“Sonhos e profecias” é uma lugaridade que descreveu um sentido para a experiência da criação da nova lugaridade religiosa. Os sonhos foram narrados pelo pastor que liderou a saída da comunidade da AD e a vinculação à Igreja Metodista. Para o pastor, **“foram 3 sonhos, e eu vi que era Deus quem estava me chamando. Não posso resistir”** (grifo nosso). Os sonhos proféticos tiveram a função dupla de antecipar a compreensão de

eventos próximos e de confirmar a vontade divina para a decisão da comunidade.

Na lugaridade “vodu, catolicismo e protestantismo no Haiti”, observamos relatos da imbricação entre essas experiências religiosas, como também com outras experiências, como a maçonaria, mas em menor quantidade. Já discutimos anteriormente essa temática do ponto de vista teórico, entretanto, aqui nos chama a atenção que a percepção de que a “**misturazinha**” existente na experiência religiosa haitiana não é diferente de “nenhum outro lugar do mundo”. O entrevistado coloca como exemplo o próprio Brasil, onde “crentes pulam carnaval”.

A insistência com que eles devem ser interpelados sobre essa questão causa-lhes mais que um desconforto. Um pastor haitiano chega a afirmar que “**tem muito brasileiro que está confundindo Haiti com a África**” (grifo nosso). Dessa forma, ele expressa o desejo de que sua haitianidade caribenha não seja desconsiderada e de que os haitianos sejam olhados no rosto.

A lugaridade “oração” exprime também uma relação vertical e horizontal: ao tempo em que se refere ao contato com a divindade em busca de orientação, ela também é utilizada para se interceder pelos outros. A posição de orar expressa, antes de mais nada, um ato de vontade de alguém que deseja estar à vontade diante de seu Deus, pois já se sente à vontade diante de sua comunidade.

Por último, temos a lugaridade “*Chants d’Esperance*”. O livro *Chants D’esperance* é uma compilação de 481 canções e 131 coros em francês e em crioulo. Alguns são inéditos, mas a maioria tem origem em coleções de músicas cristãs conhecidas, algumas mais especificamente no Haiti e outras tradicionalmente conhecidas no âmbito das igrejas cristãs espalhadas pelo mundo. Os conteúdos das canções e coros se referem a temas dos mundos da vida: crianças, casamentos, funerais, saúde; e às experiências na comunidade de fé, como o batismo, a Bíblia, a santificação e os cultos aos domingos. É importante ressaltar a presença de muitos cantos que envolvem a temática “esperança”, os quais possuem uma especial vinculação com a pessoa de Jesus Cristo, seja pelo seu trabalho missionário, morte, ressurreição, ou pelo seu retorno futuro.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise, verificamos a recorrência de algumas lugaridades. As menos recorrentes se referem à chegada ao Brasil (Brasileia, Nova Mutum); outras foram abordadas pouco, mas em muitas entrevistas (língua portuguesa, morte, festas, a decisão de vir para o Brasil, ser haitiano/haitiana, a cidade de Porto Velho, validação de estudos e língua portuguesa). As lugaridades mais recorrentes estão relacionadas à família, às relações de gênero e de trabalho, ao Brasil como país receptor e à experiência religiosa no Haiti e no contexto migratório.

As lugaridades dos participantes da pesquisa, entendidas aqui como microterritorialidades, revelam-nos experiências religiosas nos mundos da vida, que são constituídos de presenças e ausências, aproximações e distanciamentos e que, para nós, compõem um quadro de *parousia* telúrica, o “ainda-não” sendo.

Limitar a riqueza dessa experiência à vinculação de membresia ou a preconceitos disfarçados (discursos sobre “despersonalização” ou a prova de uma suposta “inautenticidade” da fé por causa até mesmo de hábitos de higiene) é empobrecer o sentido da experiência religiosa na vida dessas pessoas. Por esses motivos, acreditamos ter alcançado o propósito deste estudo: desvelamos a geograficidade em alteridade de seus mundos (próprio, circundante e compartilhado) considerando a experiência como escala geográfica, o sujeito como lugar e mergulhando em suas narrativas, a partir das quais as lugaridades dessas experiências foram construídas

Como Heidegger, acreditamos que a verdadeira experiência religiosa é originária, não como origem, mas como compreensão da verdade, que nada mais é do que desvelamento do que tem seu modo de ser e de se revelar. Deixamos a quem compreende a experiência religiosa como origem e enraizamento a tarefa de sistematizar princípios sobre o que

considera verdadeiro para pessoas que se organizam em comunidades de fé religiosa. A nós coube desfrutar o movimento que não se abarca e nem se esgota e, que, por isso, continua entrelaçando e atualizando nos mundos da vida suas experiências de fé e migração.

---

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA sagrada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra:** natureza da realidade geográfica. Trad. Wherter Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

JEANTY, Edner A. **Le christianisme en Haïti.** Bloomington: AuthorHouse, 2011.

1300. – LE PROTESTANTISME en Haiti. **Haiti-Référence:** un guide de référence sur Haiti. Maio 2000. Disponível em: <<http://www.haiti-reference.com/religion/protestant/>>. Acesso em: 21 jun. 2015.

HEIDEGGER, Martin. **Fenomenologia da vida religiosa.** Trad. Enio Paulo Giachini, Jairo Ferrandin e Renato Kirchner. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2010

SANTOS, Boaventura de Sousa. Modernidade, identidade e cultura de fronteira. **Tempo Social**, São Paulo, v. 5, n. 1-2, p. 31-51, 1993 (editado em nov. 1994). Disponível em: <[http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Modernidade%20Identidade%20Fronteira\\_TempoSocial1994.pdf](http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Modernidade%20Identidade%20Fronteira_TempoSocial1994.pdf)>. Acesso em: 22 jun. 2015.

SANTOS, José Antônio dos. **Teologia pentecostal prática:** uma perspectiva bíblica e pastoral. Maceió: Mascarenhas, 2015.

---

## DOCUMENTOS FOTOGRÁFICOS

PEREIRA, Rosa Martins Costa. **Vista da frente dos templos da congregação haitiana da igreja A e da igreja B .** 2013 e 2015. 2 fotografias.

OLIVEIRA, Alex. **Imigrante haitiano saindo de Brasileia com documentos.** 2014. 1 fotografia.

\_\_\_\_\_. **Lugar de cadastro de imigrantes na entrada do abrigo em Brasileia.** 2014. 1 fotografia.

\_\_\_\_\_. **Placa na entrada do abrigo em Brasileia.** 2014. 1 fotografia.

\_\_\_\_\_. **Praça na qual os imigrantes aguardam para solicitar documentos em Brasileia.** 2014. 1 fotografia.

---

## ENTREVISTAS

### Haitianos/as

- ANETTE [fev. 2014]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.
- ANGELINE [fev. 2014]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.
- ANNA-ROSE [fev. 2014]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.
- CALEB [set. 2013]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.
- CARLEME [fev. 2014]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.
- DINA [ago. 2013]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.
- EMMANUEL [ago./out. 2013]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.
- ERIC [set. 2013]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.
- ESPERANCE [fev. 2014]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.
- FRED [ago. 2013]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.
- ISRAEL [set. 2013]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.
- JEAN [nov. 2013]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.
- NÁDIA [jan. 2014]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.
- PAULIN [fev. 2014]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.
- ROSINA [fev. 2014]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.
- WILLY [set. 2013]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.
- YONEL [set. 2013]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.

---

## ENTREVISTAS

### Brasileiros/as

- PR. PAULO [maio. 2015]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.



# Inserção escolar: Crianças migrantes do Haiti nas creches e escolas de Sinop MT.

Ivone Jesus Alexandre<sup>1</sup>

Anete Abramowicz<sup>2</sup>

## RESUMO

Esse artigo é um recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento e tem o objetivo de discutir a migração haitiana para o Brasil e, em particular, no Mato Grosso. O foco da investigação é a inserção das crianças que vêm junto com seus pais para um país estrangeiro na língua, nos costumes, na cultura e com o sonho de encontrar trabalho, melhores condições de vida e poder dar estudos para os seus filhos. A perspectiva teórica metodológica utilizada na pesquisa será qualitativa e a abordagem etnográfica. A técnica para gerar dados são observações e entrevistas. Neste campo teórico proposto infância e imigração há poucas pesquisas, e especificamente em Mato Grosso não temos registro de estudos sobre crianças migrantes haitianas. Neste texto, discutimos a imigração para o Brasil e depois especificamente em Mato Grosso enfocando a inserção das crianças vindas do Haiti na cidade de Sinop. Os dados preliminares apontam para uma inserção com dificuldades na língua na hora da comunicação com os professores, adequação às regras e normas escolares e conseqüentemente aprendizagem, ainda que de forma discreta, a discriminação racial perpassa as relações entre as crianças haitianas, não haitianas e professores.

**Palavras - chave:** Crianças Haitianas. Inserção. Escolas e creche.

## ABSTRACT

*The intention of the article is to discuss about the Haitian migration to Brazil and Mato Grosso. Focusing on the insertion of children who come with their parent to a strange country in the language, customs, culture and with the dream of finding work, better living conditions and be able to give studies for their children. The methodological theoretical perspective will be qualitative and the approach, ethnographic. The techniques to generate data are observation and interviews. About the thematic, a theoretical search reveals few researches, and specifically in Mato Grosso, we do not have record of migrant and Haitian children studies. In this text, we discuss the migration to Brazil and after specifically in Mato Grosso, focusing on the insertion of children coming from Haiti in the city of Sinop. The preliminary data lead to an insertion with difficulties in language used at the communication time with teachers, adaptation to school rules and consequently learning, even if discretely, the racial discrimination pervades the relations between the Haitian children, not Haitian and teachers.*

**Key words:** Haitian children. Insertion. Schools and day care center.

## INTRODUÇÃO

1 Graduada pela UNEMAT, Mestre em Educação pela UFMT e cursando doutorado pela Universidade Federal de São Carlos. Professora Assistente na área de Metodologia de Ensino na Universidade Estadual de Mato Grosso. Email: jeusalexandre.ivone@gmail.com.

2 Professora Titular do Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas; Universidade Federal de São Carlos; SP, Brasil. E-mail: aneteabramo@gmail.com / www.criancasinfancias.ufscar.br

[...] o Haiti significa [...] experimentar [...] encantamento [...] decorre da força doce e risonha de seu Povo, de seu amor sem limites à vida, da inocência bela e elegante de suas crianças [...].

Ricardo Seitenfus

A migração<sup>3</sup> crescente de haitianos para o Brasil tem trazido novos contornos em relação à economia, as relações de trabalho, as relações sociais e raciais no Brasil. A migração para Mato Grosso ocorre principalmente em cidades destacadas pela mídia nacional como cidade com perspectivas de desenvolvimento e, portanto com ofertas de trabalho. Em função desse contexto, o estado tem recebido muitas pessoas vindas do Haiti, a maioria é adulta e geralmente vem sozinho, sem a família, tentar arrumar trabalho e melhorar as condições de vida.

As pessoas vindas do Haiti logo que se estabelecem no país tentam adquirir um emprego e almejam trazer suas famílias para conviverem no Brasil, em função dessa situação o número de crianças estrangeiras no país vem aumentando a cada dia. Aqui as crianças estão sendo inseridas nas instituições escolares.

A pesquisa em andamento busca saber como ocorre a inserção das crianças haitianas nas escolas em Mato Grosso. A questão que norteia a pesquisa é saber qual o impacto que a presença e a inserção das crianças haitianas trazem para o ambiente escolar. A pesquisa também objetiva analisar o processo como as instituições escolares recebem e percebem essas crianças, verificar as experiências vivenciadas por elas em relação às outras crianças/ colegas, professores e gestores e averiguar como os pais das crianças haitianas veem a escola de seus filhos.

Para sabermos sobre a existência de crianças migrantes do Haiti em escolas de Sinop MT, realizamos uma pesquisa exploratória em outubro de 2015. Por meio da Secretaria de Municipal de Educação, Assessoria Pedagógica do Estado e visitas as escolas foram identificadas três crianças em Sinop. Dessas, duas estavam estudando, uma na Educação Infantil e a outra no Ensino Fundamental, ambas na rede municipal. A terceira criança não estava frequentando nenhuma instituição escolar..

A metodologia de pesquisa se orienta pela abordagem qualitativa, por meio da perspectiva etnográfica, a coleta de dados é através da observação livre e entrevistas semiestruturadas com os pais das crianças haitianas, professores e gestores. A pesquisa obedece as seguintes etapas, primeiramente foi realizado o levantamento do número de crianças haitianas existente nas escolas do município de Sinop para localizarmos o campo de pesquisa de maneira a identificar em quais escolas elas estavam estudando. Na segunda etapa entramos em contato com as escolas e creches para começar as observações que iniciou no mês de Abril. Neste artigo apresentaremos os dados das observações da fase inicial da pesquisa e conversas informais que ocorreram nas instituições escolhidas como campo de pesquisa. As crianças de origem haitianas serão apresentadas nesse texto pelas letras iniciais de seus nomes.

---

3 Acreditamos que o uso do termo migrante (no lugar de imigrante) e migração (no lugar de imigração) nos permite enfatizar as dimensões múltiplas tanto de movimento, trânsito e fluidez quanto de temporalidades e motivações que marcam as migrações contemporâneas e que podem variar em função de diferentes fatores políticos, econômicos e sociais. (COGO E BADET, 2013, p. 12).

---

## A MIGRAÇÃO HAITIANA PARA O BRASIL

O Haiti tem uma população aproximadamente de nove milhões de pessoas. A maioria da população vive na condição de muita pobreza, isso quer dizer que recebem menos de 2 dólares por dia e, em 2010, tinham um dos mais baixos Índices de Desenvolvimento Humano do mundo, segundo os dados da ONU, ocupam a 146ª posição (CONTINGUIBA e PIMENTEL, 2013). É um dos países mais pobres das Américas e Caribe. Em 12 de janeiro de 2010, um terremoto de 7 graus na escala Richter praticamente devastou o Haiti, o IDH é um dos mais baixos do mundo. A partir desse contexto, na segunda metade do século XX, ocorre a migração em massa de haitianos para outros países, entre eles, o Brasil, por melhores condições de vida, oportunidades de trabalho e/ou estudos. Para Guimarães e Alonso (2015), os motivos que escolhem o Brasil envolvem aspectos sociais, políticos, econômicos e também raciais, por ter o Brasil uma população em sua maioria, negra. Seguy (2014) afirma que o Haiti passa por um processo de recolonização, que tira dos haitianos a oportunidade de uma vida digna. Neste sentido, o “Brasil é partícipe, tendo em vista, dentre vários fatores, que: a mão de obra haitiana é a mais barata de todo o mundo”, o pesquisador acrescenta ainda, que o “caráter dócil e laborioso do haitiano torna-o objeto de cobiça das empresas brasileiras” (SEGUY, 2014, p.318). No entanto, por mais que o Brasil, segundo dados do IBGE, a maioria da população é negra, historicamente em nosso país, o processo migratório foi seletivo, o Brasil adotou uma postura restritiva e seletiva para a recepção de migrantes, isso tanto no passado quanto atualmente demonstra o perfil populacional desejado para o brasileiro, “construída nos moldes europeus”.

A partir de 1930, o Brasil publica medidas restritivas à entrada de imigrantes internacionais no Brasil, as quais se ampliam e se constitucionalizam nas constituições de 1934 e 1937, quando são fixadas cotas para as entradas de estrangeiros. Para Seyferth (2000), na década de 1930, foram instituídas cotas de imigração para restringir a entrada de “indesejáveis”, em consonância com os novos ideais de sociedade e do nacionalismo propostos pelo Estado Novo e conjugados nas duas constituições da década de 1930, regulamentados por Decretos. O Decreto-Lei nº 406, de 4 de maio de 1938, além de impedir a entrada de “aleijados ou mutilados, inválidos, cegos, surdos-mudos, indigentes, vagabundos e congêneres”, explicitava e dava plenos poderes ao governo federal para, conforme artigo 2º., “limitar ou suspender, por motivos econômicos ou sociais, a entrada de indivíduos de determinadas raças ou origens, ouvido o Conselho de Imigração e Colonização” (grifos nossos). (GUIMARÃES, ALONSO, BORGES, 2015, p.148).

---

## AS PESSOAS VINDAS DO HAITI EM MATO GROSSO

Mato Grosso foi colonizado na primeira metade do século XVIII, sendo arraial e depois Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá, depois passou a ser Cuiabá. Em 1734 foram descobertas as minas na região do Guaporé. Essa vila originou da descoberta do ouro nas lavras do Coxipó-Mirim em 1719 pelos paulistas e reinóis.

Em 1727 o arraial do Senhor Bom Jesus do Cuiabá (1722) foi elevado à vila e, nesse momento, pertencia à jurisdição da capitania de São Paulo. Em 1748 teve sua circunscrição reduzida em função das fundações das capitanias de Mato Grosso e de Goiás (JESUS, p. 94).

Apesar do território ter uma extensão de 48 mil léguas, a capitania de Mato Grosso era constituída por dois distritos somente, o do Cuiabá e o do Mato Grosso, e suas vilas: Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá (1727) e a sede do governo, Vila Bela da Santíssima Trindade (1752). “Também havia os arraiais, povoados e edificações militares criados ao longo da linha de fronteira no decorrer dos anos setecentos, e somente em 1820 uma nova vila foi fundada: a Vila de Diamantino” (JESUS, 2012, p.94). A sociedade era bastante diversificada, era composta por “mineradores, negociantes, advogados, padres,

proprietários de terras, artesãos, burocratas, militares, índios aculturados, e escravos negros” (JESUS, 2012, p.16).

Nos anos 1950 e 1970, iniciou em Mato Grosso uma frente de expansão de colonização promovida pelo governo militar e intensificada a partir das décadas de 70 e 80, em função das políticas de integração nacional implementadas pelo governo com o objetivo de ocupar os “vazios” demográficos ao processo produtivo brasileiro (SEPLAN, 2002). A melhoria das condições de acesso possibilitou a expansão das atividades de mineração, extração de madeira e a implantação da agropecuária, neste contexto ocorreram a consolidação das antigas cidades do Sul-Sudoeste e o surgimento de novos núcleos urbanos, principalmente na região Centro-Norte, com fluxos migratórios internos ao Estado de Mato Grosso, oriundos de outras regiões do país.

A cultura da soja e de outros grãos, com moldes de manejo altamente mecanizados, ocupa hoje grande parte do território da região de Rondonópolis e Primavera do Leste (Planaltos Taquari/Alto Araguaia e dos Guimarães), a Chapada e Planalto dos Parecis (Tangará da Serra, Campos de Júlio, Sapezal, Campo Novo dos Parecis, Diamantino) e ao longo da rodovia BR-163 (Sorriso, Tapurah, Lucas do Rio Verde, Nova Mutum, Sinop), transformando radicalmente ambientes de Cerrado e de formações transicionais, avançando além dos limites dos domínios florestais (SEPLAN, 2012 apud EMBRAPA, 2015).

Segundo Lenharo<sup>4</sup>, no povoamento da região, os governantes preferiam as pessoas que vinham da região sul, consideradas com maiores recursos e mais dispostos ao trabalho. E a imagem do homem e de mulher de sucesso é do branco, sulista, sabedor, aproveitador das oportunidades oferecidas pela terra do progresso, como é representada pelos ideólogos da elite dominante (SOUZA, 2004, p.268). Neste sentido, as “novas terras” estavam destinadas aos migrantes sulistas “o que fez com se formassem, no espaço que constituía, grupos sociais que guardavam grandes semelhanças culturais com aqueles dos quais se originaram” (ARRUDA apud SOUZA, 2004, p.35). Com o passar dos anos e a intensa divulgação de cidades prósperas, com oportunidades de emprego, a promessa de enriquecimento e melhores condições de vida fez com que pessoas de diferentes lugares do país viessem para a região.

Sobre a migração de haitianos para o Mato Grosso, o Centro de Pastoral para Migrantes de Cuiabá informou que são 2,3 mil haitianos morando na capital. A maioria deles trabalha na construção civil, sendo que boa parte foi atraída pela oferta de emprego gerada com as obras da Copa do Mundo em junho de 2014. As notícias que temos dos migrantes no estado são que muitos são explorados por empresas de serviços, discriminados pela cor de sua pele e por ser estrangeiros. Atenção e auxílio obtidos pelo estado é praticamente nenhum, geralmente recebem ajuda de parentes que já migraram há algum tempo, colegas, organizações filantrópicas, não governamentais e as pastorais das igrejas.

A centralização decisória das questões migratórias na esfera federal faz com que os estados e municípios sintam-se descomprometidos com a acolhida a inclusão dos imigrantes. Assim, a responsabilidade fica com as organizações humanitárias, ONG's, Pastorais e os próprios descendentes já radicados no País, serviços que deveriam ser encargos dos governos. (ZAMBERLAM, 2014; p 73apud DUTRA e GAYER, 2015, s/n.).

A cidade de Sinop tem sido uma das cidades do interior de Mato Grosso preferida dos migrantes, pois se desenvolve todo dia aumentando cada vez mais as ofertas de empregos, assim, todo dia chegam migrantes de todos os lugares, inclusive do Haiti.

4 Citado por Souza, (2004, p.140)

---

## AS CRIANÇAS MIGRANTES: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Realizando uma busca por títulos sobre migração internacional e crianças tendo o Brasil como receptor do migrante, junto ao banco de teses da CAPES não encontramos registro de pesquisas sobre crianças migrantes haitianas e sua inserção em instituições educacionais no Brasil. Sobre crianças migrantes de outro país encontramos a tese de doutorado de Siller (2011) que investigou como as crianças que vivem em contextos de migração, nesse caso especificamente “imigração pomerana produzem, reproduzem e difundem as práticas sociais de seus e de outros grupos étnicos e culturais”, através das relações que estabelecem com seus pares e com profissionais da educação em dois Centros Municipais de Educação Infantil, no município de Santa Maria de Jetibá-ES/Brasil.

A metodologia utilizada foi na perspectiva etnográfica para coletar, analisar e interpretar as vozes dos sujeitos da pesquisa. A pesquisa demonstrou que os Centros Municipais de Educação Infantil apresentam-se como Instituições que ainda são “enraizadas”, “fixas”, “territorializadas”, cujo padrão Identitário nacional privilegia a uma língua, um povo e um território. As práticas pedagógicas se pautam pela abordagem monocultural e monolíngue produzindo um apagamento das diferenças em função da assimilação das culturas das crianças pomeranas e das crianças recém-chegadas a uma cultura padronizada nacionalmente, definido pela língua portuguesa, pela religião católica, pelo trabalho e valores urbano-industriais (SILLER, 2011). Segundo a pesquisadora, as práticas familiares e grupais trazem as marcas sociais pluriculturais e multilíngues, essas práticas deveriam contribuir com a Pedagogia para uma formação de crianças que valorizam diferentes culturas, em um mesmo contexto, como um aspecto positivo de valor humano. A pesquisa aponta também, que a escola pode ser um lugar do esvaziamento de práticas culturais grupais e mantém uma cultura hegemônica dominante.

Identificamos também a pesquisa de Freitas e Silva (2015) que se refere a um estudo sobre a adaptação de crianças bolivianas em uma escola de São Paulo. A pesquisa tinha como foco observar relacionamento entre crianças e professores. Durante dois anos os pesquisadores observaram os alunos bolivianos na escola, registraram as informações em um caderno de campo e também realizaram entrevistas abertas. Os pesquisadores constataram que a adaptação das crianças nas escolas brasileiras apresenta aspectos tensos e contraditórios e são permeadas por situações em que a condição de estrangeiro se constitui nos detalhes, na maneira como tratam a criança, que não é brasileira. Os autores concluem que ser estrangeiro no ambiente pesquisado perpassa pela construção de estigmas associando a diferença como desvantagem para a criança que chega. Os mesmos fazem analogia às categorias analisadas por Elias e Scotson (2000) em os “Estabelecidos e Outsiders”, com base nas informações registradas confirmam os sujeitos pesquisados na condição de “outsiders” em relação aos demais sujeitos que compõe a comunidade escolar.

Encontramos também o trabalho de pesquisa e extensão envolvendo crianças haitianas proposta pela professora Dr<sup>a</sup> Marília Lima Pimentel Cotinguibada Universidade Federal de Rondônia-UNIR. O título é “*A inserção da criança haitiana no ambiente escolar brasileiro: um estudo de caso na cidade de Porto Velho*” e foi publicado em anais de evento da V Reunião Equatorial de Antropologia e XIV ABANNE reunião de antropólogos do norte e nordeste realizado em 2015. O objetivo do trabalho apresentado foi refletir sobre as dificuldades enfrentadas pela equipe pedagógica de uma escola pública em relação às crianças haitianas. Os pesquisadores concluíram que a barreira da língua, bem como, a falta de uma política migratória são fatores que impedem a plena inserção das crianças haitianas no sistema formal de ensino na cidade do Porto Velho. A pesquisadora evidencia a ausência de políticas públicas destinadas à inserção social de crianças migrantes no ambiente escolar. A metodologia para a pesquisa decampo foi observação participante realizada por membros da equipe do Grupo de Pesquisa Migração Memória e Cultura na Amazônia Brasileira – MIMCAB – do Departamento de Letras Vernáculas Velho.

Observamos que as pesquisas analisadas se referem às interações entre crianças migrantes e seus pares; e com professores no espaço escolar. Os dados revelam que essas interações são perpassadas por processos de tensões e conflitos em função da condição de estrangeiro.

Os estudos existentes sobre crianças que migram de um país para o outro acompanhando

suas famílias enfocam a situação da criança estrangeira na escola, suas dificuldades com a língua, e conseqüentemente com aprendizagem e aproveitamento escolar. No caso de nossa pesquisa, as crianças haitianas geralmente são acompanhadas pelas mães, e elas não falam o português, as mães dos alunos pesquisados falam o Kreyòl<sup>5</sup>.

---

## **INSERÇÃO DAS CRIANÇAS HAITIANAS NA CRECHE E NAS ESCOLAS: A QUESTÃO DA LÍNGUA**

A pesquisa tem abordagem etnográfica e seus dados estão sendo gerados por meio da observação direta, “a entrada no campo é crucial na etnografia, uma vez que um de seus objetivos centrais como método interpretativo é estabelecer o status de membro e uma perspectiva ou ponto de vista de dentro” (RIZZO et al., 1992 apud CORSARO, 2005, p.444).

A observação de campo pretende aproximar as vivências das crianças haitianas nas instituições. “A aceitação no mundo das crianças é particularmente desafiadora por causa das diferenças óbvias entre adultos e crianças em termos de maturidade comunicativa e cognitiva, poder (tanto real como percebido) e tamanho físico.” (CORSARO, 1985 apud CORSARO, 2005, p.444).

Neste texto apresentaremos os dados gerados na fase inicial das observações de campo, de abril a junho de 2016. Durante uma vez por semana em cada sala de aula que recebem crianças haitianas.

As observações na creche e escolas iniciaram no início de Abril de 2016 e ocorreram uma vez por semana em cada sala e em diferentes dias da semana. Nas escolas as observações são alternadas de acordo com os horários das disciplinas para que possamos analisar as relações dos professores das diferentes áreas com as crianças haitianas.

No início do ano de 2016 registramos a chegada de mais duas crianças nas escolas do município de Sinop. Totalizando 5 crianças vindas do Haiti. Para atender os objetivos da pesquisa optamos em observar somente 3 crianças. Um menino de 8 anos que estuda no 2º ano de uma escola municipal, um menino de 12 anos que estuda no 6º ano de uma escola estadual e uma outra de 3 anos que estuda em uma creche municipal. As crianças do segundo e terceiro ano são irmãos e chegaram em Sinop em fevereiro de 2016. A que estuda na Educação Infantil iniciou na creche II em meados de fevereiro de 2015. Em 2016 ela está na creche III. As crianças serão identificadas pelas letras iniciais de seus nomes S.M.C. para o que estuda na creche, R.G.T. para o do 2º ano e R.M.T. para o do 6º ano.

A creche fica localizada no centro de Sinop. O perfil das crianças é de baixo estrato social e classe média. Já as escolas são localizadas em bairros periféricos e bem distantes do centro da cidade, o perfil dos estudantes é de baixo estrato social, a cor predominante na sala de aula pesquisada é preta e parda de acordo com os traços fenotípicos<sup>6</sup>.

Após as primeiras observações na creche, constatamos que as crianças brasileiras da mesma faixa etária de S.M.C. tem um vocabulário amplo e

---

5 A língua oficial no Haiti desde 1987 é o crioulo haitiano (também conhecido como Kreyòl, em Francês). Kreyòl é falado por 100% da população, enquanto 8-10% dos haitianos consegue falar francês. Como todos os crioulos baseados em francês, Kreyòl é uma mistura de francês e das línguas africanas que os haitianos falam (DUTRA e GAYER, 2015, s/n).

6 Atribuição de cor realizada pela pesquisadora com parâmetros as categorias de cor utilizada pelo IBGE e também dos traços fenotípicos. A classificação por cor [...] teve como critério não somente a cor da pele, mas é um conceito extensivo, que considera também a textura dos cabelos, a forma do nariz e a cor e espessura dos lábios. (OLIVEIRA, 1999, p.48)

ele fala pouco e as palavras são na língua kreyolé. Segundo as professoras, S.M.C. só dá gritinhos e sorri sempre. No início de sua adaptação ele somente sorria e mostra com o dedo o queria: água, brinquedo, livro, etc., após algumas semanas começou a conversar conosco em Kreyolé. A professora da sala dele nos contou que reclamou para a mãe que ele praticamente não fala nada em português, a mãe respondeu para ela que fala em casa só em Kreyolé com S.M.C. e que o pai fala em português. A mãe disse que estava aprendendo a falar e acrescentou que é por isso que seu filho vem para a creche para aprender a falar, ele vem para aprender (disse a professora bem calmamente imitando a mãe). Os dois irmãos que recém chegaram ao Brasil, R.G.T. e R.M.T. estão aprendendo a falar o português. Veja o que diz Siller (2011, p182) sobre as crianças migrantes pomeranas que deixaram de falar sua língua de origem em uma escola.

Suas falas eram silenciadas naquele cotidiano, o que contribuía para o processo de apagamento de sua língua e, conseqüentemente de suas culturas. A Diretora e a Professora desta turma, embora sendo de origem pomerana, não eram bilingües e nem adotavam uma educação bilingüe em suas práticas, cujo trabalho ia em direção da padronização, homogeneização da língua portuguesa. Em seus relatos falavam com indignação das discriminações sofridas pelos seus pais e mães. Entretanto, essa indignação não se transformou em ações que pudessem buscar uma educação que respeitasse as práticas desse grupo ao qual pertencem.

O mesmo acontece com as crianças vindas do Haiti. Não percebemos curiosidade dos professores sobre conhecer seu país de origem, pensar atividades que pudessem valorizar sua língua, sua cultura e sua origem. Conhecer, nem que fosse por meio de pesquisa, histórias, vídeos ou mesmo imagens do Haiti, sua localização Geografia, seus costumes, suas especificidades culturais, enfim, conteúdos que pudessem fazer com que as crianças se sentissem mais acolhidas, menos estranhas no espaço que as recebe.

Sobre desconhecer o funcionamento de outra língua ou mesmo a preocupação de serem expostos diante dos outros alunos, observamos que as crianças recém-chegadas são tímidas e receosas, falam muito pouco. Só rompem o silêncio na sala de aula quando são solicitadas. Pelas observações podemos supor que muitas vezes não entendem o que os professores dizem quando estão explicando a matéria, assim copiam tudo do quadro e se possível do colega, como geralmente são alunos quietos e obedientes não costumam sofrer sanções dos professores. Enquanto observávamos percebemos que R.G.T. sofria por não entender a língua da professora e nem saber falar direito a língua portuguesa, ele não sabia pedir para ir ao banheiro, teve um dia que uma professora substituta (a titular estava ausente da sala) foi atrás dele no banheiro porque saiu sem pedir. Percebemos que isso o deixou com vergonha. Depois de uns 15 dias R.G.T. chegou para a professora e disse:

*- Eu quero mijar<sup>7</sup>.*

A frase saiu muito elaborada, diante das expressões que temos visto e ouvido ele pronunciar durante as aulas, nos pareceu que tinha treinado algumas vezes. Acreditamos que isso aconteceu devido ao constrangimento que passou da professora substituta quando buscou ele no banheiro.

R.M.T., o aluno haitiano que frequenta o 6º ano fala muito pouco e quando o faz tem bastante sotaque. Alguns colegas riem dele quando pronuncia alguma palavra de forma equivocada, alguns deles falaram para mim em tom de anedota que ele tinha vindo de um outro país. Teve um dia que os professores de Língua Portuguesa e Ciências naturais solicitaram que ele lesse um texto em voz alta, ele leu e observamos que os colegas deram risinhos uns para os outros. No entanto, esses mesmos colegas o ajudam muito nas tarefas, na verdade resolvem os exercícios para ele ou o deixam copiar. São solidários com ele, companheiros. Ao serem solicitados a formarem grupos para elaborarem um trabalho para a feira de ciências ninguém quis fazer agrupamento com R.M.T., contudo, ele não se intimidou, ficou no grupo e não saiu dali, mesmo a quantidade máxima determinada pela professora para cada grupo ter sido ultrapassada.

Observamos que os professores do 6º ano falam muito bem do aluno R.M.T., sobre seu

<sup>7</sup> Diário de campo do dia 24/05/2016

comportamento e sobre ser bonzinho. No entanto, não perceberam ainda que as crianças haitianas não entendem o que eles falam, eles falam rápido demais. As crianças não conseguem acompanhar a linha de raciocínio desenvolvida pelo professor na explicação de sua matéria. Constatamos isso porque ao conversar informalmente com o pai de uma das crianças quando foi buscar o filho na escola ele disse:

*-Professora fala devagar, você fala rápido e eu não entendo.*

Se esse senhor que está trabalhando em uma indústria de arroz da cidade há 4 anos tem dificuldade para entender nossa língua, imagine as crianças que estão há aqui há pouco menos de cinco meses.

Além da dificuldade de entender a língua e pronunciar palavras, as crianças precisam se adaptar a um lugar que ainda lhe é estranho. Observando a sala de R.M.T., do 2º ano, a professora regente contou a história da “Bela e a fera”, depois era para os alunos desenharem a sequência da história, começo, meio e fim. R.G.T. pegou o caderno de desenho e começou a rabiscar. Depois de algum tempo pedimos para as crianças nos mostrarem, a professora não olhou o desenho de nenhuma criança, R.G.T. havia desenhado um peixe, uma casa e uma bandeira. Fez o registro com as letras que ele achava que utilizava para escrever o nome dos objetos que havia desenhado. Não tinha nada a ver com a história contada pela professora, mas tinha a ver com o momento cívico vivenciado no início da aula. Era sexta-feira, e nesse dia na escola acontece o momento cívico<sup>8</sup>, os alunos e professores cantam o hino nacional e o de Sinop. Nesse dia também podem ser feitas apresentações alusivas as datas comemorativas daquela semana. Assim, na sala quando solicitamos que R.G.T falasse sobre o seu desenho, ele nomeou apontando com o dedo a bandeira do Haiti, a casa (no Haiti) e um peixe. Observamos sua voz embargada de emoção, perguntamos se ele sentia saudade do Haiti, ele ficou nos olhando e não disse nada. Como esse fato foi bem no início da pesquisa pensamos que ele não entendeu a pergunta ou não conhece o conceito de saudade em nossa língua. Enquanto as demais crianças desenharam fatos relativos à história contada pela professora, ele desenhou elementos que lembravam sua terra, seu país. Deduzimos que a visão da bandeira do Brasil durante o momento cívico fez com que se lembrasse da bandeira do Haiti, e conseqüentemente de sua terra natal. Segundo Lopes (2003), as crianças que migram, que se deslocam no espaço geográfico por motivos diversos, quase sempre acompanhando as suas famílias, vivem sua infância de forma fragmentada, sendo desterritorializadas do seu próprio lugar de origem.

As observações evidenciaram que nem a escola nem a creche se preocuparam em elaborar projetos para inserir os alunos migrantes no ambiente escolar, nas propostas e projetos em andamento; nas instituições pesquisadas não percebemos menção ou relação às crianças estrangeiras que fazem parte da instituição. Aliás, os dados mostram que a escola pouco promove a diferença em seu espaço, a menção às diferenças (seja ela qual categoria for) é praticamente inexistente. Abramowicz (2011) fala de que é preciso incorporar no trabalho do dia a dia o discurso das diferenças, essas diferenças percebidas não como um desvio, mas um mote de nossas práticas e das relações entre as crianças. A pesquisadora ressalta que seria essa a postura que “reclama novos afetos, novas formas de relacionar com o diferente, com o estrangeiro, ou seja, com a diversidade, com o outro que não é mais um “mesmo” de mim” (ABRAMOWICZ, 2011, p.32),

Em relação à dificuldade de idioma, Freitas e Silva (2015) nos dão um exemplo do papel do professor na superação das barreiras da língua, uma das professoras, sujeitos de pesquisa, a partir de desenhos produzidos em sala de aula pediu que a criança falasse sobre seus desenhos. A professora fez uma interação repetindo o que a criança havia dito. A criança se sentiu confiante e a partir dali passaram a estabelecer uma relação de confiança e reciprocidade, bem como aumentou a disposição das crianças para falar com os que se comunicavam em português. Para os pesquisadores, o medo de não ser compreendida perdeu a razão de ser e a diferença em relação às crianças bolivianas que foram severamente repreendidas por não usarem o português corretamente tornava-se palpável. (FREITAS e SILVA, 2015).

Nas salas de aula das instituições escolares observadas, notamos que as crianças haitianas são muito tímidas, falam pouco, são sempre obedientes e parecem ter medo de errar ou

<sup>8</sup> Momento ou hora cívico é o dia que as creches e escolas municipais cantam o hino de Sinop e hino Nacional, ou só um dos hinos e comemoram as datas alusivas aos feriados daquela semana ou mês. As creches além de cantar o hino costumam também fazer apresentações de teatros, músicas e histórias infantis.



não agradar o professor. No entanto, fora da sala de aula, percebemos um comportamento sociável, alegre e de autonomia quando se relaciona com as outras crianças, com os outros alunos; situação semelhante Freitas e Silva (2015, p.694) identificou em sua pesquisa com crianças bolivianas:

Os horários de parque foram os momentos mais ricos da observação. Longe dos olhos dos adultos, as crianças tinham a liberdade para fazer o que desejavam; a duração da brincadeira dependia do grau de ousadia da invenção. Brincadeiras mais tranquilas tendiam a não sofrer interferência das professoras; por outro lado, as manifestações mais agressivas ou vistas como perigosas eram prontamente interrompidas, ainda que as crianças não tardassem a reinventá-las.

Siller (2011) ao se referir às crianças migrantes de origem pomeranas afirma que elas e suas famílias descendentes de migrantes sentiam-se estrangeiras em sua própria terra de nascimento, e que ainda vivem, e ainda aprendiam a ter vergonha de sua língua, de seus costumes, de suas experiências, enfim, de suas práticas sociais, interiorizando a concepção de que sua cultura é inferior e que tem menos valor. Reportando as crianças haitianas, imagino como se sentem, pois são estrangeiras de pele negra num país extremamente racista.

---

## INSERÇÃO DAS CRIANÇAS HAITIANAS NA CRECHE E NAS ESCOLAS: A QUESTÃO RACIAL

A questão racial foi identificada a partir da pesquisa exploratória realizada em 2015. Ao nos deparar com S.M.C. na creche<sup>9</sup>, fomos falar com sua professora para saber como era ele na sala, com os colegas e com ela, TDI<sup>10</sup> e bolsistas<sup>11</sup>. Tanto a professora quanto uma bolsista do TDI falaram que era muito tranquilo, adorava televisão e de dançar e que não gostava de tomar leite. Uma TDI e uma das bolsistas do CIEE mencionou que um dia presenciaram uma criança do pré-escolar II dizer para o coleguinha de S.M.C. não brincar com ele porque era preto. Tanto a TDI quanto a bolsista relataram que ficaram muito indignadas de uma criança dizer aquilo para outra. Esse fato só reforça o que Cavaleiro (2000); Fazzi (2004) constataram em suas pesquisas, que as crianças pequenas aprendem desde cedo a serem racistas, portanto é preciso uma política eficaz a partir da Educação Infantil. O que ocorre com as crianças haitianas é que aqui no Brasil e elas se tornam pretas, são racializadas<sup>12</sup> no espaço escolar.

Nas primeiras semanas de observações de nossa pesquisa, na escola em que estuda R.M.T., a professora que leciona a disciplina de Geografia ao trabalhar o conteúdo “vulcões e terremotos”. Após explicar o conteúdo disse que o Haiti sofreu um terremoto em 2010 perguntou a R.M.T.:

*-Você ainda morava lá ou morava aqui? Você veio de Porto Príncipe? Em que cidade morava?<sup>13</sup>*

Ele não respondeu nenhuma pergunta (o que me convenceu de que ele não estava entendendo o que ela dizia). Ela viu que ele não respondeu e continuou falando que devido

---

9 No início do mês de Outubro passei a ser supervisora do PIBID de Pedagogia na creche campo de pesquisa.

10 As profissionais que auxiliam as professoras da educação infantil são denominadas de técnicas de desenvolvimento infantil – TDI.

11 Nessa creche temos bolsistas do Centro de Integração Empresa Escola-CIEE e do Programa institucional de Bolsas Iniciação a Docência - PIBID.

12 O conceito de racialização, aqui adotado, refere-se ao processo político e ideológico por meio do qual certas populações são identificadas por meio da referência direta ou indireta às suas características fenotípicas reais ou imaginárias, de modo a sugerir que essa população só pode ser compreendida como uma suposta unidade biológica. Tal processo envolve a utilização direta da ideia de “raça” para descrever ou referir a população em questão (CASHMORE, 2000 apud SANTIAGO, 2015, p.32).

13 Diário de campo de 30/05/2016

ao terremoto os haitianos tiveram que vir para o Brasil porque lá não tinham comida, vieram aqui atrás de trabalho e eram muito pobres. E continuou a aula dizendo que no Japão também tem muitos terremotos:

*- Os japoneses são muitos inteligentes e já sabem se preparar para os terremotos. No Japão eles fazem ponte móvel, prédios com flexibilidade para que quando tiver um terremoto os prédios não caírem.*

A professora repetiu que os japoneses eram muito inteligentes, e que tinham tecnologia de ponta para superarem os sismos, porque são extremamente inteligentes. A professora não mencionou as desigualdades econômicas, históricas e políticas que envolvem tanto a história do Haiti quanto a história do Japão. Supomos que R.M.T. não ficou constrangido porque não entendeu o que ela falou, mas a professora perpetuou através de sua fala, um imaginário nos demais alunos de que negros são menos inteligentes; de que povo haitiano é pobre, miserável e que não tem competência cognitiva. Enfim, uma percepção preconceituosa sobre os povos haitianos. Historicamente, pesquisas (FREITAS, 2015; SILLER, 2011) apontam que o aspecto educacional dos migrantes sempre foi deixado de lado ou, quando tratado, foi feito com superficialidade (MASCHIO, 2008, p.65), nesse caso, além de superficial e de forma extremamente equivocada e racista.

Perguntamos para R.M.T. de que cidade ele veio, ele respondeu que era de Miragoâne, uma localidade no oeste do Haiti, pertence a capital do Nippes como não entendemos a pronúncia corretamente, ele escreveu no diário de campo. Numa busca pela internet encontramos muitas imagens e informações sobre a cidade que não foi devastada pelo terremoto. Esse momento, em sala de aula seria uma excelente oportunidade pra a professora de Geografia trabalhar esse conteúdo com os alunos, conhecer o lugar de onde veio R.M.T. e ainda demonstrar interesse por sua vida, sua cultura, faria certamente com que ele se sentisse mais acolhido e isso facilitaria seu processo de inserção e adaptação na escola.

*A dificuldade inicial de adaptação das crianças estrangeiras nas escolas pesquisadas é reflexo de um processo de aceitação de novos membros em geral, sendo a nacionalidade um aspecto de pouca relevância [...]. Mais relevante é o “conseguir fazer”. (FREITAS; SILVA, 2016, p.694).*

Outro episódio que ocorreu na escola e que nos fez refletir sobre as relações raciais e que provavelmente envolvem o tratamento das crianças haitianas na escola pesquisada foi uma professora afirmar que havia um haitiano estudando no período vespertino, ela nos falou isso duas vezes, ao verificar junto à secretaria da escola, a mesma nos garantiu que não havia novos alunos haitianos na escola. Ao responder isso para a professora ela nos disse:

*- Mas tem um “bem” moreninho que estuda à tarde, será que não é haitiano...?*

Nas creches tanto os professores quanto bolsistas falaram que as crianças haitianas têm uma pele linda, são diferente no jeito de vestir. São percepções feitas porque as crianças tem a cor preta, essas falas permitem pensar sobre as diferenças e como elas são percebidas na escola. Acreditamos que são questões que geram relações conflitos, confrontos e interações na escola, pois ainda representa um espaço de manutenção de valores, costumes e crenças relacionadas ao pertencimento de cada etnia. (MASCHIO, 2008, p.67), no caso dos haitianos, o ser estrangeiro e negro.

Desde o início da pesquisa empírica observamos certo cuidado dos professores ao se referir às crianças haitianas, todos sabem que eles são os sujeitos da pesquisa e que estamos na escola por causa deles. Percebemos muitas vezes até certa afetação ou mesmo cuidado ao se referir às crianças, acreditamos que isso seja em função da cor delas, uma das principais características do racismo no Brasil, o preconceito de marca, essa forma de preconceito foi denominada por Nogueira (2006, p.299) como etiqueta das relações raciais.

Quanto à etiqueta: onde o preconceito é de marca, a etiqueta de relações inter-raciais põe ênfase no controle do comportamento de indivíduos do grupo discriminador, de modo a evitar a susceptibilização ou humilhação de indivíduos do grupo discriminado; onde é de origem, a ênfase está no controle do comportamento de membros do grupo discriminado, de modo a conter a agressividade dos elementos do grupo discriminador. Assim, no Brasil, não é de bom tom “puxar o assunto da cor”, diante de uma pessoa preta ou parda. Evita-se a referência à cor, do mesmo modo como se evitaria a referência a qualquer outro assunto capaz de ferir a susceptibilidade do interlocutor – em geral, diz-se que “em casa de enforcado, não se fala em corda”. Em contraposição, em qualquer contenda com uma pessoa de cor, a primeira ofensa que se lhe assaca é a referência a sua origem étnica.

A inserção e interações das crianças haitianas com seus colegas, professores e gestores perpassam por vários aspectos ainda a serem analisados, além da língua a questão racial é certamente um delas.

É fundamental entender os processos que permeiam as relações entre os sujeitos de pesquisa para pensarmos ampliar o debate sobre migração, crianças e escola, como também pensar possibilidades teóricas metodológicas para que essa entrada e permanência na escola ou creche sejam positivas e propositiva de novas interações para todos que compõe o universo escolar em que se insere essas crianças haitianas.

---

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A migração internacional é hoje uma realidade em diferentes estados do Brasil, portanto integrar as crianças vindas do Haiti nas escolas em Mato Grosso é um desafio das instituições que as recebem, como também respeitar sua origem, suas diferenças e sua cultura.

Ao serem matriculadas nas instituições escolares elas têm todo o direito à aprendizagem, a professores qualificados e com garantias de permanecer nesse espaço com dignidade. A situação de estrangeiro e migrante não deve ser impedimento da criança ser inserida no processo educativo, pois migrar é um direito.

Os dados parciais apontam que uma das dificuldades encontradas pela escola e creche é em relação à língua, isso interfere na comunicação com os alunos e com a família. A dificuldade de comunicação também prejudicam os alunos que não conseguem verbalizar sobre suas necessidades e dificuldades em relação aos conteúdos e normas escolares, como por exemplo, quando a professora substituta busca o aluno haitiano no banheiro porque ele saiu sem permissão.

Outro aspecto a ser destacado é em relação ao imaginário social que as pessoas têm do Haiti e conseqüentemente da população negra, que na verdade exprime um preconceito racial não tão velado e enraizado na sociedade brasileira.

Sobre as diferenças no âmbito escolar, seja ela de que categoria for, étnica, racial, de gênero, sexual, física etc.; é assunto pouco explorado, geralmente apresentado de forma relativizada. Esse cenário mostra como nossos educadores lidam com a temática, no interior da escola as diferenças são postas como diversidade sob o discurso da tolerância e do multiculturalismo.

Os conflitos e tensões fazem parte do cotidiano escolar, as práticas pedagógicas devem garantir inserção e tratamento igual a todos os que fazem parte da escola, as relações devem se pautar pelo respeito às crianças independente de sua condição sexual, religião, clero, cor, etnia e origem. O que observamos é que as crianças haitianas são antes negras do que estrangeiras e deste modo sofrem, tornam-se negras no Brasil, condição que não conheciam em seu país.

---

## BIBLIOGRAFIA

ABRAMOWICZ, Anete. Pesquisas com crianças em infâncias e a sociologia da infância. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela (Org.). **Sociologia da Infância no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011 (Coleção Polêmicas do nosso tempo), p.15-21.

ALVES, Alessandro. Seis municípios de Mato Grosso estão em alto grau de desenvolvimento, diz Firjan. 2012. Disponível em: .Acesso em 13 de set.de 2015.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio escolar ao silêncio do lar-Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.

COGO, Denise Maria; SOUZA, Maria Badet. **Guia das migrações transnacionais e diversidade cultural para comunicadores – Migrantes no Brasil**. Bellaterra: Instituto Humaitas; Unisinos; Instituto de la Comunicación de la UAB, 2013. (Coleção: Guias De Diversidade Cultural Para Comunicadores).

CORSARO, William A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, no. 91, Maio/Ago, 2005, p. 443-464.

DUTRA, Cristiane Feldmann. GAYER, Sueli Marisco. **A Inclusão social dos imigrantes haitianos, senegaleses e ganeses no Brasil**. Seminário internacional de demandas sociais e políticas na sociedade contemporânea. VIII mostra de trabalhos jurídicos científicos, 2015.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os Outsiders-Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FAZZI, Rita de Cássia. **O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FREITAS, Marcos Cezar; SILVA, Ana Paula. Crianças bolivianas na educação infantil de São Paulo: adaptação, vulnerabilidades e tensões. **Cad. Pesqui.** [online]. 2015, vol.45, n.157, pp.680-702. ISSN 1980-5314. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/198053143246>. Acesso: 29 de março de 2016.

JESUS, Nauk Maria de. A capitania de Mato Grosso: história, historiografia e fontes. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol. 5, n. 2, jul.-dez., 2012, p. 93-113.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, vol. 19, no. 1. 2006.

PIMENTEL, Marília Lima. COTINGUIBA, Geraldo Castro. **Elementos etnográficos sobre imigração na Amazônia brasileira: linguagem e inserção social de haitianos em Porto Velho**. IV Reunião Equatorial de Antropologia e XIII Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste, 2013.

SANTIAGO, Flávio. Hierarquização e racialização das crianças negras na educação infantil. 2015. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, São Paulo, vol.33, no.1 (64), 2015, p.31-47.

SANTOS, Angélica P.; Maquézia S. F. dos SANTOS; COTINGUIBA, Maria L. **A Inserção da criança haitiana no ambiente escolar brasileiro: um estudo de caso na cidade de Porto Velho**. Disponível em: [http://eventos.livera.com.br/trabalho/98-1020513\\_29\\_06\\_2015\\_00-38-24\\_8355](http://eventos.livera.com.br/trabalho/98-1020513_29_06_2015_00-38-24_8355). PDF. Acesso: 29 de mar. de 2016.

SEGUY, Franck. **A catástrofe de janeiro de 2010, a “Internacional Comunitária” e a recolonização do Haiti**. Tese. Campinas. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Tese de Doutorado em Sociologia. 2014.

SILLER, Rosali Rauta. Infância, **Educação Infantil, Migrações**. Tese (doutorado)– Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2011.

SOUZA, Edson A. **Sinop: História, imagens e relatos - Um estudo sobre a sua colonização**.

Cuiabá: Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2004.

MASCHIO, Elaine C. Falcade. Etnia, cultura e memória: o processo escolar entre Imigrantes em perspectiva histórica. **Revista Intersaberes**, Curitiba, ano 3, no. 5, jan/jul, 2008, p. 63 – 75.

NUNES, Míghian Danae Ferreira. Sociologia da infância, raça e etnografia: intersecções possíveis para o estudo das infâncias brasileiras. **Revista Eletrônica de Educação**, vol. 9, no. 2, p. 413-440, 2015.

OLIVEIRA, Iolanda. **Desigualdades Raciais: Construções da infância e da Juventude**. Niterói: Intertexto, 1999.

ABRAMOWICZ, Anete. Pesquisas com crianças em infâncias e a sociologia da infância. In FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela (Org.). **Sociologia da Infância no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011 (Coleção Polêmicas do nosso tempo).

BOGDAN, Robert. BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação - Uma introdução à teoria e aos métodos**. Trad. Maria João Álvares etalli. Ed. Porto Editora, 1994.

COGO, Denise Maria; SOUZA, Maria Badet. **Guia das migrações transnacionais e diversidade cultural para comunicadores – Migrantes no Brasil**. Bellaterra: Instituto Humaitas; Unisinos; Instituto de la Comunicación de la UAB, 2013. (Coleção: Guias De Diversidade Cultural Para Comunicadores).

CORSARO, William A. **Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas**. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 26, no. 91, Maio/Ago, 2005, p. 443-464.

DEMARTINI, Zélia de Brito F. Imigração e educação: discutindo algumas pistas de pesquisa. **Pro-Posições**, v. 15, n. 3 (45) - set./dez., p. 215-228, 2004.

DUTRA, Cristiane Feldmann. GAYER, Suely Marisco. **A Inclusão social dos imigrantes haitianos, senegaleses e ganeses no Brasil. Seminário internacional de demandas sociais e políticas na sociedade contemporânea**. VIII mostra de trabalhos jurídicos científicos, 2015.

ETECHEBERE, Rafaela Gava. **Haitianos no Brasil: reconfigurações do parentesco a partir das crianças em meio adyáspora**. 38º Encontro Anual da Anpocs. 2014.

FAZZI, Rita de Cássia. **O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FREITAS, Marcos Cezar; SILVA, Ana Paula. **Crianças bolivianas na educação infantil de São Paulo: adaptação, vulnerabilidades e tensões**. Cad. Pesqui. [online]. 2015, vol.45, no.157, pp.680-702. ISSN 1980-5314. <http://dx.doi.org/10.1590/198053143246>. Acesso: 29/03/2016

GAUDIO, Eduarda Souza. **Relações sociais na educação infantil: dimensões étnico-raciais, corporais e de gênero**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2013.

JESUS, Nauk Maria de. A capitania de Mato Grosso: história, historiografia e fontes. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol. 5, no. 2, jul.-dez., 2012, p. 93-113.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil**. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, vol. 19, no. 1. 2006.

PIMENTEL, Marília Lima. COTINGUIBA, Geraldo Castro. **Elementos etnográficos sobre imigração na Amazônia brasileira: linguagem e inserção social de haitianos em Porto Velho**. IV Reunião Equatorial de Antropologia e XIII Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste, 2013.

SANTIAGO, Flávio. **Hierarquização e racialização das crianças negras na educação infantil**. 2015. Leitura: Teoria & Prática, Campinas, São Paulo, vol.33, no.1 (64), 2015, p.31-47.

SANTOS, Angélica P.; Maquézia S. F. dos SANTOS; COTINGUIBA, Maria L. A **Inserção da criança haitiana no ambiente escolar brasileiro: um estudo de caso na cidade de Porto Velho**. [http://eventos.livera.com.br/trabalho/98-1020513\\_29\\_06\\_2015\\_00-38-24\\_8355.PDF](http://eventos.livera.com.br/trabalho/98-1020513_29_06_2015_00-38-24_8355.PDF). Acesso: 29/03/2016.

SEGUY, Franck. **A catástrofe de janeiro de 2010, a “Internacional Comunitária” e a recolonização do Haiti**. Tese. Campinas. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Tese de Doutorado em Sociologia. 2014.

SILLER, Rosali Rauta. **Infância, Educação Infantil, Migrações**. Tese (doutorado)– Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2011.

SOUZA, Edson A. Sinop: **História, imagens e relatos - Um estudo sobre a sua colonização**. Cuiabá: Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2004.

MASCHIO, Elaine C. Falcade. **Etnia, cultura e memória: o processo escolar entre Imigrantes em perspectiva histórica**. Revista Intersaberes, Curitiba, ano 3, no. 5, jan/jul, 2008, p. 63 – 75.

NUNES, Míghian Danae Ferreira. **Sociologia da infância, raça e etnografia: intersecções possíveis para o estudo das infâncias brasileiras**. Revista Eletrônica de Educação, vol. 9, no. 2, p. 413-440, 2015.

OLIVEIRA, Iolanda. **Desigualdades Raciais: Construções da infância e da Juventude**. Niterói: Intertexto, 1999.

<http://www.qmdmt.cnpm.embrapa.br/711.htm>. Acesso em 14/09/2015

[http://www.olhardireto.com.br/agro/noticias/exibir.asp?noticia=Seis\\_municipios\\_de\\_Mato\\_Grosso\\_est\\_ao\\_com\\_alto\\_grau\\_de\\_desenvolvimento\\_diz\\_Firjan&id=2613](http://www.olhardireto.com.br/agro/noticias/exibir.asp?noticia=Seis_municipios_de_Mato_Grosso_est_ao_com_alto_grau_de_desenvolvimento_diz_Firjan&id=2613). Acesso em 13/09/2015